

WLADIMIR OLIVIER

VIDA, PAIXÃO E  
MORTE  
DE UM  
ESPÍRITA AUTÊNTICO

ESPÍRITA. Que tem relação com o espiritismo; partidário do espiritismo; o que crê nas manifestações dos Espíritos. *Um bom, um mau espírita; a doutrina espírita.*

ESPIRITISMO. Doutrina fundada na crença na existência dos Espíritos e em suas manifestações.

KARDEC, Allan — **O Livro dos Médiuns**. Trad. inédita de Wladimir Olivier.

# ÍNDICE

Pedindo permissão .....	
1. Uma hora dificultosa .....	
2. Simões .....	
3. Os bons companheiros .....	
4. A polícia entra em cena .....	
5. Como não poderia deixar de ser .....	
6. Anacleto .....	
7. Começam os tempos de angústia .....	
8. A palestra .....	
9. Adeus emprego .....	
10. Tristes acontecimentos .....	
11. Margarida .....	
12. Um passar de olhos na vida de Cleto .....	
13. Liberdade às avessas .....	
14. Tempo de espera .....	
15. Atendimento fraternal .....	
16. A solidariedade continua .....	
17. A vida aos pedacinhos .....	
18. Trabalho efetivo .....	
19. Ovídio foge da prisão .....	
20. Ari .....	
21. Uma noite magnífica .....	
22. O Bispo Moisés .....	
23. Fiapos de conversas .....	
24. Todos progridem .....	
25. Fragmentos epistolares .....	
26. Encontro insólito .....	
27. A mensagem furtada .....	
28. Entrementes, no etéreo .....	
29. Cleto é chamado .....	
30. A portas fechadas .....	
31. A comunicação por inteiro .....	
32. Ovídio ameaça retornar .....	
33. Os planos frustrados de Plínio .....	
34. Importantes decisões mediúnicas .....	
35. Ari se instrui .....	
36. Um grande susto .....	
37. De ceca em meca .....	
38. As decepções de Plínio .....	
39. Ari se habilita a auxiliar de socorrista ....	
40. Plínio vai para o outro lado .....	

## PEDINDO PERMISSÃO

Obrigam-se os que comparecem a este posto de trabalho a estudar, desenvolver e adequar os conhecimentos da doutrina espírita ao sistema de vida das pessoas, para que tenham a possibilidade de ascender aos páramos da bem-aventurança.

Nem sempre trazem o sinete da perfeição, porque muito distantes se encontram de realizar a própria concepção espírita divulgada por Allan Kardec. Se estão matriculados, porém, em instituição de ensino beneficiada pela assistência de espíritos mais evoluídos, tendem a se inscrever entre os autores categorizados, não tanto pela ciência que portam, mas porque não transmitem notícia alguma em descompasso com os valores evangélicos.

Ora, todos os que aqui compareceram se disseram apaniguados pela proteção benéfica da entidade denominada de *Escolinha de Evangelização*, ainda que muitos fossem trazidos na condição de convidados, para efeito de exemplificação de assuntos relativos à fragilidade humana e espiritual, o que originou mensagens seguidas de comentários dos guardiães. Outros, por modéstia e por conhecerem os arcanos de sua consciência, se disseram inferiores, comprovando, contudo, pelo teor dos textos, que estavam no limite superior da escala agasalhada pela instituição, bem próximos, portanto, de receberem alvará para subir ao patamar evolutivo seguinte.

Nenhum desses é o nosso caso. Como todos, viemos em grupo, no intuito de demonstrar o que aprendemos, para facultar aos leitores outra manifestação sobre que meditar. Se temos o direito de exercer a mediunidade, temos o dever de ser úteis, sem descuidar, evidentemente, o estilo, para acrescentar prazer e não aborrecimento às quase sempre ásperas lições, porque visam a corrigir defeitos, sem a contrafação do elogio e das recompensas psíquicas.

Não vamos ser acerbos a ponto de vergastar a quem se atreve a caminhar conosco, através destas páginas de puro verbalismo, uma vez que as ações de que somos capazes sempre haverão de condensar-se nestes pensamentos e nestes sentimentos. Por isso, a promessa imperiosa de privilegiar os mais inteligentes e os mais cultos, que se transformarão, pelo própria natureza didática dos escritos, em multiplicadores da doutrina, já que se apresentam com acervo extraído do que a literatura espírita tem de melhor.

Se não alcançarmos, não diremos interessar os mais doutos, mas pôr claro o objetivo evangélico para os mais entusiastas, tanto pior para o editor que se aventurar a nos dar a lume.

Por isso, iniciamos solicitando que nos permitam apresentar-nos perante o público terreno, aspirando sua compreensão e seu carinho, que se evidenciarão no duplo aspecto da simpatia natural de quem acata a transmissão como produzida por irmãos desencarnados e da prece dirigida aos seres superiores, para que ajudem na consecução das tarefas que se desencadearão.

Quanto aos recursos literários, quanto ao cabedal de conhecimentos, quanto aos aspectos morais e evangélicos, reavivamos a palavra do Codificador, quando nos avisava de que apenas um estudo profundo das mensagens é que dará condições de se saber se há mérito nelas.

Sendo assim, após esta breve abertura, seja qual for o prisma através do qual se encarem as leis cósmicas, devem os críticos ter em conta que sempre existe a intenção de elucidar, de debater, de apreciar, de valorizar, de estimular. Por outro lado, não importa que a obra tenha cunho fictício no que toca à apresentação das personagens e das situações, pois o que vale é a transposição que se quer plausível para o universo existencial dos que se encontram desejosos de aprender, com o intento, como aludimos, de ensinar, segundo a própria filosofia pedagógica de Kardec.

Fiquem em paz, abençoados pelo Senhor!

## 1. UMA HORA DIFICULTOSA

O amigo protetor desejava evitar que Plínio caísse em tentação e envidava esforços para que desconfiasse de que, apesar de simples, a transferência de valores da empresa para sua conta particular iria causar-lhe transtornos no futuro.

Plínio lutara por mais de vinte anos para obter a confiança dos patrões, alcançando um posto de prestígio mas de parca remuneração, segundo suas altas ambições.

*“Fujo para o Nordeste, mudo de nome, faço operação plástica, abandono a família que está a devorar-me pelos pés, vou viver à larga, casas na cidade e na praia...”*

Lembrava-se de um desenho animado em que a personagem repetia: *“Mulheres, iates, mulheres, mansões, mulheres...”*

Passava-lhe pela memória a figura graúda e mórbida da esposa e dos três filhos devoradores de salários.

*“Aos quarenta e sete, é uma ótima oportunidade para fazer vida nova. Não vou cair nas amarrações do casamento e da paternidade. Tenho a experiência que aos vinte significou a derrota para o trabalho de toda a vida.”*

Saldanha, no outro plano, insistia nas recordações, a ver se induzia o pupilo à ternura dos primeiros tempos, que se esqueciam pelo peso das responsabilidades não compartilhadas, agora que os filhos saíam da adolescência, sem qualificações profissionais, viciados, preguiçosos e prepotentes. Gostavam da vida regalada das drogas e suprimiam quanto encontrassem de valor em casa, para o escambo criminoso das esquinas, das praças e das ruas, já à luz do dia, que os bandidos não temem a repressão policial e mandam em seu pedaço.

Ao invés de encaminhar os pensamentos para os tempos mais venturosos, Plínio desandava pelas vielas tortuosas da impotência, pondo em desespero o benemérito protetor, antepassado não tão distante que não se visse em débitos antigos, pela falta de cuidados com a educação do afilhado.

*“Transfiro o dinheiro para a minha conta, voo para uma capital do Sul, retiro o dinheiro numa agência de grande porte, abro conta em banco cuja sede seja no Nordeste...”*

Pensava que o seus documentos iriam denunciá-lo, porque o sigilo bancário não abarca a simples constatação da existência de conta.

*“Se fizer tudo bem rapidamente, tenho tempo, no final de semana, de chegar a Recife... E meu nome? E os números da identidade e do cadastro da pessoa física?...”*

Saldanha induzia-o a pensar nos problemas a serem enfrentados. E sussurrava, utilizando o mesmo canal de transmissão que um obsessivo empregaria, que, mais tarde, organizado melhor o plano, poderia obter sucesso mais seguro, porque não adiantava passar dois ou três anos na boa vida para ser preso e recambiado a São Paulo, aviltado, sem perspectivas de restauração dos liames familiares que, mesmo precários, lhe garantiam uma comida quente, um leito asséptico e um fim de semana solto nas amizades do clube.

Plínio engavetou a má intenção e pôs-se a imaginar como seria flautear pelas areias cálidas das perfumosas praias que tinha conhecido há dezoito anos, quando levou a mulher, Margarida, em viagem recreativa patrocinada por concurso que vencera na firma.

Volveu os pensamentos para a sorte que um dia o brindara com a viagem de sonhos e se viu, durante aqueles quatro dias, correndo, meio balofo, aos vinte e nove, puxando a já relutante balzaquiana de trinta e um, que não queria molhar-se para não prejudicar...

Nesse ponto, ficou sem saber a que se referir, porque não entendia, positivamente, a maneira de ser e de pensar das mulheres. Sempre tivera por elas um desprezo polido ou um respeito de comiseração, conforme suspeitava no momento das reflexões, sem dar, evidentemente, tais denominações aos fugidios sentimentos, que não se deixavam amarrar ao conjunto de seu saber difuso.

Ia por aí a divagação do funcionário, quando o empregador surgiu no fundo do salão, mesas vazias, colegas almoçando, ele apenas diante do computador ligado à rede telefônica.

## 2. SIMÕES

— Com que, então, o meu fiel escudeiro está a lustrar a minha armadura?!...

Plínio não gostava dessas tiradas do patrão. Mas sorria amarelo, enigmático, a boca fechada. E respondia, sem inspiração:

— Estou de regime. Preciso perder mais de vinte quilos e, se for almoçar em casa, não vou conseguir.

— É o diabo quando a mulher não colabora. A minha era um palito e se sentia muito bem enchendo a mesa, como se cumprisse a obrigação. Mas foi bom você ter lembrado que precisa perder peso. Eu não faço regime mas malho na academia. É duro manter-me apenas com dez além do limite.

Plínio, enquanto ouvia, ia pensando que o patrão sempre se colocava um ou muitos degraus acima. Estranhou apenas que não dissesse que estava mais de trinta quilos além do peso. Mas acrescentou:

— Trago duas ou três frutas e um iogurte...

— Não vá passar fome, porque a companhia precisa que tenha boa saúde para produzir. Por falar nisso, quanto tempo falta para se aposentar?

— Um pouco mais de dez anos.

— Eu penduro as chuteiras no ano que vem. Por isso, estamos pensando em quem irá ocupar as vagas que vão abrir-se. Pelo que imagino, o Palhares assume o meu lugar, o Coelho, o dele e você passa a chefe do departamento.

Plínio ouvia com olhos que se esbugalhavam. Não se conteve:

— Será mesmo verdade?... O senhor é tão jovem...

— Plínio, meu amigo, você não precisa disso. Depois de quarenta e dois anos no lesco-lesco, mereço ir passear pelas praias do Nordeste e conhecer alguns países da Europa, ainda mais agora como viúvo.

O empregado lembrava-se do passamento da esposa do patrão que ocorrera há mais de sete anos. A declaração soava falso. Estaria mentindo quanto ao resto?

— O senhor está pensando em novo matrimônio?!...

— Vira essa boca para lá! Deus me livre e guarde e os anjos digam *amém*. Mas, se você subir, quem vai deixar no seu lugar?

— Não se preocupe. Eu treino o Moacir, que está na firma há mais de cinco anos.

— Você não acha o Moacir muito lerdo?

— Fico na supervisão. Se falhar, assumo e passo a bola para o Silvinho.

— Eu o autorizo a instruir um dos dois, desde já.

— Muito obrigado, Doutor Simões!

— Virei doutor, agora? Simões, homem, Simões!...

No etéreo, Saldanha se congratulava com Pedro Otávio:

— Teve você excelente expediente para impedir os intentos criminosos do meu afilhado.

— Pode crer que Simões conversou com o seu protegido, sem a minha participação. O que fiz foi acompanhá-lo de volta ao trabalho, instando para que pensasse a respeito da

aposentadoria. Mas devo dizer que ele não tem vontade nenhuma de parar, principalmente depois que a esposa faleceu, porque se sente muito só, sem os filhos, que apenas de raro em raro o visitam. O seu entretenimento são os negócios. Se não fosse o dono da empresa, talvez pudesse ser afastado compulsoriamente, haja vista que oficialmente aposentado ele já está há cinco anos, recebendo quimeras do Instituto de Previdência.

— Quer dizer que não pretende mesmo sair?

— Se isso for bom para ele, vou instigá-lo. No mínimo, ele está precisando ser mais caritativo. Se bem soube ler-lhe os pensamentos, está com a intenção de manter o Plínio no lugar, porque nem desconfia das intenções de desfalque. O que deseja com o treinamento do outro funcionário é pô-lo em condições de ser guindado à chefia do próprio instrutor.

— Preciso consultar os apontamentos psíquicos do Plínio, para prever a extensão do estrago mental que essa “injustiça” irá provocar. Pelo que imagino, se nada ocorrer que o faça ver a vida como realização cármica, irá programar mais seriamente a transposição para sua conta dos valores que o estão tentando.

— Vibremos pelos dois.

Se Plínio tivesse aguçado o dom da escuta mediúnica, teria percebido que alguém elevava uma prece em seu favor. De qualquer modo, estava imerso em profunda alegria, sentindo-se reconhecido pelos vinte anos dedicados à empresa. Por uns tempos, deixaria de lado a ideia da falcatura contra o erário do patrão.

### 3. OS BONS COMPANHEIROS

Ao retornarem os funcionários para o turno da tarde, Moacir e Silvinho chegaram conversando e animados. Dizia o primeiro:

— Não é verdade que todas as pessoas não dizem o que pensam, não se revelam, não se ajustam às regras morais superiores. Pelo menos, algumas que conheço fazem jus ao título de honestas e verdadeiras.

Correspondia o segundo:

— Desde que você me levou ao centro espírita, tenho reparado melhor no procedimento das pessoas e posso assegurar que conheço bem poucas que são como você está dizendo. Não perdem oportunidade de se aproveitar das fraquezas dos outros, para benefício próprio.

Esse rabinho de prosa foi tudo que Plínio ouviu, suspeitando, no íntimo, que também aqueles dois não se enquadravam entre os mais puros.

*“Em todo caso”, pensou, “posso colocá-los à prova, sugerindo que procedam de forma errada, atraindo-os para alguma armadilha. Mas tenho de informar ao Silvinho que deverá sentar-se ao meu lado, porque foi ele o predileto do Simões. Por mim, chamava o mais lerdo.”*

Ato contínuo, chamou Silvinho:

— Você aí do *benefício próprio*, venha comigo, por favor.

Silvinho e Moacir trocaram olhares interrogativos, no entanto, não atinaram a que vinha a inusitada convocação.

— Pronto, senhor!

— Venha comigo!

Percorreram de volta o corredor central do salão, até o *hall* de entrada, conduzindo Plínio o subordinado até um banco lateral, onde se acomodaram.

Parecia a Silvinho que algo muito grave estava para ser-lhe revelado e logo foi antecipando:

— *Seu Plínio*, o senhor está me deixando assustado!

— A notícia é boa. O Simões vai aposentar-se e quer que alguém ocupe o meu cargo, porque me ofereceu o de diretor. Eu escolhi você, por causa de seu empenho em aprender. Em pouco mais de dois anos, você já é meu braço direito.

Silvinho, entretanto, não demonstrava alegria. Ao contrário, até um mau fisionomista teria visto que o cenho se lhe carregava e a cabeça descaía. Era tão flagrante a transformação que Plínio observou:

— Que está acontecendo, rapaz? Não ficou feliz com a promessa de melhor salário e de progresso na carreira?

— Vendo por esse modo, só tenho de agradecer ao senhor a preferência pela minha pessoa.

— Que outro modo há para ver?

— Acho que meu colega Moacir merece mais do que eu.

— Bobagem! Ele vai muito devagar. Você tem três anos a menos na empresa e faz coisas em que ele passa batido. Eu bem que falei para o patrão que o Moacir podia sentir-se injustiçado mas ele me garantiu que punha todas as coisas no lugar.

— Quer dizer que o chefe já se definiu por mim?

— Praticamente. Deixou-me à vontade para decidir.

Saldanha sacudia a cabeça em franca desaprovação. Não gostava das mentiras que Plínio ia salpicando na vida. Desde longa data, vinha frustrando o pupilo, instigando os demais à descoberta da verdade. Mas o homem não aprendia com a vergonha e os carões.

Silvinho aproveitou a deixa para enfatizar:

— Posso ser absolutamente sincero com o senhor?

— Claro!

— Eu concordo que Moacir tem alguma dificuldade. Mas é firme como uma rocha. Depois que aprende, não se esquece mais e sempre aplica corretamente o princípio assimilado.

— Veja você, Silvinho, uma coisa. Se eu estivesse conversando com ele, não iria ouvir palavras ditas com tanta precisão, com tanta certeza. Mas entendo o seu coleguismo, porque vocês estão se dando muito bem.

— Se o senhor elege o meu amigo, garanto a retaguarda e passo a vigiar o serviço dele, até que conheça tudo. Veja que o senhor ganha duplamente, porque não serei apenas eu quem irá se inteirar das atribuições de seu cargo.

— Quero ver se entendi. Corrija-me, se estiver errado. Você foi levado a um centro espírita pelo Moacir, conforme ouvi os dois conversando. Certo?

— Correto!

— Aí você está se sentindo preso a ele, como se devesse algo de muito valor.

— Com certeza!

— Eu ouvi você dizer (como é mesmo?) que *a maioria se aproveita da fraqueza dos outros para seu próprio bem...*

— O senhor tem excelente memória!

— Agora você quer manter a sua posição, ou seja, quer ficar entre os melhores, aqueles que agem com lealdade, sem hipocrisia...

Não foi difícil a Silvinho compreender o tom irônico do discurso. Mas não fez menção de se importar, insistindo:

— Eu não recuso a sua oferta, que acho muito generosa e me envaidece. Mas não posso deixar Moacir na berlinda, mesmo porque eu sou solteiro e ele é pai de família, precisando muito mais do que eu melhorar o salário.

Plínio fez um gesto que alegrou Saldanha, embora visse muito bem que havia, no fundo do coração do protegido, a corroer-lhe a benfeitoria, a primitiva intenção de manter o seu substituto sob controle. Plínio abraçou o subalterno, dizendo-lhe ao ouvido:

— É de amigos assim que a humanidade está necessitada.

— Aprendi com Jesus, lendo *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec.

A referência clara ao livro doutrinário, porém, não repercutiu na mente do chefe como gostariam Silvinho e Saldanha.

Voltando ao escritório, Moacir foi convidado a juntar-se ao grupo, tendo ficado imensamente emocionado com a proposta que Plínio lhe fez, mais ainda quando soube, por boca deste, que tinha sido Silvinho quem insistira para que o escolhido fosse ele.

#### 4. A POLÍCIA ENTRA EM CENA

Preparamos os espíritos dos amigos leitores para a eventualidade de algum dos pimpolhos causar problemas na área policial. De fato, naquela mesma tarde, antes do término do expediente, foi Plínio chamado pela esposa, que corresse a ajudar o Ovídio, preso em flagrante delito de roubo.

- A que Delegacia foi recolhido?
- Você vai precisar procurar.
- Quem foi que avisou você?
- Foi o Cleto.
- Põe *ele* no telefone!
- Saiu.

Plínio ficou sem saber o que fazer. Não queria espalhar no ambiente de trabalho que o filho era um marginal, embora desconfiasse de que todos soubessem. Tomou a decisão de *ficar na sua*.

*“Não vai demorar e a própria polícia virá atrás de mim. O Ovídio vai pedir socorro e alguém virá me avisar. Afinal, ele é de menor. Quinze anos, no mês passado. Se estiver com o documento na carteira, vão acreditar.”*

Moacir, porém, que estava trabalhando junto, não pôde deixar de perceber que o chefe tinha problemas. Perguntou:

- Alguma coisa séria, *Seu Plínio*?
- Nada que você possa...

la dar uma resposta grosseira mas, de repente, se lembrou de que Moacir era espírita.

*“Essa gente tem parte com o diabo. E se ele tiver sido avisado (como é mesmo?) por inspiração ou algo assim? Não é certo que no centro espírita eles conversam com os seres do outro mundo? Vou manejar.”*

O narrador tem a obrigação de esclarecer que o tempo de leitura é bem mais longo do que aquele em que se deu o pensamento da personagem. Aliás, devem os leitores perdoar a transcrição das ideias e sentimentos, os quais deveriam inserir-se mecanicamente no diálogo ou na descrição psicológica. Como, entretanto, nada estamos querendo deixar para a imaginação, porque reproduzimos um caso real, isso irá onerar sobremodo a redação. Paciência! Vamos ter de enfrentar algumas soluções de continuidade no texto que, no final, vão constituir-se em adendos úteis, para que se dê compreensão integral da *estória*.

Outro aspecto a ser ressaltado é a assertiva de se tratar de *um caso real*. Se tais personagens forem buscadas dentre os encarnados, vão os investigadores frustrar-se, pois trabalharão inutilmente. Sendo assim, nos anais da polícia não há registro algum de que um tal de Ovídio, filho de Plínio e de Margarida, com tantos anos de idade, foi detido em flagrante delito, quando, em companhia de mais dois menores, encostava uma faca na barriga de um transeunte, em tal rua, em tal bairro, sendo a vítima um delegado de polícia,

que, imediatamente, providenciou o cerco aos rapazes e sua captura. Quando nos referimos ao fato da realidade, estamos realizando apanhado de casos que ocorrem na sociedade humana, de resto muito comuns, infelizmente, para transpô-los para a nossa organização ficcional.

— Moacir, se eu contar que tenho um filho viciado em cocaína, estarei dizendo alguma novidade para você?

Antes de responder, tendo feito um gesto para Plínio esperar, Moacir foi até a mesa de Silvinho, deram um dedinho de prosa e logo voltaram os dois, acomodando-se um de cada lado.

Foi só então que Moacir respondeu:

— Nós sabemos, querido amigo, que os seus três filhos estão presos ao vício.

Plínio sobressaltou-se:

— Que é isso? Uma invasão de minha vida particular?

Silvinho repousou a mão no antebraço do outro e pediu-lhe:

— Calma, *Seu Plínio*. Não há nenhum mistério nisso. Sabemos do que se passa com seus filhos porque Dona Margarida nos foi procurar e nos contou tudo.

— Quando foi isso?

Foi Silvinho quem esclareceu:

— Na semana passada. Ela soube que o centro dá assistência às famílias com tais elementos em fase de viciação e nos procurou. A bem da verdade, ela pediu que nós não contássemos nada, porque ela mesma ia falar. Foi então que nós dissemos que somente revelasse ao senhor as providências que tomou, depois de a gente se informar, com segurança, onde atuam os rapazes, quem fornece as drogas, quanto compram, em que estado estão, se pertencem a alguma quadrilha e tudo o mais que o pessoal tem capacidade de saber com o auxílio da polícia.

— E deu tempo para saber tudo isso?

Moacir emendou o que Silvinho vinha dizendo:

— Não deu. Mas podemos garantir que o mais velho, o Anacleto, é o que se apresenta pior. Quanto ao Ovídio, motivo de sua conversa ao telefone — desculpe-me por ter prestado atenção — é o que preocupa mais, porque está metido com uma *gangue* da pesada.

— É esse que está preso.

— Já suspeitávamos que isso ia ocorrer a qualquer momento. E Dona Margarida ligou avisando...

— Vocês têm algum meio de saber onde ele pode estar?

Coube a Silvinho informar:

— Normalmente, o delegado, assim que lavra o boletim de ocorrência, faz encarcerar o menor, até que acabe o efeito da droga, para ser transferido para algum centro especializado. Como Ovídio não deve estar fichado, se não houver ninguém *forçando a barra* para ele ficar detido, o que acontece muitas vezes, quando a vítima não quer formalizar a queixa, confiando na polícia, pode acontecer de o senhor vir a ser chamado para se inteirar do que está sucedendo, responsabilizando-se pelo jovem.

Plínio calou-se, a meditar a respeito do que tinha ouvido. A sua tendência era a de não atender à convocação. Nesse sentido, demonstrando certa abalo, sem exageros, informou, em voz baixa, não sem antes passar os olhos pelo escritório a ver se mais alguém se interessava pela conversa dos três:

— Não pensem que sou um mau pai, irresponsável. Esses meus filhos cresceram livremente, com todas as regalias. Posso ser acusado de ausente, porque não acompanhei estes cinco ou seis últimos anos do crescimento deles. Pus tudo nas mãos de Margarida. Mas também não posso afirmar que ela seja culpada de nada. Eles é que têm maus instintos. São respondões e não aceitam...

Moacir se condeou com a descrição íntima e não permitiu que Plínio fosse adiante:

— Chefe, o senhor não precisa contar nada para nós. A sua história é banal. Quando a gente reúne os pais de adolescentes em débito com a sociedade, por causa de crimes provocados pelos tóxicos, estamos muito mais interessados em entender como estão os jovens e qual é o relacionamento com a família, buscando nortear as atitudes dos pais pelo amor que deve ter existido um dia, para que tais criaturas fossem concebidas.

— E se eu disser que é esse o meu maior problema?

Silvinho não quis ouvir a declaração de que Plínio não gostava dos filhos ou coisa semelhante e interceptou-lhe a palavra:

— Perdoe-me, *Seu Plínio*, mas eu acho que nós devemos deixar o resto para depois que livrarmos o seu filho. Permita-nos que, em silêncio, façamos uma prece para os seus protetores, para que ajudem a vocês todos neste transe de dor.

Ato contínuo, Moacir e Silvinho retornaram a seus postos e devotaram-se, cada qual de per si, a contatar o plano espiritual.

Por mais estranho possa parecer, Saldanha esfregava as mãos, em sinal de profundo contentamento.

## 5. COMO NÃO PODERIA DEIXAR DE SER

Não sabiam as personagens mas os leitores estão a par de que a pessoa assaltada era um delegado de polícia e isso faz muita diferença.

Trazidos os três malandrinhos à carceragem, foram colocados à mercê dos adultos, pintainhos inexperos perante galos *rinheiros* ávidos por bicar a carne fresca e tenra dos engazopados da sorte. Pior ainda quando se ouviu dos policiais a recomendação de que deveriam conhecer de que couro se extrai a correia.

Plínio ficara na mesma, porque a conversa com os dois espíritas não lhe adiantou nenhuma providência prática, embora servisse para lhe estimular a ideia de que a esposa saía em procura do remédio para os vícios dos filhos.

Esperou o término do expediente sem realizar nenhum serviço, na expectativa de receber algum telefonema ou a visita dos investigadores.

*“Não é possível que os detetives não saibam onde moram os rapazes e onde trabalham os pais. Deve ter sido a primeira coisa que o Ovídio deve ter suplicado. O infeliz deve estar precisando trocar as calças, porque não é brincado se ver às voltas com a repressão policial.”*

Era o tempo em que a televisão mostrava os agentes da lei agindo contra a marginalidade, aplicando os cassetetes com a máxima competência. Algum tempo antes, houve tremenda carnificina dentro de um presídio, quando mais de cem encarcerados tombaram sem vida, e Plínio tivera oportunidade de ver as fotos nos jornais e as cenas na televisão, com os corpos em diversas fileiras, desnudos e feridos.

Irresistivelmente, juntou ao grupo o filho menor e pôs-se de joelhos perante o Senhor, a rogar pela salvação dele. Claro está que tudo se passava no âmbito da mente mas, se tivesse dobrado as pernas, teria alcançado o mesmo efeito, já que Saldanha suspendeu o regozijo e correu a ver se evitava males maiores ao pequeno criminoso.

O narrador deve pedir vênias aos leitores para outros parênteses, tendo em vista a necessidade de elucidar que o local em que se reuniam os delinquentes na cadeia estava sob o domínio de certas entidades malignas, espíritos de má catadura, obsessores e demais caterva sem qualificação espiritual. Se Kardec se desse ao trabalho de classificá-los em sua escala, iria incluí-los entre os da última ou, no máximo, penúltima categoria.

A consequência disso é que Saldanha não alcançaria o seu objetivo, repudiado que se viu desde logo pelos túrgidos humores emanados daquela turbamulta de seres imperfeitos.

*“Para adentrar esse nefando e putrefato ambiente, preciso vir na companhia de plêiade de entidades preparadas para enfrentar as forças conjuntas de tantos vampiros.”*

Enquanto o tímido protetor se dirigia à colônia que o vinha agasalhando, um grupo de espíritos bondosos envidava esforços no sentido de, a distância, interessar os mais perversos num plano de fuga, desviando-lhes a atenção dos recém-chegados, dando-lhes a confiança de que os rapazinhos *estavam na mão* e não tinham como escapar da ação libidinosa.

Na hora da saída, Silvinho se propôs a acompanhar o superior, predispondo-se com boa vontade a percorrer as diversas delegacias ao redor do bairro em que moravam, a partir das informações que Margarida pudesse oferecer.

Foi assim que, com o ânimo derreado, Plínio conduziu seu veículo através do intenso trânsito, levando mais de hora até arribar em casa, onde encontrou o tumulto instalado.

De fato, havia cinco viaturas policiais estacionadas à sua porta, soldados portando metralhadoras, a multidão mantida longe.

Para passar pelos guardas, precisou identificar-se como dono da casa e pai do malfeitor. Silvinho passou reconhecido pelos sentinelas.

Lá dentro, o maior fuzuê de móveis e objetos, tudo arremessado ao chão durante a pesquisa de pente fino para o encontro de drogas e de armas.

Margarida correu para perto do marido, demonstrando desespero, mas sem gritar:

— Plínio, veja o que o Ovídio aprontou para nós! Eles acharam maconha, cocaína e três lâminas de aço escondidas debaixo do colchão dele. E agora estão revirando tudo.

Não deu tempo para o pai se lamuriar e já apareciam mais objetos proibidos: uma arma de fogo municada e várias trouxinhas de craque.

O tenente encarregado das buscas foi logo interrogando:

— O senhor é o pai do indiciado?

— Sim.

— Onde esteve até agora?

— Trabalhando na firma do Doutor Simões, onde passei o dia.

Silvinho apresentou-se como testemunha:

— Tenente Conrado, lembra-se de mim?

— Como vai, Sílvio? Que faz aqui?

— Trabalho com este senhor e vim junto para ajudar no que for possível.

Mas o tenente estava para pouca conversa:

— Como é mesmo o seu nome?

— Plínio.

— Para facilitar as coisas, vá mostrando onde estão os bagulhos e a muamba.

— Eu não estou sabendo de nada.

— Vai me dizer que não tem conhecimento das atividades de seus filhos...

— Não, senhor. Eu sei que eles estão viciados. O que não sabia era que estavam desse jeito.

— O que achamos aqui caracteriza tráfico de drogas e, se ninguém tem porte de arma, então estão enquadrados em mais esse tipo de crime.

— Eu nunca vi esses objetos. Isso é coisa deles.

— Quantos anos tem o mais velho?

— Dezessete.

— Todos *de menor*. Eu já devia saber...

Plínio desejou conhecer a extensão do crime:

— Que foi que o Ovídio fez para merecer toda esta gente aqui em casa?

— Vai me dizer que o senhor não sabe...

— Estamos chegando agora do trabalho. Fui avisado pela minha mulher que ele foi preso tentando assaltar uma pessoa.

— Tentando assaltar, não! Depois de ter assaltado o delegado. E veja que estavam os três armados, sendo que foi seu filho quem encostou o punhal na autoridade.

Para os leitores que veem televisão, é cediça a narrativa do que ocorre em situações dessa espécie. De resto, poucos escritores serão tão versáteis na exposição de tais acontecimentos que suplantem os vídeos dessas reportagens *in loco*. Vamos poupá-los, pois, indo diretamente ao desfecho, qual seja, o de que Plínio foi intimado a acompanhar os policiais, levando consigo Margarida e Silvinho, que seguiram no carro da família, para o encontro com o delegado que providenciou o enquadramento dos meliantes, perante as declarações da vítima e dos investigadores que efetuaram a prisão em flagrante delito.

Enquanto isso, Moacir, alertado por Silvinho telefonicamente, providenciava socorro jurídico junto aos causídicos do movimento de defesa dos direitos dos cidadãos, especialmente dos menores de idade.

Após várias horas de espera, de idas e vindas, de discussões e petições, orais e escritas, lograram os advogados transferir os infratores para um centro de recuperação de delinquentes juvenis, de onde não saíam tão cedo.

## 6. ANACLETO

Tivéssemos mais traquejo na elaboração da estrutura dramática do romance, não escreveríamos este capítulo, porque estamos correndo o risco de antecipar vários aspectos importantes da trama, sem conectá-los com o fundamental para nós, ou seja, a teoria espírita. De qualquer modo, vamos enfrentar a dificuldade, sem mais tardanças.

Anacleto, como ficou dito na voz dos companheiros Moacir e Silvinho, era o que mais preocupava quanto ao envolvimento com os vícios. Se pensarmos um pouco mais seriamente, verificaremos que o fato de Ovídio ter sido apanhado demonstrou que não tinha a mesma capacidade de disfarce do que ficou livre.

Na verdade, a inspiração do assalto foi toda do mais velho, pois era quem mantinha relações de comércio com os fornecedores e quem organizava a venda em diversos pontos do bairro, mantendo-se à frente de mais de vinte pequenos pombos-correio, raia miúda mais dependente da droga do que positivamente negociante.

Anacleto mantinha a turma sob rigorosa vigilância, sem permitir qualquer desvio de féria ou de produto. Pagava prontamente, sempre em espécie, nunca em dinheiro, fazendo-se cheio de sutileza quanto a reter os serviços, porque escolhia a droga segundo via o poder de atuação de cada um, oferecendo maconha a uns, cocaína a outros, craque para a maioria. Para os que se iniciavam, proporcionava cola de sapateiro e algum psicotrópico estimulante menos drástico, a ver se conseguiam discernir os comandos, obedecendo às ordens que lhes dava.

Ele mesmo não consumia demasiado, procurando manter-se lúcido para a eventualidade das fugas. Era ladino da esperteza dos malandros mais experientes e só se dava às picadas quando sabidamente estava protegido pelos seguranças oficiais dos bailes suburbanos, onde a polícia não vai, porque a multidão exige força de repressão incompatível com a colheita de produtos e marginais.

Nunca, porém, precisara desaparecer, porque a polícia não havia estendido os tentáculos para o seu grupo. Naquela oportunidade, dera azar porque o irmão escolhera mal a vítima e agora deveria utilizar-se de um dos três planos que imaginara para a circunstância adversa.

Procurou, pois, sair da cidade imediatamente, após verificar que havia um traficante que ia buscar um carregamento no interior do Estado. Levava dinheiro suficiente para passar alguns meses instalado em alguma pensão modesta, tempo suficiente para se inteirar do tráfico da cidade e propor-se como auxiliar, para o que deveria oferecer a contrapartida de sua coragem e de seus conhecimentos.

Para tanto, possuía documento de identidade falso, em que a idade o colocava no rol dos maiores, de sorte que poderia, inclusive, empregar-se, para dar aparência honesta à sua permanência na nova localidade. Para não facilitar o trabalho da polícia, buscou uma cidade de médio porte, onde passaria despercebido, caso seu retrato fosse divulgado.

Essa era outra providência de que se gabava, porque a foto do documento incluía o disfarce da cabeleira curta e loira, quando era moreno e prendia o cabelo na forma de

rabo-de-cavalo. Vira em diversos filmes que precisava complementar a transformação pela colocação de lentes de contacto que combinassem com a cor do cabelo, mas isso iria ter de deixar para mais tarde, porque os seus haveres eram pequenos.

O filho mais velho de Plínio sabia, também, que vários criminosos chegaram a submeter-se a operações plásticas no rosto, mudando-se para outro país ou continente, integrando-se em bandos organizados para tal finalidade. Mas, para o nosso Cleto, tal perspectiva se enquadrava na área da fantasia e da possibilidade.

Vamos encontrá-lo dois dias após, conversando com garotos à porta de um instituto de educação, solicitando informações:

— Tem alguém aqui que já experimentou?

— Qual é, meu? Onde está o microfone?

— Vocês estão pensando que sou repórter? Essa é boa. Estou é precisando de uma dose, que estou começando a desandar.

Cleto não escondia nunca os efeitos nocivos da droga mas buscava deixar evidente que era capaz de se manter sadio, controlando as quantidades.

Os pequenos, crendo-se sabidos, logo soltaram a língua:

— Se é maconha o que você quer...

— Qualquer coisa serve.

— Craque é na antiga estação. Não é difícil de achar. Os caras trabalham à luz do dia.

— Pode ser maconha mesmo.

— Nesse caso, é só esperar um pouco que logo eles passam para ver quem quer.

— Falou! Vocês foram legais. Vou me lembrar disso.

Cedemos à tentação do diálogo para alertar que o Cleto tinha meios de convencimento bastante técnicos. Se se dedicasse aos estudos, conseguiria, com certeza, um diploma universitário. Do jeito que levava a vida, não passara da sexta série primária, sempre prometendo entrar no Curso Supletivo, à noite, o que faria positivamente se visse que iria faturar mais trabalhando do lado de dentro da escola.

Não foi difícil, portanto, enturmar-se com os traficantes locais, não sem contar as peripécias da turma do irmão, para justificar a procura de outra praça. Com o fito de demonstrar boa vontade, comprou uma boa quantidade, que logo embalou convenientemente, dispondo-se a trabalhar nos pontos que lhe designassem.

Forneceram-lhe um companheiro e, em três tempos, deu conta do recado, mantendo-se absolutamente sóbrio, afastando-se até do cigarro e das bebidas. Precisava conquistar a confiança dos chefes da gangue para poder atuar mais livremente, até formar a sua própria. Fazia-o, porém, sem muito entusiasmo, profissionalmente, como a cevar o rio para futuras pescarias. Tinha a certeza, contudo, de que dificilmente voltaria para casa, não tanto pela autoridade dos pais, mas porque o delegado não sossegaria antes de pôr-lhe a mão no *cangote*.

Na pensão, em lugar de se mostrar reservado, fez alarde de que procurava emprego, acabando por receber uma oferta de um dos companheiros de quarto, por ter

sido aberta uma vaga de balconista na farmácia em que trabalhava. Está visto que Anacleto construíra uma imagem saudável, mantendo-se limpo e asseado, trajando roupas de *griffe*, sem ostentação, trazendo-lhe o corte de cabelo certa luz aos olhos, a provocar a simpatia dos inquilinos. Digamo-lo francamente: era um belo rapaz. Pena que começamos a descrição dele pelos aspectos menos felizes da *sociopatia* e da marginalidade.

## 7. COMEÇAM OS TEMPOS DE ANGÚSTIA

As tribulações pessoais de Plínio principiaram logo no dia seguinte às declarações que precisou realizar no distrito policial. Tendo deitado tarde da noite, não conciliou o sono senão depois das três da madrugada, imaginando quanta maldade se poderia fazer contra um jovem de quinze anos. Não estranhou que Cleto não voltasse e que Ari, o caçula, se trancasse no quarto, não deixando a mãe entrar.

Naquele primeiro dia, não foi trabalhar, tendo ligado para Moacir, que tomasse o seu lugar e fizesse o possível para dar andamento às providências funcionais.

Ao meio-dia, bateu à porta do mais novo:

— Ari, saia já que precisamos conversar.

O rapazote de treze anos era o mais malcriado dos três, com a língua solta e o pensamento rápido. Atendeu de pronto, abrindo a porta ao primeiro chamado, mostrando olhos inchados e seguindo o pai até a cozinha.

Margarida punha na mesa as sobras do dia anterior, ela mesma incapacitada para os serviços rotineiros. Esperando, talvez, alguma censura do marido, não comentara nada a respeito dos acontecimentos da véspera.

Plínio apontou uma cadeira para o filho e outra para Margarida. Esperou que se sentassem e começou:

— Não temos como esconder que a nossa família está se esfarelando. Não posso condenar ninguém, porque seria preciso começar comigo mesmo. Tenho a certeza de que você — falava com a esposa — não sabia da existência das armas nem das drogas. Mas o mesmo não posso dizer de você — e apontava o dedo para o filho. — Fale alguma coisa em sua defesa.

Ari não esperava reação tão comportada do pai, sempre alheio a tudo, imerso nos programas da televisão durante cada segundo que permanecia em casa. Lembrava-se de que o pai redobrava as horas extras de trabalho e desaparecia de casa nos finais de semana, quando ele mesmo estava lá para comprovar. Em todo caso, a sua preocupação atual não lhe permitia ficar analisando o procedimento paterno. Achou que falar a verdade completa seria um exagero e mentir, um perigo. Optou por meias verdades:

— Eu sabia que Ovidinho e Cleto traziam essas coisas para casa.

— Por que você não contou nada para nós?

— Para apanhar deles?!...

— Podia ter falado em segredo. Você sabe muito bem. Não queira vir com essa por cima de mim. Que pensa que vai acontecer agora com você?

— Os *meganhas* vão ficar de olho para me pegarem.

— Quer dizer que você vai ter de parar com o tráfico?

Como Plínio gostaria de que o filho o desmentisse! Entretanto, precisou ouvir uma confissão que não queria:

— Eu só vendia o que os outros me obrigavam.

— Você só vende? Não fuma? Não se pica? Não cheira?

— Eu não ia ficar de *bobeira* no meio da turma...

Falou preparadinho para sair correndo, com medo de uma agressão do pai. Mas não foi tão esperto que não recebesse um tapa no braço desferido por Margarida. A mãe segurava apertado um lenço úmido na mão esquerda, todavia, precisava demonstrar que tinham de agir com energia.

Foi o bastante para que Ari se aproveitasse do momento de fraqueza emocional da mãe, disparando porta afora, deixando o pai sem saber o que fazer. Em outros tempos, talvez Plínio ficasse furioso por se ver frustrado quanto à intenção de convencer o filho a manter um diálogo esclarecedor. Agora, não queria perder a boa vontade da mulher:

— Margarida, por favor, me deixe tomar conta da situação. Eu sei que você está envergonhada, tanto que procurou ajuda no centro espírita. Não posso dizer que eu tenha gostado de não ter contado nada...

A esposa não estava para amenidades:

— É esse seu jeito *molenga* que pôs a perder as crianças. Se tivesse sido enérgico, na hora certa, as coisas não tinham tomado esse rumo. Agora vem com conversinha fiada *para boi dormir*. Veja se acorda, homem de Deus! Os nossos filhos estão perdidos. Você acha que Ovidinho vai sair do Abrigo de Menores disposto a beijar as nossas mãos? Ele vai voltar revoltado, isso sim, porque vão bater nele, vão fazer misérias... Onde se viu ameaçar de morte um delegado!...

Plínio ouvia mudo, não se importando com nada que a mulher lhe dissesse, porquanto a consciência lhe apontava para acontecimentos morais de que ela não suspeitava. Acordara duas horas antes de levantar e ficara sonhando com o desfalque e com a fuga. Insistia nessa quimérica viagem para outra realidade e se desligava dos problemas familiares, como se tudo que estava ocorrendo não lhe dissesse respeito. Alheava-se do contexto da vida para divagar, cada vez mais seguro de que havia perdido a juventude junto à mesa de trabalho. Por isso, disse à esposa o que não conseguira falar ao filho:

— Veja o que vai acontecer com o Cleto. Não vai poder regressar para casa, porque a polícia põe a mão nele assim que mostrar o nariz. O Ovidinho vai ficar mofando entre rufiões da mesma laia, aprendendo tudo que não presta, se é que não está ensinando. O Ari, assim que procurar o primeiro fornecedor ou acender o cachimbo de craque, vai ser recolhido, porque os investigadores estão de olho nele. Você, querida, vai ter de voltar ao centro espírita e vai ficar *enchendo a paciência* daquele pessoal, rogando para que intervenham em favor do Ovidinho. E vai procurar a diretora da escola, para saber se Ari tem frequentado as aulas...

— Isso tudo eu já fiz. Você é que está *por fora*. O Ovidinho ficou sem ir às aulas no último semestre. Hoje eu ia levar o fedelho à força, porque ela me garantiu que ele não perdeu o ano ainda.

— Mas, como, se ele não sabe nada?!...

— Aulas de reforço que estão obrigando os professores a dar. Mas isso já não importa mais. Do jeito que ele saiu daqui, vai desaparecer como o Cleto.

— Não vai. Eu acho que está com muito medo e deve querer dar a ideia de que não tem nada com as atividades dos irmãos.

— Vai ser muito difícil os colegas dele se *mancares*. Como é que vão segurar a língua mediante as ameaças ou a malícia dos investigadores?

— Entre eles impera a lei do silêncio. Se um falar, todos caem. E o que fala tem de sumir do mapa, porque vai se ver com os outros.

— Que Deus o ouça!

— Não ponha Deus na conversa! Ele não...

— Não diga *não* para o Senhor!

A reação era nova e Plínio ficou assustado com a firmeza de Margarida. Resolveu sair *de fina*:

— Eu vou com você ao centro espírita para me entender com o Moacir e o Sílvio.

— Esses dois são *cafés pequenos*. Lá tem advogados e médicos para orientar as pessoas ignorantes como a gente.

Chegamos ao ponto em que pretendíamos colocar as personagens. Vamos deixar para o próximo capítulo as informações relativas aos problemas técnicos, pedindo escusas por voltarmos a elaborar mais um trecho da narrativa sem demonstrar as reações dos protetores e obsessores dentro do plano espiritual. Saldanha, evidentemente, corria de um lado para o outro, preocupado em minimizar as consequências dos atos, crente, porém, de que a misericórdia e a sabedoria de Deus são infinitas.

## 8. A PALESTRA

Margarida era amiga de malhar o ferro enquanto quente. Naquela mesma noite, conduziu o marido ao centro espírita, favorecida pela promessa num momento em que desejava ele impressioná-la.

— Nós vamos assim, sem convite e sem aviso?

— Hoje é dia de reunião pública. Se você pensa em que alguém vai reparar em nós, esqueça. Eu mesma conheço bem poucos.

— Quer dizer que você tem ido e não me disse nada?

— Fui duas vezes. Você ficava fazendo serão e eu ia com a Antonieta.

Antonieta era a vizinha que chamara a atenção de Margarida para os hábitos pouco saudáveis dos meninos.

Quando chegaram, a sessão havia começado há pouco, de modo que foram obstados junto à porta, enquanto, no auditório, o apresentador fazia a prece de abertura.

Não havia lugar para se sentarem e os dois ficaram no corredor da direita. Do outro lado, em toda a extensão, a parede estava ocupada.

Num rústico quadro-negro, ao fundo do palco, lia-se o tema da noite: *A responsabilidade paterna à vista das leis universais*. Lia-se também um nome: *Ariovaldo*.

Feita a apresentação do orador, subiu ao palco um senhor de meia idade, calvo, vestindo calça social e camisa de manga curta, fechada no colarinho.

Vamos dar a palavra a ele:

— Quem me conhece sabe que não pratico a mediunidade e que me esforço muito para produzir algumas ideias capazes de mexer com a inteligência e os sentimentos do público. Por isso, gosto de me sentir em casa e sempre pergunto coisas para que vocês me respondam. Por exemplo, quem aqui tem filhos?

Quase todos os adultos levantaram a mão.

— Muito bem. Vejo que não vou falar para um pessoal desinteressado. Outra questão: alguém conhece o costume dos animais terrestres de marcar o seu território?

Muitos ergueram os braços.

— Eu explico. Quando os machos se tornam capazes de procriar, procuram uma fêmea ou mais, dependendo da espécie, para constituir um grupo familiar. Muitas vezes, como eu me lembro de ter visto no filme *Bâmbi*, de Walt Disney, precisam até brigar com outros machos para conquistar a preferência das fêmeas. Quando se dão bem, marcam a região de seu domínio, quase sempre fazendo xixi em alguns pontos, porque é através do olfato que os animais vão respeitar aquela área ou, pelo menos, vão saber que estão invadindo um território reservado. Aí, vêm os filhotes e o pai defende a ninhada instintivamente. É a sua responsabilidade. Alguém duvida de que ele esteja agindo de acordo com uma lei universal?

Nesse ponto, ninguém levantou a mão. Plínio observou atentamente a ver se as fisionomias demonstravam satisfação ou tédio. Surpreendeu-se com o ar de aprovação da grande maioria.

*“Esse daí deve ter seu fã-clubê. Se eu levantar a mão duvidando, aposto que ele vai jogar os assistentes contra mim. Mas o que posso dizer em contrário? Parece que o que ele está dizendo é lógico, é coerente.”*

Ariovaldo, depois da ligeira pausa, continuou:

— Quando se trata de seres irracionais, parece que todos concordamos que todas as ações são mecânicas, ainda quando os pais devoram os filhos alheios ou os próprios, como ocorre, por exemplo, quando existe excesso de indivíduos no bando, ameaçando o equilíbrio. Vejam bem que essa não é a regra geral, porque sabemos que, entre os ratos, a população cresce e se espraia, vivendo juntos em número quase infinito, quem sabe para fazer frente aos inimigos de outras espécies. Esses mesmos ratos, presos em gaiolas, em grande quantidade, atacam uns aos outros, mesmo quando alimentados com fartura. Alguém duvida que estejam agindo segundo as leis da natureza?

De novo, fez-se silêncio na plateia, contudo, desta feita, Plínio estava embebido nas informações, buscando entender aonde bateriam aquelas considerações.

Prosseguiu o orador:

— O que pareceu mais correto para vocês: a atitude de defender as crias ou o ato de devorar os excedentes?

Agora Ariovaldo não deu tempo ao povo que refletisse:

— Aplicando-se o modo moral de examinar os problemas dos relacionamentos, maneira própria dos homens e mulheres, seres racionais, posso afirmar por vocês que o certo seria sempre a defesa da prole. Contudo, vejam bem, cuidado com o que vou dizer em seguida: muitos pais existem entre os humanos que abandonam os filhos, esquecidos do princípio universal de proteção que trazem embutido em sua natureza. E por que fazem isso? Eis um problema muito sério que não pretendo esmiuçar, porque não vim com a intenção de ofender ou magoar ninguém. Aliás, peço perdão se aqui entre nós algum pai ou mãe se enquadra nessa categoria. O que desejo, verdadeiramente, é demonstrar que existe a necessidade, quase diria orgânica, de se protegerem as crianças, porque não têm meios de discernir, de compreender, de entender tudo o que a sociedade vem criando em termos de complexidade ambiental, para o mais perfeito equilíbrio, com vistas a dar segurança e tranquilidade, para que todos que demarcaram o seu território, ou seja, constituíram o seu lar, construíram a sua residência, possam ter garantida sua soberania no exercício do que a lei chama de pátrio poder. Existe alguém aqui que desejaria saber como é que tais ideias se enquadram na doutrina espírita? Pois eu vou tentar demonstrar, embora a simples leitura de ***O Livro dos Espíritos***, de Allan Kardec, o nosso Codificador e Mestre, possa fornecer todas as respostas. É que, antes de nascermos, existimos no plano espiritual. Ali forjamos, com a ajuda de orientadores mais experientes, o corpo ideal para cumprirmos as obrigações cármicas, segundo os débitos que trazemos do passado, quer de outras encarnações, quer de passagens pelo Umbral. Preciso fazer referência ao fato de que o Espiritismo se baseia, entre outras coisas, na evidência da necessidade de várias existências carnis, para o indivíduo progredir, aperfeiçoando-se para poder habitar outras esferas mais evoluídas?

Plínio estava fascinado, não tanto pelas ideias, mas pela facilidade com que o expositor discorria. Notou, porém, que a pergunta era mero artifício para poder tomar um bom gole de água e respirar, readquirindo a disposição para seguir avante.

— Vejo que ninguém deseja contestar. Isso é maravilhoso. É sinal de que o primeiro passo está dado na direção de Jesus. Estou falando sério, porque não é hora de brincar. Quando as pessoas são sinceras e dizem tudo o que sentem de verdade, sem se preocuparem com a opinião alheia, também adquirem a força moral de ouvir e, como sabemos, benditos são os que ouvem e os que veem, porque sabem utilizar os seus sentidos. Mas agora vou precisar ir um pouco além. Devo referir-me ao caso menos evidente de que os familiares se reúnem com duas finalidades. A primeira é a de se amarem, quando já se amavam no plano espiritual, dando sequência a vidas proveitosas e felizes, trabalhando em prol uns dos outros. A segunda é a de se amarem, quando nunca antes se deram bem, em qualquer plano, uns exigindo dos outros o resgate de débitos, por desavenças e outros problemas existentes em seu relacionamento. — *Ué!* — vão vocês exclamar — *as duas coisas se resumem numa só, isto é, a finalidade é sempre a de se amarem os que se unem por laços de sangue!* Não explica o Espiritismo que todos evoluem no interesse de alcançar as regiões quintessenciadas, onde residem os espíritos de luz, os anjos e arcanjos, os querubins e serafins, com o perdão dos sacerdotes presentes, por eu usar palavras religiosas?!... Pois, então, como progredir, se uns seguram os outros pelas dívidas que não se saldaram?!... Não é absolutamente sensato admitir que os santos, ou seja, as pessoas virtuosas, cumpriram todos os artigos das leis morais e espirituais?!...

Nesse ponto, Ariovaldo fez uma pausa muito mais prolongada e encarou as pessoas, fazendo questão de endereçar o olhar para dentro dos olhos dos demais, como a lhes vasculhar as almas. Plínio percebeu o gesto impositivo do orador e disfarçou, voltando a cabeça para o lado, como a observar as reações do público. No fundo do coração, revolvia a impressão de que errara, esquecendo-se desses aspectos transcendentais na educação que deveria ter dado aos filhos.

Quando Ariovaldo voltou a falar, foi ainda mais instigante:

— Eu acredito que muitos aqui estão imaginando, como eu mesmo imaginava ao ouvir estas conversas espíritas, que o objetivo dos irmãos que se postam perante tanta gente é o mesmo dos padres que, do alto do púlpito, ficam falando em pecados, provocando sentimentos de culpa nos fiéis, exigindo reparações por meio do confessionário e da penitência, obrigando a assistirem às missas e aos cultos *et cetera*. Entendam nesse *et cetera* o compromisso da espórtula ou do dízimo e o credo nos dogmas e na infalibilidade do Papa e, por extensão, da Igreja. Aqui, em nosso ambiente, desejamos fazer crescer o amor entre as pessoas, por isso damos esclarecimentos e oferecemos ajuda. Se alguém sair preocupado porque não vem cumprindo cabalmente as determinações contidas nos *Evangelhos*, leiam *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, e discutam com os familiares os princípios morais que lá são explicados. Se lhes faltar entendimento, se algo ficar obscuro, se se sentirem canhestros, obtusos, incultos, porque fugiram da escola muito cedo... Estou sendo injusto, porque nem todos têm condição de cursar sequer a escola primária, porque precisam colaborar com o orçamento doméstico desde muito pequenos. Não quero perder o fio da meada, mas vou aproveitar para dizer que, muitas vezes, a necessidade de uma ocupação profissional afasta os menores dos vícios e essa é outra responsabilidade dos pais. De qualquer modo, *retornando à vaca fria*, ainda está na hora de colher alguns frutos da árvore da sabedoria e nós estamos em

condições de emprestar a escada, o cesto e demais apetrechos, aos que nos procurarem às sextas-feiras, quando temos reuniões de pais cujos filhos estão dando trabalho.

Se Plínio tivesse prestado atenção à prece final, nós a reproduziríamos. Todavia, estava confuso com a análise de sua própria maneira de ser, tão justas tinham sido as palavras do orador, como se tivesse preparado a palestra somente para ele e para Margarida.

Um dedinho de prosa com os leitores. Prometemos, ao final do capítulo anterior, examinar os problemas em seus aspectos técnicos. Deu para entender que o fizemos? Deu também para inferir que suprimimos as citações comprobatórias da doutrina, por duas ponderáveis razões: porque queríamos encurtar o capítulo e porque gostaríamos de ver os leitores pesquisando nos livros que possuem?

## 9. ADEUS EMPREGO

Simões não teve paciência de esperar até o ano seguinte. Na mesma semana em que prometera o cargo da diretoria ao Plínio, simplesmente, abandonou a vida: infarto do miocárdio, sem mais nem menos.

Pedro Otávio foi apanhado de surpresa e mal teve uma hora para preparar a recepção do espírito do protegido, na companhia da esposa deste, a qual veio de longe, precisando deixar um substituto a cuidar dos enfermos sob sua responsabilidade.

Gostaríamos de oferecer descrição completa do desligamento carnal, desde o último suspiro até o despertar no etéreo. Mas tais relatos são muito comuns e o trespasse de Simões não fugiu às regras. Tendo feito o bem na vida, tendo ajudado muitas pessoas, não se tendo interessado em manter-se usurário, foi considerado pelo povo que o recebeu alma benemérita, como sói acontecer entre os mortais a quantas pessoas *batem as botas*.

Pedro Otávio recordou-se da íntima intenção de Simões, que pretendia prosseguir trabalhando, e fez-lhe uma censura que não foi ouvida:

*“Mentiroso. Disse que malhava na academia mas havia bem sete anos que não fazia nenhum esforço desportivo... Está aí a consequência! De qualquer modo, algum superior meu devia ter-me avisado de que o coração estava a pique de arrebentar.”*

Ponderou o protetor que esse aspecto do socorrismo ativo precisava ser aperfeiçoado, caso viesse a ser solicitado para acompanhar algum outro parceiro mortal. Lembrou-se da tristeza da solidão e do estresse das ausências da companheira e dos filhos, achou natural que Simões não fosse divertir-se no Nordeste e concluiu, satisfeito, que a passagem terrena lhe havia sido de bom proveito.

No plano material é que as coisas não caminharam exatamente como o dono da empresa havia previsto. Morto o presidente, enterrado o corpo e, sem que fosse oficiada a missa de sétimo dia, os filhos assumiram a direção da empresa e, evangélicos rigorosos, pesquisaram as tendências religiosas dos membros da diretoria, afastando quantos não se alistassem entre os seus correligionários. O rigor da observação doutrinária estendeu-se a todos os cargos de chefia dos diversos departamentos, de modo que Plínio e mais cinco tiveram carta de exoneração, dentro das leis, ou seja, com o devido aviso-prévio, recolhimento do fundo de garantia por tempo de serviço, respectiva multa por dispensa sem justa causa, décimo terceiro proporcional e férias.

Nem Silvinho nem Moacir, evidentemente, poderiam ser convidados para as funções a que aspiravam e ficaram até agradecidos por terem sido mantidos empregados, lamentando muitíssimo que, antes dos cinquenta anos de idade, aos vinte e pouco de contribuição para o instituto de previdência, com sérios problemas familiares, Plínio se visse no *olho da rua*, sem perspectiva de nova colocação.

Entretanto, o dinheiro que cairia nas mãos do nosso herói estimulou-o a pensar em algo como uma microempresa ou um escritório de assessoria na sua área profissional. Iria pensar a respeito. Iria pensar também em dar aquele desfalque na firma, para o que teria ainda quase trinta dias. Mas tal intento morreu no nascedouro, porquanto apareceu um sujeito carregando uma bíblia, o qual deveria treinar para assumir a sua função.

*“Esse cara vai ter de amargar uns erros, porque o que fizeram comigo não se faz nem a um cão.”*

Prometeu e cumpriu. Não contava, porém, com a boa vontade de Moacir e de Silvinho, os quais não permitiram que o novo empregado falhasse, mesmo porque, dentro da contabilidade, existe um setor delicadíssimo, o de pessoal, que precisa receber os salários, sem atraso e sem perdas.

Palhares e Coelho foram preservados em seus postos, porque frequentavam a mesma igreja dos recém-chegados, o que fez Plínio imaginar que, de longa data, haviam previsto a possibilidade do desemprego.

*“Acho que fui pego de calças na mão. Imbecil! Não poderia ter suspeitado que isso pudesse acontecer? Se é verdade que existe um espírito ou anjo da guarda, por que não me preveniu e não me obrigou a procurar um templo protestante? Não! Fui logo cair nas garras dos espíritos. Parece obra do demônio, tanto que Margarida se enroscou na rede primeiro. Ainda bem que Ovidinho está comendo e se vestindo por conta do Governo e Cleto foi procurar sua própria vida...”*

Estarreceu-se com a direção que estava imprimindo às cogitações. Atrapalhou-se todo, vendo, emocionalmente, que misturava os sentimentos de ódio, de rancor, de mágoa, de frustração. Percebeu que toda a sua vida se desmoronava com esses dois abalos. Recordou-se da palestra no centro espírita e deu um *peteleco* na orelha da figura do Ariovaldo que bailava à sua frente, dedo em riste, chamando-o de irresponsável, de desleixado, de fraco, de viciado...

Descambou o pensamento para esse importante aspecto de seus problemas e deixou escorrer não mais do que duas lágrimas pelas faces, uma de cada lado do rosto. Eram poucas mas desceram queimando a pele, sulcando fundo, atingindo o coração e abalando o ideal. Quando secaram, era ele outro homem.

No plano dos espíritos, Saldanha pôs a mão nos bolsos, porque lhe formigava o desejo de esfregá-las. Não queria, porém, manifestar nenhum sentimento de euforia, porque, da outra feita, se viu às voltas com uma peregrinação insana.

Estando seguro de que Plínio não planejava nenhuma atitude menos racional, foi conversar com Pedro Otávio, com quem pretendia entender-se a respeito dos sucessos em cadeia que terminaram por atingir um dos elos finais da corrente. Foi com a ideia de que o outro também não sabia as razões desse enredamento cármico. Encontrou-o exatamente desse jeito, ainda aturdido com o evento fúnebre. Conversaram telepaticamente e saíram juntos para convencerem Plínio a mudar o rumo de suas propostas de vida. Chegaram justamente no momento em que ele se via um novo ser, pronto para um recomeço.

## 10. TRISTES ACONTECIMENTOS

Houve um momento em que Plínio se sentiu à solta, chegando a considerar-se, até certo ponto, feliz, uma vez que atinou com o fato de que não tinha de enfrentar mais o cativo das longas horas do trabalho de cada dia. Imaginou-se, durante os últimos vinte e tantos anos, tão liberto de compromissos como agora e desejou pintar um passado menos tenebroso, como se não se tivesse casado e muito menos procriado. Já dissemos que ter de tomar conta apenas do Ari, o mais novo, lhe pareceu uma dádiva do destino.

Mas a realidade tem o mau hábito de criar barreiras às pretensões da fantasia, de modo que chegou o instante de ter de sair de casa para visitar o filho recluso.

Ovidinho os recebeu indiferente, como se não existissem. Fingido, foi logo dizendo:

— Vejam o que vocês fizeram comigo! Se tivessem cuidado melhor de minha educação, não estaria curtindo esta *cana*. Não me venham dizer que vou sair logo, porque sei que o juizado vai me manter até completar dezoito. O *delega* não vai deixar por menos. Então, se me arrumarem dinheiro, eu posso comprar os inspetores, que vão me deixar sossegado.

A mãe, retorcendo as mãos, quis saber se ele estava apanhando:

— Essas marcas no rosto...

— Isso aqui foi no dia que me pegaram. Apanhei da polícia e dos presos. Escapei por pouco. Logo vieram me buscar e me jogaram neste depósito. Aqui os pequenos apanham dos grandes e estes *entram na dança* nas mãos e nos porretes dos funcionários.

Por respeito aos leitores, não reproduzimos exatamente os dizeres que os pais ouviram, porquanto tudo se encontrava tremendamente mesclado de palavrões e de referências malcriadas às partes pudendas. Se resolvêssemos colocar reticências, encheríamos diversas páginas de linhas pontilhadas, sem sermos originais, que esse recurso gráfico foi utilizado antes.

Margarida tinha outras questões:

— Ouvi dizer que a comida não é ruim, que vocês têm roupa limpa para vestir e pôr na cama, que existem médicos e remédios, que até dentistas cuidam de seus dentes...

— Pode parar! Tudo pode ser do melhor ou do pior, se é que vocês estão me entendendo. Não posso ficar falando estas coisas muito alto, porque, se descobrem, eles me *disciplinam*...

Plínio estranhou:

— Disciplinam? Como assim?...

— É um modo gozado de falar que a gente leva umas borrachadas que não deixam muitas marcas mas que doem *pra cachorro*, por mais de uma semana. Vocês não ouviram falar de que há rebeliões e fugas? Por que será?

Plínio não estava acreditando no filho e logo foi respondendo:

— Porque os *pivetes* são mesmo perigosos, têm vários homicídios cada um, assaltos à mão armada, estupros, além de *mandarem ver* nas drogas de toda espécie.

Ovidinho não queria seguir o pai por esse caminho. Apenas inquiriu:

— Quanto vocês vão me deixar?

Margarida foi quem tentou esclarecer:

— Você sabe que seu pai foi mandado embora?

O filho não quis ouvir mais nada. Concluiu que não iria levantar fundos e se *mandou*, sem despedidas ou acenos. Deu as costas e, sem prestar atenção aos apelos da mãe e às ordens do pai, retirou-se, com ares de profunda indignação.

Quando chegaram aborrecidos ao lar, deram pela falta do liquidificador.

No ato, Plínio equacionou o problema:

— Margarida, o Ari está vendendo as nossas coisas.

— Nunca aconteceu antes.

— Vamos olhar nos armários. Quem sabe tenha sido mesmo a primeira vez.

As gavetas foram sendo abertas uma a uma. Todas apontavam para o desaparecimento de algum objeto. Até o pequeno cofre das moedas tinha sumido. As poucas joias de ouro também. O terno, as camisas, as calças, as meias e demais peças de roupa não se encontraram. A mala havia ido com Cleto mas as valises não estavam no lugar. Salvou-se a televisão.

Margarida era uma desolação só. No entanto, Ari não havia tocado nos pertences de uso dela. Contentara-se com os brincos, os colares, os anéis, as pulseiras, os broches e demais badulaques e bijuterias.

Plínio tinha um lugar secreto no fundo falso do guarda-roupa onde guardava o dinheiro mais graúdo para as despesas do supermercado e da quitanda. Nada achou ali. Foi o que lhe deu o maior desespero e a convicção de que teria de manter sob proteção bancária a quantia que iria receber de indenização.

O casal conversou exasperado durante mais de duas horas. Dessa longa conversação, extraímos o seguinte trecho:

— Margarida, explique-me, por favor, por que é que ele não nos furtou antes.

— É porque não tinha precisão. Parece que agora começou com as drogas mais caras...

— Não tem lógica. Prefiro pensar que a fonte em que ele bebia secou.

— Como assim?

— O Cleto, Margarida! O Cleto!

— Quer dizer que o mais velho cuidava dos outros dois? Com que interesse?

— Era o chefe. Os outros serviam. Um foi preso, idiota, assaltando uma autoridade. O menor ficou ao desamparo, porque a gente não dá dinheiro para os vícios. Você dá?

— Que dinheiro, se você leva sempre tudo muito bem controlado?!... Se eu trabalhasse e ganhasse o meu...

A observação caiu como um corisco no meio dos dois. Ambos se recordaram das palavras do Ariovaldo, exaltando o trabalho como modo de afastar os jovens das drogas.

À noitinha, ouviram um ruído no quarto. Parecia um gemido distante, de alguém abafando fortes dores. Correram e encontraram Ari contorcendo-se, com as mãos sobre o ventre, suando em bicas. A janela aberta demonstrava que tinha entrado por lá. Mas não havia tempo para reprimendas. Precisavam correr com o *beócio*, para dizer o menos, para o pronto-socorro mais próximo, de atendimento gratuito, naturalmente, que o Plínio tinha os documentos em ordem, merecedor que era do zelo do serviço público de saúde.

No dia seguinte, assistido do etéreo por Pedro Otávio, Plínio foi em busca de uma funerária para as providências do enterro do corpo do filho, cujo espírito estava sob os cuidados de Saldanha e equipe de socorristas.

## 11. MARGARIDA

Dois anos mais velha que o esposo, Margarida não era aquela figura balofa que a nossa intromissão nos pensamentos dele nos obrigou a transcrever. Era gorda, sim, mas também era saudável, porque levava sozinha as tarefas domésticas, mantendo o lar asseado, limpo e, o que é mais digno de nota, absolutamente arrumado.

Se Plínio estava acima do peso ideal, lutando por perder muitos quilos, era porque a mulher cozinhava com primores de perfeição. Entretanto, desde uns três meses antes, mais ou menos à época em que compareceu ao centro espírita pela primeira vez, havia iniciado rigorosa dieta alimentar, tendo emagrecido de dez a doze quilos.

As coisas não estavam correndo de modo a favorecer a mais completa integração dela nas teses doutrinárias, porque se via o tempo todo enleada pelos mórbidos pensamentos relativos aos desvios de conduta dos filhos. Nesse aspecto, Plínio até que não estava muito longe da verdadeira expressão psíquica da esposa. Ficava ela a imaginar como seria possível reverter as condições desfavoráveis e mais ainda se dedicava ao asseio, limpeza e organização da casa.

Quanto às fantasias do Plínio, não tomara conhecimento, julgando que o seu homem estivesse extremamente apegado ao conforto do aparelho de televisão, do carro velho, que mantinha lustroso e operando satisfatoriamente, do guarda-roupa e da camiseira em dia, bem como da mesa bem posta, dentro dos rigores dos horários.

Em suma, na fatídica semana, embaraçou-se com a presença daquele ser estranho, a vagar fastasmagórico de um cômodo a outro, em momentos completamente inusitados. Conhecia a vontade do marido de sair, de bater papo com os companheiros de bar, de se espairecer pelos estádios de futebol e de petiscar salgadinhos durante os jornais televisivos. Não lhe entrava pelos hábitos a necessidade de ter mais alguém a compartilhar os seus domínios.

Quanto aos filhos, desde bem pequenos, ia dividindo a responsabilidade da educação com os da rua, porque não os queria a arruinar o seu mister de afadigada dona do lar. Era tão mais fácil deixá-los à vontade, tanto que demorou para matriculá-los na escola, fazendo-o pelo empenho agressivo do marido. O mais novo e agora defunto desejou fazer de criado, ensinando-lhe os serviços mais simples, sem sucesso, contudo, que a liberalidade quanto aos outros foi um dos principais motivos que levaram Ari a se rebelar.

Resolvemos adentrar no mundo intelectual da personagem, de forma a estruturar com mais economia a análise que levou a efeito desde que a Dona Antonieta lhe evidenciou o problema das drogas. Se fôssemos reproduzir-lhe os trâmites lógicos dos raciocínios, precisaríamos de vários capítulos, sem proveito para os inteligentes leitores, que são bem capazes de inferir que Margarida despertava para a vida que elegera desde quando se conhecera como gente.

A morte do filho, portanto, caiu-lhe como uma chuva de prata sobre a cabeça, em que pese a atração que se possa ter pela coruscante luminosidade da peça festiva dos folguedos juninos. Foi a maravilhosa sensação de descoberta do *ego*, com o martírio de haver sido abrasada naquela incandescência dolorosa. Quem esteve a presenciar um

vulcão em atividade, conhece a força da natureza, a beleza do espetáculo e a desgraça da população atingida pelas lavas e pelas cinzas.

Lembrava-se da extrema simplicidade do caixão e da escassíssima comitiva que acompanhou o féretro. Mandara Plínio buscar Ovidinho, porém, tivera de amargar a resposta deste, que fez pouco caso da imprudência de quem se deixara abater por uma *overdose* de cocaína. Desconfiou de que o filho do meio, afinal, manifestara, com muita clareza, a repulsa que sempre tivera em relação ao caçula. Não foram poucas as recordações de malfeitos contra o mais novo, especialmente no período em que o trouxera agarrado às suas saias.

Viu-se a derramar lágrimas pelo mais velho desaparecido, não sabendo o que fazer para enviar-lhe a notícia do desastre familiar. Se ele estivesse em casa, com certeza teria obstado Ari de fazer o que fez, porque o teria orientado quanto ao consumo da droga.

Margarida não percebia o descaminho das lucubrações, tanto que estava pondo a vida do que se perdera nas mãos do que desaparecera.

Quanto a Saldanha, acompanhava com vivo interesse o desenvolvimento da crise emocional, sem saber exatamente como interferir para que a mulher não cometesse algum deslize psíquico, no sentido de atentar contra a própria vida, porque, de repente, constatava que tinha vivido um vazio, quando acreditava manipular a sorte, realizando o seu ideal de esposa e de mãe, conforme os preceitos do materialismo social que dá ênfase à posse e não ao desfrute, no interesse das realizações familiares, nos campos da criação, educação e felicidade moral dos consanguíneos.

Estranhava Saldanha que Margarida não incluísse o marido como co-autor da obra que desandara. Fez com que pegasse o retrato de casamento para instigar-lhe as recordações mais amenas dos tempos de felicidade, no entanto, teve o desprazer de vê-la passar o dedo pelo talhe de sua própria imagem, a indicar que algo muito precioso se perdera naquele enlace.

No segundo dia após o enterro, quando Plínio voltou da rua trazendo a papelada que lhe daria direito ao auxílio funeral, encontrou as louças usadas na pia, a cama desfeita, a descarga do banheiro não acionada, uma roupa fétida no balde, a mulher ausente.

*“Onde terá ido a energúmena? Tem agido de modo diferente, o que é perfeitamente compreensível, porque o luto do Ari está ainda muito pesado. Mas deixar a casa neste estado deplorável é mau sinal...”*

Por dever de narrador, devemos informar que o *mau sinal* não se caracterizou direito, tendo Pedro Otávio, que assumira provisoriamente a vigilância etérea dele, suspeitado de que Plínio não considerara a hipótese da loucura.

## 12. UM PASSAR DE OLHOS NA VIDA DE CLETO

Enquanto Plínio e Margarida se envolviam com terríveis problemas, Anacleto assumia o posto na farmácia. Aceitou o emprego interessado na possibilidade de manipular os medicamentos, tendo acesso aos remédios de tarja negra, os que não se vendem, sem que se retenham as receitas.

*“Se for o caso, havendo clientela certa e confiável, surrupio os comprimidos ou substituo por outros menos poderosos.”*

No começo, deu *chá de sumiço* junto aos da *pesada*. Queria entrar e sair da pensão em horas que não despertassem suspeitas. Ao mesmo tempo, foi ganhando a confiança dos demais vendedores, tanto que se propôs a cruzar as noites na vigília do atendimento de emergência.

Não tinha acesso ao caixa mas não demorou a captar as simpatias gerais, oferecendo-se para o aprendizado das aplicações intravenosas, musculares e subcutâneas. Fez de conta que nunca manejara uma seringa e deu a entender que tinha um pouco de receio das agulhas. Em seus primeiros desempenhos com a clientela, foi acompanhado pelos mais antigos, os quais lhe deram as notas mais elevadas que um neófito conseguiria, apoiando os elogios com recomendações técnicas e explicações anatômicas. Logo, portanto, era requisitado pela eficácia das picadas, sem dor e sem sequelas, principalmente porque sempre acompanhava a execução com palavras de advertência para as sensações que os produtos causariam.

Para quem vendia no mercado proibido das esquinas, a porta aberta significava facilitação total. Sendo assim, Anacleto saía-se muito bem em todas as tarefas, ao passo que ia tomando ciência dos hábitos do estabelecimento, do poder de cada empregado e das atividades concernentes aos donos. De modo particular, requereu do farmacêutico responsável que o orientasse na leitura das bulas, tendo recebido grosso volume emprestado, onde se liam as propriedades dos elementos químicos, em função do tratamento das moléstias.

Para surpresa própria e íntima alegria, verificou que assimilava os conhecimentos com extrema facilidade, imaginando que o fato ocorria porque era o que verdadeiramente desejava na vida.

Sói acontecer que os proprietários de estabelecimentos comerciais são pessoas adultas, com família constituída, muitas vezes com filhas casadoiras, à procura de seu par ideal. Não se deu de modo diferente naquela rede de farmácias, de sorte que Aurélia, tendo um dia visitado as dependências comerciais do progenitor, se engraçou pelo rapaz, endereçando-lhe significativos olhares.

Timóteo, o pai da moçoila, tomara-se de amizade pelo subalterno, contudo, não estimulou namoro nenhum, sem que definisse qual era a tendência religiosa do recém-chegado.

Ao contrário de Plínio, Cleto logo percebeu que havia ao lado da caixa registradora uma bíblia frequentemente compulsada. Tendo juntado a beleza e a prosperidade da rapariga à prática protestante da família dela, foi atrás do mesmo templo, onde se

entendeu com o pastor, tendo adquirido um livro sagrado, que passou a ler com mais poderosa inspiração do que o glossário dos remédios, de modo que, quando se fez a pesquisa, lá estava ele dando seu testemunho de fé nos cultos diurnos da igreja.

Em malfadado dia, recebeu as tristes notícias de casa, em resposta à correspondência que se lembrou de enviar a antigo colega, porque lhe coçara no coração o desejo de demonstrar aos pais que não estava de todo mal na cidade que o agasalhara.

Não pôde, todavia, obter respostas concludentes sobre as dúvidas que o sucinto relato lhe provocou.

*“Se Ari morreu de overdose, deve ter caído nas mãos de algum explorador que não viu senão o lucro no comércio da droga. O mano deve ter reunido um bom dinheiro com a possível venda do resultado dos furtos caseiros, deixando tudo no bolso do traficante. Bem que o moleque vinha tentando levar as coisas de casa, o cretino! Se eu pudesse voltar, ia atrás dos criminosos. Nem para o tráfico essas pessoas têm talento! Se cevassem o rio, como costuma dizer meu pai...”*

A recordação da figura paterna lembrou-lhe o desemprego dele.

*“Se eu ficar sabendo que estão passando necessidade, remeto algum dinheiro, porque estou em débito para com eles. Como diz o pastor, a gente deve honrar pai e mãe...”*

Nesse ponto, não soube interpretar a frase que lera na carta do amigo: *“A sua mãe está de miolo mole, sempre na rua, com o seu pai correndo atrás dela.”* Mas punha o bestunfo para funcionar:

*“Eu perdi um irmão. Ela perdeu um filho. Como viu tudo acontecer na sua frente, deve ter ficado perturbada, ainda mais que os dois restantes também estão fora. Aliás, se eu pegar o Ovidinho, vou dar umas porradas nele, porque tudo aconteceu quando foi esfregar a faca na barriga do policial...”*

Esse estágio de revolta e tristeza se manteria por mais uma temporada, até o dia em que, já com namoro firme, deixou Aurélia apanhar na carteira a carta reveladora de algumas das situações esquisitas de sua vida anterior.

Não houve arrufos nem querelas. Mas Timóteo exigiu que o rapaz se explicasse, não acreditando nos indícios de que traficava e de que estava sendo procurado pela justiça.

Cleto faltou ao trabalho nos dois dias subsequentes, solicitando que relevassem a ausência e, numa reunião da congregação religiosa, sabendo o patrão presente, deu testemunho de si mesmo e do senhor, assumindo a vida pregressa, sem esconder quase nada:

— Irmãos, peço o perdão de Deus porque sou um grande pecador. Trafiquei, organizei quadrilhas de menores para furtos e assaltos, frequentei locais de prostituição, consumi drogas e fugi de minha cidade por causa de perseguição policial. Tenho um irmão detido por ameaçar a vida de uma autoridade e, recentemente, perdi outro, por ingerir cocaína em quantidade demasiada. Mas não posso condenar meus pais, que sempre foram muito bons e severos. O meu instinto é que era muito mau. E continuaria sendo, se não recebesse a assistência de Deus, pelas palavras e conselhos do nosso pastor e amigo, e se não fosse amparado por uma criatura temente ao Senhor, o irmão Timóteo, que me empregou e me vem dando o agasalho afetivo que só se dá aos filhos. Se não me quiserem mais na Igreja, aceitarei a vossa decisão. Mas se me acolherem como a um irmão arrependido, filho pródigo, ovelha que se desgarrou mas que se recolheu ao aprisco, ficarei

eternamente empenhado e prometo, solenemente, que não cairei jamais nas tentações do demônio. Aleluia! Aleluia!

Quem vasculhar o discurso, vai encontrar expressões que absolutamente não eram do vocabulário regular do capadócio. Mas o que fizera ele durante aqueles últimos dias? Procurara um discurso pronto, adaptara à sua situação, substituíra alguns termos segundo as sugestões do dicionário e omitira o interesse por Aurélia, a adulteração dos documentos de identidade e o novo colorido da cabeleira. Como explicou a Timóteo o nome diferente na missiva?

— Era o meu nome de guerra, para que a polícia não me identificasse.

A partir daquela sessão religiosa, passaria por um estágio probatório de vários meses, até que Aurélia demandou da família uma avaliação conclusiva da personalidade do pretendente. Não iremos, contudo, avançar ainda mais nos relatos das venturas e desventuras de Anacleto, para não perdermos a oportunidade da narrativa dos acontecimentos que envolveram, por aquela época, as demais personagens.

Cabe-nos ainda apenas simples referência ao fato de que os protetores espirituais da família de Timóteo incentivavam um desempenho cada vez mais honesto do jovem, imaginando, com certeza, que disso dependeria a felicidade de Aurélia.

### 13. LIBERDADE ÀS AVESSAS

Plínio, enquanto Cleto progredia a seu modo, tinha todo o tempo do mundo para as suas realizações. Nem Margarida perturbava mais, zumbi a cumprir as tarefas caseiras automaticamente, com a ideia fixa no filho que partira em definitivo para o etéreo.

Certa ocasião, Plínio desejou explorar o tema do destino das almas após o desenlace, a ver se dava ânimo à esposa:

— Querida, você tem-se martirizado demais desde que Ari se foi. Você mesma me levou ao centro espírita e não está suportando o fato de que as pessoas têm que passar por sofrimentos por causa do que fizeram em outras vidas. Como é mesmo o nome daquele que falou?

— Ariovaldo.

— Isso mesmo. Pois ele (você se esqueceu?) disse que a melhor maneira de a gente superar os problemas era fazendo tudo ao nosso alcance pelo bem das pessoas. Ele disse que a oração serve para dar tranquilidade para quem a gente pede e para nós mesmos que rogamos. Você tem rezado?

— Tenho.

— E por que tanto sofrimento? A gente nem está conversando mais... Será que você não está sendo muito orgulhosa, pensando que está carregando o mundo nas costas? E eu?...

Margarida olhou com tanta tristeza para o marido que este se calou. Então, ela fulminou-o:

— Onde está a felicidade que você me prometeu antes do casamento?

Plínio ergueu os braços como a suplicar ao céu que lhe desse inspiração mas capitulou mediante a consciência de que a realidade era o oposto do mar de rosas que descrevera à noiva. Teve força apenas para concordar:

— Você tem razão. De repente, não temos nada semelhante ao mínimo da alegria que sempre desejamos.

Não obstante, Margarida deu sinais de desequilíbrio:

— Sabe o que me está fazendo muita falta? O liquidificador...

Antes que atinasse o marido com o desaso da proposição, Margarida sumiu de sua vista.

Mais tarde, Plínio atendeu à porta uns policiais que traziam a esposa de regresso ao lar. Ela estava impassível e dócil e logo foi entrando, deixando o marido às voltas com as explicações que lhe eram exigidas. Dizia um dos guardas:

— Sua mulher foi detida numa loja, quando saía com um aparelho elétrico que retirou do mostruário.

— Santo Deus! Seu guarda, ela não está regulando.

— Isso é evidente, senhor. Só que ela deu muito trabalho para soltar o aparelho, dizendo que era aquele que o filho tinha levado embora. O senhor tem de vigiar a mulher, para que ela não saia por aí fazendo tolices. Se não fosse o doutor delegado conhecê-la, ela ia ficar no distrito.

Plínio não sabia o que dizer. Acabou por perguntar:

— Qual foi a loja e de quanto foi o prejuízo?

O policial deu as informações pedidas e se retirou.

Quando Plínio entrou, deu com a mulher descascando todas as frutas da geladeira. Ficou claro que ela iria demonstrar a falta que fazia o liquidificador.

De imediato, Plínio apanhou os documentos, foi até a loja citada, identificou-se, pediu desculpas ao gerente e às balconistas que passaram pelo drama com Margarida, abriu um crediário e retirou um aparelho para levar à esposa.

De volta, Margarida não estava. No fogão, borbulhava um resto de calda grossa de açúcar, com os pedaços de frutas incrustados no fundo negro da panela, da qual se desprendia um fumo espesso que já enchia toda a cozinha.

O coitado imaginou que a mulher teria voltado à loja, culpando-se pelo fato de não ter dito nada quanto a ir comprar o que ela tanto desejava. Mas as suas pesquisas foram vãs.

Tarde da noite, Moacir e Silvinho trouxeram Margarida, esclarecendo o que se passara. Tinha chegado ao escritório em que trabalhavam, perguntando pelo marido. Não houve quem a convencesse de que lá não se encontrava, despedido que fora. Parecia não atinar com o sentido das palavras. Mas não fez escândalo, propondo-se a esperar no saguão a hora da saída. De fato, quando todos debandaram, deram com ela sentadinha no banco lateral, completamente alheia às pessoas. Moacir e Silvinho interessaram-se pelo estado emocional da pobre mulher e propuseram-se a trazê-la para casa. No entanto, Margarida, dando mostras de reconhecer os dois, impôs uma condição para acompanhá-los, qual seja, a de que a levassem ao centro espírita, porque desejava muito conversar com o filho morto. Evidentemente, frustrou-se tal tentativa, ainda porque os trabalhos do dia não eram mediúnicos. Coube a Ariovaldo ficar com ela, tentando explicar-lhe as razões que Deus teria para fabricar-lhe a sorte horrível de sua vida. Quando Moacir e Silvinho regressaram de suas tarefas, precisaram fazer-lhe companhia, até que o prédio se esvaziasse, que foi quando se resignou a retornar a casa.

Por seu turno, Plínio contou os sucessos da tarde e rogou aos amigos que aceitassem o seu pedido de desculpas. Punha-se nas mãos deles para qualquer recomendação útil. Entretanto, nada disseram que ele não tivesse pensado, insistindo os dois que procurasse levar a esposa a serviço médico especializado em doenças mentais. Se fosse preciso, segundo o parecer clínico, que a internasse em algum sanatório público, onde estaria mais segura, recebendo os medicamentos e as atenções que seu estado exigia.

Plínio quis saber se o centro não oferecia nenhum atendimento nessa área.

Foi Moacir quem esclareceu:

— Leve-a amanhã à noite, que tem um médico de plantão. Ele vai poder orientar melhor.

O infeliz agradeceu o espírito de solidariedade dos amigos, prometendo que iria pensar a respeito do que haviam conversado. Estando muito cansados, saíram logo, mesmo porque Margarida não se dignou coar café, não tendo sequer voltado para se despedir.

Quando Plínio foi procurá-la, encontrou-a a acionar o liquidificador vazio, ameaçando, perigosamente, enfiar a mão no interior do copo. Só não o fez porque,

segundo Saldanha pôde comprovar, tivera muito medo de ter de renascer em outra encarnação sem os dedos ou a mão, o que lhe dava aos olhos uma direção de infinito.

No dia seguinte, logo cedo, Plínio colocou a mulher no carro e saiu atrás de alguma instituição que a abrigasse. Mas não o fez sem muitas lágrimas e forte tremor nas mãos.

## 14. TEMPO DE ESPERA

Logo no primeiro posto de saúde, Plínio encontrou a boa vontade de um médico de clínica geral, que diagnosticou forte anemia, decorrente, como supunha, de muito precária alimentação.

— Dona Margarida vem fazendo regime, senhor?

— Tenho notado que nos últimos tempos ela não vem comendo nem mesmo da comida que prepara para a família. Depois do falecimento de nosso filho menor, nem prepara mais as refeições. Comer, nestes últimos dias, não tenho visto.

— Vou dar-lhe uma receita e um pedido para diversos exames. O senhor tem recursos para ir a laboratório particular?

— Se não estivesse desempregado ou se tivesse recebido o que me devem, eu teria. Do jeito que as coisas andam, tenho de procurar o auxílio oficial.

Enquanto Plínio expunha as suas dores financeiras, o facultativo preencheu rapidamente uma folha do receituário, grifando alguns medicamentos que eram, conforme reiterou, imprescindíveis. Os que assinalou com X poderiam ser encontrados de graça ali mesmo. Em folha impressa, designou os exames que deveriam ser realizados nos próximos quinze dias. Num memorando próprio do centro clínico, requereu que se marcasse consulta com o psiquiatra.

Durante o tempo todo, Margarida permaneceu sentada sobre a maca do consultório, a olhar, na parede, uma figura de médico a tratar de um paciente, colocando-lhe a mão sobre a cabeça.

Ao saírem, Plínio verificou que somente três dos oito remédios foram obtidos no posto, embora dois outros estivessem indicados com X. Quanto à marcação da consulta, somente para dali a três meses. Plínio chorou as pitangas mas apenas conseguiu irritar a atendente.

O pobre marido adquirira forte receio de conversar com a mulher, desde a conversa da *felicidade conjugal não realizada*, entretanto, tomou coragem e perguntou:

— Margarida, por favor, me ajude. Que você acha que devemos fazer para conseguir os remédios?

— Para que existem as farmácias?

— E se forem muito caros?

— Você não compra.

— E daí?

— Você vai ao centro espírita e pede.

Plínio refletiu que as respostas tinham coerência e que mais doido deveria estar ele mesmo, porque fizera umas questões de fácil resolução.

Na farmácia, descobriram que, dos cinco remédios ainda em falta, apenas dois tinham condições de comprar.

Em casa, a indiferença de Margarida contribuiu para que tomasse os remédios sem protestos. No entanto, Plínio precisou determinar as doses e esconder os frascos porque, pela esposa, o envenenamento seria certo.

Um dos remédios era para abrir o apetite, de modo que Plínio fez o que pôde para pôr na mesa um almoço de boa nutrição, embora o arroz estivesse empapado e o feijão, empedrado. Em todo caso, conforme recomendou o médico, fritou um bife e fez uma salada de alface com rodelas de tomate e de cebola, lembrando-se de que eram todos alimentos que agradavam o paladar da mulher.

Preventivamente, colocou comida em apenas um prato e ofereceu-se para ministrá-la às colheradas. Margarida recusou-se peremptoriamente, sendo taxativa:

— Enquanto o Cleto, o Ovidinho e o Ari não se sentarem junto comigo, eu não vou comer!

E não comeu, por mais que Plínio insistisse com todos os argumentos disponíveis. Falou que o Cleto estava almoçando em algum restaurante, que Ovidinho recebia as refeições no centro de reabilitação de menores e que Ari, por estar no campo santo, não precisava mais comer. Nada surtiu efeito.

— Se eu lhe disser que Ari está aqui junto de nós, em espírito, esperando que a mãe recupere a saúde, você não pode dizer o contrário, porque sabe que o Espiritismo ensina que os seres que morrem voltam para ajudar os vivos.

— Voltam para ajudar ou voltam para perseguir.

— Você acha que Ari iria estar aqui para prejudicar a gente?

— Ele está aqui.

— Então?...

— Ele está aqui e não quer se sentar para comer.

— Você está vendo o menino?

— Eu sei que ele está aqui.

— E por que não quer comer?

— Ele está dizendo que eu fui a culpada de ter morrido e também de estar sofrendo.

— Por que ele está dizendo isso?

— Porque eu não quis dar para ele as coisas que ele levou embora e depois fiquei cobrando dele.

— Você está ouvindo tudo isso de verdade ou está imaginando coisas?

— Quem conhece a doutrina espírita sabe do que eu estou falando.

Plínio não conhecia nada, a não ser o que ouvira na palestra de Ariovaldo. Mas suspeitou de que, nesse ponto, a mulher não estava raciocinando direito. Em todo caso, fez um prodígio intelectual e saiu-se com esta:

— Você acha que deve colaborar com a ruindade dele, fazendo justamente aquilo que ele quer que você faça para se prejudicar? Se ele não quer que a mãe coma, é porque deseja ver você doente, internada no hospital ou enterrada no cemitério. Se você quer ajudar o espírito dele, como eu quero, deve ficar forte e lúcida, para ir ao centro espírita ouvir da própria voz dele o que tem a nos dizer, seja para o bem, seja para o mal.

O discurso foi bastante longo, alcançando parte do objetivo. Margarida perguntou:

— Quando é que a gente vai ao centro espírita?

— Esta noite mesmo.

— Então, eu vou me preparar.

— Antes, coma umas colheradas.

- Não vai dar tempo.
- Claro que vai. O centro abre às sete da noite. São duas horas.
- Vou colocar o meu chapéu e já vou esperar você no carro.

Plínio, coitado, não estava entendendo nada, porque Margarida não tinha chapéu nenhum. Como estivesse faminto, comeu um pouco do prato intocado pela esposa e foi à sala ver televisão. Para seu desespero, ao acionar o botão, ouviu um estalido, viu uma fumaça subir por detrás do aparelho e sentiu um forte cheiro de queimado.

*“Será que é alguma travessura do Ari?”*

Nisto ouviu a buzina do próprio carro. Margarida o chamava. Assim que a viu, percebeu que ela, não possuindo chapéu, estava com um boné do Cleto na cabeça, com a aba voltada para trás, conforme era hábito do filho. O rosto estava empoadado, os lábios carminados e as pálpebras coloridas. Mas o trabalho fora um desastre, dando a ela um aspecto triste e caduco. Num picadeiro, talvez fizesse sucesso. Em qualquer lugar, chamaria a atenção.

- Você sabe se há alguma atividade no centro agora à tarde?
- A casa do Pai nunca pode fechar as portas.

*“Comparar uma casa de alvenaria comum aos templos católicos demonstra que está fraca da cabeça. Mas vamos até lá. Se estiver fechado, aguardamos no carro.”*

Com extraordinária paciência, propôs-se Plínio a não contrariar a esposa, confiando em que os remédios, uma hora ou outra, fariam efeito. Com a desculpa de ir buscar os documentos e as chaves, bem como que precisava fechar a casa, entrou, rapidamente cortou um pão, pôs o bife no meio, colocou dentro de uma embalagem de supermercado e saiu, para não dar oportunidade a que Margarida se fosse sozinha. Achava que a convenceria a comer.

Chegando ao centro espírita, encontraram a porta aberta. Atendia-se à tarde às senhoras gestantes e outras mulheres carentes, desejosas de aprender algumas prendas domésticas, para poderem levar as cestas básicas da comiseração pública e algumas noções, do mesmo modo básicas, da doutrina.

No etéreo, Saldanha esfalfava-se para conduzir, fora do horário habitual, uma das principais figuras da benemerência daquela instituição: Dona Antonieta.

## 15. ATENDIMENTO FRATERNAL

Assim que entraram, logo foram encontrando pessoas conhecidas, sabedoras dos males por que passava a família. Sendo assim, bastaram umas poucas palavras para que se entendesse que Margarida estava precisando de auxílio.

Teria Saldanha logrado despertar a atenção de Dona Antonieta? Vamos ficar sem saber, porque deu na veneta de Margarida que necessitava conversar com a vizinha. Foi o suficiente para que ligassem para a casa dela e a chamassem, não tendo demorado mais do que quinze minutos para chegar.

Assim que entrou, Plínio foi ao seu encontro, com palavras de evidente pedido de alívio de sua carga:

— Bendita seja, boa amiga! Margarida está em crise de fraqueza, delirando, não falando coisa com coisa. Veja se a senhora consegue fazer com que coma um pouquinho, porque o médico disse que ela está sofrendo de profunda anemia.

— Calma, *Seu* Plínio! Vamos ver como é que ela está e vamos providenciar que restabeleça a razão. O senhor reparou nas roupas dela?

— Como assim?

— Estão enormes. A mulher emagreceu *horrores*.

Plínio prestou atenção no aspecto físico da esposa, surpreendendo-se com as metamorfoses que se operaram, como se, de repente, ela tivesse envelhecido dez anos. Vários sulcos profundos vincavam-lhe o rosto e, no pescoço, uma pele macilenta, entrelaçada de rugas, denunciava a perda do conteúdo que a vinha mantendo lisa.

O coração do homem fez-se pequenininho. Sem saber por que, saiu da sala e pôs-se a andar pelos corredores e pátios, encontrando aberta a porta da saída, em cujo degrau se sentou, cabeça entre os joelhos, a rogar, sem saber que o fazia, pela misericórdia divina.

Nessas horas, parece que a mente humana prega umas peças incompreensíveis, de forma que, como atoleimado, insistia em repetir, no pensamento, a frase do desenho: "*Mulheres, iates, mulheres, mansões, mulheres, dinheiro, mulheres...*"

Lá dentro, Margarida abraçou-se demoradamente com a amiga, derramando muitas lágrimas, como a pedir perdão aos seres superiores por haver falhado no cumprimento da missão.

Antonieta deixou-a extravasar os sentimentos, em silêncio, enxugando ela mesma lágrimas de comiseração pela dor da outra. Assim que foi possível, passou-lhe um lenço úmido pelo rosto, limpando os excessos de maquilagem, restaurando a cor primitiva, esquelética pele que ganhou um pouco de rubor pelo esfregão.

Sem dizerem nada, caminharam até a cozinha da instituição. Margarida foi acomodada junto à mesa, diante de um prato de sopa. Incentivou-a Antonieta, enchendo um prato para si mesma:

— Você vai me acompanhar neste caldo quente. Depois a gente conversa a respeito de tudo o que está acontecendo a você, ao seu marido e aos meninos.

Margarida, graças a Deus!, aceitou tomar tantas colheradas quanta via a companheira ingerir, de sorte que, se Antonieta não estava com fome, se obrigou, de qualquer modo, a comer.

Saldanha exultava, sabendo que, sem que o físico esteja bom, a mente não raciocina direito e o espírito fica estagnado, a marcar passo, sem possibilidade de progresso.

Quando Antonieta percebeu que aquilo era o máximo que conseguiria, pediu que fossem buscar o marido, para que se entendessem.

— *Seu Plínio*, o senhor aceita também um prato de sopa?

Tirou ele do bolso o embrulho com o sanduíche:

— Eu trouxe este lanche porque pensei que a gente ia ficar esperando abrir o centro. Se a senhora me permitir, eu vou aceitar um pratinho, porque estou com fome.

Trouxeram o caldeirão, encheram um prato, deram-lhe uma colher e ele pôs-se a sorver o caldo, como se praticasse um ritual sagrado, alimentando muito mais o espírito com a tranquilidade da mulher do que o corpo com a comida. Não teve pejo em pegar a carne do bife e colocar no meio do prato, comendo-a aos nacos, cortando-a com a faca que lhe emprestaram, ao mesmo tempo que partia o pão e ensopava os pedaços que ia levando à boca. Para cada movimento que fazia, tinha uma palavra íntima de agradecimento ao Pai, como se estivesse comungando da fraternidade universal, através daqueles simples elementos. Sentia perpassar-lhe pelo corpo um frêmito de paz, tanto se derreara naquelas últimas semanas pelos trágicos eventos de que fora vítima.

Terminada a ligeira refeição, acompanhada com interesse por todos os presentes, como se estivessem compreendendo o que ocorria ao infeliz, Antonieta perguntou:

— Margarida, explique para a gente o que você veio fazer aqui. Na outra noite, você queria conversar com o jovem Ari. E agora?

A inquirida não atinou com o sentido da questão e respondeu:

— Você não ficou sabendo que eu conversei longamente com ele?

— Sobre que vocês falaram?

— Ele me contou que está num lugar maravilhoso, cheio de amigos, que largou o vício e que se encontrou com o meu avô, que está cuidando dele com muito carinho.

— Muito bem! Muito bem!

A pobre mulher olhava insistentemente para o Plínio, querendo saber o que de verdade havia naquilo. Plínio entendeu e consertou:

— Nós viemos buscar dois remédios que ficaram faltando na lista que recebemos do doutor, no posto de saúde. São estes dois.

Antonieta examinou os nomes, levantou-se, foi à farmácia e, pouco depois, voltou com os frascos:

— Por sorte, nós temos e vamos dar-lhes. Eu sei que estão passando por momentos muito difíceis, mas, assim que puderem, restituam em espécie, para recompormos o estoque. A gente é pobre e trabalha com a boa vontade do povo. Esses remédios não são dos mais baratos...

— Foi por isso que eu não pude comprar. Mas, logo que receber o dinheiro do Fundo, trago de volta.

Antonieta sabia que o vizinho fora mandado embora de um bom emprego e que deveria ter alguma reserva. Foi por isso que estranhou o pedido e instou na restituição.

Plínio complementou as explicações:

— Eu sinto muita vergonha em dizer, mas o nosso Ari levou as nossas economias para comprar a droga com que se envenenou. A senhora me perdoe a franqueza...

— Fique tranquilo, vizinho, que a vida reserva muitas surpresas para todos nós. A gente pensa que vai indo muito bem e, quando menos espera, recebe uma descarga elétrica no temporal das desgraças...

Não concluiu a frase das palestras proferidas nas reuniões do centro. Julgou-a exagerada naquela circunstância, pomposa e absolutamente incoerente com o real sofrimento do casal, que rogava pela benemerência alheia, mesmo porque a sua própria existência carnal fora pontilhada apenas de momentos de muita felicidade, não sabendo exatamente o que significava a dor da perda de um filho, de um irmão ou de um pai. Passou-lhe pela mente que os avós morreram, mas estavam velhinhos e partiram sem traumas morais de monta.

Pode parecer aos leitores amigos que estejamos estendendo o nosso assunto porque temos poucos episódios a acrescentar ao prato de comida restaurador dos ânimos. Avaliem o quanto de páginas vêm por aí e saibam que estamos demorando-nos na descrição dos acontecimentos daquela tarde, primeiro, porque deu tempo para que cada personagem refletisse com vagar a respeito de cada pequenino gesto ou ideia e, segundo, porque têm sido tão melancólicos os capítulos que temos a obrigação de dar um pouco de conforto emocional aos que acompanham a história. Não foi uma boa ideia?

Enquanto os três aguardavam que alguém tomasse a iniciativa de voltar para casa, os remédios que Margarida tomou foram fazendo seu efeito, de sorte que chegou o momento de ela repousar a cabeça sobre os braços postos sobre a mesa, entregando-se a um sono pesado.

Não havia acomodação apropriada, de modo que, com a ajuda de algumas mulheres, Margarida foi posta no banco traseiro do carro e levada embora pelo marido. Com algum esforço, este a conduziu ao leito, sentindo, junto ao seu, o corpo debilitado da esposa. Não estava, como ele mesmo constatava, exatamente magra. Mas o exagero de gordura tinha diminuído bastante, conforme ele tinha notado em relação aos furos do próprio cinto que ameaçavam terminar.

Enquanto a carregava, perpassaram-lhe diversas lembranças pela mente, cujo resultado foi levá-lo a pôr-se diante do aparelho de televisão queimado, onde desfilaram muitos quadros obscurecidos de sua vida.

## 16. A SOLIDARIEDADE CONTINUA

Nem adianta reproduzir aqui o *cineminha* mnemônico do nosso herói. Quem é que, em tendo mais de trinta ou quarenta, não se deteve já para lembrar os fatos mais penosos e os mais felizes, tudo fazendo para reviver as emoções prazerosas ou descobrir as relações de causa e efeito entre os episódios desagradáveis? Quem não gostaria de volver atrás para gozar de novo as delícias dos momentos felizes ou para desfazer os transe dolorosos que deixaram sequelas de culpa ou rastros de tragédia?

Pois o êxtase sentimental de Plínio durou cerca de quarenta minutos, ao término dos quais cerrou os olhos e adormeceu.

Queria Saldanha que o pupilo buscasse explicações para os diferentes problemas na tese espírita. Não conseguiu porque Plínio estava por demais preso à voluntariedade das pessoas, para compreender que partilhara com a farinha, os ovos e a manteiga para o bolo das tristezas. Imaginava que Simões não tivera tempo para protegê-lo, partindo para o cemitério antecipadamente. O mesmo quanto a Ari. No que respeita ao encarcerado e ao fugitivo, perguntava-se qual a sua participação nos acontecimentos desastrosos, se vinha trabalhando *feito um condenado* para manter a casa fornida de alimentos e de agasalhos. Fora pelo seu trabalho que a residência pertencia ao patrimônio familiar e mais o carro e todos os objetos, que dívida nenhuma havia para saldar, exceção do liquidificador, para cujo financiamento precisara da escritura definitiva da casa, porque o emprego se esfumagara e a carteira de trabalho assinalava a data da demissão. Não era o momento mais oportuno mas pegou no sono vendo as mulheres indo embora, o dinheiro criando asas, as mansões ruindo e os iates, no fundo do oceano.

Duas horas depois, ao redor das seis e meia, tocaram a campainha.

Eram Antonieta, Moacir, Silvinho e, fato extraordinário, Ariovaldo.

— Vamos entrando, por favor.

Deu um sorriso especial à vizinha, demorados abraços em Moacir e Silvinho, apertou significativamente a mão do palestrante, dizendo-lhes:

— Vão sentando que eu vou ver se Margarida está acordada para passar um cafezinho.

Antonieta antecipou-se:

— Se o senhor me permitir, vou ver como é que ela está. Quanto ao café, não vai ser necessário, pois estamos indo ao centro. Viemos ver se vocês querem ir junto.

Sem esperar resposta, como se conhecesse a anatomia do prédio, foi entrando, indo diretamente para o quarto do casal.

Enquanto isso, Ariovaldo se apresentava:

— Não sei se o senhor...

— Diga você, senão vou ficar inibido.

— Que seja. Você está sabendo que sou médico?

Plínio, que deveria sabê-lo, porque foi como se fez a apresentação dele antes da conferência, ficou desconcertado pela tentativa de mostrar-se íntimo.

— Pois bem, ontem aconselhei que sua esposa consultasse um facultativo. Antonieta disse que isso já ocorreu...

— Sim.

— Certamente, deverão ser realizados certos exames.

— Se quiser, eu lhe trago a lista.

— Não vai ser preciso. O importante é que, estando ela anêmica, é preciso impedir que se instale um processo infeccioso contra o qual o organismo não será capaz de apresentar defesa. Por isso, é importante providenciar os remédios, que sejam ministrados de acordo com a posologia recomendada e que as refeições sejam nutritivas, porque os complexos vitamínicos e de sais minerais não serão suficientes para colocarem a sua esposa perfeitamente sã. Eu não estou preocupado, ainda, com os aspectos psicológicos, mas o estado de desnutrição causa delírios que podem perfeitamente contribuir para a ilusão de que muitas coisas que aconteceram no passado ou com outras pessoas fiquem registradas como fatos atuais. Por exemplo, ela pode pensar que se alimentou, sem ter levado nada à boca. O contrário também é possível, ou seja, comer duas vezes no período de uma hora, julgando estar com fome. Em suma, cada caso é um caso. Você...

Silvinho complementou:

— Plínio...

— Você, Plínio, prosseguiu o médico em seu estilo de expositor, me perdoe a aula e este sentido de obrigação de fazer tudo certinho, bem como o atropelo das palavras ditas como quem vai *livrar o pai da força*. No entanto, é preciso organizar a vida, para dar ao tratamento da saúde da esposa a prioridade que requer. Por outro lado, insistem estes seus devotados amigos e colegas que você tem de frequentar as reuniões em que se cuida dos vícios, porque eles têm medo de que os seus dois mais velhos sigam na esteira do que transgrediu as leis físicas, alijando-se da própria vida, suicídio involuntário, uma das mais graves ofensas contra as leis de Deus. Desculpe-me de novo pelo tom didático com que estou falando ao senhor, mas veja em minhas expressões o desejo mais digno de respeitá-lo e de levá-lo a conviver conosco, readquirindo a alegria natural de quem tem sucesso em suas empresas. Está de volta a nossa Antonieta. Deve estar interessada em nos dizer algo.

— Em verdade, eu quero declarar que Margarida dorme a sono solto. Dada a importância da presença do *Seu Plínio* na reunião do centro, se estiver de acordo, eu fico tomando conta dela e o senhor vai com os outros. Se me permitir, vou dar um trato na cozinha, porque as comidas estão à disposição dos insetos.

Plínio não estava acostumado com tanta mordomia. Sentiu o rosto avermelhar mas não teve tempo para tartamudear qualquer agradecimento. Pediu um tempinho para se arrumar e, dez minutos depois, apresentou-se penteado e de camisa limpa, com a indefectível gravata do escritório.

Não vamos perder tempo contando tudo o que acontece nesse tipo de encontro de pessoas estressadas, pela ânsia de superação dos graves dramas de suas vidas. Plínio não se sentiu à vontade, a todo momento buscando o apoio invisível da esposa, a quem entregava a palavra nessas situações públicas. O momento mais angustiante se deu quando precisou demonstrar o quanto estava sofrendo pelos profundos desgastes em tantos aspectos de sua vida. Nesse ponto, foi auxiliado pelos amigos, que se encarregaram de descrever as crises mais fortes do destino.

A comiseração pela dor das perdas se acentuou, quando o grupo foi capaz de perceber a estreita amizade que unia os três contabilistas, tendo Moacir e Silvinho permanecido um de cada lado de Plínio, durante toda a sessão.

Todo o segmento da reunião em que se tratou das tragédias da nossa personagem não levou mais do que quinze, no máximo, dezessete minutos. Todavia, para o coitado, ficou a impressão de que mais da metade das duas horas do encontro foi dedicada a ele. Sendo assim, não levou para casa muitas das informações que lhe transmitiram, precisando os dois amigos insistirem para que compreendesse que precisava, urgentemente, tirar o Ovídio da reclusão e trazer de volta o mais velho.

— Vai ser difícil...

Desta feita foi Moacir quem se manifestou:

— Conte conosco para o que der e vier. Se for preciso, acionamos o nosso departamento jurídico, ou seja, os nossos dois companheiros advogados, que saberão o que providenciar junto aos órgãos de defesa dos direitos dos menores. Temos também como localizar o Anacleto, acionando justamente as pessoas que estiveram na reunião, cujos parentes drogados podem estender uma rede para colheita de informações. Penso que não seria impossível.

Quando Plínio entrou em casa, sentiu logo um cheiro apetitoso proveniente da cozinha. Lá encontrou as louças lavadas e guardadas, o chão limpo e a comida no fogão.

Antonieta foi logo expondo:

— Fiz o que pude mas tem muito mais para fazer. É preciso cuidar da roupa, do banheiro e do pó da casa toda. Sem asseio, vai ser muito complicado para a saúde de Margarida.

— Como está ela?

— Dorme ainda. Nem percebeu que o senhor saiu. Mas está muito tarde e tenho de ir cuidar da minha casa. Amanhã, a gente decide qual vai ser o melhor para vocês. Boa noite, *Seu Plínio!*

— Muito obrigado, Dona Antonieta! Deus lhe pague! Deus lhe pague!

Saldanha queria que o infeliz deduzisse que a doutrina espírita fundamentava o procedimento de toda aquela gente. Não logrou êxito. O máximo que Plínio inferiu foi que deveria aplicar-se com mais energia para fazer com que a mulher voltasse a trazer a casa um brinco.

## 17. A VIDA AOS PEDACINHOS

Na manhã seguinte, entrou em cena a cunhada, Dona Hortênsia, chamada por Antonieta, pelo receio desta de que Plínio não desse conta das tarefas de enfermeiro, de cozinheiro, de faxineiro e de provedor.

Chegou e já foi reclamando de tudo:

— Esse *pamonha* está com histórias. Como é que foi perder o emprego? Vagabundeava, sem dúvida, porque não tem iniciativa para nada que não seja ir daqui até o bar, até o futebol e que sei eu de mais antros do vício e da perdição. Não é à toa que deixou o Arizinho morrer, Ovidinho agredir o policial e o Cleto desaparecer. Agora vai matar a mulher, porque, polenta mole, não consegue fazer nada que preste.

Enquanto falava, ia arrumando as malas da irmã com os pertences dela, sem autorização nem reclamação do cunhado. João, o marido de Hortênsia, apenas servia para carregar para o carro os embrulhos e pacotes, acomodando-os em silêncio.

A mulherzinha acordou a irmã e fez questão de perguntar sobre os remédios:

— O que é que você está tomando que o médico receitou?

Margarida, coitada, não sabendo onde estava e confundindo as pessoas, caiu de joelhos a implorar perdão:

— Mãe, eu fui culpada de tudo! Perdoe-me, pelo amor de Deus, porque estou em falta com a minha família. Não cumpri as minhas obrigações e agora tenho de procurar o Ari no centro...

A menção ao centro levou Hortênsia a concluir que fora o marido quem transgredira os princípios canônicos do Catolicismo, de que ela era fervorosa e fiel seguidora. Tanto bastou para desancá-lo:

— Se você, palerma, está pensando que vai dar vez aos demônios para tomarem posse de minha irmã, está muito enganado. Não apareça em minha casa. Mais tarde, se ela quiser voltar, quando estiver boa, isso é com ela. Por enquanto, vou assumir a responsabilidade de cuidar da saúde dela. Veja que nem me reconheceu...

Plínio quis explicar o seu papel mas, a um gesto do concunhado, preferiu permanecer calado. Evidentemente, Hortênsia estava preparada para refutar qualquer argumento, porque não podia aceitar nenhum resquício de culpa por parte da irmã quanto aos acontecimentos que pulverizaram a família. Então, o contabilista colocou em confronto o haver e o dever, aguardando que houvesse equilíbrio nas contas de quem se propunha a auxiliá-lo, mesmo que nada houvesse requisitado.

— Responda você quais os remédios e as doses.

Plínio esclareceu que eram necessários tais ou quais procedimentos, entregou os papéis do posto de saúde, deixou claro que precisavam ser realizados os exames assinalados e que havia uma consulta marcada. Fez tudo muito meticulosa e automaticamente, como a entregar o posto ao substituto, como no escritório.

Enquanto o casal acomodava a mudança no carro, Margarida foi à cozinha, pegou uma jarra, encheu de água e foi despejar sobre o aparelho de televisão. Plínio correu e chegou a tempo de evitar o banho:

— Que é que você está fazendo?

— Estou regando a plantinha.

— Que planta coisa nenhuma. Faz tempo que o vaso foi parar no quintal.

Jogada a água, Plínio devolveu a jarra à mulher, justificando:

— Para flores inexistentes, a água não importa que esteja em estado gasoso.

*“Então foi assim que a televisão pifou! Santo Deus! E eu querendo botar a culpa no defuntinho. Perdão, meu filho!”*

A ocasião, porém, não favorecia grandes lucubrações filosóficas ou doutrinárias, de modo que, de forma mais prática, pôs-se ele a deslocar o pesado aparelho que repousava sobre uma cômoda, para levantar o tapete, a fim de examinar os estragos no assoalho. Acertou na mosca: lá estavam formando-se algumas placas malcheirosas de mofo.

Meia hora depois, estava sozinho, livre para correr atrás da documentação que lhe daria o direito de receber o salário de fome dos desempregados.

Dois dias depois, foi visitar o preso. Lembrara-se de que pedira seus objetos pessoais, roupas, antigos brinquedos, livros, cadernos e tudo que pudesse transformar em dinheiro (o que ele não dissera), para os fins que tinha em mira. Entretanto, Plínio fora prevenido na reunião que nada que os internos pedissem deveriam receber, porque o comércio aviltava os produtos para a aquisição dispendiosa dos psicotrópicos e demais estupefacientes. Levou apenas, para não chegar de mãos vazias, um pacote de bolachas e outras guloseimas, pensando em adoçar os lábios do respondão.

Foi um desastre o encontro. Assim que tomou conhecimento de que a mãe não estava, Ovidinho percebeu que não alcançaria manipular o pai. Pegou o pacote, em meio a muitos palavrões, e sumiu da vista da atônita criatura que lhe dera origem.

Plínio procurou imediatamente o setor administrativo, desejando conversar com alguém com responsabilidade. Depois de mais de duas horas de espera, foi recebido por uma psicóloga, que anotou, nas fichas do recluso, todas as queixas que o pai fez questão de registrar. Só depois disso é que esclareceu:

— O seu filho, *Seu Plínio*, é dos mais rebeldes; por isso, está no pavilhão dos que são considerados perigosos. Isso é muito ruim para ele, porque os outros são mais experientes, mais desonestos, mais viciados, mais criminosos, e não dão chance nenhuma a que os novatos prevaleçam. Inclusive, agem através de brutalidade, sem nenhuma consideração pelos que demonstram fraqueza. Quando os jovens são mais acessíveis...

O pai resolveu engrossar o caldo:

— Estou vendo que a senhora não está querendo obrigar o meu filho a me aceitar. Vem com essas histórias que eu não posso resolver. Até parece que não só o meu filho mas todos são irrecuperáveis. Eu não quero saber de mais nada. Quero que a senhora (veja bem, estou sendo delicado e estou pedindo por favor), que a senhora me diga o que é que eu devo fazer para levar o meu filho embora daqui.

A psicóloga, talvez por ter recebido ameaças muito piores, dignou-se a folhear o processo, fingindo que não sabia os termos em que se solidificava a permanência do garoto no isolamento social. Depois de certo tempo, tendo demonstrado interesse pelo caso e avaliado que Plínio se acalmara, mostrou o despacho do juiz, crente de que o homem não saberia ler o que estava escrito. Mas Plínio calcou o dedo sobre o papel, impedindo que a

funcionária puxasse o calhamaço, tendo lido, para surpresa sua, que o supracitado e qualificado indivíduo deveria permanecer sob a guarda dos poderes públicos até o encerramento do processo de número tal, que corria sob tal vara.

— O senhor entendeu? O seu filho, para sair, precisa de outra ordem do juiz.

Demonstrando insatisfação com a atitude do pleiteante, a mulher abandonou-o sozinho, sem *até logo*, sem aperto de mão, sem sorriso convencional, sem sequer um olhar compassivo de *boa sorte*.

Plínio não facilitava as coisas para si mesmo. Em lugar de enfrentar os problemas, ficava a imaginar que superaria todos os obstáculos dedicando-se aos aspectos formais da doutrina espírita, como no caso do Ovídio, que julgava, nos refolhos da consciência, que viera para pôr à prova a sua paciência, no intuito de mutuamente resgatarem os seus débitos. Sendo assim, raciocinava que era melhor que ele ficasse aqueles três anos no reformatório, para, depois, sair com a responsabilidade dos maiores de idade.

Não via nele, com olhos humanitários, a entidade espiritual revestida por densidade corpórea. Também não via o filho como um ser de carne e osso necessitado de esclarecimento e apoio. Não correlacionava as obrigações paternas com os deveres filiais, passando a distância do preceito basilar do *honrai o vosso pai e a vossa mãe*, do decálogo mosaico. Mal-e-mal se recordava de ter sido um dia agasalhado pelos progenitores.

Mas essas ideias, como intuições, foram criando raízes em seu coração, de modo que a morte do Ari, em momento de profunda depressão, fez com que ansiasse por encontrar-se com os amigos do centro espírita.

De passagem, devemos referir-nos ao fato de, por duas ou três vezes, ter saído para reunir-se aos *habitués* dos bares da redondeza, não os achando dispostos a conversar seriamente sobre tema algum. Ao derredor de uma garrafa de cerveja e de uns salgadinhos, queriam saber da escalação deste ou daquele jogador de sua preferência, como ainda disputavam o significado de algum acontecimento violento ou sobre a ruptura dos padrões vigentes por algum ocupante de cargo nos escalões do governo. Quando muito, davam-lhe pêsames tardios pelo passamento do filho ou demonstravam conhecer a paranoia que assoberbara a mente de Margarida. Adentravam, imediatamente, de forma resoluta, nos processos costumeiros de alienação do momento, com a manifesta intenção de fugirem das pressões profissionais ou familiares. Queriam apenas distração, buscando certo prazer em se perturbarem através do álcool e do fumo.

Houve um momento em que Plínio pareceu persuadir-se desse roteiro dos perdulários do tempo, perguntando ao grupo:

— Quando, até uns meses atrás, eu vinha participar do chopinho, vocês me achavam este *chato de galochas* que pareço hoje?

Um deles, mais chumbado pela bebida, observou:

— Você não é chato mas, como aquele ministro, *está chato*, porque traz o peso da desgraça para o nosso meio. Se bebesse até cair, talvez não nos obrigasse a nada. Mas fazendo perguntas desse tipo, só atrapalha a nossa felicidade. Eu brindo a isso.

Plínio, na hora, não entendeu que o outro pudesse ter razão. Mas, como também não tivesse o que responder, pediu desculpas e voltou para casa, sem ter sequer tocado

num copo de cerveja, mesmo porque o dinheiro estava muito curto e mal daria para uma única garrafa.

Uma hora depois, cruzava os batentes da porta de entrada do centro espírita, sem saber exatamente o que havia ido fazer ali.

Foi recebido com festas por Ariovaldo, que desejava muito saber como estava Margarida.

— A irmã levou-a embora e me proibiu de ir vê-la. Faz uma semana que estou sem notícias. Quando ligo para lá, a empregada diz que está tudo bem e mais nada.

— Se precisar da gente, estamos às ordens.

— Hoje é dia de palestra?

— Hoje as reuniões são reservadas e não públicas. Não sei se os doutrinadores aceitarão a sua presença. Em todo caso, vamos ver se Moacir já chegou e eu deixo você com ele. Certo?...

— Está bem.

De fato, Moacir estava recolhido a uma das salas, sentado à mesa de reuniões, perante uma pilha de livros, lendo um deles. Assim que deu com o ex-chefe, abriu um imenso sorriso e levantou-se para abraçá-lo:

— *Seu Plínio*, foi muito bom que tivesse vindo espontaneamente. Eu e Silvinho precisamos muito conversar com o senhor, mas não aqui. O senhor pretende assistir à função desta noite?

— Para falar a verdade, eu não sei bem o que quero. Acho que preciso conversar seriamente com alguém sobre os acontecimentos que me envolveram nestes últimos tempos, porque estou me sentindo aéreo como nunca antes. Mas se for estorvar, fico no corredor...

— Se não tiver medo da presença dos espíritos, eu o convido para assistir à doutrinação, que vamos começar dentro de dez minutos. Apenas, não poderá ficar ocupando um lugar na mesa. Vai ter de se sentar na fileira junto à parede. Algum problema?

— Nenhum.

Ato contínuo, buscou uma cadeira, não sem antes receber um livro das mãos do amigo, com a recomendação de que lesse um trecho qualquer. Por sorte, tinha levado os óculos de leitura, de modo que pôde acomodar-se com o volume aberto ao acaso. Era um exemplar de ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, de Allan Kardec.

Deu com o seguinte trecho:

*“Quando a morte vem ceifar em suas famílias, levando sem respeito os jovens antes dos velhos, vocês dizem geralmente: Deus não é justo, porque ele sacrifica quem é forte e cheio de futuro, para conservar os que viveram por longos anos, cheios de decepções; porque ele leva os que são úteis e deixa os que não servem mais para nada; porque ele despedaça o coração de u’a mãe, ao privá-la da inocente criatura que dava toda a sua alegria.”<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Kardec, Allan — **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Trad. inédita de Wladimir Olivier.

Foi-lhe difícil decifrar todo o conteúdo de tão pequeno excerto, pois as lágrimas escorriam insopitáveis. Mas não sentiu vergonha ou receio de ser mal interpretado. Dava simplesmente vazão aos sentimentos que se despertaram pela recordação dos filhos e da esposa.

*“Um dia, eu quis abandonar tudo, trocando uma vida sem cor pelas luminosas praias do Nordeste. Hoje, daria o que me cobrassem, a minha alma talvez, para ter de volta Margarida, Anacleto, Ovídio e Ari. E todas as preocupações de pai...”*

Mas não houve mais tempo nem para o pranto nem para os remorsos, uma vez que sua atenção se voltou para os trabalhos mediúnicos.

Quem já compareceu a uma sessão de doutrinação, sabe que, após as preces de abertura, leem-se dois ou três tópicos de alguns livros selecionados, enquanto as luzes são amainadas e o som é desligado. Em seguida, o orientador encarnado solicita dos guias espirituais que tragam alguns irmãos do etéreo necessitados de informações ou conselhos. Assim que um dos médiuns dá passividade, põe-se o espírito a comunicar-se através dele, respondendo às perguntas que lhe são endereçadas pelo responsável pelos esclarecimentos. É assim que os dramas das entidades são referidos, prescrevendo o doutrinador, que é o nome que se dá ao dirigente da reunião, este ou aquele procedimento moralizado pelas normas extraídas das recomendações evangélicas de Jesus. Quando desconhece o espírito o fato de que se encontra em plano diferente ao dos terrenos, se demonstra a ele, com delicadeza e tato, que precisa compenetrar-se do mundo em que ingressou.

Plínio perguntava intimamente qual o nome e qual a história de cada um, porque lhe parecia que tratar episodicamente de pacientes ocasionais era passível de engodo ou de ilusão da parte dos médiuns. Contudo, não obteve nenhuma informação precisa, como nome de família, localidade da moradia, época do desenlace vital e outros dados que revelassem a verdadeira identidade do manifestante. Guardou, no entanto, as dúvidas que lhe brotaram para futuro questionar junto aos amigos. Não queria, por outro lado, perder a oportunidade de contatar qualquer parente ou conhecido que frequentasse as regiões umbráticas, tendo-se concentrado a ver se vinha alguém a seu chamado. Não veio, ou melhor, se veio, ele não soube reconhecer. Talvez um que disse ter falecido há pouco tempo por uma síncope cardíaca pudesse ser o Simões, mas não deu nenhuma pista de que fosse ele mesmo.

*“Quem sabe um desses que estão escrevendo me traga as notícias que estou pedindo.”*

Frustrou-se mais uma vez, porque nenhum dos médiuns escreventes ou psicógrafos, conforme foram designados na hora, tinham captado nenhuma mensagem dirigida particularmente a alguma pessoa.

A principal consequência da noitada foi que Plínio, gentilmente, se escusou quanto a conversar com os dois amigos, voltando para o lar despojado de alguns preconceitos religiosos.

Gostaríamos de relatar o dia a dia de Plínio, a partir do momento em que se compenetrou de que estava realmente sozinho, ainda não totalmente afeito à ideia de que tinha protetores e obsessores do lado espiritual. Em todo caso, queria crer em que tudo o

que presenciara na noite da reunião mediúnica condizia com a verdade, mesmo quando o médium imiscuía seus pensamentos e emoções aos comunicados recebidos do mundo transcendental.

Os matizes dos revolteios psíquicos vão ser referidos pelas ações, de modo que devem os leitores estar atentos para os significados morais de cada procedimento. Por exemplo, no dia seguinte, levantou-se cedo, pôs-se diante do aparelho de televisão, matutando para quem poderia vendê-lo e por quanto. Percorreu a vista pela sala e foi avaliando qual o capital que levantaria com a venda de todas as peças. Foi aos dois quartos, entrou na cozinha, vasculhou o quintal e, chegando à garagem, pôs-se a imaginar sem o carro:

*“Terei de ir de um lado a outro a pé ou de condução. As compras faz tempo que não preciso transportar nele. O trabalho acabou. Se tiver necessidade de voltar a dirigir um desses, será porque estarei com novo emprego. O melhor vai ser causar-me esse problema. Verei como me viro.”*

Foi assim que alienou o veículo, seguindo-se os poucos aparelhos eletrodomésticos e eletrônicos, os móveis e demais petrechos, esvaziando os cômodos, passando nos cobres inclusive os velhos tapetes e as cortinas. Só não vendeu uma das camas de solteiro, a mesa da cozinha e as respectivas cadeiras, o fogão, a geladeira e o liquidificador. Quanto a este, fez questão de, com o dinheiro apurado, quitar o carnê, porque não se admitia endividado. Conservou também um guarda-roupa, mas vendeu a máquina de lavar e até o ferro elétrico. Muitos trastes e roupas de pequeno valor pediu aos do centro espírita que viessem recolher.

Esvaziou a casa porque, assim pensava, não tinha precisão de oferecer a ninguém mais o bem-estar material que fora a sua luta da vida inteira.

No próximo final de semana, quando foi procurado pelos dois colegas de trabalho, deu-lhes a impressão do mais absoluto domínio sobre todos os seus pertences. Sabia onde cada coisa estava, porque reservara um local para cada coisa. Quando lhe pediram uma folha de papel para anotações, não tinha.

Foi Silvinho quem estranhou:

— Chefe, o senhor está nos extremos da penúria!

— Não é verdade. Vou tornar-me, se for preciso, o maior *pão-duro* da *paróquia*, mas não vou mais correr atrás de dinheiro. Se for preciso, passo adiante a casa e vou morar nalgum albergue.

Moacir não conteve o riso, contagiando os outros dois, que passaram a rir sem saber exatamente por quê.

— Pois, quanto a mim, caríssimo Senhor Plínio Saldanha, não acredito em nada disso, porque eu sei que você não irá recusar a nossa oferta.

Silvinho acrescentou:

— É verdade, viemos como Satanás para a tentação da glória terrena. Ou seja, viemos para um convite, conforme Moacir vai expor.

Plínio antecipou-se:

— Posso adivinhar?

Os dois acederam por meio de gestos.

— Pois bem, vocês estão com medo de serem despedidos, porque devem estar treinando alguns membros efetivos da igreja evangélica no trato dos bens financeiros...

Saldanha, no plano espiritual, analisava a desenvoltura da expressão do afilhado e sorria, percebendo que havia bom humor e sagacidade nas observações. Pensava ele:

*“Mas este é um bom sinal! Quer dizer que os sentimentos já não se norteiam pelos problemas individuais. Plínio está preocupando-se com o próximo. É um recomeço muito promissor...”*

Não lhes parece claro que a conversa terminou em acerto, quanto à abertura de um escritório contábil em sociedade? Foi isso mesmo que tiveram para comemorar, precisando Silvinho ir ao empório mais próximo buscar meia dúzia de latas de cerveja não alcoólica, que beberam sem estar gelada.

Emocionou-se Plínio com o fato de ter sido designado como ocupante do principal cargo, mantendo-se a antiga hierarquia. O problema mais premente era a falta de recursos, mas, enquanto dessem encaminhamento à papelada, todos teriam recebido os valores que lhes eram devidos, Plínio mais prontamente e os outros dois um pouco mais tarde, porque deveriam ajustar-se às exigências financeiras dos patrões.

Demorou para Ovídio receber o pai durante as visitas a que este não faltava. Um belo dia, em lugar de mandar o repetido recado de que fosse tratar da própria vida, ei-lo que vem em pessoa para conversar.

— Meu filho, obrigado por me receber!

Era atitude com que o mequetrefe não contava, todavia, não se perturbou:

— Estou precisando de um favor muito importante.

Plínio pôs-se prevenido quanto às drogas mas interessou-se, tendo em vista que as palavras não se faziam acompanhar de impropérios:

— Pode dizer sem medo de ouvir nenhum sermão.

— Preciso fazer uma tatuagem.

— E daí? Você já fez tanta coisa...

— Você está começando um sermão...

— Desculpe. É que, para se tatuar, não sei por que está pedindo permissão.

— Que permissão, que nada! Eu não quero contrair AIDS...

— E as picadas nunca lhe preocuparam?...

— Fiz exame de sangue. Aliás, todos os da minha ala fizeram, e o meu resultado deu negativo.

— Graças a Deus!

— Acontece que muitos que estão comigo contraíram a doença.

— A direção, sabendo quem é portador do vírus, vai separá-los, com certeza.

— É o que dizem para as verbas em que estão de olho. Mas a verdade é que vai ficar todo mundo junto mesmo.

— Vou pôr o advogado em cima do caso.

— Já tem mais de vinte. Ou você pensa que só eu tenho pai?

— E para que a tatuagem, agora?

— Aí é que está. Eu tenho ficado na minha. Não abro a boca mas sou obrigado a olhar feio para muita gente. O pessoal, apesar de mais velho, me respeita, porque pensam

que eu espetei o *delega*. E eu não sou tonto de desmentir ninguém. A fama é de que não devem mexer comigo. Também não *dou bandeira*. Mas, como você pode imaginar, muitos saem e outros entram. Se um desses novos vier se engraçar comigo, vou ter de meter-lhe uma lâmina no bucho.

— Não faça nunca isso, pelo amor de Deus!

— Você não sabe o inferno que é isto aqui. Sem a tatuagem para impor respeito na hora, posso ser apagado por um metido a besta qualquer.

— E o que você quer de mim?

— Vou mandar um cara com uma lista de material. Você pode comprar ou dar o dinheiro. Vou mandar alguém de confiança e você vai ver, depois, a tatuagem, para saber que não comprei droga nenhuma.

— Vocês não têm esse material?...

— E como é que você acha que muitos estão com AIDS?

No mesmo dia, Plínio morreu com uma quantia superior à que julgara suficiente, mas não quis saber de procurar os melhores preços. Pelo menos para isso serviu o dinheiro que tinha arrecadado.

## 18. TRABALHO EFETIVO

Da mesma forma que recebeu com muita alegria a notícia de que poderia ser útil à comunidade, profissionalmente, Plínio também foi convidado a participar dos trabalhos do centro espírita, na condição de colaborador junto ao Departamento de Assistência Social. Trocando em miúdos, davam-lhe tarefas de operário, qualquer que fosse a necessidade do momento. Foi assim que começou por empilhar livros para a pulverização de inseticida na biblioteca. Em outra oportunidade, vestiram-no com um macacão desajeitado e deram-lhe uma brocha para a pintura de algumas paredes. Na cozinha, foram ensinando-lhe a cortar, descascar, picar e tirar caroços e sementes, mas impediram-no de temperar. Junto aos departamentos da contabilidade e da tesouraria, apenas deu palpites, porque os dois amigos tomavam conta de tudo. Iria demorar para ser chamado aos estudos na qualidade de membro efetivo de alguma turma, mas também por lá acabou passando, apesar de não ser muito bom para a leitura e interpretação dos textos.

Chegamos aonde queríamos, ou seja, informar que os livros da codificação não avançavam à sua frente. Quando muito, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* ia sendo lido um pouco em casa, um pouco com o grupo, mas não de forma sistemática. *O Livro dos Médiuns* iria ficar a menos de um quarto. *O Livro dos Espíritos* chegará ao fim um pouco antes do desfecho da narrativa. *O Céu e o Inferno Segundo o Espiritismo* foi o que mais de perto lhe falou à sensibilidade, principalmente quanto aos depoimentos e mensagens mediúnicas. *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo* resumiram-se às pesquisas a respeito das passagens dos evangelhos para entendimento das explicações doutrinárias. E só.

Essas dificuldades era natural darem aos dirigentes das sessões mediúnicas a ideia de que poderia haver inata tendência para a captação das vibrações providas do campo espiritual. Colocado, porém, em turma de desenvolvimento da mediunidade psicofônica, embatucou, porque se preocupava demasiado com o desempenho alheio, sempre curioso de constatar a veracidade dos acontecimentos referidos pelos espíritos.

Em conversa franca com Ariovaldo, Plínio desembuchou:

— Doutor, estou muito mais para a materialidade do que para a espiritualidade. Sei que devo progredir, caso contrário, ao desencarnar, vou passar longa temporada no Umbral, conforme tenho ouvido os palestrantes dizerem. Se não for importante o serviço braçal que tenho prestado, vou sofrer até entender o objetivo do segundo ensinamento, ou seja, o de que devemos instruir-nos.

Ariovaldo admirava-se de que o interlocutor se manifestasse com tanta precisão, fluência e clareza, enquanto se dizia incapaz de algo mais sério no âmbito dos estudos. Não desejando desdizer o amigo, contornou o problema:

— Vejo que você entendeu perfeitamente a necessidade do conhecimento superior dos fenômenos materiais e espirituais, segundo as explicações de Kardec. Isso está mais que evidente. Se não se trata de puro receio de equivocar-se, ou melhor, se não for um bloqueio mental provocado por íntimas desconfianças de que existe muita falsidade nas atividades do centro, quer no campo da assistência aos carentes, quer no da doutrinação

dos espíritos inferiores, o seu problema se resolverá a qualquer momento, quando obtiver sucesso no contatar o plano espiritual. Pode parecer absurdo o que vou dizer, mas sugiro que se ofereça para a escrita mediúnica.

— Tenho lido o que os outros escrevem e não acho que vou sequer fazer algo parecido.

— Não lhe peço para que escreva. Peço para que tente. Tudo o que lhe brotar no pensamento, seja o que for, escreva.

— Mas eu tenho ouvido frequentemente que o principal é o cuidado com a intenção dos maldosos...

— Isso você vai ter de confiar aos mais experientes. Se eles disserem que a sua mensagem se trata de tentativa de enganar, de perverter, vai dar ensejo a algumas boas discussões.

— Será que vamos conseguir classificar o grau de adiantamento do espírito, como está em *O Céu e o Inferno*?

— Talvez essa não seja a parte mais importante. Mas você deve concordar comigo que a sua primeira reação foi a de aceitar tacitamente que a mensagem não foi de sua lavra. Não é isso sinal de que concebe a possibilidade do trabalho?

Na próxima reunião, advertido por Ariovaldo, o dirigente da sessão admitiu Plínio na condição de escrevente, destinando-lhe uma mesa à parte, melhor iluminada, onde se dispôs a receber as notícias dos amigos trazidos pelos guias do centro.

A primeira página que escreveu veio com o selo da assinatura do *Mestre Evaristo*, personagem desconhecida, que Plínio atribuiu a um nome de rua, porque jamais lidara com alguém que assim se chamasse. Dizia:

*“Graças a Deus! Aqui estou com a incumbência de informar que estou muito bem. Graças a Deus! Vocês podem dizer aos meus familiares que devem parar de chorar? Eles estão me perturbando a recuperação do abalo da morte. Quando as pessoas sofrem na Terra, os espíritos sofrem no espaço. Tenham piedade de mim, por favor! Um abraço amigo, em nome de Jesus! — Mestre Evaristo.”*

Plínio escreveu o texto muito depressa, não querendo pensar sobre as ideias que lhe surgiam aos borbotões, para não dar uma sequência sua. Mas impressionou-se deveras com a solicitação de levar aos familiares aquela notícia auspiciosa e aquela recomendação bastante lógica e coerente com os ensinamentos que vinha recebendo. Sendo assim, empolgou-se com o trabalho realizado, bloqueando outras possíveis manifestações.

Em dado momento da reunião, o orientador, vendo-o com a pena em suspenso, chamou-lhe a atenção:

— *Seu Plínio, continue escrevendo, por favor!*

Imediatamente, pôs-se a redigir outra mensagem que teve o seguinte teor:

*“Graças a Deus! O irmãozinho que está pegando o meu ditado deve esforçar-se mais para prestar atenção aos pensamentos que lhe estão sendo transmitidos pelos que desejam escrever. Lembre-se do Chico Xavier. Se ele não se dedicasse a transcrever o que lhe vinha à mente ou à mão, quantos livros ficariam para sempre desconhecidos dos encarnados. Agora que está velho, está na hora de outros médiuns buscarem desenvolver-se, para dar prosseguimento à obra dos espíritos comandados por Emmanuel. Pense muito nisso,*

*querido confrade. Que as bênçãos de Jesus nos cubram de paz e bem-aventurança! — João Evangelista.”*

Plínio quase não escreveu o nome sagrado que se atribuía a entidade. Mas, lembrando-se do que lhe dissera Ariovaldo, atreveu-se a registrá-lo, na esperança de que os companheiros soubessem como resolver o problema.

Ao término da sessão, após a prece de encerramento, Plínio foi convidado a ler as duas páginas. Tremeu bastante mas conseguiu ir até o fim do primeiro texto.

Foi um alvoroço. Discutiram-se a autenticidade do nome e a verossimilhança das informações. Ninguém conhecia o tal de *Evaristo* mas deram crédito ao conteúdo, mesmo porque, muito recentemente, justo aquele tópico do choro a prejudicar os mortos fora motivo de uma conferência. Depois de muitas idas e vindas, resolveram que a mensagem deveria ocupar um lugarzinho no quadro de avisos, quem sabe a despertar a parentela de alguém com aquele nome. Ninguém se apresentando, pelo menos a parte doutrinária não havia sido transgredida.

Se havia Plínio tremido antes, ao ser solicitado para a leitura da segunda mensagem, empalideceu. Mas teve suficiente sangue-frio para solicitar o testemunho do orientador para o fato de que fora ele quem o incitara a voltar a escrever. Aí leu o texto, omitindo o nome do mensageiro. Não pôde negar que havia um nome, mas exigiu:

— Só digo quem escreveu depois que me disserem se o texto presta.

Houve tumulto, educado, silencioso, polido e sentencioso, mas os corações se apertaram com temores de obsessão à vista.

O orientador, percebendo o movimento desusado entre os colegas, impôs certa ordem aos raciocínios, conforme imaginou quais seriam as objeções e as qualidades reconhecidas no texto:

— Ninguém nega que o grande médium mineiro, o nosso Francisco Cândido Xavier, esteja velho... Ninguém nega que o serviço prestado por ele ao Espiritismo foi de grande relevância... Ninguém nega que tal serviço merece prosseguir para benefício da humanidade... Ninguém nega que existe um pensamento norteador da mensagem, dando-lhe contextura quanto aos raciocínios... Ninguém nega que a linguagem não cede à vulgaridade, embora também não se apresente literária, talvez por ser a peça excessivamente curta... Ninguém nega que a chamada de atenção do médium corresponde exatamente ao fato de eu lhe haver pedido para dar passividade... Ninguém nega que o espírito que se comunicou não hesitou em utilizar-se do nome sacratíssimo do senhor, demonstrando que não teve medo de ofendê-lo...

À medida que o instrutor ia desfiando as razões, o povo ao redor da mesa ia acalmando-se, orientando os próprios pensamentos pelas razões aventadas.

— Alguém deseja acrescentar mais alguma coisa?

Um dos presentes, lembrando-se da condição de novato de Plínio, foi taxativo:

— Acho que todos nós concordamos que o texto, apesar de curto, está suficientemente bem redigido e que podemos dizer, sem reservas, que presta. Eu mesmo, contudo, não vejo nada de excepcional no conteúdo e me resguardo quanto à sugestão declarada de que o nosso amigo escrevente venha a ser o tal substituto do Chico. Particularmente, eu acho que haverá muitos, porque a sua riqueza medianímica vai ser difícil de ser encontrada num só médium.

Aí, se houvesse tempo, iriam ficar debatendo por mais de hora. Mas, olhando para o relógio, o dirigente da sessão pediu que Plínio declinasse o nome do mensageiro, criando-se forte expectativa.

— Antes de lhes dizer qual o nome que me ditaram, devo revelar que estas são as minhas primeiras peças consideradas mediúnicas e que seria extrema pretensão da minha parte imaginar e muito menos informar por escrito que sou eu aquele que irá ocupar o lugar do mais perfeito médium conhecido. Quanto ao nome, eu não queria escrever, sendo o primeiro a rejeitá-lo, a não ser que me digam o contrário. Trata-se de *João Evangelista*.

Silêncio absoluto. Saldanha e demais espíritos presentes divertiam-se com as reações de cautela dos encarnados. Todavia, coube ao doutrinador encerrar o assunto:

— Vamos fazer de conta que tenha sido a grande personalidade do discípulo mais amado por Jesus quem tenha comparecido para nos oferecer esses conhecimentos. O que cada um deve trazer pronto para a próxima semana, como dever de casa, é se a preocupação com o trabalho mediúnico estaria nas cogitações de espírito de tamanha luz. Quanto a você, Plínio, não se entusiasme muito e aguarde com paciência o desfecho de nossas meditações.

Aquela iria ser uma semana de muita ansiedade para o nosso herói.

## 19. OVÍDIO FOGE DA PRISÃO

O que existe de mais natural dentro das instituições cujo objetivo é o de resguardar a sociedade de elementos perigosos é o pensamento de que a liberdade deve ser alcançada de qualquer jeito. Em outras palavras, sempre as pessoas, seja qual for a circunstância, desejam algo melhor ou, se possuem tudo o que poderiam querer, buscam preservar o que têm, providenciando para que as condições de regalia ou de felicidade perdurem.

Ovídio não comandou mas apoiou todo o movimento de revolta dos enclausurados. Houve determinado momento em que precisou ameaçar um funcionário de morte. Não hesitou e arrastou-o pelos cabelos por um longo corredor.

Deveríamos relatar as cenas de violência? Fica a pergunta aos mais sensíveis, porque repugna a nós fazê-lo. Julgamos inútil a descrição dos acessos de cólera, porque o resultado mais habitual é o da destruição dos objetos, dos móveis, dos prédios. Muitas vezes, nem raiva existe mas cálculo, como no caso de se incendiarem várias salas importantes da diretoria ou as oficinas de aprendizagem e trabalho, para que os que cuidam da segurança corram para a defesa de um setor, deixando outros menos protegidos. Se houver surpresa, como é do conhecimento de todos, será possível abrir diversas frentes, para que o máximo possível de detentos possa escapar.

O que houve a lamentar nessa sedição foi a morte de dois menores às mãos de inimigos internos por vingança. Apenas para consignar, devemos dizer que um dos assassinados havia sido marcado para morrer; o outro foi um dos executores que encontrou a indigitada vítima prevenida.

Durante o tumulto, Ovídio assistiu a todas essas cenas dantescas, ou não haveria razão para nos referirmos a elas. Fique o registro para futuras apreciações morais.

Pois bem, uma vez na rua, imediatamente contatou os meliantes que lhe dariam cobertura do lado de fora, retirando-se das imediações dos prédios por meio de um carro roubado. Se Plínio buscasse a prometida tatuagem, iria decepcionar-se, porque o dinheiro serviu para subsidiar a fuga.

Ora, um dos comparsas era aquele mesmo da correspondência do Cleto, o qual forneceu o endereço e arrumou a mesma carona para conduzir Ovídio até o irmão.

Era a época em que Anacleto precisou dar testemunho do Cristo, mais precisamente, dois dias depois, de forma que o encontro deles se deu em clima tenso.

— Que veio você fazer atrás de mim?

— Não vou morar debaixo de sua saia. Mas vou querer dinheiro para ir para outra região.

— Você sabe que é culpado de eu estar aqui?

— Você não vai me acusar de ter matado o Ari, vai? Ou que foi por minha causa que a mãe ficou maluca? Se disser que o pai perdeu o emprego...

— O que eu quero saber, Vidinho, é se o dinheiro vai servir para comprar os baseados do seu vício.

— Primeiro, preciso cuidar de mim mesmo. Depois, vou pensar em como posso sobreviver.

— Se você está disposto a ficar uns dias escondido, eu arrumo uma pensão de confiança, ponho você num emprego...

— Se for para ganhar a miséria que pagam aos *boys*, nem pensar...

— Eu tenho um plano. Se você quiser ouvir, muito bem. Eu esqueço tudo o que você fez e abro as portas para um dinheiro cada vez mais fácil.

Ovídio, à menção da segurança financeira, fez com que o irmão expusesse detalhadamente o que havia bolado, para que o outro não deixasse *a casa cair*.

— Você não notou, Vidinho, nada diferente em mim?

— Tudo está diferente: o cabelo, a roupa... Não tem tomado sol?

— Você vai ter de se disfarçar. Como está careca, vai precisar ficar escondido por uns tempos, até o cabelo crescer. Enquanto isso, vou providenciar os seus documentos e vou ver se uns óculos de *bacana* ou de intelectual modificam a sua cara. E vai ter de comer bastante para ganhar mais corpo, que eu pretendo aumentar a sua idade. Eu quero saber se você tem *mandado ver*.

— Você vai acreditar no que eu disser ou qualquer coisa vai servir para me dizer que não é verdade?

— Quando você me obedecia, tudo não *andava nos trinquês*?

— Durante todo o tempo que eu fiquei lá, puxei fumaça só três vezes.

Neste ponto, ofendeu os pais ausentes com palavras de baixo calão, dizendo que o único dinheiro que conseguiu foi com muita malícia.

— Isso é muito bom. É sinal de que você vai aguentar ficar sem, por mais algum tempo. Mas, se quiser comemorar a saída, eu acho que vai botar tudo a perder.

— Você está no comando, chefe.

Só então Anacleto adquiriu confiança para contar muita coisa do que fizera até aquela data, concluindo:

— Quando chegar a hora, você vai dar testemunho na igreja, modificando algumas partes da história, conforme nós iremos combinar.

— Qual é a jogada, afinal? Ficar trabalhando como vendedor? Isso não é o que pretendo para mim. Eu acho que você está de olho na herança do patrão...

— Também, mas existe muito mais do que isso na parada. Confie em mim.

Naquela noite, Ovídio dormiu clandestino nos fundos da farmácia, sob a vigilância do irmão. No dia seguinte, procuraram uma sauna e, enquanto Ovídio passava por uma limpeza completa de pele, inclusive cuidando das unhas das mãos e dos pés, Anacleto foi comprar-lhe roupas sociais e uma mala, para lhe dar o aspecto de viajante. Mais tarde, com os óculos sobre o nariz, foram ao templo e solicitaram dos pastores agasalho por algumas noites, até que se ajeitasse nalguma pensão.

— Não vai ser de graça, querido. Vamos pedir que nos ajude no que for necessário.

À vista do sinal de positivo de Cleto, Ovídio teve de ceder, imaginando como é que iria sair daquela *gelada*.

Saldanha acompanhou toda a aventura do agora mais novo membro da família do pupilo, não tendo ficado nem um pouco satisfeito com o desempenho dele durante a fuga nem com as vibrações de desagrado que faziam prejulgar forte tendência para a traição.

Achava que o mais velho estava expondo-se a sérios riscos de perder a estabilidade que vinha mantendo às custas de muita sagacidade e inteligência. Por isso, redobrou as solicitações de esclarecimentos aos protetores, para que pudesse auxiliar os jovens a desvencilharem-se dos vícios e da malandragem.

## 20. ARI

Já é hora de nos ocuparmos do espírito de Ari, que permaneceu durante alguns meses sob tratamento fluídico, em nosocômio de uma das muitas colônias espirituais.

Chegou em estado lastimável, tendo perdido a oportunidade de crescimento através do resgate dos débitos que contraíra, em épocas anteriores, em relação às pessoas da família. Como se integrara na carne completamente, o que ocorre aos perispíritos por volta dos sete anos de idade do corpo físico, teve um período de educação amorável que deixou de aproveitar.

Estas reflexões apenas se deram no âmbito dos responsáveis pela subjugação dele às diretrizes do carma, uma vez que a tomada de consciência da situação moral haveria de custar-lhe muitos anos de sofrimentos e frustrações, na recitação do *miserere* compungido de quem percebe, enfim, que poderia ter feito muito mais.

Chegou Ari como se não tivesse desencarnado. Em todo caso, foi possível aos socorristas manterem-no alheio aos contundentes efeitos das drogas no organismo perecível, porque, desde que imergiu nos sonhos e fantasias da alienação psicotrópica, passou a julgar a realidade como o produto das sensações de poder ou de domínio sobre a organização espiritual. Em termos mais simples, conservaram-no com a perturbação que trouxera da vida, para poderem exercer uma linha de cuidados com o objetivo de lhe assegurar, paulatinamente, que estava sendo merecedor da atenção de seres cuja qualidade moral não era difícil de conceber.

Se tivesse arribado no Umbral sem assistência e se os seus mais diretos adversários não estivessem encarnados, cairia, indefectivelmente, nas garras de espíritos maldosos, os chamados obsessores, cujo comportamento está ainda muito longe das prescrições evangélicas, porque retêm apenas ódio nos corações. Sob esse aspecto, até que a morte o desobrigou de novas realizações contrárias às leis de evolução, de amor e de trabalho, principalmente.

Margarida, que trazia o coração enlutado, crente de que causara os principais problemas que culminaram na morte do filho, adotou o sistema de pedir por ele durante todo o tempo em que se mantinha em vigília. Procedia como autômato, desligada do mundo, mas sem rancor, sem falsa piedade de si mesma, sem acerbas acusações contra os desmandos finais do filho querido. O enfraquecimento orgânico fora contornado a tempo, de modo que, quando Ari acordou no leito hospitalar, Margarida também despertava para a necessidade de compreender os mecanismos do carma, tanto que, um dia após a fuga de Ovídio, Plínio encontrou-a entre os frequentadores do centro espírita.

Interessa-nos, no momento, porém, seguir um pouco adiante com Ari, para depois volver ao plano terreno.

— Quem se julga no direito de me prender aqui? — foi logo perguntando ao homem vestido de branco ao seu lado.

— Você não está preso. Precisou ser internado por causa de uma dose excessiva de drogas. Você está lembrado disso?

— Quanto tempo faz desde que isso aconteceu?

— Vários meses, ou melhor, quase um ano.

— E como é que estou me sentindo forte? Eu não devia estar um trapinho?

Realmente, durante aquele tempo, foram feitos muitos esforços no sentido de dar ao corpo espiritual a aparência de quando o menino estava saudável. Por outro lado, o socorrista responsável por assisti-lo em sua recuperação estava preparado para desencadear a metamorfose das recordações da última peregrinação terrena, amparando-o, caso se visse de novo sob as feições anteriores ao encarne.

— Onde você pensa que está?

— Num hospital de desintoxicação do governo. Quando vou poder sair daqui?

— Você poderá sair quando for capaz de raciocinar com clareza a respeito de tudo o que tem feito.

— Só tenho feito o que acho o melhor para mim.

— Essa conclusão é bem plausível.

Interrompemos o diálogo porque julgamos oportuno esclarecer que o pensamento de Ari correspondia ao de um ser adulto. O que trouxera de infantilidade ao etéreo residia no campo das emoções. De fato, mesmo quando vivo, o seu raciocínio se pautava por uma lógica quase irrepreensível. Para não gerar confusão, devemos firmar o ponto em que errara: nas premissas, ou seja, nos fundamentos sobre os quais elaborava os raciocínios e extraía as conclusões. A partir do momento que elegera as drogas como a saída para o prazer e para a contingência da vida, todos os seus atos se deram no sentido de efetivar aquela conquista. Pensamos que não será muito difícil de entender que, no etéreo, os princípios mentais, vamos assim dizer, diferem bastante daqueles do comum dos mortais.

— Meus pais têm vindo visitar-me? E meus irmãos?

— Quais são as suas lembranças quanto a cada um deles?

— Quanto a meu pai, sei que perdeu o emprego. Ovidinho estava preso. Cleto desapareceu. Minha mãe endoidou.

A derradeira informação não poderia ter sido arquivada enquanto vivo. Foi-lhe fornecida em estado sonambúlico, nas várias ocasiões em que Margarida, enquanto dormia, veio ter com ele.

— Seu pai está em vias de formar um escritório de contabilidade. Seus irmãos estão juntos numa cidade do interior e trabalham para viver. Sua mãe está quase recuperada dos destrambelhos mentais. E você, como é que se sente?

— Posso falar a verdade?

— Mentir é que não pode.

— Acho que vou precisar de uma dose...

— Você tem sido conservado em estado letárgico por sedativos leves, para que os médicos possam induzi-lo a recuperar a lucidez mental. Quer dormir novamente?

Ari não esperava tanta condescendência mas não foi capaz de preservar a mente aberta ao diálogo. Os remédios que lhe deram aqueles minutos de clarividência esgotavam o seu poder, de forma que a vontade indômita do adolescente rebelde iria chegar à superfície das ações dentro em breve. Foi assim que perdeu o sentido da existência, mergulhando fundo nas reminiscências da derradeira romagem carnal.

Em lugar de lhe aplicar o costumeiro tratamento de repouso forçado, o amigo com quem conversara resolveu dar-lhe uma descarga de caráter energético, suficiente para

mantê-lo sob a impressão de que estava justamente no lugar em que se imaginava, com as pessoas que julgasse presentes, como se a ilusão fosse a realidade. Veremos logo mais a que visavam os cuidadosos socorristas, que desejavam livrá-lo da sobrecarga dos vícios, compenetrados de que o suicídio involuntário se dera por ignorância, por força da impregnação à personalidade de péssimos valores mundanos.

## 21. UMA NOITE MAGNÍFICA

Antecipamos o encontro no centro espírita entre Plínio e Margarida. Na verdade, precisamos dizer que cada qual foi até lá com sua própria ansiedade: Plínio, meio desesperado por não obter nenhuma notícia do filho fujão, cheio de desconfianças de que havia sido eliminado e incinerado num dos incêndios da rebelião; Margarida, meio esperançosa, em busca de sadio contato com o espírito do filho morto.

Quando Plínio chegou, lá estava a esposa levada pela irmã. Dona Hortênsia cedera aos instantes pedidos da doentinha, atribuindo-lhe o tenaz exercício da vontade ao fato de estar sob os efeitos dos excitantes químicos, uma vez que ao médico pareceu que a paciente precisava vencer as barreiras da melancolia, forma poética de mencionar a depressão neurotizante.

Saldanha, que interpretava bem as ondas de vibração emitidas desde a profundidade do espírito, não se deixava enganar pelas desculpas da pobre religiosa, sabendo que havia um desejo natural de comprovação da existência dos espíritos e de sua possibilidade de comunicação com os vivos. Se se comprovasse, iria ter no que pensar, em trabalho intelectual pouco comum; se não se comprovasse, poderia converter a *demente* (aí mais que nunca) para o Catolicismo. Hortênsia, contudo, não corria nenhum risco, porque presumia que, qualquer fosse o resultado da reunião, sempre poderia atribuir as manifestações às forças infernais, resolvendo qualquer problema de consciência no confessionário.

As duas estavam sentadas na segunda fileira, à orla da mesa em que se desfeririam os trabalhos mediúnicos. Foram admitidas por intercessão de Ariovaldo, é claro, pois julgava ele que o estado emocional de Margarida suportaria a provação de um contato infeliz com o espírito do filho.

Plínio, sem que dessem pela sua presença, sentou-se três fileiras atrás, pondo-se a observar a figura da esposa, deixando-se impressionar por sua incrível modificação. Bem tratada, vestia-se com roupa nova, justa, deixando as formas trazerem ao marido as reminiscências de vinte e tantos anos. Recuperara a matrona os encantos da juventude, despertando o esposo para os feitiços que sobre ele exercera nos tempos do noivado e das primícias conjugais.

Copiosas lágrimas começaram a brotar dos sentimentos confusos que dominaram a psique de quem se supunha solteirão ou, mesmo, viúvo. Contudo, sem saber se poderia manter uma conversa lúcida com ela, Plínio ficou imobilizado por longo tempo. À medida que as pessoas foram chegando, teve de reaver o domínio sobre si mesmo, instado que foi a cumprimentar os amigos, até que Hortênsia acabou por descobri-lo naquela angústia.

Através de gestos, perguntou à cunhada se poderia aproximar-se. Recebeu como resposta um sorriso aberto que jamais poderia imaginar lhe fosse enviado pela prepotente figura. Além do sorriso, a mão acenava num *venha até aqui* irresistível.

Tímido, Plínio contornou os renques de cadeiras e foi sentar-se ao lado da esposa. Chegou estendendo a mão mas recebeu um abraço carinhoso, em que não faltaram sussurros do mais puro afeto:

— Querido, quanta saudade! Quanta saudade!

Ao que correspondia:

— Que bom que você está melhor! Graças a Deus! Jesus nos abençoou e os irmãos da espiritualidade atenderam as minhas preces.

Nos tempos da penúria do relacionamento, Margarida teria, com certeza, se saído com alguma observação em que entraria a figura do médico e a contribuição dos remédios. Agora, agarrando-se fortemente ao homem que lhe dera a aliança, repetia:

— Amém, Jesus! Amém, Jesus!...

Hortênsia espantava-se com a energia expandida pelas vibrações sentimentais do casal. Queria pensar em algo como saudade provocada pela necessidade de o homem tomar conta da casa. Mas não se atrevia a duvidar da verdadeira onda de tórrida paixão que faiscava daquele encontro físico. O máximo que conseguiu desaproveitar foi o fato de tanto transbordamento se dar na presença de congregação reunida com finalidades espirituais. Não obstante, pôs a mão sobre os braços do Plínio, que se cruzavam nas costas de Margarida, como a apoiar a manifestação emocional.

Quando se afastaram para poderem olhar-se nos olhos, perceberam que as lágrimas embaciavam a visão e o outro parecia envolto por halo de misteriosa luz. Demorou para voltarem a si do deslumbramento que a redescoberta do companheirismo proporcionou.

Quando Hortênsia pretendeu dizer algo pertinente, intrometeu-se entre eles o Ariovaldo, cômico de que o casal havia transposto a pior fase da crise conjugal. Com Ariovaldo, vieram Moacir e Silvinho, aplaudindo, sem alarido, o amplexo que haviam testemunhado com imensa alegria.

Sem esperar nenhuma palavra da irmã, Margarida virou-se para ela e lhe deu, desfeito em pranto, um abraço quase tão longo quanto o anterior. Enquanto isso, o marido era reconfortado pelos amigos.

Como se atrasara na compreensão da melhora da saúde mental da mulher, logo chegava a hora de se abrir a sessão. Convidado a assumir um lugar junto aos médiuns, Plínio cortesmente enjeitou, julgando-se perturbado para as atividades de intermediação entre os planos. Passou-lhe pela lembrança que deveria receber conselhos quanto às mensagens e aos nomes atribuídos aos autores, contudo, esse episódio sofreu ponderável redução quanto à importância e ao interesse.

De mãos dadas permaneceriam durante toda a reunião, ora o marido afagando-lhe a rugosa pele, ora premendo suavemente, como a indicar venturosas lembranças; seja a mulher sentindo a rudeza da palma em apertão temeroso de recaída, seja recebendo no dorso a doçura de um beijo maravilhado.

É que, a certa altura, se ouviu, através da voz de um dos médiuns, a notícia de que estava presente um jovem que se iludia quanto à condição existencial, julgando-se vivo, confessando-se viciado e declarando que surrupiara os objetos da residência paterna para aquisição de drogas.

— Qual é o seu nome, meu filho?

— Ari.

Para o casal, o momento foi de grave expectativa, ficando cada qual suspenso pelas revelações que se fariam; ela, quase indisposta pela desconfiança de que receberia sérias acusações; ele, pela necessidade que previa de requerer aos beneméritos da espiritualidade que se atenuassem o mais possível as penas e sofrimentos do menino.

Vamos deslocar o foco narrativo para o plano espiritual e testemunhar como é que Ari foi conduzido a reconhecer-se em outra esfera.

Para ele, o ambiente continuava sendo o de uma sala ampla e limpa, com a cama em que estava deitado, duas cadeiras junto a ela, onde estavam os seus pais e um médico de pé, ao lado, com quem mantinha conversação.

— Você reconhece alguma pessoa presente?

— Reconheço, sim.

— Gostaria de dizer quem são?

— Meu pai e minha mãe.

— Quais são os nomes deles?

— Plínio e Margarida.

— Você está achando alguma mudança neles?

— Estão bem diferentes. Emagreceram muito e trazem no rosto as marcas de grandes sofrimentos.

— A que você atribui esses sofrimentos?

— Eu acho que estão assim porque meu pai perdeu o emprego e meus irmãos estão longe de casa.

— Será que eles não estão tristes por sua causa também?

— Certamente. Eu dei a eles motivo para ficarem com raiva de mim.

— Você acha que, só porque você vendeu alguns objetos que subtraiu de casa, iria provocar tanta dor?

— Não foi por isso. Foi porque comprei a droga e eles devem ter ficado sabendo, porque me trouxeram para este hospital e alguém deve ter falado que sou viciado.

— Não quer conversar com eles?

— Se for para me xingarem, é melhor não.

— E se você prometer que nunca mais vai cheirar cocaína ou fumar craque?

— Isso eu não posso prometer.

— Por que não?

— Porque eles iam saber que era mentira.

— Mas faz tanto tempo que você está longe das drogas...

— Você falou mas eu não acreditei. Agora, vendo os meus pais nesse estado, pode bem ser que já se passou um ano ou mais.

— Volto a perguntar: não quer falar com eles?

— Não vou prometer nada mas posso pedir que me desculpem os transtornos que causei.

— Que transtornos?

Nesta altura, Ari já não estava convicto de suas condições mentais. Tudo ao derredor começava a girar. Imediatamente, o protetor lhe pôs as mãos sobre a cabeça, dando-lhe mais uns instantes de lucidez. Foi quando perguntou:

— Por que é que eles estão assim quietos? Por que não se aproximam e não dizem nada?

— Quer ouvir o que eles têm para dizer?

— Claro!

— Ouça a sua mãe.

Tal como no plano da realidade, a Margarida que o filho enxergava manteve-se no lugar. Entretanto, foi possível ao enfermo ouvir claramente:

— Querido, você está sendo muito bem tratado. Por que é que insiste em manter tanto rancor contra a gente?

Surpreendido com a censura, Ari declarou:

— Eu só posso agradecer a vocês dois o fato de me haverem posto no mundo. Não sinto nenhum ódio em meu coração.

Súbito, as figuras do pai e da mãe começaram a adquirir novos contornos, como se a transmutação oferecesse novas informações ao rapazinho.

— Que é que está acontecendo com eles?

— Estão revelando a você uma nova identidade.

— Mas são meus inimigos, aqueles que enfrentei e que me prometeram perdoar tudo o que eu fiz contra eles...

— E eles cumpriram. Você está lembrado do que eles lhe disseram?

— Falaram para confiar neles que iam me levar para a casa deles.

— E não levaram?

— Claro que não!

— Claro que sim! Basta que você saiba ver neles o seu pai e a sua mãe.

Ato contínuo, a vista de Ari se habituou com a aura dos dois ali sentados e pôde observar que se modelavam pelas figuras anteriores.

— Que poder é esse que eles têm?

— Eles não têm poder nenhum. Você é que está vendo-os como eram antigamente.

— Como é possível isso?

— Aqui onde você está, os espíritos são capazes de muitas coisas que as pessoas encarnadas não são.

Milhares de pensamentos ecoaram cérebro adentro da miseranda criatura. Havia recebido a informação de que estava morto, sem dúvida, mas de tal forma sutil que precisou de um bom tempo apalpando-se para desconfiar que vestia um envoltório corporal maleável, bastante diferente do que deixara para trás.

De repente, uma série de acontecimentos muito fortes perpassaram pela sua mente, como se estivesse sendo perseguido na escuridão. Voltavam certas lembranças tremendas de malfeitos antigos. Desejou fugir de onde estava, mas teve suficiente discernimento para saber que a mãe fizera uma pergunta fundamental. Realmente, estava sendo muito bem tratado, para não incentivar reações de ira, de ódio, de vingança.

Adormeceu sob o influxo das enérgicas vibrações que o bom amigo lhe propiciou e sob o cântico longínquo de vozes que entoavam uma prece de agradecimento ao Senhor.

Se tivesse podido perceber o que estava ocorrendo, veria uma forte concentração de fluidos benéficos sendo captados pelos espíritos das pessoas encarnadas com frequência vibratória compatível com as necessidades do assistido. Se tivesse

conhecimentos superiores, saberia, também, que a aparelhagem de que se utilizavam tinha a função de filtrar as emanções energéticas de caráter puramente espiritual, destinando boa parte para a manutenção do estado letárgico da entidade atendida e o restante para a reposição dos elementos fluídicos despendidos pelo médium que transmitira aos mortais as informações que lhe foram possíveis captar do plano da espiritualidade.

Evidentemente, o longo diálogo entre Ari e seu protetor não se projetou no seio da comunidade espírita. O que Plínio e os demais puderam saber foi que o filho fora conduzido à reunião, que chegara rebelde mas contido por forças desconhecidas, que tomou conhecimento de sérios problemas de relacionamento com certos obsessores, havendo o dirigente da sessão sugerido que Ari é quem era o agressor, que percebeu a presença dos pais, a quem pediu perdão, que o tratamento dos vícios, mesmo no etéreo, seria demorado e que, finalmente, aceitou o fato de estar noutra morada do Senhor, respeitando a autoridade do benemérito guia.

Margarida permaneceu extasiada. A demonstração de que Ari comparecera e pedira perdão, aliviando-a de terrível carga de culpa, tinha sido por demais evidente para não crer em que tudo se passara exatamente como fora referido pela conversa entre a entidade incorporada e o doutrinador.

Ao se acenderem as luzes mais fortes, viram o casal absolutamente consolado: Plínio com o braço à volta dos ombros da esposa; esta com a cabeça repousada no peito dele.

Hortênsia, coitada, pairava nas nuvens, não tendo sequer recursos para opor à manifestação mediúnica.

Entretanto, Ariovaldo tinha novidades:

— Irmãos, hoje tivemos o testemunho inegável de que os bons espíritos estão atendendo nesta casa, providenciando para que as pessoas saiam daqui esperançosas quanto a realizar um futuro proveitoso para suas encarnações de dor e de expiação. Na última reunião de que o nosso Plínio participou, recebeu aquela mensagem da entidade que se denominou de *Evaristo*. Colocamos cópia no quadro do corredor e, pasmem, recebemos não menos de três pessoas com parentes falecidos cujo nome era justamente aquele. Sendo assim, antes de concluirmos se, efetivamente, a comunicação se deu com integral verossimilhança, vai ser preciso, se assim vocês julgarem oportuno, averiguar quem está faltando com a verdade, porque, dificilmente, um nome tão esquisito quanto *Evaristo* tenha tanta divulgação. O que é estranho é que as três pessoas afirmaram que os seus parentes eram professores e gostavam quando eram chamados pelo título de *mestre*. Em todo caso, se não acharem importante pesquisar a respeito, ao menos essas três famílias terão sobre o que meditar.

À vista do silêncio geral, acrescentou:

— Alguém quer tentar resumir suas conclusões a respeito do nome venerável de *João, o Evangelista*?

Aquele mesmo companheiro que se opusera quanto ao teor do texto, voltou a se manifestar:

— Mantenho o que disse outro dia, ou seja, que o conteúdo é de somenos importância, o que me leva a inferir que o nome venerável do apóstolo talvez tenha sido dado por alguma entidade com a intenção de fazer respeitada a mensagem. E parece que

conseguiu em parte, porque muitos de nós ficaram impressionados com a possibilidade de tão insigne visitante. Contra essas incursões pela ingenuidade dos espíritas neófitos, Kardec escreveu candentes páginas de advertência. Querem que eu leia algumas?

Era evidente que o moço estava preparado com cerrada argumentação, de modo que Ariovaldo, após consultar com os olhos e com as mãos os demais, respondeu:

— Não vai ser preciso. Basta que você comente a respeito da necessidade ou não de algum médium prosseguir o trabalho do nosso esplêndido Chico.

— Certamente, caberá aos espíritos que sempre cuidaram de afastar do nosso grande médium os perversos desejosos de induzi-lo à obsessão, porque não existe criatura mais bondosa e serviçal que o Chico Xavier, a quem rendo as minhas homenagens do fundo do coração, como dizia, caberá àqueles espíritos, *Emmanuel* à frente, avaliar se não ditaram já todas as suas páginas de muito amor, de muito conhecimento, de muita sabedoria, de muita beleza, dentro da doutrina que mantiveram sob ponto de vista bastante próximo da perspectiva kardeciana...

Ariovaldo pressentiu um longo discurso, o que achava absolutamente fora de propósito. Além do mais, não atribuía ao comentarista a cultura sobre que estava pretendendo basear os pensamentos. Por isso, interrompeu o amigo:

— Vejo que você se preocupou deveras com os problemas despertados pelos curtos textos do Plínio. Não gostaria de desenvolver essa tese, que me parece valiosa, para uma palestra? Se continuar expondo as suas ideias, daqui a pouco aparecerá algum ponto polêmico que ensejará discussão e estamos além das vinte e duas horas. Você me perdoa se lhe pedir para fazer a prece de agradecimento e encerramento?

O outro, serenamente, como um vencedor grego dos jogos olímpicos, aceitou os louros do reconhecimento do mérito, com humildade, intimamente estimulado para enfrentar um público maior, começando a projetar um roteiro mais completo, e recitou, solícito, a oração final.

Plínio, que se constituía no centro das questões, não deu atenção a nada do que se dissera, entretido com a inquietação que se avolumava no âmago de sua alma:

*“Margarida está curada. Mas terá cabeça para suportar a notícia do desaparecimento do Ovidinho? Preciso dar um jeito de ficar sozinho mais uns dias, até que possa dar-lhe uma certeza. Será que Hortênsia está preparada para levá-la de volta? E como é que vou contar-lhe o que se passou no instituto correcional?”*

Estavam saindo, depois de receberem efusivos abraços e respeitosos cumprimentos dos que presenciaram a honra que haviam obtido dos amigos da espiritualidade, quando Margarida informou:

— Vou ao banheiro.

Foi assim que Hortênsia foi comunicada de que havia mais um drama tremendo a ser superado. Concordou, é claro, com os temores do cunhado e admitiu conduzir a irmã de volta. Mas ponderou:

— Como é que vamos fazer para convencê-la?

Nesse momento, João, que ficara fora com a desculpa de que deveria vigiar o automóvel, aproximou-se. Plínio, que não o havia visto antes, logo o incluiu no projeto:

— Vocês nos levam e eu mostro como foi que deixei depenado o quarto. Prometo comprar uma cama de casal...

Nessa altura, Margarida retornou, declarando:

— Hoje vou reassumir a minha condição de dona da casa. Amanhã, a gente vai visitar o Ovidinho e depois vamos tentar encontrar o Cleto.

A viagem de automóvel era curta e foi toda ocupada com a descrição da presença de Ari por Hortênsia ao marido. Os termos técnicos eram fornecidos por Plínio, enquanto Margarida permaneceu a enxugar silenciosas lágrimas de renovada fé em que o espírito de Ari estava resguardado das trevas e dos sofrimentos mais pungentes. Quando buscava imaginar quais seriam os tratamentos a serem ministrados ao rapaz, chegaram.

O pequeno jardim já não existia, porque Plínio havia cimentado o canteiro. A garagem estava vazia. Plínio acendeu a luz de fora, abriu a porta e deu com um papel dobrado no chão, sem destinatário e sem remetente. Acesa a luz da sala, enquanto Margarida constatava que não havia quadros, relógio, televisão, mesa, cadeiras, tapete e cortinado, Plínio dedicou-se à leitura da única linha do bilhete:

*O Ovidinho está com o Cleto. Eles estão bem.*

## 22. O BISPO MOISÉS

Vamos deixar Plínio e Margarida entendendo-se a respeito de tudo por que passaram nos últimos tempos e volver ao Cleto, agora a tutelar Ovídio.

Vocês devem estar lembrados de que, com exceção de umas poucas notícias, o testemunho dado durante o culto religioso fora a mais legítima expressão da verdade, claro que com o fito de preservar a conquista que realizara junto à família de Timóteo, ou seja, o coração de Aurélia.

O público presente à confissão do rapaz reagiu de modo o mais simpático possível, deixando-se enlevar pela expressão que lhe pareceu sincera e honrada, tanto que muitos fizeram questão de apertar-lhe a mão, propondo-se para oportuno auxílio.

O sucesso da apresentação repercutiu no seio da comunidade eclesiástica, interessando o bispo da circunscrição quanto a deslindar algum mistério em relação ao orador.

Uma semana depois, quando adentrava o recinto da igreja, foi chamado por Ovidinho:

— O Bispo Moisés me mandou chamar você. Ele está lá nos fundos.

Cerrada a porta, encontraram-se frente a frente apenas os dois: Moisés e Anacleto. Foi do bispo a iniciativa da palavra:

— Vejo que não se enganaram quanto à sua constituição física e à beleza de seus traços. Disseram que você se deu muito bem, testemunhando a sua vida de marginal, dizendo-se arrependido e tudo o mais. Contudo, é preciso que saiba que a nossa comunidade existe em quase todos os municípios do país, sendo fácil investigar a respeito de qualquer indivíduo que deseje prevalecer junto aos pastores, obreiros e fiéis. Para defender Timóteo, já se justificava uma pesquisa rigorosa de seu passado. Mais ainda quando você se apresenta dentro do templo, trazendo emoções comoventes para a maioria das pessoas. Você sabe que esse tipo de pronunciamento arrasta os indecisos e permite que outras pessoas viciadas se predisponham a abandonar as drogas?

Moisés dava tempo para Cleto assimilar as ideias novíssimas que lhe fornecia. O moço, no entanto, caminhou célere e foi capaz de ultrapassar o missionário em seus raciocínios, respondendo:

— Tenho visto esse tipo de declaração repetir-se durante os cultos, mesmo nos programas noturnos da televisão, que mantemos ligada na farmácia, dado que eu trabalho à noite. Se o senhor quer convidar-me para repetir, em outros locais, tudo o que eu disse, devo informar que aceito, com a condição de deixarem o meu irmão *fora da jogada*.

A esperteza do jovem agradou sobremodo o pastor:

— Você acertou em cheio. É de gente assim que estamos precisando. Gente rápida no pensar e séria no agir. Só vou referir um fato importante, qual seja, o de que você omitiu certas informações, as quais apuramos. Quer que as mencione?

— Para quê? Para eu reconhecer que errei?

— Absolutamente, meu caro. Ninguém aqui vai ser acusado de nada. Ao contrário, se pudermos *livrar a sua barra* e a de seu mano, nós o faremos, convictos de estarmos

ajudando o templo a ganhar uma alma para o sacratíssimo trabalho de conduzir o rebanho ao Reino do Senhor.

Cleto pressentia nos dizeres do homem à sua frente que havia malícia e segunda intenção. Estremeceu mas criou coragem para revelar o que pensava:

— Se é tão importante que toda a verdade seja posta diante da congregação, devo afirmar que não acredito que nem os obreiros, nem os pastores, nem os bispos, desta ou de qualquer outra seita ou religião, católica, budista, espírita ou protestante, trabalhem pela salvação dos fiéis. O que fazem é se manter montados no dinheiro e no *bem-bom* de uma vida regalada, com todos os prazeres.

— Em outros termos, você nos considera a todos hipócritas?

— Ou vendilhões do templo, porque tudo se faz em função da arrecadação financeira.

— Você não tem medo de ser escorraçado daqui ou o seu irmão?

— Vocês sabem quem somos e o que fazemos. O senhor acha que vamos ter medo de alguma coisa?

— Diga se estou enganado: não é verdade que o seu documento é falso, que o seu cabelo é tingido, que...

— Por que isso agora?

— Para demonstrar que você deveria temer ser preso.

— Eu não quero ser preso nem vou. Se a polícia for chamada, no que não acredito, vocês vão perder um colaborador, porque o Senhor Bispo não me chamaria aqui para me ameaçar.

— Você está me saindo melhor que a encomenda. Vou abrir o jogo. Dada a facilidade que você tem com as ideias e as palavras, dentro de algum tempo, será convidado a pregar a palavra do Senhor em algumas congregações menos importantes. Se se sair bem, no que acredito piamente, virá a ser um dos meus auxiliares diretos. Quem sabe, futuramente, dependendo do seu desempenho e da repercussão junto ao povo, poderá cuidar de algum posto no campo do desenvolvimento dos oradores, ajudando-os a confeccionar os sermões. Que você acha disso?

— Quero saber, antes de dar a minha resposta, se o senhor concordou com a minha maneira de acusar a todos disto e daquilo. Tenho ou não tenho razão?

— Você está levantando um ponto crucial para quantos se dispõem a explicar os textos bíblicos. Como você afirma ter acompanhado as transmissões dos cultos pela televisão, deve ter observado que os pastores acusam as pessoas, de maneira muito geral, acompanhando os textos que reproduzem, de serem egoístas, falsas, orgulhosas, prepotentes etc. Não é verdade? Então, fica bastante evidente que todos nós conhecemos os pecados, como ainda nos referimos aos castigos, na vida e depois da morte. Você está me acompanhando?

— Certamente.

— Conclua, então, por favor...

— Não sei se captei a ideia mas o senhor está sugerindo que vão enfrentar sem medo, como eu mesmo afirmei antes, qualquer consequência desagradável, caso estejam enganando os crentes.

— Não é bem isso. Você passou perto. O que eu desejei demonstrar é que nós somos absolutamente verdadeiros quando afirmamos os princípios bíblicos. Devo afirmar, para ser justo, que, tanto quanto você, a maioria de nós começa pensando que os pregadores não têm convicção religiosa; mais ainda: que somos completamente materialistas. Quando *amarramos* as mãos nas costas dos que se apresentam possuídos pelos demônios, damos a impressão de haveremos forjado uma representação teatral com a finalidade de angariar lucros morais e monetários para a igreja. Muitos de nós, afoitos, já fizeram isso. Contudo, as pessoas se apresentam espontaneamente e nos pedem para livrá-las da maldade dos entes malignos. Aí, começamos a ver que existe aquela realidade. A nossa crença vai se firmando, até que, de repente, nos vemos totalmente integrados à doutrina que contém as diretrizes ideológicas, morais, filosóficas e religiosas dos nossos cânones eclesiais.

— Se bem entendi, se eu ficar a repetir o meu testemunho, vou acabar acreditando que vivi exatamente tudo o que inventei?

— Você terá de acrescentar os fatos que nos sonogou na primeira *performance*. Se for assim, não é justo estabelecer como real o desejo de continuar empregado na farmácia, até casar-se com Aurélia e compartilhar a herança de Timóteo? A vida é uma somatória de realizações. No final, cada pessoa tem de analisar o que fez, o quanto fez, o que deixou de fazer, para merecer partir em paz e colocar-se perante o juízo de Deus. Você acha que estou inventando isto tudo?

Para Anacleto, a verborrágica manifestação do bispo continha, no mínimo, muita coerência, apesar de não haver compreendido todos os meandros por onde transitaram os pensamentos envoltos em terminologia apurada e complexa. Foi obrigado a admitir que Moisés não gastaria boas velas com mau defunto e se sentiu ufano por tamanha condescendência e atenção:

— Quando começo?

Moisés sorriu satisfeito, não escondendo a alegria de haver convencido o jovem a cooperar com a causa.

## 23. FIAPOS DE CONVERSAS

Entre Margarida e Plínio:

— Querido, por que você *depenou* a casa?

— Eu não tinha como manter tudo em ordem, tudo arrumadinho. Então, simplifiquei as coisas para mim.

— Sabe que eu estava pensando em fazer isso mesmo?

— Não acredito. Você sempre quis móveis e utensílios. Não passava uma semana que você não comprava alguma novidade.

— Mas passou pela minha cabeça que, se a gente não tivesse tanto badulaque, podia ver o que estavam fazendo as crianças.

— Pelo menos eles não tinham tantos lugares para esconder as drogas que a polícia achou.

— Foi isso o que fez o meu marido vender tudo.

Plínio passava por fase de forte sensibilidade, tanto que as lágrimas não custaram a brotar.

— Agora vamos ter de comprar tudo de novo e não temos dinheiro. As reservas eu tenho economizado, porque não quero pedir dinheiro emprestado a ninguém.

— Puro orgulho.

— Talvez, mas, se o negócio do escritório não der certo, vamos ficar com uma mão na frente e outra atrás.

Entre Moacir, Silvinho e Plínio:

— Plínio, falo em meu nome e no do Silvinho. Você está nomeado presidente e, por isso, vai ter a responsabilidade de organizar as nossas próprias contas.

— Foi bom vocês mencionarem a contabilidade da empresa. Ocorreu-me, o que vocês também devem ter imaginado, que a clientela vai chegar pedindo para que os *jeitinhos* sejam dados...

Silvinho observou:

— Não creio nisso. É verdade que a ideia me passou pela cabeça, mas acontece que as pessoas sabem que nós somos espíritas. Significa que confiam em nossa honestidade e na lisura das demonstrações contábeis para o fisco.

Moacir acrescentou:

— E se alguém aparecer querendo isto e mais aquilo, simplesmente, recomendamos o escritório mais próximo. Eu acho que muitos comerciantes espíritas vão dar graças a Deus por haver quem tenha as mesmas convicções.

Foi a vez de Plínio:

— Do jeito que estamos colocando as coisas, vamos acabar criando a mesma *igrejinha* que nos pôs porta afora da companhia...

Entre Anacleto e Ovídio:

— Que foi que o Bispo queria com você?

— Ele me pediu para dar meu testemunho em todos os templos da cidade. Se me sair bem, vou crescer aqui dentro.

— Vai entrar na *mufunfa*...

— Vamos entrar, maninho, que vou querer que você me ajude na *campana* de tudo o que se passa aqui dentro.

— E o tráfico?

— Esqueça. A polícia tem os nossos nomes. Os ratos estão procurando o queijo. Se nos pegam, *babau!* Principalmente agora que completei os dezoito. É melhor aproveitar esta moita alta: o Moisés prometeu dar cobertura. Ele sabe de tudo mas não vai entregar ninguém. Quer ver que proveito pode tirar da gente.

— De você, porque de mim...

— Não ponho a mão no fogo. Ele me deu um banho e me deixou de boca aberta. Mostrou que, quando eu vou indo, ele já está de volta. O *cara* é demais.

Entre Ariovaldo e o contestador:

— Ariovaldo, estive pensando se não teria sido melhor não ter colocado a cópia do *Evaristo* aos olhos do povo.

— Você deve estar pensando o mesmo que eu. Criamos um problema sério, porque as pessoas estão perguntando quem foi o médium que apanhou um ditado tão direto. Não vai demorar e a casa vai se encher de gente curiosa, querendo saber como estão os entes queridos do outro lado, especialmente depois do caso do filho dele.

— Por isso, eu acho que não devo falar a respeito do sagrado nome do apóstolo João. E se a turma achar que foi ele mesmo quem veio incentivar o desejo, a ganância ou a presunção de que alguém possa ocupar o lugar que o Chico está ameaçando deixar vago?

— Você está sabendo que diversos médiuns estão assinando as mensagens com os nomes de *Emmanuel*, de *André Luiz*, de *Scheilla*, de *Meimei*, do *Bezerra de Menezes*, do *Irmão X* e outras entidades que usavam os serviços do médium mineiro?

— Eu li outro dia um poema assinado por *Maria Dolores*.

— Você, que é tão crítico, o que achou dele? Acha que é o mesmo espírito que veio comunicar-se?

— Se é o mesmo espírito ou não, é muito difícil de dizer. O que é mais fácil, como insisti no caso do Plínio, é reconhecer que existem graves problemas métricos e de composição poética.

— O que quer dizer...

— Quer dizer que os estilos não correspondem. Veja que não estou fazendo referência, por exemplo, aos poemas de Auta de Souza, viva e desencarnada, o que é possível de cotejar, como de tantas expressões da literatura que se encontram no *Parnaso de Além Túmulo*, a mais completa obra de poesias mediúnicas, publicada ainda nos albores das produções do Chico. Estou falando de textos de mesma procedência, ou seja, só transmitidos do etéreo.

— Conclusão: você não vai querer falar a respeito da assinatura mas dos problemas afetos ao eventual substituto do mais fértil e produtivo médium que se tem conhecimento...

— Se o meu amigo Ariovaldo me concede o direito de direcionar a palestra para um campo que não vai fomentar um vão interesse pelo médium...

— Não tenho nada contra, a não ser que muito pouca gente vai prestar atenção aos seus comentários eruditos. Aliás, preciso pedir-lhe desculpas, porque, outro dia, na reunião, desconsidere mentalmente a sua cultura e estou vendo agora que me equivoquei. Veja se me perdoa, por favor.

Entre Timóteo e Aurélia:

— Relinha, o Bispo Moisés me revelou completamente os segredos do seu namorado.

— O Cleto foi sempre sincero comigo. Tudo que o senhor está sabendo eu sei desde o primeiro dia.

— Quanto à cor dos cabelos...

— Nem precisava dizer. É fácil de saber que aquela cor não combina com a pele. Ele me disse que pintou para não ser encontrado pela polícia, por causa do irmão que feriu um delegado.

— Por que você não contou tudo para mim?

— Conte para a mamãe. Deixei por conta dela passar para o senhor.

Timóteo imaginou a esposa explicando-se: *“Não disse nada, mas rezei muito ao Senhor, para que as coisas fossem postas no lugar. Agora, agradeço a Deus por me haver atendido, estando tudo revelado.”* Foi assim que resolveu passar adiante:

— Muito bem, você acha que ele está sendo sincero? Será que está gostando mesmo de você? Ou *cheirou* que, sendo filha única...

— Hoje em dia não há mais casamento com comunhão de bens.

— Você fala com tanta frieza! Será que gosta realmente do moço?

— Você não é mulher, papai, e nem desconfia como é que a gente olha para os rapazes. Tenho certeza de que, se eu abrir mão dele, as outras vão cair em cima, agora que *apareceu* na igreja.

Entre Moisés e o delegado:

Assim que comprovou que Anacleto era bem capaz de comover com seu testemunho de redenção, ao qual ia acrescentando palavras cada vez mais candentes de arrependimento e de compreensão dos mandamentos bíblicos, só não citando os Livros Sagrados por proibição expressa de Moisés, que argumentava que tais excertos deveriam ser reservados aos pastores, o bispo decidiu procurar o delegado ofendido.

— Doutor, tenho Ovídio nas mãos, aquele mesmo que lhe atentou contra a vida. Sei que existe um processo pendente, mas também conheço a demora da Justiça, de modo que é certo que o rapaz ficaria detido até completar a maioridade. Tenho também comigo o irmão mais velho, Anacleto.

O delegado não estranhava a presença da autoridade religiosa, visto que muitas vezes recebia apelos no sentido do relaxamento das investigações e das prisões, contudo, fez questão de conhecer o motivo do interesse do bispo:

— Não me consta que a família desses marginais tenha laços com pessoas tão importantes como Vossa Reverendíssima. Esclareça-me o ponto, por gentileza.

— Em primeiro lugar, chegou-lhe ao conhecimento, Doutor, que o irmão deles, o caçula, morreu por *overdose* de cocaína?

— Sim, tanto que abrimos mão de cobrir as atividades do pai.

— Esse coitado perdeu o filho, o emprego e viu a mulher endoidecer.

— Os seus informantes são bons, Eminência.

— Que foi que o senhor apurou a respeito, Excelência?

Tratavam-se com especial urbanidade, mas Saldanha, que viera no interesse de se informar do resultado da entrevista, divertia-se com as vibrações opostas que, em ondas de desconsideração, emanavam pelo ambiente espiritual ao redor. Se pudesse, o benfeitor faria com que terminassem com a comédia, dando-lhes a medida exata da falsidade das mesuras sociais.

— Sei que o meu agressor saiu da cidade, na trilha em que se abastece o grupelho a que pertencia. Fora da minha jurisdição, não me preocupei com o *pivete*. Tenho para mim, com a devida vênia, que, velho chavão, o criminoso sempre volta a visitar o local do crime.

— Posso imaginar que, se Ovídio ficar uns três anos fora, quando regressar, vai topar com o Doutor no caminho?...

— Não pelo fato de me haver atacado. O que eu quero referir é que a maldade desses adolescentes não se cura com facilidade. Ele vai voltar pior, porque já aprendeu muita coisa mais onde ficou quase um ano, a menos que o senhor me garanta o contrário, responsabilizando-se por ele.

— Não vou chegar a tanto. Vim para solicitar de Vossa Excelência, que exerce suas atribuições com probidade e rigor, que suspenda as buscas, enquanto a igreja mantiver os dois sob controle. Se desandarem, se voltarem a delinquir, lavo as mãos como Pilatos e entrego-os às autoridades, com a consciência tranquila.

O delegado sentiu as vibrações de interesse do bispo muito mais fortes do que as limitadas expressões de solidariedade. Não quis, entretanto, estabelecer polêmica, ainda porque a vergonha perante os pares não se havia contaminado das risotas da comunidade, pois a ocorrência não saíra nas páginas do jornalismo sensacionalista. Guardou também a esperança de, uma hora ou outra, receber de volta aquele membro da igreja, com reclamações fundamentadas contra os atuais pupilos. Declarou, simplesmente:

— Tendo em vista a sublime intercessão de Vossa Eminência Reverendíssima, abro, sem condições, uma trégua em nossa guerra contra esses viciados.

— Enquanto estiverem comigo, pode considerá-los, Doutor, ex-viciados. Muito grato por sua compreensão e apoio. Que o Senhor Jesus o abençoe!

Entre Plínio e Ariovaldo:

— Caro Doutor, meu amigo, vim para agradecer-lhe toda a ajuda que vem prestando para o restabelecimento de Margarida.

— Se você já se compenetrar dos serviços que o centro espírita presta à sociedade, está ciente de que tudo o que fazemos é apenas o mínimo que devemos. Não agradeça. Trabalhe como você vem trabalhando, dando de seu tempo para amenizar os sofrimentos das pessoas que não cessam de nos procurar. Quanto à sua esposa, quem fez tudo pela recuperação dela foi a sua cunhada, pode crer. Cuidou dos exames, ministrou as doses corretas dos medicamentos, teve a paciência de aturá-la, ao ponto de, contrariando as

convicções religiosas, trazê-la para receber as notícias que deram a vocês dois a condição de reatarm os laços esponsalícios. Por falar nisso, Dona Hortênsia não se interessou pelo Espiritismo?

— Está lendo *O Livro dos Espíritos*. De vez em quando, aparece lá em casa para discutir algum ponto com a irmã.

— Por que não com você?

— Depois que ficou sabendo das mensagens que venho escrevendo, está com medo de mim. É pena, porque poderia receber outras informações no campo da psicografia.

— Foi bom você ter tocado no assunto. Os diretores do centro estão preocupados com a afluência do público nos dias de doutrinação. Vocês três que têm escrito comunicações assinadas por gente conhecida estão ganhando projeção. É inegável que vêm sendo guiados por espíritos de certa categoria, os quais facilitam a filtragem dos pensamentos dos irmãos sofredores, porém, isso pode ser uma faca de dois gumes.

— Um belo dia a gente falha e a caridade da assistência vai sofrer o impacto da descrença do povo...

— Você pegou o espírito do temor que nos está enchendo o coração. Na verdade, seria melhor que vocês escolhessem entre não revelarem os nomes ou marcarem um horário à tarde, por exemplo, só para a captação dessas mensagens de conforto moral. Os riscos incidiriam mais sobre os médiuns e menos sobre o centro. Que é que você acha disso?

— Vou conversar com os outros para decidirmos em conjunto. Quanto a mim, para geral tranquilidade e sossego, eu posso me abster de citar os nomes. Posso até parar com a mediunidade, porque me sinto muito fraco quanto aos aspectos teóricos da doutrina.

— A sua humildade, se levada em conta, vai pesar muito para que a decisão não seja o abandono da mesa evangélica. Não obstante, existe outro pessoal que deve ser ouvido: os guias do centro e os protetores dos médiuns. Vamos aguardar a manifestação deles.

Entre Saldanha e Pedro Otávio:

— O que o bom amigo Saldanha tem achado da ascensão espírita do casal que você orienta?

— Estou achando bastante devagar, porque me parece que a idade não vai permitir-lhes ganhos muito significativos na senda da instrução terrena. Falo mais especialmente quanto ao Plínio, porque tem de voltar-se para o sustento do casal, agora que a firma está iniciando. Por outro lado, temo pela hora em que os filhos vierem para o recrutamento deles.

— Você suspeita de que haverá choques de credos?

— Estou vendo que o Cleto está aguçando a mente, no sentido de tornar o seu discurso torcido e retorcido nos fundamentos bíblicos, em oposição declarada ao contato ostensivo com o nosso plano.

— Não foi Jesus quem disse que veio para separar as pessoas da família?! Vamos esforçar-nos por tornar a visão dos pais e dos filhos o mais pura possível, no entendimento das diretrizes cristãs. Você faz com que o casal abra um horário para o Evangelho no Lar. Eu

me dedicarei, o quanto me permitirem os responsáveis espirituais pela organização religiosa, a levar os irmãos a observar os efeitos nocivos da miséria.

Entre Ari e seu médico:

— Como está o meu paciente hoje?

— Tenho passado muito bem, contando com o fato de que as drogas não me saem do pensamento.

— Você já superou as principais dificuldades. Agora, tem de fazer a manutenção do estado favorável à aceitação de seus familiares, mesmo quando se revela quem foram no passado e quais as vicissitudes que uns causaram aos outros. Quanto de mágoa você conseguiu eliminar, à vista das tristes recordações doutras épocas?

— Praticamente, não tenho nenhum rancor, contudo, sempre que me veem à lembrança, sinto um desassossego que mal consigo controlar.

— Faça de conta que está em crise pela falta dos estimulantes químicos.

— É difícil!

— Mas não é impossível! Você tem momentos alegres para reviver? — Meu caro amigo, a sua presença é a minha felicidade. Não preciso, no entanto, que esteja comigo, para confiar em que, se precisar, irei tê-lo de imediato.

— Vou reformular a questão. Você deve ter consciência de que conheço muitos episódios de suas derradeiras encarnações. Por isso, elaborou a resposta em termos laudatórios. Vou me apegar às expressões pouco corriqueiras, de vocabulário até certo ponto refinado e de construções sintáticas não tendentes ao coloquial puro e simples. Você está sentindo que readquire a facilidade vernácula de alguma existência em que alcançou estudar o idioma, aplicando-a em favor de profissão ou atividade intelectual? Em outros termos, você está percebendo o quanto ultrapassou os limites impostos pela estultícia púbere da criança rebelde e viciada da derradeira passagem terrena?

— Tudo o que você me afirma, sou capaz de intuir, sem caracterizar direito. É que tenho muito medo de me haver aproveitado de faculdades mentais desenvolvidas com o objetivo de prejudicar outras pessoas.

— Pela análise de sua curta vida com o nome de Ari, não lhe fica evidente que...

O protetor não teve condições de prosseguir, porque o paciente mergulhou fundo na consciência, incapaz de reagir aos estímulos externos.

## 24. TODOS PROGRIDEM

Um relato que abrange vários anos não pode privilegiar o roteiro de sucessos item por item. Claro está que houve, nos dez meses seguintes, muitos eventos importantes, muitas descobertas significativas, muitos percalços esclarecedores, arrufos, querelas, desentendimentos, como também se deram reconciliações preciosas, para a evidenciação de que os diversos integrantes de nossa comunidade dramática aprendiam a conviver.

Resumiremos, pois, para informar que Plínio e Margarida foram preenchendo os vazios dos cômodos, com móveis e utensílios novos, havendo dado certo o pequeno negócio que os três sócios encetaram. Até um carro de segunda mão, em excelente estado, veio estacionar em sua garagem.

No centro espírita, Plínio foi desenvolvendo a mediunidade, tendo deixado de escrever nomes famosos na atribuição da autoria dos textos. Aliás, muitas vezes, omitia a informação correta que lhe era fornecida pelo mensageiro, sempre que constatava que as lições poderiam servir a mais de uma família. Mas não se constrangia quando lhe pediam para escrever comunicações de suprema consideração e conforto.

Notável foi sua percepção de como fazer para captar com precisão os sentimentos e as ideias que lhe ditavam, de modo que não demorou para exprimir-se em linguagem coloquial ou formal, conforme exigiam os temas, de acordo com os gêneros. Inclusive, dava passividade bastante razoável para manifestações poéticas de caráter popular. Foi quando começou a ler os textos espíritas de feição mais literária, porque aspirava a escrever livros de contos ou mesmo romances. Nisto, porém, não punha muito empenho. Era simplesmente uma aspiração íntima, reflexo, com certeza, daquela mensagem a respeito dos herdeiros mediúnicos do Chico Xavier.

Moacir e Silvinho conferiram ao sócio mais velho todas as responsabilidades das decisões mais dificultosas, mas foram inovando no campo da eletrônica, instalando diversos aparelhos computadorizados, para se implementarem programas mais completos de contabilidade, no interesse de ampliação da área de atendimento, sem a contratação de muitos funcionários. Mesmo assim, a firma acabou precisando de mais cinco pessoas, tanto foi o prestígio comercial alcançado no campo da terceirização de serviços.

Bem mais tarde, vamos adiantar, os mesmos recursos foram levados ao centro espírita, de molde a facultar ao médium Plínio que dedilhasse o teclado para a escrita direta na tela do vídeo dos textos que recebia em particular. Dali para a impressora e desta para as mãos dos dirigentes da entidade era uma questão de minutos, de sorte que o controle da qualidade do serviço mediúnico não permitia desvios de conduta doutrinária. Quando as ideias avançavam em rota de colisão contra os ensinamentos de Kardec, Plínio analisava atento as recomendações dos mais experientes e dava sumiço nas composições menos confiáveis, selecionando e *deletando* definitivamente as ameaças ao bom desenvolvimento das tarefas espíritas daquele profícuo grupo de socorristas encarnados.

A história dessa harmonia interna entre os diferentes departamentos do centro também não aconteceu sem idas e vindas, sem contrariedades e sem ferimentos sérios no amor-próprio dos que se envolviam nas discussões, quando Plínio ainda estava imbuído de

que o seu trabalho merecia a assistência superior dos guias espirituais da entidade terrena. Enquanto não se compenetro de que os amigos do etéreo desejavam o progresso de todos os pupilos, através da conquista pessoal do conhecimento doutrinário, não admitiu estar sendo testado quanto ao teor das comunicações. Um dia, recebeu um texto completamente avesso a um ponto essencial de *O Livro dos Espíritos*, acrescentando nova lei ao decálogo mosaico e interpretação diversa aos princípios emanados diretamente dos mentores do codificador, de sorte que teve de convir que estava abrindo o coração de forma aleatória. Reconheceu que isso seria perigoso, se desse total credibilidade às informações. Foi assim que se pôs à disposição para os comentários dos colegas de mesa mediúnica e favoreceu as críticas dos espíritos que quisessem colaborar com os esclarecimentos necessários ao conhecimento da verdade. Continuou sonhando com os livros de contos e os romances mas colocou-os muito mais remotos na linha do porvir.

Margarida recuperou-se da debilidade mental, apesar de, no começo, voltar a apresentar algumas ligeiras crises, em especial por pensar muito nos dois filhos distantes. Ari não mais se manifestou no centro, mas a mãe adquirira cabal confiança em que fora perdoada de possíveis falhas na criação e educação do rapazelho, de modo que fixou a ideia de que, pelas informações espíritas, iria demorar para o filho reaver, se é que alguma vez tivera, o equilíbrio existencial.

Não colocava as coisas nesses termos mas caminhava celeremente para superior entendimento da lei de ação e reação, tanto que ajudava as pessoas no centro, nunca menos de duas horas a cada dia, havendo épocas de dedicação exclusiva.

O lar tornou-se para ela o refúgio das pressões sociais. O aparelho de televisão não se recuperou, o rádio não se apresentou de volta e até as reproduções fonográficas se resumiram às músicas selecionadas que se ouviam nos momentos de espera das atividades públicas, na casa de atendimento espiritual.

Tendo concentrado o interesse no empenho da colaboração fraternal, reduziu drasticamente as funções de cozinheira. Limpava os cômodos sem o antigo elã, apenas para manter o ambiente livre dos germes e da poeira. Com isso, podia manter o marido e a si mesma com o peso do tempo das *vacas magras*, sem nenhum esforço ou preocupação. Não corria, porém, o risco de cair de novo nas garras da anemia, porque Plínio estava atento para que a alimentação elegesse as vitaminas e proteínas como o prato mais saudável.

Um belo dia, mantiveram a seguinte conversa:

— Querida, se eu fosse buscar uma pizza...

— Nem pensar. Qualquer refeição que possa ser interpretada como de regozijo eu não aceito, não sem antes reunirmos de novo toda a família.

A reprodução acima pode passar aos leitores a falsa ideia de que ambos não se falavam muito. Não é verdade. Os diálogos eram frequentes e substanciosos quanto às descrições de tudo o que ocorria na comunidade espírita. Enquanto Margarida dava ao marido as notícias dos eventos sociais, este a mantinha informada de todas as manifestações mediúnicas.

Referimo-nos a recaídas de ânimo. Isto aconteceu até que receberam a primeira carta de Anacleto.

Vamos saber, em lugar de ler a missiva, o que deu impulso à comunicação.

Cleto, durante algum tempo, percorreu várias sedes da igreja, repetindo o discurso de integração nos ideais religiosos da instituição. Sempre acrescentava um tópico ou outro que facultasse estremecimentos sentimentais. Um belo dia, no auge da descrição das desgraças da família, impôs-se a referência à perda de Ari, demonstrando, pelos dispositivos da argumentação, que o pequeno era prestativo e se esforçava por realizar tudo o que o mais velho pedia. Nesse diapasão, partiu para a atribuição da culpa do consumo das drogas a si mesmo, sem atenuantes de vulto, esquecido de revelar que o pai era um ausente e que a mãe queria o menino a realizar os serviços domésticos, faltando apenas colocar-lhe roupas de mulher. Referiu ao fato de Ovídio ter sido preso e à necessidade de ele mesmo escafeder-se, abrindo ao mais novo as portas ao vício sem freios.

Nessa altura do testemunho, como pedia o roteiro, deveria entregar-se às lágrimas compungidas do arrependimento. Entretanto, naquela oportunidade, feriu uma corda real de seu coração, impregnando-se a mente com a figura do irmão, como se estivesse presente no auditório, a olhá-lo, à espera da voz de comando para as atividades do tráfico. Bateu-lhe a saudade de frente, onda inesperada de emoções que o elevou acima do fundo arenoso, pondo-o a flutuar sem achar pé na narrativa que trazia decorada. Afogou-se quase no pranto vertido e precisou ser amparado pelos obreiros e pastores, que não desconfiaram da autenticidade do desempenho.

O povo se condeou pelo sofrimento evidenciado e, naquele dia, obteve o índice mais alto de convencimento de que a conversão se dera por obra e graça de Jesus, sob as preces e rogos da congregação. Ovídio, no entanto, percebeu que Cleto estava verdadeiramente derreado, desenvolvendo ele mesmo um sentimento misto de saudade e de ternura pelo falecido.

Durante toda a semana, debateram os irmãos a respeito da novidade e chegaram à conclusão de que os pais, muito mais do que eles, deviam estar sofrendo com a perda do filho, atribuindo aos mais velhos a responsabilidade pelos acontecimentos funestos. Foi o que deu coragem a Cleto de escrever, pedindo-lhes que compreendessem o quanto os dois estavam magoados com os efeitos de sua ganância pelo tráfico e pelo vício. Não definiu, porém, qual era a sua função na igreja, mas deixou claro que estavam sob o amparo de Deus, sob o resguardo do *egrégio* corpo eclesiástico responsável pelas pregações da palavra sagrada do Senhor.

— De onde terá vindo esse *egrégio*? — perguntou Margarida a Plínio.

— Da mesma fonte que estimulou as palavras sentidas do arrependimento e do pedido de perdão. Não importa que tendência protestante esteja por detrás deles. Eu acho que, se estão afastados das drogas, devemos agradecer a Deus e aos espíritos amigos, por que, sem eles, com certeza, estariam com o irmão na erraticidade.

— Você acha que devemos responder, dizendo que Ari se manifestou no centro?

— Tudo o que for verdade deve ser dito. Se eles vão ou não acreditar, é outra história. O que está me dando medo é ficar mandando a correspondência em nome de Cleto ou de Vidinho. Vamos escrever para o endereço do remetente, do mesmo jeito que Cleto fez, ou seja, para o pastor Moisés.

Foi assim que começou a troca de cartas que redundaria num abraço de reconciliação, ao cabo daqueles dez meses a que nos referimos.

## 25. FRAGMENTOS EPISTOLARES

Em resposta à primeira missiva dos filhos, Plínio ditou e Margarida escreveu, entre outras coisas, o que segue:

*“Sabemos que vocês não vão acreditar, mas a verdade é que Ari veio conversar com a gente, no centro espírita, dizendo que se arrependeu de ter tomado a droga que o desencarnou. Deus seja louvado!, porque, depois que ele se manifestou, nós pudemos reatar os laços do matrimônio e sua mãe, que estava morando com a tia Hortênsia, pôde voltar para casa perfeitamente curada.”*

Eis um trecho da carta de Cleto, recebida dois meses depois:

*“Eu e Ovidinho discutimos muito a respeito de poderem os que morrem voltar a conversar com os vivos e chegamos à conclusão de que isso é impossível, primeiro, porque Deus leva para o seu reino todos os que o fazem por merecer pelo esforço de realizar as obras do Senhor; segundo, porque os que não fazem nada que Jesus pediu, caem nas garras dos demônios, sendo arrastados para as profundezas infernais. Quem é que veio em nome do nosso irmão? Se fosse um padre católico quem respondesse, ia dizer que, se foi para o bem dos vivos, com certeza era um anjo ou arcanjo, como no caso relatado na Bíblia, quando se conta que José foi visitado em sonho pelo Anjo Gabriel. Nós não respondemos assim, porque não acreditamos que Deus precise das criaturas para realizar a sua obra. Quando disse que chorei muito porque me vi diante do Arizinho, no templo, foi por inspiração divina, que me envolveu em seu halo de amor, dando-me a bem-aventurança da revelação de que não me faltaria jamais. Foi a confirmação de minha fé na verdade do Cristo, nosso Senhor. Bendito seja Deus! Bendito seja o Espírito Santo! Bendito seja o Cristo Jesus! Quanto às palavras que vocês ouviram no centro, pensamos que tenham vindo da pessoa que falou, iludida com o desejo de transpor os limites da matéria, ansiosa por ser a intérprete da vontade de Deus. Pode ter sido muito pior, se foi enganada pelo diabo, o qual costuma frequentar esses antros de necromancia. Mas não queremos ofender a sua crença, porque acreditamos que vocês estão sendo sinceros. Um dia, virão até nós e irão reconhecer toda a verdade. Em tempo: Ovidinho está estudando e logo vai terminar o primeiro grau.”*

Plínio não havia dito nada a respeito de estar recebendo ditados mediúnicos com informações precisas a respeito de pessoas desconhecidas. Precisou, então, de toda prudência para os filhos não o acusarem de tratar diretamente com as forças demoníacas. Para isso, socorreu-se de Margarida, concordando ambos em que cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém. Por isso, as explicações dos fenômenos ganharam aspectos mais doutrinários, pela reprodução adequada de alguns textos de Kardec. Fiquemos num trecho sem citações diretas:

*“Se Deus tivesse criado seres destinados à maldade e, portanto, desde logo enviados aos sofrimentos eternos, não mereceria os atributos de infinita bondade e misericórdia que lhe reconhecemos. Sendo assim, não podemos acreditar na existência dos demônios, os quais, para nós, não passam de espíritos infelizes, pouco adiantados, de baixa categoria, que se regozijam ainda em fazer o mal. Ora, o espírito que trouxe a identidade do Ari não ofendeu ninguém. Pediu desculpas e rogou pelas preces dos pais, para que pudesse ser mais*

*feliz, já que estava agoniado por causa do consumo suicida das drogas. Se fosse um ser maligno, teria causado apenas maiores desgraças. Ao contrário, ficamos confortados e serenos, do mesmo modo que vocês nos tranquilizaram quando nos mandaram notícias tão auspiciosas, tão belas, porque nós achamos que vocês estão bem longe do tráfico e dos vícios. Por favor, Cleto, escreva a respeito e não se preocupe demais com o nosso interesse em servir à causa espírita.”*

Eis os termos em que os filhos comentaram as apreciações anteriores:

*“Vocês estão transformando as moradas do Pai em outros tantos mundos parecidos com este em que vivemos. Do jeito que colocam a existência depois da morte, é como se não valesse a pena ter feito de tudo para cumprir os desígnios do Senhor. As pessoas vivem, depois morrem, renascem, vão para o cemitério e vão criando dezenas de novos corpos, de forma a causar o maior problema na hora da ressurreição, ao final dos tempos, para o juízo final. Quem é que herdará a terra? O que é mais incompreensível é que os espíritas dizem que umas vezes nascem como homens, outras, como mulheres, faltando apenas confirmar que um dia foram cães, macacos, árvores ou montanhas. Aliás, um dos pastores convertidos do Espiritismo para a nossa Igreja nos disse que essa ideia é corrente entre os adeptos dessa religião. Nós queremos que nos perdoem a insistência, mas é que gostaríamos que nós fôssemos todos juntos habitar no reino do Senhor, porque estamos cada vez mais cômicos de que lhes devemos a glória da eterna felicidade, uma vez que nos deram a oportunidade da vida. Que as bênçãos de Deus abram para as suas mentes as portas da compreensão, da mesma forma que nos favoreceram os sentimentos do mais puro afeto!”*

Plínio, pela referência ao pastor, deduziu que os filhos estavam sendo orientados de maneira específica para as refutações aos cânones doutrinários do Espiritismo. Escreveu a missiva seguinte quase sem consultar a esposa, reservando a esta a parte final, para que dissesse o que bem entendesse. Eis um excerto de cada um:

*“Notei, queridos filhos, que o teor de sua argumentação privilegiou certa postura azeda, áspera, inconveniente, em relação aos irmãos de nossa fé. Não vou responder aos seus dizeres, mas quero saber com que corpo vocês pensam que vão passar a eternidade, depois daquilo que vocês chamaram de juízo final. Será, vejam bem, que as moléculas que estão na composição de suas carnes já não pertenceram a outros indivíduos ou criaturas vivas? Meditem sobre isso.”*

*“Como mãe, não creio que vocês iriam admitir outro destino para nós, prevendo que uns vão para o céu e outros para o inferno. Pela tese espírita, todos nos reuniremos, sempre e inexoravelmente, no reino de Deus, porque teremos quantas oportunidades forem precisas para aprendermos a ser perfeitos. Uma só vida não lhes parece insuficiente para um crescimento santificado pelas virtudes fundamentadas nas prescrições das leis universais?”*

A correspondência de Cleto foi quase um bilhete:

*“Eu confessei que estou recebendo ajuda de um companheiro entendido em Espiritismo. Duvido que vocês tenham alguém ao seu lado que debandou da nossa congregação. Mas tenho de admitir que me sinto orgulhoso ao ver que meus pais estão preocupados com os assuntos da vida e da morte. Acho que é meio caminho andado para receberem as dádivas do Senhor.”*

O elogio comoveu o casal, de modo que, na carta seguinte, ponderaram:

*“Nós temos lido com muita atenção o livro de Kardec O Evangelho Segundo o Espiritismo. Trata-se de uma obra que desperta para a necessidade de se fazer o bem, de se manter o pensamento elevado e os sentimentos sob controle da razão, ao mesmo tempo que explica os pontos da moral evangélica. Refletimos sobre tudo o que vocês escreveram até agora e percebemos que estão empenhados em aprender como ganhar o seu lugar no paraíso. Talvez — vejam bem que se trata de uma hipótese — talvez vocês estejam desejosos de subir dentro da hierarquia religiosa, para o que estão esforçando-se em apresentar as razões bíblicas fundamentadas em dogmas de fé que não aceitam discussão. O Espiritismo não deseja magoar as pessoas; apenas quer vê-las progredir. Para isso, é imprescindível que tomem consciência de que todos somos filhos de Deus, o qual distribui igualmente o seu amor infinito por todas as criaturas. Sendo assim, a nossa doutrina não estabelece pontos que não possam ser apreciados, discutidos e postos sob o crivo da razão. Isto quer dizer que o Espiritismo não admite qualquer dogma. A bem da verdade, este desenvolvimento nós redigimos depois de conversar com um amigo do centro espírita acostumado a realizar conferências, o Doutor Ariovaldo, cujos conhecimentos são sempre um estímulo para os estudos e instruções da comunidade.”*

## 26. ENCONTRO INSÓLITO

A correspondência foi interrompida por Anacleto, porque percebeu que não desejava ceder aos argumentos dos pais e viu, com clareza, que estes também não dariam o braço a torcer. O principal, que era a descrição de suas vidas, estava revelado.

Um belo dia, ou melhor, uma noite, sem prévio aviso, os irmãos vieram visitar os pais, encontrando-os, por indicação de Dona Antonieta, no centro espírita.

Ovidinho e Cleto tiveram excelente desculpa para conhecerem o ambiente frequentado pelos pais, não sem solicitarem a proteção de Deus, para que fossem afastados os demônios.

Era noite de palestra de Ariovaldo, de modo que foi possível a Plínio conduzir os filhos até a parte dos fundos, onde Margarida ajudava na preparação do lanche a ser distribuído aos *sem-teto* dos arredores.

Margarida não derramou lágrima nenhuma, mas abraçou ambos os filhos, falando-lhes com ternura da saudade que a vinha maltratando.

Foi Ovidinho quem abriu o jogo:

— Mãe, preciso que você saiba que me arrependi por tanto sofrimento que lhes causei. Quando me pego pensando nos palavrões que disse, sinto um nó tremendo na garganta...

— Vidinho, essas águas não movem moinho, porque já passaram. Agora você está outro, estudando, trabalhando, ajudando o Cleto e a sua igreja...

Foi a vez de Cleto:

— Ele está fazendo o melhor que pode, mas ainda está procurando certas companhias muito ruins. Os pastores já me disseram que ele não deve ir aos bailes da perversão...

Plínio interveio:

— Mas ele está na idade. Se não fizer isso agora, nunca mais.

Cleto explicou:

— Eu não sou contra. Apenas acho que está correndo sérios riscos, porque a droga corre solta e ele já deve ter cedido algumas vezes...

Ovídio observou:

— Por que não vamos conversar em casa? Acho que aqui o ambiente não é apropriado...

Na verdade, Plínio e Margarida estavam aflitos, com as pessoas incomodadas pelas declarações que anunciavam iminente conflito, contudo, não foram embora, uma vez que Plínio fazia questão de apresentar os moços aos companheiros mais chegados.

Não conseguiu arrastá-los ao salão da conferência, mas alcançou que visitassem o prédio, mostrando-lhes a sala de costura, a biblioteca, algumas salas de reuniões, vazias no momento, a despensa, ao lado da cozinha, a secretaria e os livros contábeis, o depósito onde se guardavam os volumes a serem expostos nas feiras, para a venda ao público, e a pequena tipografia, para a impressão do boletim mensal, com os artigos dos próprios diretores, a prestação de contas e as notícias de praxe das programações fixas e ocasionais.

Sobretudo, queria tornar evidente que as pessoas trabalhavam com muita alegria, constituindo aquela sociedade uma verdadeira família, onde todos se dedicavam ao próximo.

Quando encerrou a exposição, Ariovaldo fez questão de abraçar ambos os jovens, perguntando, sem peias na língua:

— Vocês abandonaram as drogas e o tráfico, definitivamente? Eu pergunto isso porque nós mantemos um serviço de assistência e de esclarecimento a viciados e suas famílias, com pessoal especializado, podendo, se preciso, encaminhar aqueles em pior estado para clínicas de desintoxicação. Pena que não deu tempo de salvar o seu irmão Ari, que se encontra bem numa colônia no plano da espiritualidade, conforme os nossos guias nos têm informado.

Cleto sentiu o agulhão das provocações e redarguiu:

— Doutor Ariovaldo, nós sabemos que o senhor está a par de nossa confissão como membros de uma igreja que não admite o relacionamento entre vivos e mortos. Por isso, estranho que esteja falando nesses termos conosco. Para não ser acintoso, eu lhe peço que deixe essa discussão pendente.

Ariovaldo não quis dar-se por vencido por aqueles jovenzinhos atrevidos e se dispôs a enfrentá-los:

— Sei que vocês não irão recusar um presente que espero venha a ser útil, ainda que para lhes fornecer material contra que investir em suas pregações.

Ato contínuo, pegou na estante um exemplar de *O Livro dos Espíritos* e outro de *O Livro dos Médiuns* e deu um para cada um, anotando:

— Vocês não precisam acreditar em nada do que está escrito. Nós mesmos partimos do princípio de que crer sem raciocinar não é o caminho para a verdade. Por isso, quando não entendemos certas passagens, levamos os problemas aos nossos grupos de estudos, onde discutimos até que a luz se faça.

Enquanto Ovídio se deixava empolgar pela simpatia e pela coragem do médico, Cleto punha-se de orelhas em pé, para a percepção de como satanás trabalha para captar os incautos que se julgam protegidos por seres de outra dimensão. Insistia em pensar que era assim que se criavam as ilusões e se construía os monstros mitológicos. Nenhum dos dois, porém, disse mais nada além de simples agradecimentos.

Plínio e Margarida tinham os corações apertados, porque sabiam do poder de resposta dos filhos. Se ficassem irados, iriam causar problemas. Mas, como não notassem nenhuma rebeldia à flor da pele, muito se admiraram por aquele desconhecido controle emocional.

Retirando-se Ariovaldo, vieram Silvinho e Moacir para as apresentações. Estes fizeram questão de demonstrar que o escritório do trio ia de vento em popa, graças à atuação emérita do presidente da sociedade. E se despediram, porque estava na hora da distribuição da comida e dos agasalhos.

Foi de Silvinho o convite:

— Vocês não querem ir com a gente?

Plínio falou por todos:

— Nós gostaríamos, mas faz tanto tempo que não nos vemos...

— É justo. Fica para outra hora — reconheceu Moacir.

Cleto não quis ficar por baixo:

— Na nossa igreja, fazemos mutirões de ajuda aos marginais, duas vezes por semana, distribuindo comida, cestas básicas, roupas e brinquedos. A humanidade está precisando de pessoas que pratiquem o amor que Jesus ensinou.

Ao passarem pelo corredor que levava ao auditório, Ovídio interessou-se pelo quadro de avisos, enquanto os demais foram conhecer o salão das conferências. Foi assim que o rapaz pôde constatar que Plínio omitira o fato de estar trabalhando muito ativamente junto às entidades espirituais, porque estavam ali duas mensagens assinadas, com a clara indicação dos médiuns. Numa delas, lia-se o nome do pai. Sorrateiramente, como se estivesse a pregar alfinetes, sem que ninguém percebesse, furtou a folha, guardando-a no bolso do paletó.

— Temos de voltar ainda hoje — informou Cleto.

— Vocês precisam dar uma passadinha em casa, para ver como é que estamos pondo tudo em ordem. Vocês sabiam que eu vendi quase tudo?

— Você mencionou numa das cartas.

— Espero que não fiquem espantados. Vamos até lá, a mãe faz um cafezinho e depois vocês vão embora. Estão de carro?

— Com chofer e segurança, porque o Bispo Moisés fez questão que tudo desse certo.

Margarida logo deduziu:

— Se eles contarem para onde vocês vieram, o bispo não vai reclamar?

— Depende do que a gente disser.

Plínio desejou fazer a interpretação:

— Entendi. Vocês vão dizer que tudo o que viram está errado e vão poder discutir com os outros...

Cleto foi mais longe:

— Nós vamos dizer que viemos convidar nossos pais para ingressarem em nossa igreja e que eles quiseram demonstrar que a verdade se encontra no centro espírita.

— Mas isso não está certo!...

— Claro que está, ou vocês aceitam ir amanhã a um de nossos templos? Vão dizer que não. E por quê? Porque acham que a verdade está com o Espiritismo. Não é óbvio?

O restante da viagem deu-se em silêncio, até que os dois carros pararam na frente da residência da família. Enquanto Plínio manobrava, Margarida foi entrando com os filhos. Em seguida, o marido foi convidar os dois acompanhantes para entrarem, mas estes gentilmente recusaram o convite, afirmando que tinham ido tomar um lanche no bar, enquanto esperavam perto do centro.

Assim que Plínio chegou de fora, Ovídio disparou:

— Que coisa, hein, pai! Você deu sumiço em quase tudo.

— E o dinheiro apurado entreguei ao sujeito que você mandou aqui para fazer a tatuagem. Esqueceu?

— Mas eu empreguei aquela quantia bem melhor. Se não fosse isso, hoje eu estava ainda atrás das grades.

Margarida queria mostrar as novidades:

— Vejam que nós pintamos, nós mesmos, todos os cômodos, enquanto o seu pai não montava o escritório. A sala está vazia mas está limpa, pronta para receber os móveis, assim que o dinheiro der. O nosso quarto está completo, até com alguma roupa nos armários.

Cleto se interessou pelas notícias:

— Quer dizer que o pai deu cabo de tudo, mesmo?

— Algumas coisas foi o Ari quem vendeu. Aquela foi a droga que o levou de nós — informou a mãe.

Ovídio quis saber do dormitório dos meninos:

— Quero ver como está o nosso quarto.

Plínio passou o braço por sobre os ombros do garoto e o conduziu até lá:

— Depois que a polícia levou toda a droga que encontrou...

Não prosseguiu. A dependência encontrava-se totalmente vazia, com uma porta nova nos fundos.

Deu a impressão a Ovídio que o pai lhe fazia uma cobrança. Não teve dúvida em esclarecer:

— A *bobeira* foi minha. Deixei de manhã; à noite, veio a *batida*. Nem Cleto nem Ari sabiam de nada. A mãe sempre limpava o quarto e, naquele dia, estava tudo em ordem. Pensei que não tinha importância.

Foi Cleto quem interrompeu as confissões:

— Que porta é aquela?

O pai foi até lá, abriu-a e mostrou um novo banheiro:

— Transformamos o quarto em *suíte*. Vocês estão verdadeiros homens. Se vierem visitar a gente, vão ser recebidos com as regalias de hóspedes. Se quiserem voltar a morar aqui...

Cleto foi pondo um fim na conversa:

— Vai ser muito difícil, porque a polícia está atrás de nós, principalmente do *carinha* que atacou o *delega*. Mas onde estamos está muito bom. Vocês sabem que o Vidinho mora no templo? Ia ficar uma semana, está lá faz quase um ano.

— O que é que viram nele?

— Presta todo tipo de serviço, desde comprar coisas até distribuir panfletos, levar convites, escrever cartas, receber pessoas que desejam conversar com os pastores e bispos etc. Por isso é que estão de olho nele, quando vai aos bailes, às festinhas de embalo...

Ovídio protestou:

— Você tem futuro, porque fala com desembaraço e o povo gosta do seu tipo. Pai, sabe o que acontece nos dias em que ele dá o seu testemunho? As cestas se enchem muito mais de contribuições. Isso é fundamental.

Cleto não gostou da revelação:

— As pessoas dão porque querem. Não é o que acontece no centro espírita?

Chamado à discussão, Plínio livrou-se logo:

— Na casa espírita, ninguém paga o dízimo, nem por livre iniciativa.

Cleto viu um rico filão:

— E de onde vem o dinheiro? Cai do céu?

— Mais ou menos. Você recebeu um boletim. Leia com cuidado para saber de onde vem o ativo. Verá que o principal é de uma pequena verba do governo. As contribuições dos sócios são pequenas e cada um dá quanto quer. Muitas vezes, precisamos fazer campanhas, porque a venda de livros não é grande Mas tudo isso está escrito. Leia. Você vai ver que não temos grandes ambições.

— E quem paga os diretores e funcionários?

— Os diretores e todo o pessoal que ali trabalha são voluntários.

— Ninguém recebe nada por fora? Não há desvios de verbas?

— Talvez isso possa acontecer em alguma instituição mal informada quanto às recompensas e castigos do carma. Em nosso centro, Moacir e Silvinho trazem tudo muito bem contabilizado.

— E o *caixa dois*?

— Não existe nenhuma contabilidade fora dos estritos mandamentos da moral cristã nem das leis humanas.

— Por isso é que vocês são tão pobres...

— Quanto às riquezas da matéria, estou de acordo. É que fazemos questão das riquezas do céu, aquela que a ferrugem não corrói... Complete!

— Os ladrões não roubam...

— Foi você quem disse. Mas, se você pensa que vou perguntar a respeito das finanças de sua igreja, está muito enganado. Para nós, cada um deve cuidar e muito bem de seu próprio progresso. Basta que Deus seja por todos os seus filhos.

Tendo escapado das denúncias do irmão, Cleto se enroscou nas virtudes do pai. Mas não se deu por achado:

— Se é para citar, você deve ter lido a passagem daqueles que receberam em dobro os talentos que aplicaram. Existe também os que semearam em bom terreno, tendo colhido trinta e mesmo cem por um. É nas *Escrituras Sagradas* que haurimos os dons, as bênçãos e o amor de Jesus, do Espírito Santo e do Pai.

Plínio não quis ir adiante, contente pelo rumo dado pelo filho aos pensamentos, rechaçando tacitamente o tráfico e os entorpecentes. Por isso, apenas agradeceu mentalmente, enfatizando o término da oração:

— Graças a Deus! Amém, Jesus!

## 27. A MENSAGEM FURTADA

Ovídio estava curioso para conhecer a página que apanhara no centro. No entanto, esperou estar sozinho para não receber a censura de Cleto. Por isso, somente quando se viu trancado no quarto é que pegou a folha, onde leu:

*Graças a Deus, estou de volta! Muito obrigado, meus filhinhos, por darem ouvidos a este velho amigo, respeitando a minha mensagem anterior. Quanto aos nomes, não deem importância a eles, mas prestem bastante atenção aos dizeres.*

*Hoje vou contar-lhes uma história verdadeira, dos meus tempos de juventude. Certo dia, estando a sós com Jesus, perguntei-lhe:*

— *Rabi, se o Pai nos recebesse em seu reino de glória, que palavras destinaria a nós?*

*O Nazareno, lançando sobre mim aquele olhar complacente que reservava aos discípulos ignorantes, respondeu:*

— *Diria, simplesmente: “Sede bem-vindos, queridos filhos, à bem-aventurança!”*

— *Não diria nada mais?*

— *Que mais poderia dizer: “Eu vos perdoo!”? Não está implícito, na festiva recepção, que todos os pecados estão perdoados?*

— *Ele não nos abençoaria?*

— *Que maior bênção existe além de nos agasalhar em seu seio de amor?*

— *Não perguntaria nada sobre nossos sentimentos?*

— *Que poderá existir no Universo que Deus não saiba?*

*Naquele dia, entendi que Jesus sabia muito mais do que estava ensinando ao povo, nas parábolas, e aos discípulos, reservadamente.*

Ao final do texto, um simples nome: *João*; e uma indicação: *Médium: Plínio*.

Ovídio repetiu a leitura mais duas vezes. Seu maior desejo foi sair correndo atrás do irmão, porque lhe parecia que a mensagem continha uma profecia.

Foi assim que, no dia seguinte, debateu o tema com Anacleto:

— *Eu acho que fiz uma coisa que você vai reprovar...*

— *Não posso reprovar nada que a sua consciência já não tenha apontado como errado, senão você não estaria falando comigo assim. Mas vá dizendo logo o que foi.*

Ovídio percebeu que lhe despertara o interesse.

— *Ontem, tirei do quadro de avisos do centro espírita uma folha escrita por nosso pai.*

— *E daí?...*

— *Daí, nada! É que eu acho que ele não disse tudo o que se passa lá dentro.*

— *Você vai ou não vai me mostrar o escrito?*

Plínio deu-lhe o papel meio amarrotado, que foi lido incontidamente. Cleto, à medida que tomava conhecimento dos dizeres, passou de um riso franco a um ar de extrema seriedade.

— Que é que você acha disso? — foi logo Ovídio querendo saber.

— Ridículo e absolutamente preocupante.

— Não entendi...

— Eu explico. Este nome que está aqui embaixo só pode referir-se ao Apóstolo e Evangelista João. E aí está a graça. Será que alguém é tão ingênuo que se julgue capacitado a receber avisos enviados de dentro do Reino do Senhor? Pois o Espiritismo acha que sim. Como é que eu sei? Não precisei ler muito o livro que recebi, aquele que trata dos espíritos, para encontrar lá...

Cleto abriu a pasta, retirou o volume e procurou o ponto, indicando ao irmão:

— Veja aqui, logo nos *Prolegômenos*, “São João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luís, O Espírito de Verdade, Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin, Swedenborg etc. etc.” Se o nosso pai leu este livro, reparou logo no primeiro nome citado. Só faltou escrever *São João*, porque a referência ao apóstolo se contém na mensagem.

— E o que tem isso de engraçado?

— Eu acho que o demônio encontrou um servidor ignorante e está *pondo para quebrar* em cima da ingenuidade do velho. O mais interessante é que essa folha você disse que retirou do quadro de avisos. Sendo assim, todo mundo deve estar sendo logrado numa só jogada. E ainda acham que estão recebendo espíritos puros, santificados e glorificados...

— Não me deu vontade nenhuma de rir.

— Vidinho, você não está achando ridículo, porque acreditou que seria possível que o nosso pai merecesse tamanha honra. Sendo assim, foi logo vendo que o velho está sendo abençoado.

— Abençoado não sei se está. Veja a data. Faz uma semana que o texto foi escrito.

— Certo. E qual a consequência que você tira disso?

— Ele foi avisado que a gente ia visitá-lo. Veja como é que Deus recebe os dois: — *Sejam bem-vindos, queridos filhos, à bem-aventurança.*

— Você quer dizer que Jesus e João somos nós dois e que o Pai é o nosso pai?

— Essa é a ideia.

— Interessante. Não vou dizer que não. Mas será que o demônio não podia soprar a mesma coisa, fazendo-se passar por João?

— Aí você me pegou. Bem podia ser ele. Por que, então, os espíritas não viram que estavam sendo enganados?

— Quem está nas mãos do maligno quase sempre nem sabe disso, principalmente se estão achando que estão felizes. Um dia, chega a desgraça dos vícios, dos crimes, dos desastres financeiros, das doenças, dos acidentes, da morte na família, e eles descobrem qual era a verdadeira intenção do diabo. É aí que correm para as igrejas, pedindo ajuda, querendo *amarrar* os espíritos infernais.

Ovídio abanava a cabeça não concordando com algo, mas não sabia expor direito a sua intuição. Finalmente, apenas para dizer alguma coisa, observou:

— Sem contar o fato de que a história ninguém comprova, o que há de errado naquilo que está escrito? Deus...

— Para começar, usaram do santo nome do Senhor, o qual deveria você mesmo resguardar, como está escrito na Bíblia. Depois, é importante saber que tudo o que os mortos falam pode ser inventado por qualquer um. Eu não acho que o nosso pai fez isso.

Acho que *passaram a perna* nele. Sendo assim, ele foi iludido e todo aquele povo que acreditou na mensagem apócrifa (significa: *de mentira*).

— Cleto, você quer dizer que o demônio é capaz de ditar uma página cheia de verdades, cheia de pensamentos positivos, para levar os homens a pecar?

— Exatamente isso. Sendo assim, ninguém pode aceitar nada que venha de uma pessoa de carne e osso, na pressuposição de que as coisas estejam sendo controladas por Jesus. Tudo tem de vir do Senhor, que se revela aos corações dos homens arrependidos, conforme tantos testemunhos que são dados no templo.

Ovídio estava meio aturdido com o discurso do irmão, não tendo mais nada para opor, acreditando vagamente que deveria oferecer resistência às assertivas de que Jesus viria aos homens e João Evangelista, não. Calou-se, fazendo questão de receber de volta o papel que o irmão ameaçava destruir.

— Cleto, eu cometi um ato desonesto. Preciso devolver ao pai. Vou pôr no correio, com um pedido de desculpa.

— Não seja bobo, Vidinho! Nesta hora, ele já colocou outra folha no quadro. Essa bobagem aí foi impressa.

Por um esforço de memória, Ovídio visualizou o quadro de avisos, recordando-se de um lembrete logo abaixo da folha:

— É verdade. Estava escrito que havia cópias das mensagens na secretaria.

Mesmo assim, logo depois do almoço, escreveu a Plínio, explicando o sucedido e pedindo permissão para permanecer com um *xerox* que providenciara.

## 28. ENTREMENTES, NO ETÉREO

A recuperação de Ari estava sendo bastante lenta, mas de acordo com o roteiro socorrista do hospital que o agasalhava.

Tivera o jovem diversos diálogos com o orientador, com a finalidade de se pôr completamente a par de onde estava, do que sofria e do tratamento mais adequado para levá-lo a um estado de consciência superior.

À época da visita dos irmãos aos pais, capacitara-se a perceber sua história pretérita anterior à derradeira encarnação, de modo que foi capaz de observar suas próprias reações perante os acontecimentos de duas passagens terrenas e as consequências funestas das crises de rebeldia.

Entretanto, não punha muito sentido no fato de estar merecendo especial atenção, justamente depois de haver comprometido os votos de realizações proveitosas na Terra, à vista do suicídio involuntário, por meio de excessos facilmente previsíveis, levando em conta que estava dotado de suficiente inteligência para saber que aquela dose de drogas causaria a morte.

Esse tópico o levou a inquirir do amigo uma série de elementos. Começou por perguntar sobre a novidade da ajuda:

— Doutor Edgar, por favor, esclareça-me quanto ao fato de estar fazendo jus a tanta consideração.

— De maneira geral, Jesus recomenda que sejam atendidas as solicitações de cura, desde que haja verdadeira fé e sincero arrependimento.

— Quando foi que demonstrei essa fé que salva e esse remorso que reverte as condições dolorosas da existência?

— Primeiro, não há necessidade de que se expressem os sentimentos por meio das palavras. O que importa é o que o indivíduo pensa e como vê os próprios atos. Você, ainda imerso na carne, inconsciente para o sensorio mas desperto para a percepção da tremenda falha, pôs, figuradamente, as mãos na cabeça, em sinal de desespero, comprovando que renegava o gozo material que buscara nas drogas. Recordar-se disso?

— Vagamente, porque são muito nebulosas as recordações em que me encontrava sob o efeito da alucinação. Aliás, como é que posso compreender o fato de ter tido a noção do erro, sem a correspondente lembrança extracorpórea?

— Boa pergunta. Não sei se estou apto a dar explicações científicas. No entanto, é preciso saber que há íntima correlação entre perispírito e corpo físico, enquanto existe vida. O cabedal de memória se registra em áreas do cérebro dos encarnados, nas fibras nervosas do corpo espiritual e, o que é o mais importante, vai constituindo a soma existencial do próprio espírito. Está muito complicado para você?

— Bastante. Se existem três setores de impregnação da realidade vivida, em que se distinguem entre si?

— No corpo físico, fixam-se os roteiros que dão sustentação fluídica à vida. Por isso, a pessoa não tem de prestar atenção nos processos do parassimpático, ou seja, na vida orgânica ou vegetativa. Você já pensou se precisasse deliberar conscientemente para cada

contração dos diversos sistemas, como o linfático, o límbico, o sanguíneo etc.? Um toque involuntário em algo quente faz o cérebro reagir quase de imediato, na defesa dos tecidos atingidos. Até aqui tudo bem?

— Acontece que a gente armazena no cérebro inúmeras informações adquiridas pelos raciocínios e não só as extraídas através dos cinco sentidos. São essas reminiscências que passam para o perispírito? Não fica nada preso ao cérebro material?

— Alguma vez você se dedicou a refletir sobre esse sistema tríplice de memória?

— Deveria recordar-me agora de tê-lo feito?

— Analise a sua última frase. Poderia dizer que a construção dela foi assimilada na sua pouco mais de uma década de vida?

— Eu já entendi que estou reavendo as condições intelectuais de algumas vidas anteriores em que me atrelei ao saber acadêmico e jornalístico. Então, devo deduzir que aqueles ganhos através dos raciocínios se dispõem de modo definitivo no perispírito?

— Quase isso. Na verdade, muitos conhecimentos se perdem com a deterioração do cérebro. Imaginemos que você tivesse lido centenas de livros. Todos os parágrafos ficaram impressos em sua mente, isto é, na soma do cérebro, do perispírito e do espírito. Por processos psíquicos avançados, com ou sem ajuda de produtos químicos ou de processos físicos, sempre há, enquanto o sujeito está encarnado, a possibilidade de fazê-lo regredir à época das leituras, de forma que, em estado hipnótico, quase todas as pessoas têm o poder de reproduzir, linha a linha, tudo o que leram.

— Para mim isso é novidade quase absoluta, embora suspeitasse de que para uns existe maior facilidade que para outros, de acordo com os dotes mnemônicos de que estão dotados. A recordação completa não constava de minhas excogitações. Mas não me venha dizer que o perispírito não poderá passar pelo mesmo procedimento de reconstituição completa dos eventos carnis...

— O espírito comanda o fluxo das recordações úteis do ponto de vista do mundo em que se situa na atualidade. Dessa forma, preserva na memória do perispírito todos os elementos catalogados para futura aplicação, quando do regresso à carne. Caso notável é o dos interesses sentimentais, porque todos os agravos e desagrvos são mantidos incólumes, para o ressarcimento dos débitos, em tempo hábil. Outros fatores são resumidos em forma de habilidades, de sorte que, quando reencarnados, os espíritos readquirem os conhecimentos cada vez com maior facilidade e destreza, como se pode exemplificar com as crianças superdotadas ou precoces, que aprendem sem esforço.

— Não é uma questão de constituição do cérebro, no qual os neurônios e os outros elementos físicos e químicos se ajustam para uma realização diferenciada?

— Aí entra o mérito dos seres mais evoluídos, que recebem o apanágio de uma família geneticamente favorável, para a herança dos bens que ele mesmo acumulou.

— Essa observação, *mutatis mutandis*, serve para todo o mundo.

— Certamente. Mas falta explicar a parte reservada ao espírito, quanto ao que lhe interessa recordar. Aqui é que sinto maior dificuldade, porque o desenvolvimento ou evolução das entidades vai tornando cada vez mais complexos os sistemas inerentes a esse fulcro sagrado da criação. Pela rama, porém, posso assegurar que, sem sombra de dúvida, as virtudes são o maior bem resguardado no âmago dos seres, sem nenhuma necessidade de rememoração dos entreveros, das injustiças sofridas ou praticadas, dos males

vivenciados, dos desastres e das desgraças. Para que o indivíduo ganhe a condição de passar para uma esfera menos densa materialmente, mais apurada quanto aos fluidos cósmicos, quintessenciada moralmente, é preciso que possua em si os fatores da felicidade, os quais se toldariam pelas lembranças dos sofrimentos. Sobem um degrau na escada evolutiva mas seu esforço lhes credita a compreensão de que estes vales de expiações e de provações são absolutamente necessários para a depuração. A lembrança de que Deus é misericordioso e cuida de todas as criaturas com o mesmo zelo e amor completará o quadro da memória do espírito. Se você quiser acrescentar mais alguma coisa, esteja à vontade.

Ari estava extasiado com o campo dos conhecimentos que se abria à sua inteligência. Sopesou as informações que o amigo Edgar forneceu, para constatar que nem tudo se fixara em sua memória perispírica. Foi quando percebeu que a memória do corpo físico não estava fazendo falta.

Edgar sorriu com as reflexões do pupilo, deixando-o embasbacado com a possibilidade da comunicação através do pensamento. Precisou enxugar algumas lágrimas fluídicas, tanta foi a emoção de se ver mais distante daquela pessoa tosca e retardada da última peregrinação terrena.

## 29. CLETO É CHAMADO

O Bispo Moisés, tendo notado que Anacleto desempenhava com real responsabilidade a função doutrinária através dos testemunhos, conhecendo que o jovem percorrera a maioria dos templos, aperfeiçoando o roteiro de sua participação, sem acrescentar nada que pudesse ser acimado de inverdade, a não ser certa cristalização das emoções pelos gestos dramáticos obrigatórios, quis saber como é que reagiria o discípulo em condições bem mais sérias. Por isso, sondou-o para ver se lhe havia crescido a ambição de servir a Igreja.

— Anacleto, você vai ter de deixar o seu emprego, se quiser dedicar-se à pregação da palavra do Senhor. Quer correr o risco de perder o coração de sua amada?

— Querido Bispo, Aurélia está destinada a ser minha esposa. Timóteo, praticamente, já abençoou a nossa união, passando-me a tarefa de gerenciar, na qualidade de ajudante, a rede de farmácias. Faz um mês que estou aprendendo com ele tudo o que se refere às compras, vendas e margens de lucro, inclusive quanto aos funcionários.

— Vejo que você conquistou a confiança do homem. Parabéns! Isto quer dizer que o sacrifício que vou pedir-lhe cresce em importância. Indo direto ao assunto: quero vê-lo pastor, à frente do público, levando a interpretação bíblica a bom termo, segundo os princípios que a nossa religião considera os mais adequados para captar e manter a fidelidade das pessoas que nos procuram.

— Bispo Moisés, venho estudando o desempenho dos pastores e tenho alguns sermões...

— Não use jamais essa palavra. Você vai ter de aprender que certas expressões estão interditas, porque lembram os padres católicos.

— Perdão, achei que entre nós não houvesse restrições. Vou me lembrar sempre disso.

— Não se preocupe, porque temos um plano para os novatos, que recebem instruções minuciosas à medida que vão se juntando ao grupo dos expositores. Normalmente, eu lhe pediria para estagiar como voluntário, com a remuneração básica, no auxílio dos cultos, como servente ou obreiro. Mas, como vi que você alcança alto índice de simpatia, convencendo as pessoas de que sua palavra é honesta, é convicta, brota do fundo da alma, apresentando muita facilidade em expor os pensamentos, logo imaginei que a sua juventude irá dar o toque de emoção e de sublimidade capaz de cativar o auditório. Seria, por isso mesmo, um desperdício de tempo obrigá-lo a permanecer na retaguarda, conforme anteriormente lhe propus, auxiliando na composição das palestras bíblicas. Vamos impô-lo à comunidade como um fenômeno de precocidade, declarando explicitamente que você foi chamado pelo Senhor, o que é verdadeiro, se considerarmos a perspectiva de sucesso. Se falhar, se não se der bem, se *tremar na base*, se *virmos que o saco está furado*, saberemos que Deus não lhe imprimiu nem no coração nem na mente a aptidão ou a vocação (perdoe-me o termo condenado) para o ministério religioso.

— Qual é o plano, senhor?

— Você vai acompanhar um dos pastores, à sua escolha e que o aceitar, e vai treinar, durante dois meses, uma exposição básica cujo tema você mesmo elegerá dentre os da lista oficial e segundo a sua própria organização. Em sendo aprovado pelo monitor, irá pregar em recinto fechado para um grupo seletivo de bispos, pastores e obreiros, que emitirão pareceres fundamentados sobre a sua *performance*. Quando vier a ser aprovado, o que não aconteceu nunca na primeira apresentação dos candidatos, irá participar de um culto, em dia de semana pouco frequentado, na periferia.

As instruções demonstrariam a Cleto os cuidados rigorosos em relação à escolha e preparo dos oficiantes. Lembrou-se de que os padres católicos eram *peneirados* desde crianças em seminários rígidos quanto à disciplina, tendo ouvido falar que nem todos que se ordenavam eram destinados às igrejas seculares, sendo aproveitados em funções internas da instituição. Essa reflexão fez com que assumisse postura de submissão e de admiração ao Bispo Moisés, porque sabia, com certeza íntima, que não decepcionaria a confiança nele depositada.

Não se dedicou, porém, a investigar quantos haviam sido convidados e haviam fracassado, embora nem todos os que se postavam diante do público merecessem a sua própria aprovação, sempre notando imperfeições que jurava não haveria de cometer quando chegasse a sua vez. Por outro lado, punha-se atento quanto aos principais, aqueles que falavam nos templos maiores, para plateias mais numerosas, inclusive com transmissão televisiva *ao vivo*, em constante desafio à memória e ao equilíbrio emocional. Estando diante de um aparelho de televisão, não via quais recursos poderiam ser utilizados, caso houvesse algum deslizamento de monta na exposição do tema, por isso, na primeira oportunidade, perguntou ao Pastor Honorato, o seu eleito, um dos mais antigos, sobre quem se dizia que recusara um bispado, quais os dispositivos de segurança para o sucesso das apresentações através do vídeo.

— Caríssimo irmãozinho, nem sempre as coisas correm de maneira perfeita. Houve um caso famoso de uma autoridade que maltratou uma imagem de gesso e que recebeu uma avalanche de críticas dos nossos superiores, sem contar a perseguição jurídica e religiosa dos que, *maliciosamente*, se sentiram ofendidos. A gente vai aprendendo com os erros, as hesitações, as falhas. Mas eu devo contar-lhe que nos servimos do ponto eletrônico. Você sabe o que é isso?

— Sei. É um transmissor que um ajudante opera, de modo que o pregador, com um pequeno fone escondido, pode receber todas as informações necessárias para safar-se dos apuros. Vi isso na televisão e num filme que critica os falsos sacerdotes.

— Tome cuidado quando falar a respeito de suas atividades fora. Isso tira de você o ar de ungido pelo Senhor, tornando a sua figura por demais familiar. Mantenha uma aura de reverência e seriedade, mesmo quando estiver entre nós. Comigo não se policie, para que eu possa orientá-lo.

— Tenho a certeza de que vamos nos dar muito bem, Pastor.

— Basta que você se compenetre de que deseja participar de nosso sucesso. Não se esqueça de que a bancada dos evangélicos cresce em âmbito nacional e já representa um peso ponderabilíssimo para as decisões dos plenários legislativos, sem contar que estamos a pique de eleger governadores, tendo eleito muitos prefeitos. Se você vem para a

conquista de posição social, acreditando que o dinheiro jorrará em sua conta bancária, saiba também que existe uma ideologia universal que tem como base a palavra do Senhor. Evite ser hipócrita o mais que puder, anulando qualquer pensamento menos saudável. Só assim merecerá o apoio dos mais antigos e se verá projetado no seio da comunidade, para o efeito das conquistas dos valores que lhe darão os fundamentos para uma vida plena de felicidade.

Intimamente, Cleto se congratulou com a escolha de Honorato, que punha as cartas na mesa, sem cobrar, todavia, qualquer declaração de propósitos. Advertia mas não exigia, pondo o moço à vontade para as meditações sobre os caminhos que percorrera desde que se iniciara no tráfico de drogas até chegar a esse ponto de futuro bastante promissor. Sabia que Timóteo abriria mão da ajuda do genro em favor do pastoreio das almas. Tinha de convencer Aurélia a constituir família dentro de alguns meses, porque raros eram os pastores solteiros.

### 30. A PORTAS FECHADAS

Numa pacífica reunião mediúnica, Plínio apanhou mais um ditado com a assinatura de João. Naquela noite, só ele se dispôs a escrever, enquanto os outros médiuns davam comunicações orais. Todas elas trouxeram o cunho da seriedade, com muitas recomendações de vigilância e de oração, sempre enfatizando a necessidade dos estudos e do amor a Deus e ao próximo.

Um dos beneméritos guias da instituição, após declinar o seu nome, fez referência à visita de uma entidade de grande importância para o Cristianismo, que desejava realizar considerações de caráter pessoal e filosófico. Como, entretanto, nenhum dos manifestantes correspondeu à descrição, todos volveram a atenção para a página escrita por Plínio, antegozando o deleite de um texto de superior magnitude.

Ariovaldo foi quem estimulou o amigo a efetuar a leitura:

— Vamos lá, companheiro! Só falta você para completarmos esta maravilhosa sessão, onde espíritos de notável envergadura moral trouxeram os seus contributos especialíssimos para darmos rumo à vida, sob a luz do Espiritismo.

Foi quando se notou que o arguido estava pálido e ofegante, quase impossibilitado de falar. Estendeu o braço, indicando que precisava tomar da água fluidificada da jarra. À vista de tão grave reação, acrescentaram todos muito mais interesse à curiosidade estimulada pelo espírito protetor que se pronunciara.

Plínio, temeroso e hesitante, fez um preâmbulo prudente, como a requerer compreensão e indulgência pelas ideias que lhe foram ditadas:

— Vocês hão de ter paciência para comigo, por favor! Atribuem o que escrevi à entidade espiritual e não a mim mesmo, que apenas servi de instrumento.

O nosso amigo das censuras estava presente e logo fez questão de estabelecer um parâmetro metodológico para a recepção da mensagem:

— Tenho sido *do contra* em relação aos textos que se referem à vida de Jesus, pela reprodução de diálogos impossíveis de se comprovarem. A publicação no quadro de avisos e a distribuição das cópias não mereceu a minha aprovação. Contudo, como fui voto vencido, assenti, se estão lembrados, considerando a hipótese de um simples conto de caráter ficcional, do tipo dos muitos que o Irmão X, através da ágil pena do Chico Xavier, nos proporcionou.

Silvinho, muito mais preocupado em encerrar a reunião, não quis deixar o amigo estender-se por muito mais tempo:

— Vamos ouvir a leitura do texto. Depois a gente discute e decide sobre o que será melhor para todos.

Moacir apoiou suas palavras:

— Acho que todos tivemos um dia cansativo, porque trabalhamos para ganhar o nosso pão. Acabemos logo com isto.

Os demais presentes concordaram, de modo que o *do contra* teve de calar-se.

Plínio, com as mãos trêmulas e a voz embargada, deu início à leitura:

*“Meus filhinhos, Deus é amor, como afirmei repetidamente durante toda a minha vida. Por isso, sempre insisti, até bem velhinho, que todos deveriam amar uns aos outros, deixando os problemas da vida para que Jesus lhes providenciasse as soluções. Tanto pensei nessas revelações particulares e coletivas, porque as igrejas estavam desviando-se da pregação do Cristo, que deliberei escrever o Apocalipse. Se alguém não sabe, apocalipse é uma palavra grega que significa revelação.*

*No entanto, se escrevesse, com o meu próprio nome, uma carta universal aos responsáveis pelas administrações das igrejas e aos sectários e fiéis, não obteria a repercussão que desejava para endireitar o que estava torto. Sendo assim, escrevi como que inspirado por Jesus, do mesmo modo que o meu médium está apanhando este ditado. Só que eu não recebi nada mediunicamente, porque Jesus estava vivo, uma vez que se salvara da morte na cruz.”*

O *do contra*, cujo nome já é hora de declinar: Severo Amâncio Fortes, bateu na mesa, chamando a atenção para si:

— Meus irmãos, vocês vão me desculpar, mas não creio que devemos ouvir o resto do que o nosso ingênuo e obsidiado amigo Plínio registrou. Agora ele ou o espírito extrapolou os limites da paciência e da consideração que devemos ter pelos sofrendores e infelizes. Se a malignidade deve ser um ponto a ser esclarecido, porque todos iremos evoluir sob o manto protetor de Jesus e as bênçãos de Deus, tanta ignorância não pode obter os favores de nossa atenção. Essa tese de que Jesus se livrou do extremo sacrifício da vida pela salvação dos homens está correndo mundo em forma de livros e de filmes. É hora de pôr um basta nessa onda que afronta a luz desse espírito de escol a quem se atribui a administração do planeta e contra quem ninguém pode levantar suspeita de fraude, de mistificação, de engodo, de mentira. Se me permitirem, vou retirar-me, já que expus com toda clareza, de modo absolutamente franco, tudo quanto penso, sem me deixar envolver por sentimentalismo obtuso ou por emoções perturbadoras de minha lucidez doutrinária. Se vocês tiverem a cabeça no lugar, vão impedir que essa mensagem espúria saia desta sala, obrigando os guias do centro a referendarem a informação de que visitava a nossa humilde casa um espírito de grande expressividade para o ideal cristão. Vão permitir-me realizar a prece de encerramento...

Ariovaldo, contudo, estranhou o jorro verborrágico do confrade e impediu-o de tomar as rédeas da reunião:

— Sinto que o nosso Severo está, deveras, convicto de tudo quanto disse. É muito importante para o grupo que haja alguém assim atento, sempre pronto a defender a pureza doutrinária kardequiana e, mais ainda, os sagrados escritos evangélicos. Não acho, todavia, que esteja certo em obstar que a turma tome conhecimento integral da mensagem, porque pode conter pontos polêmicos com o fito de nos despertar para a verdade, predispondo-nos à análise e à crítica, segundo a metodologia proposta por Kardec, para classificar as manifestações mediúnicas. Devo lembrar o irmão de que o Codificador agasalhou textos assinados por Santo Agostinho, por São Luís, pelo *Espírito de Verdade* e até pelo próprio Nazareno, conforme lemos na *Revista Espírita*. Se estamos diante de um problema sério, vamos tomar uma atitude adulta, refletindo maduramente sobre as ideias e pensamentos consignados, para concluirmos pela exclusão de parte ou

pela anulação do todo. Para isso é que estamos reunidos, ou seja, para obtermos uma orientação segura sobre os mais diferentes tópicos do conhecimento e da verdade. Por outro lado, o seu impulso, caríssimo Severo, é de todo respeitável mas não condiz com o sentimento democrático que deve imperar no seio da comunidade espírita, onde todos devem opinar a respeito de tudo, se não for para esclarecer o grupo, pelo menos para facultar aos mais experientes a oportunidade de explanarem com sabedoria a respeito dos temas em descompasso com os ensinamentos da doutrina. Como também deixei o meu ponto de vista, tenho a obrigação de abrir o debate, para que todos os médiuns presentes disponham do mesmo tempo e da mesma atenção que nós dois merecemos. Quem quer fazer uso da palavra?

Moacir logo levantou a mão e foi designado para falar:

— Volto, com toda a simplicidade, ao meu parecer anterior. Qualquer discussão a respeito desse ponto relativo à morte ou não do Salvador na infamante cruz irá custar-nos horas exaustivas e já estamos suficientemente cansados, inclusive para julgar com imparcialidade a celeuma levantada. Voto pelo encerramento da sessão, através do término da leitura, para que todos nós tenhamos noção dos assuntos tratados, os quais, no mínimo, atçaram a turma para a capacidade demonstrada pelo meu patrão e amigo, Plínio, em sufragar as comunicações imputadas a João Evangelista. Tenho dito.

Silvinho quis ser ouvido e logo lhe foi dada a vez:

— Concordo com Moacir mas não discordo de Severo e muito menos enfrento a lógica de Ariovaldo. Muito pelo contrário...

A turma percebeu a facécia e sorriu, como prevendo que os ânimos não se exaltariam mais.

Silvinho prosseguiu:

— Será justo aceitar qualquer escrito? Vou além: será justo desconhecer o esforço do confrade que se dispôs a incorporar um irmão, ainda que venha com o intuito de causar mal-estar e dissidência entre nós? Penso que não, respondendo a ambas as questões. Nem está certo aceitar qualquer coisa, nem é digno de espíritas que fazem jus a essa designação menosprezar o trabalho mediúnico. Sugiro, pois, que Plínio faça cópias integrais do texto, numere-as e distribua entre os que estão hoje aqui, desde que se prontifiquem a estudar a mensagem e a resguardar os segredos dela até que a deliberação final seja tomada a portas fechadas. Neste caso, rogo ao irmão Severo que não se furte a colaborar conosco, uma vez que as suas luzes, se ausentes, nos deixarão envoltos em nossa penumbra, em nossas sombras.

O último orador acompanhou as derradeiras palavras com um sorriso amável, tanto que Severo se levantou e veio dar-lhe a mão, correspondendo aos anseios de paz de que as suas ponderações estavam plenas.

Coube a Ariovaldo conduzir a votação:

— Quem concorda com a proposta de Silvinho permaneça como está.

Era a fórmula de decisão mais rápida, a qual tinha o condão de amenizar os rancores pela alegria que sempre despertava. Ouviram-se comentários abonadores e satisfeitos, de modo que o grupo pôde dissolver-se, depois que Ariovaldo solicitou a Severo que fechasse a reunião, com a prece que anteriormente prometera.

## 31. A COMUNICAÇÃO POR INTEIRO

A paz com que se encerrou a sessão não punha Plínio completamente tranquilo. Pensou em comentar com Margarida o teor do texto mas se viu impedido pela condição imposta pelos amigos de se aguardar a liberação da mensagem.

No dia seguinte, abriu o escritório mais cedo do que de costume e acomodou-se diante do computador, para a datilografia das páginas manuscritas. Pediu e obteve a presença do espírito que lhe ditou a página, fez uma prece aos seus protetores, agradeceu ao Pai todo bem que estava desfrutando naquele momento da vida e pôs-se a trabalhar.

Eis como o texto teve sequência:

*Penso que não poderei livrar-me da necessidade de estender-me, em outra oportunidade, a respeito desse surpreendente enigma, embora possa adiantar que os que se dedicaram a narrar-lhe a vida sugeriram que a descida da cruz poderia ter ocorrido com ele ainda vivo, porque, em seguida, se descreve o encontro do túmulo aberto e vazio, como ainda se contam alguns feitos em que o Mestre comparece para dar testemunho de si mesmo.*

*Meus filhinhos queridos, o que me trouxe atormentado durante muito tempo foi o fato de que desobedeci às ordens de meu Rabi, crendo necessário redigir um texto de impacto moral e religioso, para o que cometi uma apropriação indébita, cujas consequências têm surtido efeitos deletérios até hoje, vinte séculos depois. É que, simplesmente, copiei trechos inteiros de diversos autores dos livros sagrados do Velho Testamento, compondo um quadro sinistro de previsões tremendas, destacando a fome, a peste, a guerra e a morte como os flagelos de que a humanidade não se livraria, até se extinguir por meio de uma hecatombe inexorável provocada pela Besta que situei nos infernos.*

*Para comprovar o trabalho de transcrição, basta cotejar muitas das passagens do Apocalipse com trechos de Daniel, de Ezequiel, do Êxodo, do Gênesis, de Números, de Reis, de Jeremias, de Isaías, dos Salmos, dos Provérbios, de Zacarias, do Levítico e dos demais evangelistas. E vejam que não citei a todos.*

*Jesus, quando tomou contato com a obra, não se conteve e veio censurar-me asperamente, proibindo-me, terminantemente, de realizar qualquer outro comunicado em seu nome, porque, disse-me ele: “O povo ignorante vai deixar-se impregnar pelo terror e cada geração irá suspeitar de ser aquela a experimentar os horrores dos castigos do Pai.” E perguntou-me, pondo-me alvoroçado: “Esse seu texto não está em conflito declarado com a minha amorosa pregação? Você, queridíssimo amigo, não acha que a felicidade deverá alcançar todas as nações um dia, apesar das maldades da hora presente?” Para me aguçar ainda mais a percepção dos males que poderiam provir de minha tosca e primitiva exposição dos efeitos desastrosos dos pecados humanos, afirmou, sereno e compassivo: “Quando você tiver uma oportunidade, deverá confessar o intento de dominar os corações e as mentes através do medo.” Eu, que estava no fundo do poço, mesmo assim, argumentei:*

*“Senhor, estou proibido de fazê-lo.” Jesus sorriu e declarou: “O futuro Ihe demonstrará a verdade de minhas palavras.”*

*Como havia perpetrado outra inconveniência anterior, passei a preocupar-me, daquele instante até a hora de minha morte, apenas com o momento presente.*

*A revelação daquele outro caso, nesta casa de oração e auxílio fraterno, irá produzir mal-estar sobremodo angustioso para os que se esforçaram por entender a natureza divina do Espiritismo. Mas não posso perder esta oportunidade de referir-me à minha precipitação que, embora bem intencionada, não teve o respaldo da comprovação de nenhum outro escritor evangélico, tendo os estudiosos de se louvar tão somente no meu testemunho, para o prenúncio que depus na palavra do Messias, qual seja, o de que enviaria um Consolador, que denominei de Espírito de Verdade, para dar prosseguimento à construção de sua igreja. Mas esse informe terminou por sedimentar a doutrina espírita, porque a promessa ganhou foros de autenticidade, quando se aplicou ao nascente sistema filosófico de integral compreensão da existência.*

*Prometo estar à disposição dos irmãozinhos para quaisquer informações e comentários que desejarem endereçar-me. Não vou, perdoem-me, coroar hoje estas manifestações que estou empreendendo, não só porque o meu instrumento está conturbando-se, como a sequência do ditado demandaria tempo mais amplo.*

*Amem-se uns aos outros com o mesmo elã do seu amor ao Pai. Graças a Deus!”*

Quando Plínio datilografou a última frase, suave em bicas. Via e ouvia Severo a verrumar contra ele as piores observações, pela inobservância do preceito básico de somente atender os espíritos que desejassem dar comunicações de conforto, em harmonia com os preceitos das virtudes e da moral cristã e espírita.

Pensava, macambúzio:

*“Estas ideias são muito mais bombásticas do que aquelas que me impeliam a desfalcicar os cofres da empresa. Aquela intenção egoísta, pelo menos, causava apenas problemas materiais aos meus semelhantes. Este texto está eivado de subjetivas acusações, porque, historicamente, pinta quantos agiram em função dos pensamentos expressos por São João como alienados da realidade ou, o que é muito pior, usufrutuários das negras previsões. Em suma, está Severo absolutamente correto em restringir o conhecimento do inteiro teor da mensagem apenas a mim, na qualidade de médium. Se não der cabo dos originais e da transcrição, por minha conta e risco, vou ter de me aconselhar com Ariovaldo, no mínimo para que se prepare e me oriente para o chumbo grosso que os demais se sentirão na obrigação de atirar sobre obra, autor e intermediário.”*

Quando não havia ninguém por perto, imprimiu uma cópia apenas e fechou o arquivo do computador com uma senha, para que nenhum penetra pudesse desvendar o seu segredo mediúnico, guardando o manuscrito numa repartição secreta da carteira.

Na primeira oportunidade em que se viu com o amigo no centro, puxou conversa para sentir qual fora a repercussão da indiscrição do mensageiro a respeito de o Cristo não ter morrido na cruz:

— Doutor, pelo amor de Deus, me ajude! Quando me trazem ditados pessoais, próprios para acalmar as pessoas tristes e acabrunhadas com as desgraças que ocorrem em

suas vidas, não hesito em escrevê-las, designando, até com certa precisão, os nomes dos destinatários e dos desencarnados. Que devo fazer quando estiver sendo assediado por algum ente que se faz passar por espírito de luz?

— Caro Plínio, você tem feito o que nós temos recomendado. Não lhe dissemos para não colocar obstáculo nenhum, porque a crítica deverá ser posterior ao evento mediúnico?

— O que me preocupa é quanto à seriedade das informações. Não me consta que nenhum médium tenha dado comunicação que retire Jesus vivo do madeiro em que o pregaram.

— Com certeza, se alguém registrou esse acontecimento por influência espiritual, deve ter sido obstada quanto à publicação, como faremos nós, à vista das incongruências e demais fatos desconexos que se escreverem. Você efetuou a cópia que lhe pedimos?

— Pus no computador, mas os temas me pareceram tão absurdos que fiz apenas uma reprodução, que lhe trouxe, respeitosamente, mas com muito medo, porque acho que devo ter sido um marionete nas mãos de algum obsessor muito poderoso.

— Como é que você sentiu no momento do trabalho?

— Foi como se pairasse nas nuvens. Nessas horas, não sinto o peso do corpo nem qualquer preocupação que me desvie a atenção das frases que se compõem uma a uma. Já experimentei, algumas vezes, vibrações desagradáveis pela aproximação de espíritos que se revelaram inferiores, imperfeitos. Mas essas vezes em que o espírito João se apresentou foram da mais absoluta serenidade intelectual, como se tudo o que estivesse manifestando recebesse o alvará dos guias e benfeitores.

— Devo insistir, então, num ponto importante: jamais dê vazão a qualquer mensagem desse gênero estando em casa ou, como você tem feito, isolado, no centro, perante o computador. Deixe-me ver o texto, por favor.

Plínio tirou da pasta a folha em letras bem miúdas e, com o coração apertadinho, observou Ariovaldo durante a leitura, imprimindo à fisionomia as mais graves transformações.

Ao final da leitura, pediu o médico ao médium que se concentrasse e ambos oraram confrangidos um pai-nosso, que outra prece não seriam capazes de criar para a situação.

### 32. OVÍDIO AMEAÇA RETORNAR

Conforme prometeu a Cleto, Ovídio, que tinha de cor o inteiro teor do texto furtado, pôs a folha num envelope, redigiu uma carta e enviou aos pais.

Ei-la, na íntegra:

*“Meu Querido Pai e minha Querida Mãe:*

*Vocês já devem ter visto a folha que tirei do quadro de avisos. Desculpem-me. Li com atenção o texto, onde percebi que Jesus dava a Deus os atributos da perfeição. Quero que vocês me perdoem de tudo, inclusive dos palavrões de quando me visitaram lá no inferno.*

*Estou cansado desta vida aqui. Gostaria de voltar para casa. Vocês me recebem? Se a resposta for sim, preparem o meu quarto e digam quando é que vou poder voltar.*

*Um beijo arrependido, deste seu filho...”*

Margarida não pôde conter as lágrimas, contudo, Plínio foi mais cauteloso:

— Querida, o Vidinho deve estar com ideias. Você está lembrada de que Cleto disse que o menino é uma espécie de faz-tudo no templo? Aqui ele era um *faz-nada*...

— Nos últimos anos, porque, de pequeno, era um amor, o mais carinhoso dos três.

— Apesar de você preferir o nosso Arizinho...

— Por ser o caçula.

— Isso não vem ao caso. Eu vou escrever, pedindo para ele esperar, até a gente pôr o quarto em ordem. Mas o mais importante é saber se o delegado está disposto a deixá-lo solto.

— É verdade. Tudo indica que a ordem de prisão está valendo ainda.

A menção da polícia abalou um pouco a mulher, que, involuntariamente, começou a passar um pano sobre os móveis da cozinha, a retirar um pó que não se via. Plínio percebeu a ameaça da recaída:

— Margarida, eu vou pedir para o Vidinho ficar com o irmão. Acho preferível. Eu não ouvi ninguém falar nada, mas acho que, se ele aparecer por aqui, alguém vai *dedo-durá-lo* a troco de favores.

— Amanhã, a gente vai correndo conversar com o juiz, pedir que perdoe o rapaz.

Plínio sentiu que a ideia era totalmente inconveniente, mas concordou:

— Isso mesmo.

Antes que fossem deitar, leram um trecho de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que era como Plínio achava que iria acalmar a esposa.

Na manhã seguinte, Margarida levantou mais animada, esquecida dos temores da véspera, insistindo num ponto:

— Querido, escreva logo, antes que o Vidinho chegue.

— Com certeza. Mas eu boleei um plano para ver se a polícia ainda está de olho nele.

Naquela manhã, as cópias da mensagem proibida foram impressas e, de noite, distribuídas. No dia seguinte, Ovídio recebeu a missiva paterna, formulada nos seguintes termos:

*“Querido Filho:*

*Nós queremos que você venha para casa o quanto antes. Todavia, é preciso saber se os investigadores não estão de campana, para pegarem você. Por outro lado, deve agradecer muito aos pastores que têm cuidado de você, porque, se não fossem eles, nós achamos que estaria ainda no mundo das drogas. Qual é a opinião deles quanto a voltar para casa? Mande a resposta assim que conversar com Cleto e com eles. Se preferir, telefone. Enquanto isso, nós vamos comprar os móveis do quarto. Você quer alguma coisa em especial?*

*Um beijo carinhoso da mamãe e um abraço apertado...”*

Ao ler a carta, o rapazinho percebeu que estava totalmente perdoado, porque, junto, encontrou a mesma cópia do texto que devolvera. Pensou:

*“Ou muito me engano ou eles estão com medo que eu volte ao tráfico. Está certo que achem isso mesmo. Se perguntar ao Cleto, vai dizer que todos os meus amigos estão envolvidos, numa ou noutra quadrilha. Aqui, pelo menos, tenho colegas da igreja e da escola que nunca experimentaram nada. Alguns nem sabem o que seja bebida alcoólica. Embora alguns pastores e ajudantes fumem, estão proibidos de se mostrarem em público com um cigarro na mão. Também o delegado que ofendi deve estar querendo pôr as mãos em mim. Nisso os velhos têm razão. Agora, conversar com o Bispo Moisés e agradecer a hospedagem, nem pensar, porque eles não vão me deixar ir embora.”*

Ovídio ainda se preocupou em caracterizar os serviços que prestava à comunidade e se viu importante. Aliviou, assim, a ânsia de retornar para casa, adquirindo uma serenidade que até então não havia tido. É que sentiu, nas palavras da carta, uma atenção por ele que ia além da simples posse sentimental que os pais têm em relação aos filhos. Sentiu amor, como se o papel estivesse impregnado de vibrações sutis. Se estivesse ligado com os superiores do etéreo, saberia que vinha sendo amparado fluidicamente.

À noite, Cleto estava compondo o texto de seu pastoreio, quando o irmão apareceu e foi logo convidando-o:

— Meu caro, vamos sair. O pessoal vai visitar uns pontos de mendicância. Vamos praticar a benemerência, que eu acho que isso está faltando a nós. Afinal, você disse ao pai que nós também ajudamos os miseráveis.

Cleto estava cansando-se de tanto burilar as frases. Não queria fazer feio. Não obstante, Ovídio acertara num ponto fraco de seus sentimentos, porque tinha sentido certa dor-de-cotovelo quanto aos planos da caridade evangélica dos espíritas. Mas reconheceu:

— Você tem razão. A gente não tem de ficar apenas falando. Se não dermos demonstração ao povo de que temos bom coração e de que o dinheiro que arrecadamos serve para melhorar as condições de vida das pessoas que vivem debaixo dos viadutos, vão falar mal de nós.

— Cleto, você está muito preocupado com os outros. O bem, a gente deve fazer sem alarde. Foi assim que o Cristo ensinou.

— O que ele disse, eu sei. Mas a verdade é que os apóstolos não esconderam as curas, os milagres, as parábolas e outros feitos grandiosos do Messias. Fazer, a gente tem de fazer. Isto é óbvio. Mas temos de fazer render, para podermos continuar fazendo. Você sabe muito bem que o nosso jornal publica todas as nossas saídas noturnas, muitas vezes com fotografias. Eu vi, na televisão, que todas as religiões distribuem muita coisa. Ora, se eu vi, é porque mostraram. Então, todos estão preocupados com o que os outros pensam, até lá no centro espírita, onde aquele amigo de papai nos falou a respeito, para justificar o lema do Espiritismo: *fora da caridade não há salvação*.

No etéreo, Pedro Otávio se regozijava com o fato de conduzir os irmãos para junto dos mendigos e dos favelados.

### 33. OS PLANOS FRUSTRADOS DE PLÍNIO

Na sua concepção mais simples, o projeto do pai era saber se o delegado havia perdoado o agressor e fugitivo. Para tanto, precisava ouvi-lo de viva voz, dando-lhe, ao mesmo tempo, oportunidade de agir.

Conversou com Hortênsia a respeito, mas esta recusou-se a ceder o filho para a realização do plano.

Plínio insistiu:

— Ele não vai correr nenhum risco. Se os investigadores forem prendê-lo em casa, ele tem os documentos para provar que não se trata do Ovídio.

— Você está ficando louco. Vamos supor que o delegado imagine que o seu filho está com vocês. Se estiver com raiva, vai invadir de novo a sua casa e vai prender quem lá estiver. Até provar que o alho não é cebola, o meu menino pode levar uns cascudos...

— Eu não penso assim. Se ele entrar sem mandado de prisão, depois que eu tiver conversado com ele, vai saber que terá o pessoal dos direitos civis entrando com recursos muito sérios contra o poder constituído.

— Faça como você quiser, mas com o meu filho não conte.

Percebendo que Hortênsia não se dispunha a cooperar, procurou, na Mocidade Espírita do centro, alguém que se dispusesse a ir com ele à delegacia. Encontrou um velho conhecido do filho, mas esse foi Plínio mesmo quem não quis:

— Bem sei que você está tentando recuperar-se das drogas. Vai que é reconhecido por alguém e não irá sair de lá.

Como ninguém mais se ofereceu, Plínio entendeu que deveria agir sem levar ninguém para se fazer passar por Ovídio.

Numa tarde chuvosa, enfrentou o trânsito do bairro e aportou diante da delegacia. Entrou e solicitou uma audiência com o delegado, nomeando aquele que fora ameaçado. Não estava.

— Precisa ser ele? — perguntou o soldado junto ao balcão.

— Só pode ser ele.

— Pediu transferência. Está trabalhando no interior.

Ao saber o nome da cidade, Plínio sentiu um frio perpassar-lhe pela espinha.

Voltou correndo para casa e, imediatamente, ligou para ver se conversava com um dos filhos. Ambos estavam recolhidos aos seus dormitórios. Pediu, então, para falar com Cleto.

Depois de algum tempo, deu-se o seguinte diálogo:

— Alô! Pai? Que aconteceu?

— Conosco não aconteceu nada. Fiquei sabendo que o delegado do Ovídio está trabalhando justamente na cidade em que vocês estão.

— Eu já sabia.

— Como?

— Não posso explicar agora, mas vou escrever. Mas não se preocupe, porque o Bispo Moisés garantiu que tinha tudo sob controle. Posso pedir-lhe um favor?

— Diga.

— Vá ao instituto correcional e veja se consegue saber em que pé está o processo do Vidinho. Estou com medo de que ele tenha sido acusado de alguma coisa mais grave.

— Que coisa mais grave?

— Parece que os assassinos dos dois que morreram durante a fuga disseram que foi o mano quem praticou os crimes.

— Você tem certeza disso?

— Não sei em que pé as coisas estão, mas é bom ir verificar. O senhor vai?

— Eu vou mas não escreva, porque a sua mãe não pode ficar sabendo de nada disso. Escute: não seria melhor que vocês voltassem para cá?

— Para cair nas garras dos lobos? Muito obrigado. Eu lhe pedi para ir saber como está o processo, para saber como proceder daí para a frente. Se quisessem prender o *pivete*, o delegado já teria providenciado, porque ele sabe tudo sobre nós.

— Santo Deus!

— Fique frio! O diabo está sendo pintado bem mais feio do que é.

A conversa seguiria mais uns instantes, porém, Plínio não conseguiu demover o filho de sua decisão de permanecer onde estavam.

Naquela mesma tarde, correu a conversar com a insípida assistente social, com quem trocara as rudes palavras do tempo em que Ovídio estava preso.

— Vim conversar com a psicóloga responsável pelo processo do jovem Ovídio Saldanha.

O atendente procurou no arquivo, retirou uma pasta, abriu-a no último despacho e leu para o ansioso pai:

— O seu filho está sendo procurado, porque matou dois. Se o senhor sabe onde ele está, vai ter de dizer.

— Vou dizer para a autoridade. Agora eu quero falar com a psicóloga.

— Não está, no momento. Serve conversar com uma pessoa da administração?

— Serve.

O atendente indicou uma porta no fundo do corredor. Lá foi Plínio meio trôpego, mas sem se esquecer de orar pelos seus protetores espirituais. Bem no fundo da consciência, declarou, temeroso:

*“Vocês ficam discutindo através da minha mediunidade problemas que apenas estão gerando insegurança no grupo do centro. Deviam dedicar o seu tempo, prevenindo-me desses graves assuntos que interessam à minha família. Quanta gente vem ditar cartinhas de conforto e de respeitoso aviso aos parentes vivos. Por que é que não me trouxeram as notícias dos fatos que podem prejudicar o meu filho?”*

Não teve tempo, contudo, de ir mais longe nas considerações, porque, estranhamente, foi logo recebido no gabinete da senhora presidente da instituição. Feitas as apresentações, ela tomou a iniciativa das informações:

— Eu não acredito que foi o seu filho quem matou os menores. Mas uns quinze combinaram acusar o moço. Depois de a polícia investigar, chegamos à conclusão de que Ovídio, que não teve o apoio da psicóloga, diga-se de passagem, tendo em vista as declarações de seus amigos, aqueles que o ajudaram na fuga, os quais estão albergados conosco, sumiu da área em que esteve detido, sem passar pela zona em que se deram os

assassinatos. Sendo assim, estou preparando um dossiê que será remetido ao juiz, solicitando que o denunciado fique livre das acusações, embora estejamos torcendo para que ele se entregue, porque deve cumprir a sentença que o condenou a ficar recluso até a maioria. Se o senhor tiver confiança em nossa instituição, diga onde podemos encontrá-lo ou, o que seria bem melhor, peça a ele que se apresente.

Plínio estava zozinho com tantas informações, jogadas sobre ele em catadupas de palavrório. Percebeu, todavia, que deveria agradecer à boa vontade da funcionária que o atendera, ao discernimento dos que investigaram o caso e aos colegas do rapaz, que não tiveram medo de falar a verdade. Os olhos marejaram e as mãos tremeram. De relance, perpassou-lhe pela mente que fora injusto para com os protetores, os quais, se tivessem informado a respeito do que estava acontecendo, poderiam trazer desassossego e desequilíbrio, inclusive em relação ao trabalho mediúnico.

Em lugar de se prontificar a responder, estendeu aquele momento de emoção, para poder retratar-se com os benfeitores, elevando uma prece de agradecimento ao Pai.

Tanta foi a dor que demonstrou que a presidente o socorreu com um copo de água, que ele bebeu com muito gosto, rogando intimamente fosse fluidificada.

Insistiu a severa mulher:

— O que vai ser? Temos de ir buscar o moço em sua casa ou ele virá de livre e espontânea vontade?

— A senhora tem de compreender que o coração de um pai fica muito pequenino quando lhe dizem que o filho matou alguém. Eu vim pensando muito nisso, embora soubesse que ele está inocente, porque fiquei sabendo como foi que ele fugiu. Contaram à senhora que ele me pediu o último dinheiro que eu tinha, dizendo que precisava fazer uma tatuagem? Pois empregou as minhas economias com o aluguel dos serviços do grupo que o transportou para fora da cidade. Por isso, ele está longe daqui...

— Mas o senhor sabe muito bem onde.

— Sei mas seria trair meu filho se lhe contasse onde ele está.

— Não tenho outro recurso senão informar ao meritíssimo que deve intimá-lo.

— A senhora foi tão gentil em me receber e em livrar meu filho das acusações. Se eu lhe disser que ele está trabalhando com os pastores de um templo de culto protestante, longe da vida de crimes, posso contar com a sua comiseração?

— Quando é que ele vai completar os dezoito?

— Daqui a um ano e meio.

— O senhor disse que ele não está com a família. Podemos mandar alguém para comprovar?

— Com certeza. O quarto dele está vazio, depois que vendi tudo que pertencia a ele e ao que morreu.

A narrativa do desastre que vitimou o mais novo amenizou a carranca da administradora. Sentiu que o pai tinha outros motivos para sofrer. Então, Plínio fez render a loucura de Margarida e o desaparecimento de Cleto. Mostrou-se em recuperação financeira e espiritual, fazendo questão de explicitar alguns de seus trabalhos junto à comunidade espírita. Chegou a perguntar se a interlocutora tinha fé religiosa.

— Acredito em Deus mas não frequento nenhuma igreja.

Em suma, para encerrar o episódio, Plínio alcançou que o relatório seguisse sem ênfase ao fato de Ovídio permanecer foragido. Quem compulsasse o processo, depois de pronto, não saberia que o fugitivo não tinha sido recapturado. Automaticamente, Ovídio deveria considerar-se livre de qualquer perseguição policial.

Saldanha, no etéreo, não esfregava as mãos com a mesma certeza.

### 34. IMPORTANTES DECISÕES MEDIÚNICAS

Plínio nem se apercebeu que chegara o dia em que a turma deveria reunir-se a portas fechadas, para apreciação do texto que distribuíra. De repente, se viu sentado junto à mesa, reunidos todos os médiuns e doutrinadores da última sessão, mais uma companheira que havia faltado, Liberata, a qual, por sua avançada idade, não primava já pela frequência nem, por isso mesmo, havia tomado conhecimento da mensagem ou sentido certo frêmito de expectativa nos semblantes.

Arioaldo fez as leituras ocasionais de dois livros doutrinários, solicitou que os médiuns se concentrassem, pensando em Jesus e nos beneméritos guias do centro, realizou a prece de abertura e evocou a presença de alguma entidade que desejasse apresentar-se, para dar início aos trabalhos, não se esquecendo de ressaltar que os serviços a serem prestados naquela noite deveriam resumir-se o mais possível, para que se desse tempo aos debates.

A diligente médium dos cabelos de neve solicitou permissão para incorporar um amigo da espiritualidade, falando com clareza e ponderação:

— Meus irmãos, graças a Deus! Estou disponível para acompanhar esta importante reunião, onde serão discutidos temas da maior relevância para o desenvolvimento mediúnico dos tarefeiros do Senhor. Vocês devem ter percebido que este que lhes fala é o Irmão Juvenal, seu velho conhecido de tantas memoráveis jornadas de amparo aos infelizes que recorrem às luzes dos encarnados para se situarem no etéreo, com uma vontade inquebrantável de se melhorarem, crescendo em virtudes, com o fito de ampliar a faixa de atuação, para que o bem que venham a fazer abranja um círculo cada vez mais amplo de necessitados. Respeitando, entretanto, o desejo de todos, vim para lhes dizer que apenas eu me manifestarei, para notificar que o ambiente está coalhado de entidades interessadas nos pontos de vista que se analisarão, segundo o parecer de cada encarnado que estudou a temática proposta pelo espírito que assinou como João a mensagem que incentivou tantas pesquisas e fomentou tanta preocupação. De seu discernimento, concluirão os convidados do plano espiritual quais as melhores diretrizes a serem impressas às comunicações escritas, ditas psicografadas, para seu preparo junto ao educandário que os agasalha na colônia. Por isso, requeiro, em nome de todos, que os expositores se lembrem de Jesus falando ao povo e aos doutores da lei, com o coração na mão e a inteligência produzindo as melhores expressões para o entendimento dos raciocínios e das conclusões. Fiquem com Deus, sob o amparo cada qual de seu anjo de guarda, porque se espera que a sessão seja produtiva e esclarecedora. Assim seja!

Arioaldo ainda aguardou alguns minutos até definir que não haveria mais nenhuma incorporação mediúnica. Então, abriu os debates:

— Espero que todos tenham lido, mais ainda, estudado e decifrado todas as intenções do texto que o nosso irmãozinho Plínio escreveu diante de todos nós, na última semana. Sei que ele fez o possível para tornar esta reunião plausível do ponto de vista doutrinário, tanto que me procurou, expondo-me as suas dúvidas quanto a cumprir a determinação do grupo que o obrigava a transcrever a mensagem na íntegra. Recomendai-

Ihe cautela quanto a manter o sigilo do tema apenas dentro da abrangência do povo aqui reunido, mas não o estimei no sentido de que suprimisse nenhum trecho, porque era preciso, segundo meu ponto de vista, conhecer exatamente o que esse espírito e autor tinha em mente ao lhe oferecer um texto cuja interpretação pode causar a maior discordância entre nós, caso nos atenhamos a fixar uma diretriz inflexível para o nosso modo de estabelecer os critérios, em coerência com os princípios expostos por Kardec. Eu mesmo considerei cada expressão, cada frase, cada parágrafo, conseguindo assentar um prisma para a crítica do ato mediúnico e sua resultante textual. Mas vou dar a primazia da abertura das discussões ao nosso irmão Severo, o *do contra*, conforme ele mesmo se considera.

Severo não aguardou que a palavra lhe fosse formalmente passada, emendando a frase do orientador com a sua primeira observação:

— Gostaria que me considerassem, daqui para a frente, como o *a favor*, porque todas as minhas participações se deram e se darão no sentido de respeitar a doutrina que nos permitiu este agrupamento de pessoas para a efetivação de um ato de grande importância para as nossas vidas de espíritas convictos. Vou ao ponto. Li, com muito interesse, a mensagem em questão e posso afirmar que, sem sombra de dúvida, merece muitos encômios, pelo rigor com que trata os textos produzidos por João Evangelista. Claro está que, como ele mesmo promete, vou ficar ansioso para conhecer um pouco mais a respeito da sobrevida do Cristo ao suplício da cruz. No que respeita às transcrições do **Velho Testamento**, fui averiguar e obtive a revelação de que muitos trechos reproduzem passagens dos autores apontados. Para mim, o fato fez diminuir em muito os méritos das predições (quase diria maldições) contidas no **Apocalipse**. A advertência quanto à mudança proposta para a personalidade do Messias, que era pura doçura nos relatos evangélicos, passando a expressar-se como o deus dos exércitos das **Antigas Escrituras**, desejoso de punir e esquecido de perdoar, também me pareceu absolutamente procedente. No que concerne ao envio do *Consolador*, do *Espírito de Verdade*, que nós do Espiritismo vinculamos à história religiosa da humanidade com o nome de *Terceira Revelação*, atribuindo a passagem evangélica à nossa doutrina, por força de inúmeras citações mediúnicas, inclusive endereçadas a Kardec, devo confessar que me vi surpreso quanto a ter sido exposta apenas em *João*, nada havendo semelhante em *Lucas*, em *Mateus*, em *Marcos* nem nos *Atos dos Apóstolos*. Aliás, seria muito justo que, no **Apocalipse**, houvesse a reprodução desse informe tão precioso, mas lá não achei nada disso. Ao contrário, em lugar de Jesus nos prometer outro Consolador, faz-nos ver que a Besta está preparada para assumir o controle do mundo, em época futura e não determinada. Aí, eu me lembrei de um dos critérios mais importantes de Kardec para fixar as diretrizes doutrinárias, qual seja, o da coincidência universal dos preceitos, porque o codificador só aceitava os pensamentos filosóficos dos fundamentos espíritas se recebesse comunicações de mesmo teor ou assemelhadas de muitas origens, porque se correspondia com o mundo todo. Sendo assim, salvo melhor juízo, considero a mensagem transmitida ao nosso amigo Plínio como perfeitamente cabível, dentro dos poucos conhecimentos evangélicos que possuo. A partir daí, no entanto, não concluem, por favor, que eu opte pela divulgação do texto. Continuo, como mencionou o Doutor Ariovaldo, *inflexível*, porque considero que a doutrina espírita não tem nada a ganhar com polêmicas mensagens, cujo maior mérito se encontra na

possibilidade de estar historicamente correta, sem, contudo, oferecer outra prova qualquer que não seja a das prerrogativas do saber raciocinar em função das próprias informações que registra. Lamentavelmente, tenho de respeitar o fato de que, naquela noite da semana passada, o ambiente estava em paz, eu mesmo tendo dado passividade a duas manifestações maravilhosas quanto à moralidade e à teoria espírita. Lamento, não pelo fato em si, mas porque me coage a aguardar novos desenvolvimentos, pela curiosidade que me despertou quanto a oferecer essa entidade outros conhecimentos sobre que não tive ensejo de me dedicar. Lamento ainda mais porque não vou votar pela abertura desta sessão ao público em geral, estimulando a curiosidade mórbida das pessoas que não veem com bons olhos os trabalhos a portas fechadas, como se o que se passa dentro destas quatro paredes se inspire nas entidades menos evoluídas. Agradeço o discernimento do nosso orientador e amigo, Ariovaldo, por me deixar falar à vontade, talvez se surpreendendo com o que eu disse a favor do texto. Se me permitirem, vou procurar ouvir o que cada um tem para dizer e não vou mais colocar qualquer obstáculo, caso a decisão eleja um ponto de vista diferente do meu. Apenas, como Pilatos, vou lavar as minhas mãos quanto à responsabilidade das distorções educacionais que a publicação do texto promoveria. Afinal de contas, permitam-me o gracejo, por mais que Pilatos tenha ensaboado o sangue que enxergava impregnado em sua pele, tendo Jesus descido da cruz ainda vivo, não havia muito para expiar.

O efeito da brincadeira não atingiu o objetivo de amenizar a seriedade das considerações. Ariovaldo estava cada vez mais admirado da sagacidade e da inteligência do amigo e levou um bom tempo para refazer-se da incrível avalanche de conceitos. Finalmente, avaliou que outras poderiam ser as opiniões das pessoas presentes e ofereceu a palavra a quem se apresentasse.

Olívia, uma das cinco do corpo feminino de médiuns presentes à reunião anterior, desejou oferecer a sua contribuição. Ariovaldo introduziu-a:

— Com a palavra a nossa querida irmãzinha, Olívia. Aliás, se elas não se manifestarem, iremos ter os conceitos apenas da ala masculina; e nós não queremos que pensem que somos chauvinistas.

— Muito obrigada. Devo avisar que falo em nome de todas, porque nos reunimos e chegamos a algumas conclusões, quase todas coincidentes com as ideias de Severo. Antes que pensem que demos conhecimento da mensagem a outras pessoas, previno que tomamos o máximo de cuidado e nenhuma cópia caiu em mãos estranhas. Tivemos em mira definir os pontos de coincidência entre o texto do *Apocalipse* e os das fontes citadas. Não sei se vocês sabem, mas encontramos uma edição da *Bíblia* que apresenta anotações muito valiosas quanto às referências repetidas, de modo que bastou olhar para o rodapé para saber de onde provinham os textos originais. Antes de eu prosseguir, o grupo das mulheres decidiu inquirir do amigo Plínio se ele conhece esta edição que está aqui comigo.

Ao mesmo tempo, Olívia mostrava um grosso volume, abrindo-o ao acaso, apontando os rodapés aleatoriamente, lendo um ou outro rapidamente, para a constatação do que afirmara.

Plínio prestou atenção e esclareceu em seguida:

— A *Bíblia* que possuo contém esse mesmo aparato. Se não me engano, esse sistema recebe o nome de *chave de concordâncias*. Quanto a saber que muitos trechos do

*Apocalipse* derivaram dos outros livros do *Velho Testamento*, no entanto, não fazia ideia de que a coisa era tão séria.

A moça prosseguiu:

— Mesmo que soubesse, dificilmente iria citar tantos autores, a menos que tenha acrescentado alguns após consulta, quando datilografou o texto...

Correu Plínio a afiançar o contrário:

— Se vocês quiserem ver, tenho comigo o original escrito na presença de vocês.

— Não vai ser preciso, porque o mais importante é conhecer a verdade; e a verdade se encontra na confissão do apóstolo (se é que foi ele mesmo quem se apresentou) de haver transcrito muitas passagens. Se me permitirem, posso reproduzir uma.

Ariovaldo consultou o auditório e anuiu:

— Você terá o direito de uma citação apenas, porque, penso eu, todos nós fizemos o mesmo cotejo e chegamos ao mesmo resultado.

— Então, vou reproduzir, primeiro, um texto de *Daniel*. Para não ficar monótono, peço à Judite que execute as leituras, conforme eu for solicitando. Certo?

Meio impaciente, Ariovaldo acenou que estava bem. Olívia deu as diretrizes da citação:

— A *Bíblia Sagrada, Antigo e Novo Testamento*, que utilizamos foi traduzida por João Ferreira de Almeida e publicada no Rio de Janeiro pela Sociedade Bíblica do Brasil, em cinquenta e nove. Não consta o número da edição. À página oitocentos e setenta e seis do *Antigo Testamento*, em *O Livro de Daniel*, capítulo sétimo, versículo treze, lê-se, conforme Judite irá demonstrar:

— *“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do homem, e dirigiu-se ao Ancião de dias, e o fizeram chegar até ele.”*

— Agora, do mesmo livro, à página oitocentos e oitenta, capítulo décimo, versículos cinco e seis:

— *“[...] levantei os olhos, e olhei, e eis um homem vestido de linho, cujos ombros estavam cingidos de ouro puro de Ufaz; o seu corpo era como o berilo, o seu rosto como um relâmpago, os seus olhos como tochas de fogo, os seus braços e os seus pés brilhavam como bronze polido, e a voz das suas palavras como o estrondo de muita gente.”*

— Voltando à página oitocentos e setenta e seis, capítulo sétimo, versículo nono:

— *“Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de dias se assentou; sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça como a pura lã; o seu trono era chamusca de fogo, cujas rodas eram fogo ardente.”*

— Reparem agora como se encontram as mesmas ideias e quase as mesmas palavras no *Apocalipse*, à página duzentos e noventa e dois do *Novo Testamento*, capítulo primeiro, versículos treze a quinze. Por favor, Judite.

— *“[...] e, no meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes tálares, e cingido à altura do peito com uma cinta de ouro. A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo; os pés semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz como a voz de muitas águas.”*

Prosseguiu Olívia:

— Pode parecer que houve um resumo mas, na verdade, a reprodução não poderia eleger os textos todos ou João poderia ser acusado, simplesmente, de plágio. Nós não

achamos isso. Julgamos que, naquela época, as palavras sagradas poderiam representar, para o espírito dos leitores e dos ouvintes, a autoridade de que se revestia o autor, que falava em nome de Jesus. O que não se concebe é que o Cristo se desse a conhecer ao apóstolo de forma tão exata e igual à descrição antiga. Por outro lado, muitos outros trechos se encaixam perfeitamente, de forma que se justifica plenamente a mensagem que o nosso parceiro recebeu. Se eu tiver um tempinho mais, gostaria de expor um recurso utilizado nesse mesmo sentido, o qual nos pareceu, no mínimo, perverso, para uma obra provinda do Nazareno.

Ariovaldo perguntou:

— Alguma outra companheira irá fazer uso da palavra?

Ana Beatriz manifestou-se:

— Eu posso fazer as vezes da Olívia, porque nós todas sabemos sobre o que ela irá discorrer.

Ariovaldo percebeu que não escaparia tão cedo, de modo que deixou a decisão para as mulheres:

— Façam como acharem melhor, mas sejam breves, por favor.

Olívia antecipou-se:

— Fale você, Ana, para demonstrar que todas estamos interessadas no tema.

Ato contínuo, Ana expôs o assunto:

— Descobrimos que o fecho do **Apocalipse** desfere sobre a humanidade uma ameaça terrível. Depois vimos que até a notícia do flagelo foi extraída do **Velho Testamento**. Judite, por favor, leia o que se encontra à página trezentos e nove do **Novo Testamento**, versículos dezoito e dezenove do capítulo dezenove.

— *“Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa, e das cousas que se acham escritas neste livro.”*

Ana prosseguiu:

— O grupo feminino tremeu de medo com a profecia, mas, levando em conta que o próprio autor da funesta previsão foi quem veio para acrescentar e diminuir, como lembrou Severo, não vimos como Plínio deva ser atingido pela maldição. Acreditamos na justiça de Jesus. Querem ver de onde proveio esse trecho? Judite, por favor, reproduza **Deuteronômio**, capítulo quarto, versículo segundo, página cento e noventa e seis, e, em seguida, do mesmo livro, capítulo doze, versículo trinta e dois, página duzentos e sete.

— *“Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardeis os mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu vos mando.” “Tudo o que eu te ordeno, observarás; nada lhe acrescentarás nem diminuirás.”*

Ariovaldo rejubilava-se com a eficiência demonstrada pelos parceiros de mesa mediúnica. Percebeu que estampavam no semblante não mais o receio da abertura, mas a satisfação de se verem úteis e reconhecidos. Foi assim que fez questão de mencionar o seu pensamento a respeito:

— Vejo que todos nós nos deixamos envolver pelo estudo da mensagem. Não quero dizer que esteja o texto correto nem que tenha provindo do augusto nome que o assinou. Acho que isso não interessa muito, porque o princípio em evidência foi o de realizar um

trabalho de busca, de pesquisa, de exegese bíblica, no sentido de fazer com que prevaleça a verdade. Não vamos mudar os nossos pontos de vista anteriores quanto a ser sagrada e universal a carta da revelação endereçada às sete igrejas asiáticas. Vamos, sim, colocar as ideias no lugar e passar a refletir sobre a existência, sobre a vida, sobre a encarnação e sobre a morte, de acordo com os paradigmas fornecidos pelos espíritos de luz a Kardec. Não vamos desprezar a maneira antiga de angariar prosélitos para os cultos nem de prendê-los através de fulminantes razões religiosas. Penso que as informações da mensagem ditada ao irmão Plínio estejam suficientemente discutidas. Águas passadas não movem moinho. Vou pedir aos que ainda não se manifestaram que comentem a proposta do Severo, quanto a não dar ao prelo, ou melhor, quanto a não divulgar o texto. Que tal você, Moacir?

O designado imediatamente assumiu a palavra:

— Quero dirigir-me por um caminho paralelo, sem tocar nos pontos principais da mensagem em si. A minha preocupação se situava noutro setor. Eu pensava que, se os estudos e pesquisas fossem continuar, o trabalho mediúnico a que estamos acostumados iria perder em ênfase, ficando muitos irmãozinhos sem atendimento. Até ia fazer esse reparo para o meu amigo Plínio, ou seja, que não desse vazão aos textos desse naipe, porque não via muita importância nas discussões decorrentes. Dois fatos, porém, estão me obrigando a mudar de opinião. Em primeiro lugar, o interesse, digo mais, o empenho da turma, inclusive da parte das senhoras e moçoilas, em decifrar o que de verdade possa existir nas informações que, convenhamos, desafiam os conhecimentos tradicionais, para não dizer milenares, de um texto considerado de fundamental importância para o cristianismo. Está parecendo que houve um como rejuvenescimento de espíritos, uma regressão aos bancos escolares, quando a gente chegou ao centro e se pôs, com muita desconfiança, a estudar a mediunidade nos cursos iniciais. Vendo por esse prisma (desculpem-me se me atrapalho), está sendo muito útil estimular a inteligência da maioria e a sabedoria de alguns, como no caso do amigo Severo e do Doutor Ariovaldo. Mas, se fosse só isso, ainda assim iria solicitar que Plínio evitasse tais ditados polêmicos. Outro fator, contudo, se interpôs entre a minha intuição primeira e as observações posteriores. Foram as palavras com que o espírito Juvenal, nosso emérito guia, abriu esta sessão de maneira tão clara e insofismável, atentando-se ao fato de que a veneranda irmã que serviu de intermediária desconhecia por completo o objetivo da reunião. Se ele não informasse sobre a presença de inúmeros companheiros desencarnados interessados no desenvolvimento dos debates, até eu poderia acreditar que estávamos gerando uma tarefa sem repercussão, porque, como Severo fez questão de frisar, também sou de opinião que o grande público não deve ser incitado aos mesmos assuntos, dado que a temática necessita de pessoas mais dotas, mais eruditas, mais sábias, para que possa vir a ser esgotada em todos os seus aspectos. Creio que estas minhas ideias encontrem ressonância na alma dos parceiros, para que firmem posição de absoluta imparcialidade quanto a não aconselhar a divulgação dos escritos, em cujos méritos, reafirmo, não desejo penetrar.

Ariovaldo ficou intrigado e expôs a sua dúvida:

— Quer dizer, Moacir, que você não aceita que o texto tenha sido produzido por um espírito de luz, da categoria de João Evangelista?

As faces de Moacir adquiriram um tom fortemente avermelhado, tanto que fez um gesto involuntário com as pontas dos lábios, mas se definiu:

— Quem somos nós para receber avisos de tamanha magnitude? Como não temos recursos para aprimorar as teses espíritas, quer me parecer que, embora verossímeis, as mensagens são tendenciosas, no sentido, evidentemente, de nos trazer cativos a certos princípios bastante diferentes daqueles que nos sustentaram até aqui. Não é verdade que eu disse que modifiquei a minha diretriz de pensamentos? Pois admito que o exercício mental a que nos conduziu o autor (seja ele quem tenha sido) pode vir a ser útil para a nossa formação espírita. No entanto, eu me sentiria bem mais seguro se as coisas voltassem ao normal. Vocês não pensam como eu?

Agitou-se a pequena assembleia. Entretanto, Ariovaldo, preocupado em dar oportunidade a todos e observando que, se cada um levasse o mesmo tempo, a reunião ainda duraria umas duas horas, pediu silêncio e se dirigiu diretamente a Silvinho:

— Você e Moacir são unha e carne. Você concorda com ele? Vocês estudaram juntos? Tem alguma coisa a mais para acrescentar?

Silvinho percebeu a agitação do orientador e fez questão de acalmá-lo:

— Falo apenas por mim. Moacir tem as ideias dele e eu tenho as minhas. Não obstante, não vou fazê-los perder mais tempo com considerações argutas e específicas. Penso que os temas tiveram tratamento adequado. Concordo com que seja muito cedo para levar ao pessoal de fora os arremessos, os atrevimentos, as novidades que se encontram consignadas nestes textos, os quais, no mínimo, são surpreendentes, porque não vejo, no meu querido Plínio, nenhum interesse em nos trazer tais problemas. Por isso, acho que devemos aguardar novas manifestações da mesma entidade, permanecendo atentos para as críticas e comentários de nossos guias e guardiães, uma vez que nenhum ofereceu resistência contra este tipo de serviço mediúnico. Seguindo nesta linha de raciocínio, proponho que, na próxima reunião, alguém venha com algumas perguntas preparadas, para dar azo a que as respostas do plano espiritual nos encaminhem para o que for melhor para todo o mundo. Se tomarmos as deliberações que prescrevi, certamente estaremos valorizando sobremodo o trabalho dos médiuns, abrindo, inclusive, a perspectiva para que o mesmo espírito se utilize de outro membro efetivo de nosso corpo mediúnico, para que não fique tudo sobre as costas só de um.

Ariovaldo criou uma suspeita no âmago da alma e a expôs de imediato:

— Não há dúvida de que todos os que se pronunciaram o fizeram com desembaraço e muita fluência. Como são médiuns, estarão sendo amparados, inspirados, ou não foram vocês mesmos que criaram as suas falas, apenas reproduzindo oralmente o que os espíritos lhes ditaram? Na verdade, gostaria de crer em que tudo o que expuseram seja fruto de seus cérebros privilegiados, porque muito me honrariam com a sua amizade e companheirismo.

Severo não deixou que Ariovaldo prosseguisse:

— Diga-o você mesmo, prezadíssimo confrade, que está tão entusiasmado com as realizações alheias que não é capaz de avaliar o mérito de sua própria oratória.

Instado, Ariovaldo revelou a sua opinião:

— Eu acho que a influência das personagens da esfera espiritual se faz sentir no formalismo com que todos se expressaram, por respeito ao fato de sabermos que estamos

sendo visitados por gente muito gabaritada. No entanto, se nos dermos conta de que tais irmãos evoluídos se aproximaram de nós em virtude das decisões que pautarão certos procedimentos deles, conforme nos informou Juvenal, estamos agindo corretamente, segundo nosso próprio discernimento, sem interferências estranhas. Pelo menos eu sinto assim.

Foi Olívia quem aparteou:

— Quer dizer que existe uma sutil contradição em seus sentimentos, isto é, sem ofensa, você está achando que o seu jeito de ser prevalece quando fala e o nosso se expõe à orientação dos irmãos benfeitores...

Se Olívia não fizesse um gesto conciliador, como se desse umas palmadas no amigo, talvez não se entendesse que estava brincando. Mas todos, pelo sorriso maroto que aflorou em sua fisionomia, perceberam que a tentativa da parceira era a de tornar a sessão menos tensa, assegurando o bom humor que caracterizava o relacionamento do grupo.

Não se atrapalhou Ariovaldo e enviou um careta alegre à colega, retomando as rédeas, segundo o tema:

— Vocês acham que devemos acatar o parecer geral dos que se apresentaram, ou seja, que fiquemos na expectativa de novas mensagens, sem dar ao público conhecimento do que nos trouxe tão atarefados? Levantem a mão os que aceitam esta tese.

Houve unanimidade, todos concordando com a proposta coincidente dos três que deram sugestões. Ariovaldo voltou a consultar a turma:

— Quanto a elaborar um questionário, vocês estão de acordo? Quem estiver levante a mão.

Houve apenas um voto a favor, o do dono da ideia, Silvinho. Ariovaldo aduziu:

— Pela minha experiência, fica-me claro que o povo quer que você redija as perguntas.

Um franco sorriso de aprovação demonstrou que havia o grupo superado os momentos mais difíceis. A partir daquele instante, cada qual sabia que estava integrado num ambiente de acatamento das noções espíritas que vinham assimilando. Ariovaldo não se esqueceu de Plínio e ofereceu-lhe um tempinho para que demonstrasse quais impressões estava levando da sessão:

— Fale você, ó magno causador do rebuliço, meu irmão querido, Plínio.

Plínio olhou demoradamente para cada rosto voltado para si, fez um gesto característico de quem abraça amorosamente a cada um e resumiu o que sentia numa única expressão:

— Muito obrigado!

Mas Ariovaldo, depois que percebeu que as reações de afeto serenaram, chamou-o a cooperar um pouco mais:

— Desta você não se safa tão facilmente. Queira, por favor, dizer a prece de encerramento.

### 35. ARI SE INSTRUI

— Edgar, por favor, esclareça-me quanto a uma dúvida que me vem amarrando ao mundo da fantasia.

Ari não precisou elaborar a frase para ser compreendido. Então, vamos ter de nos entender, para darmos seguimento ao narrado, caso contrário, todo o deslanchar de aprendizado do rapaz vai quedar no campo da erraticidade. Que outro sistema adotaríamos que não o do diálogo entre os encarnados?

— Você quer saber se vai ficar preso ao leito por muito tempo. Devo dizer-lhe que pode levantar-se a qualquer instante, bastando que...

Imediatamente, Ari pôs-se de pé, apoiando-se num móvel, espécie de consolo, sobre que repousavam alguns frascos e petrechos, cuja descrição demandaria esforço considerável se quiséssemos dar pálida ideia do que se tratava. Eram, de qualquer modo, elementos de que os médicos e enfermeiros lançavam mão para o tratamento energético e vibratório, fluídico, diríamos melhor, do paciente.

— Sinto uma tontura como se me faltasse o ar.

— É natural, porque você não tem completo domínio dos movimentos do corpo semimaterial que lhe dá sustentação nesta atmosfera. Vamos recriar a forma humana que melhor lhe convenha para nos relacionarmos...

— Quer dizer que o meu pensamento me impediu de realizar os contornos de uma figura que se assemelhasse à sua? Posso ver-me no espelho?

— Pode, sim, se conseguir.

— Como assim?

— O seu esquema corpóreo não está definido. Você me vê como lhe apareço, porque tenho domínio sobre a minha figura. Desejo dar-lhe a segurança de um ser sábio e poderoso no campo da medicina. Desse modo, visto-me com este jaleco porque lhe lembra a roupa habitual dos médicos encarnados, conforme a sua própria recordação. Para você se enxergar no espelho, haverá de construir uma imagem reconhecível, seja do rapaz que viveu na última encarnação, seja do homem da penúltima. Recomendo-lhe que adote a que lhe possa dar maior tranquilidade, uma vez que ambas trarão reminiscências penosas, o que eu gostaria, se puder, de impedir.

— Quer dizer que o melhor é não me ver no espelho?...

— Com certeza. Mais tarde, você irá adquirir certos conhecimentos, a respeito das conseqüências dos eventos de que participou, próprios para extrair lições que lhe darão os fundamentos sobre que assentar a vontade. Nesse momento, alcançará a estabilidade emocional para refrear os impulsos advindos de meras sugestões exteriores.

— Devo deduzir, caríssimo instrutor, que, se eu for, por exemplo, visitar os meus pais, à vista dos objetos e das pessoas, irei sofrer o baque emotivo correspondente às acusações da consciência, pela percepção da perda da oportunidade de crescimento espiritual?

— Bem posto, querido amigo. Apenas quero alertá-lo quanto à distância que vai entre os conceitos meramente filosóficos sobre a realidade e o empuxo...

— Posso concluir, a ver se estou capacitando-me a acompanhar os seus raciocínios?

— Perfeitamente.

— Preciso tomar ciência de que o ensino que estou recebendo é intelectualizado, de maneira que se encontra sob bloqueio a parte de minha personalidade que denominaria de sentimental, emocional, sensível aos desarranjos provocados pelos apontamentos das frustrações. Uma coisa é realizar as experiências dos cálculos das fórmulas, para o aprendizado da Química. Outra é o manuseio dos ingredientes, na quantificação passível das reações em estudo. Uma coisa é saber que as forças da energia elétrica se deixam controlar segundo sua potência, em função dos capacitores que a conduzem. Outra é estabelecer na prática a quantidade dela que os isolantes com que se trabalha são suficientes para contê-la.

— Gostaria de lhe assegurar que você está utilizando-se de conceitos absorvidos na penúltima encarnação. Será essa a aparência que irá dar ao seu perispírito?

— Preciso de algum aspecto exterior, para poder andar pela colônia?

— Todos nos mantemos com uma figura que transmita aos demais a segura informação do nosso adiantamento. Se você, por exemplo, adotar a aparência de um jovencinho de dez anos, irá ser tratado como tal pela maioria, pelo menos até que seja colocado em xeque pelo professor da classe que o receber como aluno. Neste caso, é sempre preferível adotar semblante e estatura correspondentes ao desenvolvimento mental, que está longe de pertencer àquela faixa etária. Que tal uma idade de vinte e poucos anos?

— Com o mesmo arcabouço da derradeira passagem terrena? Será possível?

— Com os elementos contidos em sua memória, você será capaz de, a partir dos traços com que emergiu no etéreo há pouco mais de um ano, elaborar envelhecimento correspondente a mais doze ou quinze anos, sem esforço de monta, apenas concentrando o pensamento na linhagem familiar que detém na memória. Vamos tentar?

— Não posso fazê-lo sozinho?

— No máximo, iria definir uma similitude. Se me der a liberdade de auxiliá-lo, vou impor ao seu operar as características genéticas do extinto arcabouço físico, porque já possuo o poder de assimilar os roteiros delineados desde os ancestrais de cada progenitor, segundo o ADN de que você foi portador.

Ari estava muito mais interessado em sentir-se dentro de um corpo com certa cristalização material do que em absorver a novíssima informação sobre o ácido desoxirribonucleico. Por isso, deixou de lado a nomenclatura que não lhe repercutia nos arcanos da memória e insistiu no trabalho de transformação perispiritual.

Aos poucos, percebeu que a imagem das mãos e dos pés bem como o volume do corpo, que mantivera sob a impressão da altura correspondente à época do desenlace, ia modificando-se, adquirindo formato maior e mais esguio. Nenhuma sensação de agrado ou desagrado lhe deu qualquer noção de que providenciava as alterações planejadas. Quando tocou o rosto, sentiu na pele dos dedos o raspar dos pelos duros de uma barba de dois dias, recordação antiga que se integrava perfeitamente no saber atual. A pergunta era inevitável:

— Doutor Edgar, se eu quisesse recuperar uma aparência de mulher de encarnação mais antiga, sentiria o toque de acordo com a constituição masculina atual ou recuperaria também o aparato mental feminil?

— Você, particularmente, não tem condições de fazê-lo. Se tivesse, iria estar tão adiantado nesse setor dos conhecimentos físicos e morais (integrados como um único elemento intelectual e sensual) que não notaria nenhuma diferença e não sentiria qualquer prazer ou desprazer, conforme a mesma reação que teve ao se desenvolver para uma estatura que, na derradeira vida, não foi atingida. Mas a sua pergunta demandará explicações bem mais profundas, do ponto de vista filosófico ou existencial, para as quais irá ter de preparar-se em cursos que nunca frequentou, apesar de possuir inteligência desenvolta e agudo sentido de observação. São, porém, ingredientes da personalidade adquiridos em situações morais específicas dos seres humanos. Sendo assim, terá de extrair inúmeros preconceitos agregados à sua maneira de ser, esses, sim, a oferecer-lhe motivo para algum sofrimento, porque você não poderá trabalhar apenas com hipóteses. Antes, terá de envolver-se consigo mesmo, para o que lhe daremos adequada sustentação fluídica, para que possa suportar as pressões da própria organização de sua consciência em formação.

Edgar só não prosseguiu porque Ari estava empolgado com o corpo que lhe fora atribuído pelo mentor, não sem deixar escorrer duas lágrimas, como a lamentar a perda de um ente muito querido.

## 36. UM GRANDE SUSTO

Estava Ovídio distribuindo alimentos aos mendigos da praça. Passava da meia-noite. Os obreiros e os pastores, com os repórteres da igreja, tinham partido. Cleto ficara para trás, porque havia dois sacos de pães e alguns mais de roupas para distribuir. Com eles, o motorista do Bispo Moisés, o mesmo segurança que acompanhara os irmãos à casa dos pais e o Pastor Honorato. Eram cinco e o pessoal a atender inumerável, famílias inteiras de *sem-teto*, muitos homens caídos, bêbados, jovens sob efeito de craque e maconha, crianças a chorar, sob os impropérios dos insones.

Enquanto Ovídio e Honorato iam passando agasalhos e sanduíches, Cleto preenchia fichas e mais fichas, com os nomes dos miseráveis, na tentativa de identificá-los, segundo o registro que consultaria no dia seguinte na sede do templo, a fim de caracterizar quantos eram novos e quantos não tinham dado atenção aos apelos anteriores da busca da palavra do Senhor.

O guarda se mantinha pronto para entrar em ação, caso algum abusado investisse contra os missionários. O motorista não ficava ao volante, mas vigiando de longe a perua, que mantinha com a trava do câmbio acionada, zelando pelas chaves escondidas.

A zona era de muito perigo, principalmente porque estavam os necessitados invadindo a região do comércio, o que, como era sabido dos bons samaritanos, propiciava emprego a muitos malfeitores encarregados de afastar à força os que se atrevessem na área que reputavam oficialmente e por direito das taxas e impostos pagos de seu domínio.

Outro risco era o das ações dos traficantes enganados por consumidores inadimplentes, os quais não hesitavam em atirar nos devedores e em quem os pudesse reconhecer.

Finalmente, podiam ocorrer batidas policiais, pela desconfiança de que marginais estivessem escondidos entre os párias da mendicância, em especial quando se davam rebeliões nas cadeias, com fugas de presos.

De repente, diversas viaturas policiais surgiram de vários pontos da praça, faróis que se acenderam de súbito, despejando enorme contingente fortemente armado. O povo parecia acostumado com a brutalidade uniformizada e não deu mostras de temer os abusos. Não houve um só que não fosse intimado a mostrar os documentos. Efetuaram-se diversas detenções, justamente dos que não portavam identificação. Esses foram simplesmente arremessados no camburão, com ameaças e palavrões. Houve um que recebeu saraivada de golpes, porque possuía um canivete cuja folha retrátil saltava para fora do cabo a um simples toque no botão. Armas de fogo não foram achadas e a operação não durou mais do que trinta minutos.

Os cinco homens da igreja foram reunidos e forçados a acompanhar os policiais à delegacia. Norma do novo delegado.

No caminho, Honorato, através de seu telefone celular, alertou o pessoal da sede, dando-lhes as coordenadas da ação. A resposta veio de imediato:

— Não se preocupem. Mandaremos a força advocatícia, com o apoio logístico do Bispo Moisés.

Brincavam, naturalmente, cômicos de que nada havia para temer. Entretanto, assim que o grupo chegou ao distrito, foram os cinco recebidos na porta pelo delegado que se transferira há pouco, aquele mesmo do entrevero com Ovídio, Doutor João da Silva Medeiros, que já está passando da hora de apresentar aos leitores.

Anacleto sentiu um leve puxão na camisa. Era Ovídio a demonstrar quem era a figura.

“*Vamos ter uma cena*”, refletiu o jovem candidato a pastor.

Mas a recepção da autoridade foi surpreendentemente conciliadora:

— Vejo que o meu amiguinho Ovídio, finalmente, deu o ar da graça. Você deve ser o irmão dele, Anacleto Saldanha, pois não?

— Muito prazer, Doutor...

O delegado declinou o nome e convidou os dois a entrarem em seu gabinete. Contudo, Honorato, que estava a par do que acontecera, buscou interceder pelos rapazes:

— Doutor Medeiros, por favor, não me deixe de fora. Afinal de contas, sou o responsável eclesiástico, por assim dizer, dos irmãos Saldanha.

— Sei quem o senhor é, Pastor Honorato. Fique sossegado que reconheço o poderio de sua igreja e que não vou abusar do meu direito de retirar de circulação dois cidadãos contra quem existe mandado de prisão. Em todo caso, entre também, para que, mais tarde, ninguém me acuse de excesso de autoridade.

Enquanto os quatro se acomodavam no recinto fechado, o segurança como que passou em revista a turma designada para os trabalhos noturnos, tendo tido a satisfação de cumprimentar três amigos dos tempos em que pertencera à corporação. Suas relações eram cordatas, tendo havido várias prestações de mútuos serviços, o que permitia ao empregado do pastor entender-se a respeito dos interesses do delegado quanto a reter os dois irmãos. Foi assim que ficou sabendo, muito discretamente, que o aparato militar contra os pedintes e caterva encobria o real objetivo de capturar os protegidos da igreja.

Munido do mesmo celular, o ex-policial encarou a necessidade de se tomarem providências urgentes, relatando o que ouvira diretamente ao Bispo Moisés.

Enquanto o socorro não chegava, Medeiros pressionava Ovídio de forma muito delicada:

— Tenho obtido informações a seu respeito, meu jovem. Sei que está morando no local de trabalho, que tem frequentado a escola, que tem ido a alguns bailes *da pesada*, que tem consumido drogas...

Ovídio desejou interromper o delegado mas Cleto, sentado ao lado, segurou-lhe a mão, pressionando-a significativamente.

João percebeu o gesto e sorriu. Depois ofereceu a palavra a Ovídio:

— Se estou dizendo alguma coisa que contrarie os fatos, conteste à vontade.

— Tudo bem. O senhor pode prosseguir.

— Claro que posso. E vou. Sei que tem adquirido bebida alcoólica e cigarros e que tem levado para dentro do templo. Imagino que leve também maconha, craque e cocaína, mas isto eu não posso comprovar.

Dessa vez, Honorato não se conteve:

— Doutor João, o senhor está comprometendo os pastores e quantas mais pessoas de bem são abençoadas por Jesus, em nome de Deus, sem que possa justificar a sua acusação, conforme o senhor mesmo afirma estar imaginando.

O delegado recostou-se na cadeira de alto espaldar, fê-la girar na direção do pastor e se pronunciou, impregnando a voz de absoluta seriedade:

— Meu amigo e prezado Pastor, não se abespinhe, que não vou formalizar nenhum boletim de ocorrência, mesmo porque a nossa conversa é reservada. Com certeza, o senhor está a par de que esse seu amiguinho me encostou uma lâmina na barriga, obrigando-me a entregar-lhe carteira, documentos, o relógio e até o paletó. Só não me levou a arma porque o inepto não percebeu que havia uma no coldre do cinto que fiz girar para trás. Se quisesse abatê-lo, poderia ter feito pelas costas, que os dois meliantes que o acompanhavam nem armados estavam. Agora, não me venha com histórias de Jesus Cristo nem de Deus. Vamos ficar por aqui mesmo, *numa boa*, porque não pretendo mandar de volta o menino para o *reformatório*, vamos dizer assim. Quanto ao mais velho, salvo o fato de ter providenciado o desaparecimento das prateleiras da drogaria de certos produtos de tarjas vermelha e preta, com que finalidade desconheço, não tem feito outra coisa além de seduzir a filha do dono e enganar os trouxas com a história de que se reformou, de que não mais pratica o tráfico, porque Jesus lhe apareceu e lhe deu alvará para ser perfeito.

Anacleto percebeu que algo soava muito falso na pregação do delegado. Por isso, não se estimulou a oferecer defesa, encarando as informações como produto da experiência de quem já lidou muito com a criminalidade e seus adeptos.

“*Esse sujeito está plantando verde para colher maduro*”, concluiu. Mesmo assim, para dar a impressão de que se ofendera, levantou a mão, como um aluno disciplinado a solicitar ao mestre permissão para falar.

O delegado não foi muito cordato desta vez:

— Se for para dizer que estou mentindo, é melhor calar-se, porque não é remota a hipótese de que posso lançar mão dos recursos de investigação que o governo proporciona. Em todo caso, diga o que seja para se defender.

— Desculpe-me, Doutor, mas Vossa Excelência está enganado. Não me admira o fato de saber como é que me apresentei aos crentes de nossas dioceses, porque foram atos públicos e nós não pedimos documentos às pessoas que nos procuram. Lamento que não o tenha reconhecido nalgum dos cultos de que participei. No entanto, se o senhor quiser, tenho diversos vídeos integrais de minhas confissões e posso oferecer-lhe para acompanhar os documentos com que formulará as acusações contra mim. Se tiver de me apresentar perante o tribunal dos homens, estou às suas ordens ou de qualquer juiz investido de autoridade. Se, mais ainda, for condenado, embora injustamente do meu ponto de vista, porque me considero redimido, livre dos meus pecados, esforçando-me por compreender os desígnios de Deus para comigo, oferecendo aos pobres, nas praças e debaixo dos viadutos, de onde fomos bruscamente subtraídos ainda há pouco, a comida e a roupa que eles não têm, ainda assim me resigno a aceitar a sentença. Não veja, porém, nestas minhas expressões, nenhum desrespeito à sua autoridade policial nem à sua condição de filho de Deus, meu irmão e parceiro, nesta caminhada rumo ao Reino. Quanto ao meu mano Ovídio, recebeu o Bispo Moisés a palavra de honra do Senhor Delegado de que somente o recolheria, se ele se apresentasse ao crime de novo e lá onde o senhor se

encontrava. A sua transferência para esta região, quero crer, não afetará o seu voto de manter-se...

Não pôde prosseguir, porque a reunião foi interrompida. Era o guarda anunciando a chegada do Bispo Moisés e de dois advogados.

— Acomodem-se, por favor! — Era o Doutor Medeiros a oferecer as poltronas que os rapazes deixaram vagas, indo eles ocupar as duas cadeiras que vieram da outra sala.

Moisés foi diretamente ao ponto:

— Sei que o senhor, meu amigo, não pleiteou à toa sua transferência para esta cidade. Veio com o intuito de se aproximar destes jovens. Nem a diligência desta noite teve nada mais em mira do que esta reunião, modo muito criativo de equacionar um problema que precisamos resolver. Há duas modalidades de solução. Vou tentar a primeira. Ovídio, por favor, peça perdão à autoridade que você ofendeu.

Pego de surpresa, o rapazelho titubeou e precisou de alguns segundos para se refazer do choque. Mas os pensamentos se desembaraçaram com rapidez, de sorte que lhe voltou a presença de espírito que os longos pronunciamentos haviam proporcionado. Tentou organizar algo com concatenação, mas a premência da imposição do bispo fez com que improvisasse:

— Doutor Medeiros, queira aceitar o meu pedido de desculpas. Devo dizer que o tempo que passei preso apenas aumentou o meu desejo de vingança. Mas a liberdade me fez ver que o senhor estava com a razão e eu pude me arrepender de todos os meus crimes e vícios. O senhor sabe muito bem os horrores que vivem as crianças e adolescentes nas mãos dos depravados. Aquela parte de noite que passei na delegacia, eu acho, foi o bastante para me fazer reconhecer o quanto fui injusto para com meus pais. Mais tarde, ferido no meu orgulho, precisei de todas as forças de minha inteligência para me manter inteiro dentro daquele covil... Naquela época, não faz tanto tempo assim, eu falava palavrões e me calava, fazendo-me misterioso. Correu que eu havia ferido gravemente um delegado. Deixei que acreditassem nisso. Era melhor para minha segurança. Mas voltar para lá, eu lhe peço, por amor de Deus, eu não quero, principalmente depois que conheci tanta gente de bem, tantos homens de Jesus; agora que sei o que é oferecer tudo o que se possui para tornar a vida dos outros um pouco mais digna. Não sei o que o senhor quer exatamente de mim. Mas sei o que preciso dar-lhe para poder merecer a bênção de Deus. Bispo Moisés, muito obrigado por este momento em que pude dizer tudo o que venho armazenando em minha mente e em meu coração nos últimos dias, desde quando fiquei sabendo que o Senhor Delegado estava trabalhando na cidade. Podia ter fugido, mas estou preso à Igreja, ao meu irmão, aos pastores e aos bons amigos que fizeram da minha vida algo de valor. Se preciso dizer que nunca mais vou me drogar, eu digo, porque existem coisas no mundo de muito maior importância para um jovem fazer.

Ovídio tinha outras ideias que poderia desenvolver. Julgou, todavia, que tinha ido muito além do que precisava para demonstrar que não era tolo, que fugira uma vez e fugiria outras tantas quantas se visse detido.

O delegado tinha mais um ponto a observar:

— Eu não posso dizer que fiquei contente por me ver assaltado por um *pivete* de quinze anos. Mas não aceito a acusação de que pedi transferência para satisfazer meus desejos de vingança. O que me trouxe foi a ideia de ter sido enganado, quando o Senhor

Bispo lá estive a se entender comigo. Só depois é que fui comunicado de que Ovídio matou dois menores durante a fuga.

Ovídio quis protestar mas Moisés fez-lhe um sinal para que deixasse o barco correr. Medeiros prosseguiu:

— Vim para reparar um erro muito grave, porque me julguei pessoalmente envolvido. Contudo, há menos de uma semana, em contato com as autoridades responsáveis pela apuração dos crimes, fiquei sabendo que o meu desafeto não teve nenhuma participação nas mortes. Disseram-me, também, que se aproveitou da sedição dos menores para pôr em andamento um inteligente plano, o qual incluiu o *achaque* ao próprio pai, que lhe deu todo o dinheiro que levantara, pensando que iria ser utilizado para uma tatuagem intimidadora. Todos estão a par disso?

Ninguém deu demonstração de que se interessava pela narrativa. Medeiros, então, desejou pôr um ponto final no que chamou de quiproquó:

— Eu poderia ter ido atrás dos dois, para nos entendermos. Como, porém, seria recebido? Era a minha incógnita. Trouxe-os aqui, na esperança de promover justamente este distúrbio para despertar a comunidade religiosa para o meu conflito entre cumprir o dever e *fechar os olhos*. Aceito a ação dos pastores e do Senhor Bispo e não ponho em dúvida que Ovídio e Anacleto estejam falando a verdade. Peço, porém, aos responsáveis por eles, ou melhor, pelo Ovídio, porque a Anacleto já não se podem imputar os crimes cometidos durante a menoridade, uma vez que, sagazmente, permitam-me lembrá-lo, desejou enganar-me, oferecendo *teipes* que não significam mais absolutamente nada. Vão em paz; mas não pensem que conquistaram a minha simpatia. No máximo, digo-o com franqueza, me comprovaram que são muito espertos e inteligentes. Se creem realmente em Deus, como afirmam, irão criar juízo e nunca mais cairão nas malhas da lei.

As derradeiras palavras não impediram que Honorato estendesse a mão para demonstrar que agradecia o gesto generoso e magnânimo. Os dois advogados também se despediram protocolarmente. Anacleto hesitou em oferecer a mão, mas Medeiros tomou a iniciativa. Quando chegou a vez de Ovídio, o delegado pôde observar que o garoto tinha os olhos úmidos e disfarçava as emoções. Puxou-o para si e o abraçou, sussurrando-lhe ao ouvido, sem que ninguém mais ouvisse:

— Sou eu que devo pedir-lhe que me perdoe! Lembre-se de mim em suas orações.

Aturdido, o moço não soube o que responder. Recebeu sobre o ombro o braço do irmão e se retiraram, ficando para trás apenas Moisés, que solicitou que todos se fossem, ficando apenas o motorista e o segurança.

Fechada a porta do gabinete, Moisés tomou a iniciativa:

— Falei em duas saídas. Estou contente de que a primeira tenha sido satisfatória. Mas não posso deixar de ouvi-lo quanto à segunda. Com quanto devo contribuir para as obras sociais em que o senhor está envolvido, porque não ignoro que tem frequentado um centro espírita muito carente, onde tem posto boa parte de seu ordenado?...

Medeiros observou atento todas as nuances fisionômicas do pastor, sendo incapaz, no entanto, de penetrar no âmago dos sentimentos do outro. Mas considerou a proposta honesta, porque lhe havia dado a oportunidade de uma decisão consciente, tendo em vista o destino do dinheiro. Resolveu, todavia, rejeitar a oferta, por mais substancial pudesse

ser, não tendo como justificá-la perante as discrepâncias doutrinárias das duas instituições. Respondeu, simplesmente:

— Compreendo que Anacleto e Ovídio signifiquem muito para a sua igreja, porque são conquistas valiosas, como pude avaliar através de suas lúcidas exposições. Mas não vou me aproveitar desta oportunidade para *cumprimentar com chapéu alheio*. Caso, um dia, se fundirem as diretrizes doutrinárias das duas tendências filosóficas e religiosas, as trocas de favores se sedimentarão no princípio da caridade. O senhor deve ter percebido que tenho problemas sérios na formação dos profissionais da repressão ao crime. Procure ajudar-me educando o povo nas leis de Deus, fazendo com que as famílias se reúnam em torno do bem e do amor. Eu me sentirei reconfortado, se o meu amigo Moisés retirar a proposta. Obrigado.

O acordo foi selado com um longo aperto de mão, reiterando o bispo que o delegado poderia contar com ele para o que fosse.

### 37. DE CECA EM MECA

Plínio recebeu, por telefone, a notícia de tudo quanto se passou com os filhos. Julgou-se em débito para com o Doutor João, ficando altamente estimulado a ir visitá-lo, para agradecer o irrestrito perdão ao agressor.

*“Esse homem deve ser uma pessoa íntegra. Disseram que é espírita. Sendo assim, temos pontos de contato muito íntimos, em nome de Kardec. Será que possui mediunidade?”*

A partir dessa hipótese, começou a engendrar um plano que incluía os amigos do etéreo, desejoso de ver sua correspondência entregue diretamente, numa sessão, por meio de pessoa que desconhecesse por completo os fatos e os nomes.

*“Seria o máximo da comprovação de que os espíritos existem e atuam segundo os princípios consignados nas obras.”*

No entanto, a desejada visita sofreu uma contrariedade, porque imaginou que Cleto iria querer conduzi-lo ao templo, fazendo-o ouvir as pregações, talvez ditas pelo próprio aprendiz de pastor, em convite que poderia estender-se ao atendimento noturno dos miseráveis, conforme tinha ele começado a narrativa das aventuras policialescas.

*“Eu vou, se insistir, porque preciso deixar de ouvir os pastores nos programas da televisão. Preciso sentir a vibração do povo reunido em preces e cânticos, na unção da palavra inspirada na Bíblia, segundo os procedimentos mentais de quem tem a fé sem análise, confiando em que Deus tenha dito realmente tudo o que foi a ele atribuído.”*

Lembrou-se de que fazia muito pouco tempo que adquirira o novo aparelho, a pedido de Margarida, inferiorizada perante as amigas que acompanhavam as novelas, cansada dos livros romanceados dos autores espíritas, incapaz de estudos mais sérios e rigorosos dos textos básicos da doutrina. Foi assim que pôde Plínio avaliar o poderio de certas seitas, capazes de manter longos programas no ar, o que não encontrava no campo de divulgação do Espiritismo.

Estava, pois, interessando-se por ir ver os filhos, quando recebeu, no escritório, a visita de dois antigos colegas de firma, o Coelho e o Palhares, com notícias mais do que extravagantes.

Após os cumprimentos formais e ressabiados dos antigos funcionários, Palhares observou:

— Vejo que vocês estão se dando muito bem. Computadores de última geração. Impressoras, *idem*. Devem ter um movimento razoável!

Plínio se antecipou a Moacir e Silvinho:

— Temos muito de agradecer a Deus, com certeza, pois suas bênçãos de amor são diárias.

Coelho referendou:

— É visível que o trabalho de vocês está merecendo o amparo da Divina Providência. Deus os ajude!

Plínio, no entanto, estava curioso com a inusitada visita:

— A que devemos a honra?

Na qualidade de superior, Palhares informou:

— Tivemos um sério problema na empresa. Vou direto ao ponto. O protegido do patrão que assumiu o seu posto deu o maior desfalque nos cofres e desapareceu.

Plínio pensou: *“Está veraneando no Nordeste.”*

O outro prosseguia:

— Contratamos uma firma especializada em auditorias, a qual esclareceu todo o procedimento desonesto do sujeito, que acabou sendo localizado no Caribe. Ainda estamos lutando para reaver o dinheiro e extraditar o bandido. Isto posto, vou dizer o que nos trouxe aqui. Queremos que vocês administrem os nossos serviços de contabilidade.

Os três sócios entenderam-se com um simples olhar. Foi Plínio quem inquiriu:

— Vocês querem desfazer completamente o departamento, inclusive despedindo os empregados?

Desta vez foi Coelho quem esclareceu:

— Se for preciso, segundo o parecer dos novos responsáveis. Se julgarem mais cômodo manter o pessoal trabalhando na empresa, tudo bem. O que desejamos, na verdade, é ter a segurança de que as contas fiquem intactas, sem qualquer possibilidade de transferências de valores sem o aval da diretoria.

Plínio sentia uma enorme comichão de contar que sofrera a tentação dos desvios dos fundos. Conteve-se, entretanto, considerando perigoso que suspeitassem de que havia facilitado a indébita apropriação. Considerou, simplesmente:

— Vamos fazer o seguinte: Moacir, Silvinho e eu iremos realizar um levantamento da papelada (faturas, balancetes, *haver e dever* do caixa etc.) Discutiremos, entre nós, qual a solução mais viável para que a empresa se assegure de que tudo está sob controle. Depois chegaremos nós todos a um acordo.

Foi Palhares quem perguntou sobre datas, prazos e importâncias. Silvinho demonstrou, pela tabela de preços e pela agenda dos serviços, que nada seria cobrado além do normal dos escritórios do ramo. A única exigência era a formulação de contrato de prestação de serviços que deveria ser aprovado pela diretoria.

Desse modo, os sócios puderam voltar ao antigo prédio, de onde haviam sido despedidos sem glória, para a oportunidade da reconciliação.

Enquanto iam realizando as preliminares, conversaram sobre o que poderia levar uma pessoa religiosa a falcatruar. Foi quando Plínio, muito a medo, lhes confessou aquelas íntimas necessidades de desvario material, quando estava completamente deprimido pelas condições de sua inferioridade em todos os setores da vida.

Silvinho concluiu:

— Mas você superou a crise.

— Fui superado por ela, porque os acontecimentos se precipitaram, como se os meus guias, velando por mim, desencadeassem as desgraças de quase dois anos atrás. Não estou dizendo que são eles os responsáveis pela morte do meu Arizinho. Mas os acontecimentos se encadearam para o infeliz desfecho, não me permitindo sequer uma reação de desespero, porque precisei cuidar de Margarida e da casa, para restabelecer os ideais da juventude, agora sobre as bases da doutrina espírita. E a quem devo tudo isto? A vocês, naturalmente.

Foram dois meses de preocupações profissionais, sem que, no centro, ninguém recebesse nenhuma mensagem assinada pelo espírito João Evangelista.

Houve tempo, portanto, para que Plínio e Margarida mobiliassem o quarto dos filhos, porque consideravam que estariam eles seguros lá depois dos entendimentos com as autoridades.

Não obstante, Margarida insistiu para que fossem dar um abraço no Doutor João. Queria ter certeza da disposição moral do delegado.

Plínio ponderou:

— E se o Cleto nos arrastar para o templo? Não teremos de engolir as nossas convicções para não sermos sem educação?

— Para ver de novo os meus filhos e conhecer a minha futura nora, faço qualquer sacrifício quanto às *convicções* religiosas. Como é que você está se sentindo entre os crentes da empresa? Acho que, entre os nossos filhos, sempre deveremos estar muito bem.

Num sábado bem cedo, estava o casal aportando no saguão da estação rodoviária. Lá estavam Cleto e Vidinho, impando de alegria e saudade.

Depois de comovidos abraços, Cleto se manifestou favorável à viagem por ônibus:

— Foi bom que vocês não vieram de carro. Agora teremos bem menos preocupações, porque um bom motorista está à nossa disposição.

Realmente, a pequena bagagem logo foi colocada no porta-malas do carro e Plínio teve oportunidade de cumprimentar aquele mesmo chofer da viagem dos rapazes.

— Para onde, Pastor? — perguntou-lhe o motorista.

— Para a residência do delegado, Doutor João.

Plínio intrigou-se:

— Pastor? Como pastor?

Ovídio quis dar a boa nova:

— O Cleto passou pela prova com distinção e já realizou várias pregações, incitando os crentes a cumprirem a palavra de Deus.

— Vocês não me disseram nada.

Ovídio explicou:

— Vale a surpresa. Eu queria escrever para que vocês viessem assistir à primeira apresentação. Mas o Cleto, desculpe, o Pastor Anacleto me proibiu.

Cleto estava sentado no banco da frente. A mãe o agarrou e o beijou com muita emoção, enquanto recebia uns tapas nas costas aplicados afetuosamente pelo pai, que afirmava:

— Estes meus filhos vão longe, vocês vão ver.

Passado o momento de euforia, Plínio caiu na realidade:

— Vocês, tão ligados aos crentes, estão indo para um centro espírita?

Cleto corrigiu-o:

— Vamos para a casa do delegado. É diferente. Mas se nós fôssemos vê-lo no centro, pode crer, meu pai, que não seria a primeira vez. Aliás, o Vidinho frequenta regularmente as sessões de palestras e me põe a par dos temas discutidos pelos expositores.

Plínio não conteve o assombro:

— E o que os pastores acham disso tudo?

Foi Ovídio quem respondeu:

— Eles não põem muita fé na minha conversão. Acham que estou pendendo muito mais para os espíritas do que para os protestantes. Tanto que pediram para o Cleto me controlar...

O irmão incomodou-se:

— O que eles pediram foi para que não deixasse você participar das reuniões com os espíritos, porque, enquanto a nossa igreja liberta as pessoas das possessões dos demônios, os espíritas agradam esses seres malignos, recebendo-os em seus corpos, sem perceberem os males que causam. Mas não é hora de discutirmos isso, especialmente porque todos nós sabemos que o pai faz exatamente assim. Não vamos magoar ninguém, pelo amor de Deus, que todos temos de respeitar o livre-arbítrio de cada um, conforme tenho lido exatamente nos livros espíritas de Kardec. Isto eu estou dizendo e já afirmei perante os bispos reunidos. Cada um tem o seu ponto de vista e, se a gente for tomar atitudes acintosas...

Margarida interrompeu o filho, enlaçando-o e impedindo que prosseguisse. Cleto se deixou levar pelos afagos da mãe e calou-se. Foi Plínio quem tentou desfazer o mal-estar:

— Quando as pessoas estão fazendo o bem para com os semelhantes, não podem ser acusadas de jogarem fora a vida que Deus concedeu. Naquele tempo em que vocês traficavam e se drogavam, podiam merecer a minha censura. Agora não. Agora vocês estão preocupados em progredir, em evoluir, e isto não vai provocar em mim nenhuma palavra agressiva. Jesus sabe como alcançar a todos nós. Haverá um tempo em que nos reuniremos aos pés do Senhor, porque não podemos crer que vamos passar toda a eternidade nas esferas dos sofrimentos.

Sagazmente, Ovídio observou:

— Pai, é melhor o senhor ir por outro caminho, porque tem gente que não acredita que haja lugar para todos no Reino de Deus.

Foi quanto bastou para que todos fizessem silêncio até o carro estacionar defronte da residência do delegado.

Para desfazer o ar gélido, Plínio perguntou:

— Estamos sendo esperados?

Ovídio respondeu:

— Claro! Eu não queria correr o risco de que vocês perdessem a viagem.

Nesse meio tempo, Cleto desculpou-se, dizendo-se ocupado no templo, combinou que voltaria dentro de uma hora e levou o carro embora.

Os três foram recebidos pela empregada e conduzidos a uma sala de estar:

— O Doutor já vem! Querem um fresco, um café?...

Margarida agradeceu e a moça deixou-os.

Plínio aproveitou aquele momento com o mais novo para interrogá-lo:

— Parece que você está de bem com a pessoa que agrediu. É admirável! O Cleto não está enciumado?

Margarida interferiu:

— Imagine se uma pessoa que está se tornando tão importante vai ter esse sentimento mesquinho! Aposto que ele também tem vindo cumprimentar o homem que perdoou aquele ato da mais pura...

Não soube como caracterizar a ação do filho sem ofendê-lo. Então calou-se. Mas Ovídio não se deu por achado e afirmou:

— O pai está certo. Cleto tem estado muito nervoso. Eu não quis dizer no carro, mas ele está com medo de perder as regalias, porque não consegue me convencer a não ir ao centro. Lembra-se de que eu queria voltar para casa? Pois agora estou querendo mais do que nunca. Eu sei que vou ter dificuldades com a transferência de escola, mas, como está quase no fim do ano, assim que me livrar, vou voltar correndo, mesmo que o meu quarto não esteja preparado.

Não deu tempo para que a mãe falasse sobre a arrumação do dormitório, pois o Doutor João entrou, distribuindo sorrisos:

— Ovídio, esta é aquela senhora que mereceu de Jesus receber a saúde de volta? Como está, Dona Margarida?

Sem que pudesse obstar, Medeiros viu sua mão arrebatada pela senhora e levada a beijar, com palavras de agradecimento:

— Muito obrigada, Doutor! Deus lhe pague! Deus lhe pague! Os meus filhos lhe devem a vida!

— Ora, ora! Por favor! A senhora está me deixando encabulado.

Plínio tomou a esposa pelos ombros, para garantir que não dobrasse os joelhos emocionada. Lágrimas espontâneas de profundo reconhecimento rolavam pelas faces da mulher, contaminando de puras vibrações os outros três.

Mas João se recompôs, acostumado com cenas desse gênero no exercício da profissão. Foi logo buscando desviar-se do centro das atenções, cumprimentando Plínio:

— Sabe que eu queria muito conhecer o senhor, *Seu* Plínio? Ovidinho me mostrou a mensagem do meu xará, o Evangelista, que o senhor psicografou. Maravilhosa mensagem! Espero que venha recebendo outras de mesma categoria. Sei que é preciso de muita coragem para escrever o nome de personagem tão ilustre e importante...

— Perdão, Doutor — interrompeu Plínio —, mas nós viemos para demonstrar a nossa gratidão e a nossa felicidade por ter o senhor perdoado o gesto do nosso menino.

A partir daí, a conversa girou em torno dos problemas da juventude viciada, chegando até os procedimentos possíveis para que a sociedade civil suplante o mal. Falaram das atividades assistenciais dos centros espíritas e da atuação governamental. Logo o advogado percebeu que o contabilista não ia muito fundo no exame social e psíquico do problema e derivou a conversa para a mediunidade, na esperança de conhecer o processo psíquico que gerou a prestação de serviço do outro às entidades do plano espiritual.

Quanto a Margarida, embebia-se na admiração da segurança verbal e emocional do anfitrião. Por seu turno, Ovídio ia firmando o desejo de formar-se advogado.

— Se vocês quiserem nos ajudar, teremos hoje, aqui em casa, às três da tarde, uma sessão particular, com alguns amigos. Toda semana, recebemos a visita de algumas entidades espirituais que trazem conselhos oportunos e esclarecimentos das dúvidas que levantamos nas reuniões de estudos.

Plínio interessou-se:

— Eu gostaria muito, porque terei oportunidade de testar a minha faculdade em outra situação.

Margarida, contudo, opôs-se terminantemente:

— O Doutor me desculpe, mas prefiro passar algumas horas mais com meus filhos. Neste último ano, se ficamos quatro dias juntos, foi muito.

O delegado concordou:

— Foi apenas uma ideia que me ocorreu. Eu estava sendo egoísta, querendo que o espírito de João Evangelista se manifestasse. Desculpem-me.

Plínio, porém, não queria perder a oportunidade:

— Se eu encontrar quem me traga, estarei aqui na hora. Penso que, às cinco, cinco e meia, estarei livre?...

— Com certeza. Mas se chegar antes das duas e meia, nós poderemos conversar a respeito dos trabalhos.

Um chamado de buzina indicou que Cleto estava aguardando os familiares.

Desse modo, às dez e meia, estavam reunidos na sede do templo, sendo apresentados ao Pastor Honorato e ao Bispo Moisés.

Margarida apertou as mãos dos dois, sem oscular nenhuma, mas agradeceu sobremodo comovida:

— Se não tivessem sido os senhores, os meus filhos estariam perdidos. Deus lhes pague!

Plínio afagava os cabelos da esposa, temeroso de que aquelas emoções fossem demasiado fortes para a sua frágil constituição psíquica. Ela, contudo, pelo contato com as vibrações do marido, manteve-se equilibrada e dona de seus sentimentos.

Moisés conduziu a conversa para o desempenho do novel pastor, elogiando muito a desenvoltura com que expunha os temas mais complicados da Bíblia:

— O seu filho é uma joia preciosa. Nem precisa de muito burilar para luzir entre os melhores pregadores que temos. Fala com muita convicção e podemos dizer que nestes quinze dias de pastoreio conseguiu atrair muitas ovelhas para o aprisco da igreja.

Vamos poupar os leitores dos reiterados encômios. Ao final, Moisés prognosticou:

— Se as bênçãos de Deus, em nome de Jesus, continuarem jorrando sobre o seu rebento, posso dizer que não irá demorar muito para se tornar num dos principais pastores de visitação, com nomeada certa para a lotação das sedes regionais. É preciso, para isso, que continue estudando e se preparando, como vem fazendo até aqui, para não deixar passar a juventude, que é uma de suas armas mais eficazes. Vocês têm de concordar que se trata de um jovem muito bem apessoado, atraente, bonito, absolutamente elegante, valorizando os seus sermões com a moldura magnética da mais pura empatia espiritual.

Elogiado com tanta pompa, Cleto não sabia se olhava para o bispo, se buscava a confirmação na fisionomia do preceptor Honorato ou se consignava o orgulho que os pais deveriam estar sentindo. Se tivesse observado a reação de Ovídio, talvez pudesse deduzir que havia alguém que levantava sérias dúvidas quanto ao futuro do pastorzinho.

Foi Margarida quem provocou o parecer de Moisés quanto ao mais novo:

— E o meu Vidinho, está dando muito trabalho?

Moisés contemporizou:

— Ovídio tem altos e baixos. Ele é muito independente e não aceita os conselhos dos mais avisados. Para realizar os serviços que pedimos, está sempre pronto. Mas faz questão de bater asas e de voar bem alto nos momentos de folga. Ele pensa que a gente não sabe, mas tem ido muito ao centro espírita, com a desculpa de fazer amizade com o delegado que o perdoou. Deveria saber que o perdão vem de Deus e agradecer a Jesus ter inspirado um certo amor do ofendido pelo mequetrefe que o ameaçou de morte. Vamos ver aonde as coisas vão chegar. Aliás, vocês, que são pais de um jovem tão promissor dentro da verdadeira religião de Deus, devem abandonar o centro espírita, porque não está certo pensar que alguém pode receber mensagens de João Evangelista.

Plínio olhou com extrema severidade para Ovídio, mas Moisés aliviou-o de tão grave carga, referindo-se a como obteve a informação:

— Não foi Ovídio quem delatou o pai. Tenho aqui comigo uma cópia da mensagem que foi distribuída no centro espírita. Vejam bem que não mantenho espião em tão insignificante aglomerado religioso. Pelos Correios, venho recebendo regularmente os impressos de diversas origens e a sua mensagem mereceu figurar em separata num jornal de sua congregação. Não vi nada de mais naquele texto. Aliás, tudo parece muito adequado para incentivar as pessoas a continuarem consultando os espíritos. É dessa maneira que o demônio explora a boa-fé dos inocentes e os mantém sob seu rijo controle. Se vocês dois se converterem à nossa fé, à verdadeira religião de Deus, irão facilitar enormemente o desenvolvimento de seus filhos, exemplificando, de maneira inequívoca, a força da pregação do nosso Pastor Anacleto. Peço-lhes que reflitam muito sobre o que estou falando, principalmente porque, se alguém levantar suspeita sobre a inoperância familiar do pregador, poderá causar problemas até a nós, que estamos dando-lhe cobertura e incondicional apoio.

Nem Plínio nem Margarida sabiam o que responder, tão inesperada foi a solicitação do bispo. Ficaram calados, simplesmente, imersos ambos em seus pensamentos: Margarida a se recordar de Ari, com o qual desejava continuar em contato, ainda que por informações de terceiros; Plínio a imaginar-se de volta ao emprego, entrosando-se com Coelho e com Palhares, frequentando os cultos bíblicos em sua companhia.

O silêncio estava causando certo mal-estar, tanto que Honorato propôs:

— Vamos, caro Moisés, dar tempo ao tempo, porque as convicções não se firmam sem a intervenção de Jesus. Eu acredito que as nossas orações serão fortes para trazer o Espírito Santo à presença dos nossos irmãos e eles terão certeza de que estão sendo abençoados. Ainda vamos ter o prazer de batizá-los nas águas da fertilidade da fé.

— Deus o ouça, querido Honorato! Leve os nossos irmãos a conhecer o seu templo e depois traga-os para almoçarem comigo. Eles vão dar-me a subida honra de sua companhia. Aliás, hoje terei, em minha mesa, quinze pastores e respectivas esposas, o que vai ser muito animado.

Em vez, porém, de Cleto levar os pais a visitar o sagrado recinto em que exercia o seu ministério de amor, preferiu conduzi-los à moradia de sua paixão, Aurélia, liberando Honorato para ultimar as providências dos cultos da tarde.

A visita deveria ser muito rápida, conforme haviam planejado os namorados, porque não via Cleto muitos pontos de sintonia entre os sentimentos dos sogros. No entanto, não foi o que ocorreu, porque os mais velhos ferraram numa conversa franca a

respeito dos valores da vida, uns enfatizando que os cuidados com a saúde geram condições de superior entendimento das relações com o Criador, pela felicidade corpórea (e por isso insistiam em estender sua rede de farmácias e drogarias), enquanto os outros, concordando, desejavam ainda superar as dores físicas e mentais pela proclamação de que a consciência tranquila pode vencer todas as crises materiais (referindo-se aos sérios problemas com as drogas, os furtos e o tráfico, que redundaram na perda de um dos filhos).

Ao meio-dia, Cleto fez com que se despedissem, com grande mágoa de todos pelo inexpressivo desenvolvimento de suas teses, prometendo-se correspondência, porque os pais de Aurélia souberam testemunhar a força de vontade dos pais de Cleto, na compreensão do poder de Deus de dispor das vidas humanas, enquanto estes se entusiasmaram com o ideal religioso que visa ao progresso humano, através da doação intemorata de seu destino a Jesus.

No caminho de volta, Margarida fez questão de frisar:

— Cleto, veja se não vai perder essa garota. Ela é linda e sua formação moral e familiar é perfeita. Aposto que ela ama você de todo o coração. Não vá decepcioná-la nunca na vida.

Plínio admirou-se dos elogios mas calou-se, porque também achava que o filho só tinha a ganhar mantendo-se como membro de família proprietária de tantos bens. Mas os seus pensamentos não pendiam para o mesquinho. Antes, dispunha os raciocínios em ordem crescente de vantagens, a partir do fato de que, em seu lar, o jovem alcançara apenas destaque entre os marginais. Foi quando percebeu que as mãos estavam trêmulas, o que Ovídio notou e fez questão de referir:

— Pai, que está acontecendo? Você não está passando bem?

Correu Plínio a justificar-se:

— Tenho meditado bastante sobre os acontecimentos que envolveram vocês dois. Fico muito triste comigo mesmo, quando me recordo de que vocês se viram na necessidade de fugir de casa. Diante do acolhimento de tanta gente boa, sinto-me muito mal.

Margarida foi mais prática:

— Eu reparei que você não tomou mais do que um cafezinho e não tocou sequer numa bolachinha. Deve estar fraco, porque está apenas com o copo de leite que tomou lá em casa.

Plínio concordou com a cabeça, enquanto Ovídio lhe massageava as mãos, buscando aquecê-las. Ao chegarem ao restaurante em que almoçariam com Moisés, Plínio já estava bem.

Enquanto os pastores demonstravam enternecida simpatia pelo novato do grupo e seus progenitores, chamando-os de *meu irmão* e *minha irmã*, Ovídio desapareceu, tendo sussurrado ao ouvido do pai que ia providenciar condução para logo mais, quando voltassem à casa do delegado. A lembrança alertou Plínio para não exagerar na comida, pondo tento em não consumir carne nem em beber álcool.

Não pôde, contudo, fugir de sorver um caldo verde feito com pedaços de músculos de boi. Também teve de aceitar no prato um rotundo bife de filé mignon, do qual precisou comer um naco, por insistência de Moisés, que se situava três cadeiras apenas distante da

sua e controlava o que o casal ia consumindo. Quanto às bebidas alcoólicas, estavam proibidas, uma vez que todos os pastores iriam pregar ou à tarde ou à noite. Não obstante, Moisés levantou um brinde simbólico com refrigerante, em honra ao casal que se dignara aceitar o convite do almoço, apesar de não se filiar à doutrina evangélica do filho.

Tanto bastou para que chovessem perguntas incômodas, até que os casais terminaram por deixar o trio isolado, Margarida, Plínio e Cleto, este absolutamente desolado pelo que considerou como falta de tato do bispo.

Plínio, contudo, viu-se em situação favorável para uma retirada estratégica, alegando que gostaria de visitar o templo do filho.

Às duas horas, conheceram o dormitório dos irmãos, admirando a simplicidade dos móveis, a limpeza do recinto, a pequena biblioteca com todos os livros encadernados e um belo computador, com os recursos mais modernos de reprodução de som e de imagem. Cleto fez questão de mostrar o arquivo em que guardava os sermões preparados e os em fase de elaboração.

Plínio levantou uma hipótese:

— Você tem toda a possibilidade de não se repetir jamais, mesclando uns com os outros. Já pensou nisso?

— Claro, pai! É como venho aperfeiçoando a parte que levo memorizada, porque o principal está em simples anotações das passagens bíblicas. O mais importante, contudo, reside na entonação da voz. Por isso, mantenho um arquivo de vídeos. Mas não vou mostrar nenhum por absoluta falta de tempo, pois, às três, tenho inadiável compromisso, como fiz questão de lhes informar quando vocês avisaram que viriam. Está claro que vocês vão comparecer e acompanhar o culto...

Inesperadamente, Plínio se viu livre para ir à reunião mediúnica, por uma intervenção da esposa:

— Eu vou, sim. Mas acho que o seu pai precisa ficar descansando, senão acaba sentindo-se mal de novo. Ovídio fica com ele. Qualquer coisa, é fácil de chamar por ajuda.

Margarida estava sendo sincera e veraz mas Plínio e Ovídio calaram o seu intento de sair. Sendo assim, exatamente às duas e meia, enquanto Cleto recebia os fiéis à porta do saguão principal, providenciando para que fossem bem acomodados, Plínio era recebido por João e conduzido ao escritório da residência para as prometidas explicações.

— Chamei-os reservadamente, porque desejo preveni-los quanto aos aspectos especiais da nossa reunião. Quando me mudei para cá, encontrei esta casa com um belo salão ao fundo. O interessante é que era sublocado para um grupo umbandista, o qual me pediu para manter o seu pequeno santuário intacto. Não me opus e agora eles se utilizam da antiga garagem durante a semana, entrando e saindo por uma porta independente. Aos sábados, quando não há atividade no centro, vários companheiros médiuns vêm para cá, a fim de conversarem mais livremente com os protetores, sem o compromisso da doutrinação de espíritos obsessores. É uma sessão em que as pessoas conversam com as entidades, interrogando-as sobre temas variados, sempre no sentido de esclarecimento de dúvidas surgidas nos estudos das obras de Kardec e outras. Temos tido a sorte de sermos atendidos por amigos bem gabaritados, claro que não da categoria de um João Evangelista. De qualquer modo, peço que não estranhem o ambiente fora e dentro. No jardim, vocês vão ver certas plantas místicas, como arruda, espada-de-são-jorge, mentruz etc. Lá dentro,

existe um altar vedado por um cortinado meio transparente, onde poderão divisar os petrechos utilizados para homenagear os guias e santos dos cultos da Umbanda. Se quiserem, depois da reunião, poderemos visitar o lugarzinho reservado, sem qualquer risco de ofender os orixás.

Plínio desejou expor o seu desconhecimento dessa espécie de religião:

— Eu nunca estive num terreiro, por isso para mim haverá de ser novidade participar de um culto dessa espécie.

João, contudo, dissuadiu-o dessa expectativa:

— Nós faremos uma reunião mediúnica nos moldes daquelas do centro. Nesta hora, os médiuns estão concentrando-se, após as leituras habituais de alguns trechos dos livros de Kardec. A única diferença significativa é que a direção está sob a responsabilidade do plano espiritual e não de um doutrinador encarnado. Sendo assim, um dos médiuns recebe ou incorpora o espírito do principal espírito do dia, que pode ser um preto velho, um índio ou qualquer entidade com forte sotaque para a caracterização de seu nível evolutivo, como acontece com o *Doutor Fritz*, por exemplo, e essa personagem assume o comando, distribuindo as tarefas. No seu caso, meu caro Plínio, com certeza, vai ser encaminhado para a psicografia, para o que lhe darei papel e lápis. Eu mesmo só participo como escrevente. Não é um trabalho fácil, porque as conversas entre as pessoas e as entidades chamam a atenção para os temas e, muitas vezes, a gente perde a concentração, sem perceber que outras mensagens devem ser transcritas. Nesse caso, cabe ao orientador anotar a presença dos espíritos que desejam comunicar-se por escrito.

Ovídio estava sumamente curioso:

— Será que vai sobrar algo para eu fazer?

— Você vai prestar atenção nas conversas. Se houver alguma coisa em que possa ajudar, será avisado.

— É por causa da minha idade?

— Kardec trabalhava também com jovens de menos de quinze anos. Sendo assim, é preferível pensar que você está completamente cru, precisando desenvolver-se, o que se dará, se mantiver a concentração nas possíveis intuições que lhe passarem pela mente. Arme-se de papel e lápis e escreva, se algum tema lhe parecer estar sendo ditado do etéreo. Se estiver com medo...

— O senhor sabe que bem pouca coisa me assusta no mundo.

— No mundo, bem entendido... E no plano sobrenatural?...

Os três riram, dando João por encerrada a introdução do médium à sessão que decorreria em seguida.

Plínio tinha diversas perguntas mas, devido ao horário, teve de soffrear os impulsos inquisidores.

Quando saíram para o quintal, o amplo jardim estava muito bem cuidado, não faltando rosas, cravos e crisântemos a chamar a atenção para a beleza natural das flores. O quarto dos fundos era bastante amplo e a longa mesa logo captou o interesse de Plínio, porque estava coberta de imaculada e alva toalha. Havia duas jarras cheias de água e diversos livros. As pessoas sentadas ao derredor mantinham-se de cabeça baixa, como a orar, deixando de notar a presença dos dois estranhos. Alguns vestiam-se de branco; a maioria, porém, trajava roupas comuns. Havia cinco homens e sete mulheres. Ao fundo,

atrás do cortinado que escondia o altar, puderam observar uma vela acesa, porque bruxuleava, havendo também uma lâmpada de cor vermelha. O que era mais contundente para o modelo de centro espírita impresso na mente de Plínio era o forte odor de incenso, cuja fumaça se percebia diluída na atmosfera. Não era enjoativo mas também o médium não se agradou dele pela falta do hábito.

João indicou os lugares para o pai e o filho e sentou-se na cabeceira da mesa, longe dos dois. Após uns dois minutos de profundo silêncio, uma das pessoas se levantou, dirigiu-se até a porta, fechou-a, acendeu uma luz mais fraca, apagando as mais claras, tornando o ambiente obscurecido, porque as janelas tinham as cortinas fechadas. Mas dava para Plínio escrever, se fosse estimulado.

Aquela mesma pessoa elevou a voz e recitou a prece de abertura da sessão que se encontra entre as que Kardec registrou em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Foi o que valeu para tranquilizá-lo dos intentos do grupo.

Logo em seguida, a personagem em destaque modificou completamente a entonação da voz, passando a falar de forma rouquenha, quase incompreensível para os ouvidos desacostumados de Plínio. Mas entendeu ele que a entidade incorporada solicitava que os médiuns expusessem mentalmente os temas de seus interesses, de forma que pudessem obter os esclarecimentos solicitados. Quando Plínio começava a percorrer com a vista as pessoas ao redor da mesa, foi convidado pelo orientador a escrever:

— Meu amigo, você está sendo requisitado por alguém que afirma conhecê-lo. Não perca tempo.

A partir daquele instante, Plínio se esqueceu por completo do local em que se encontrava, parecendo-lhe que flutuava, como quando entre os companheiros do centro. A mensagem começou de maneira bastante característica:

*“Meus filhinhos, Deus ama a todos nós e nós devemos amar a Deus sobre todas as coisas, porque Deus é amor. E também, em nome de Jesus, devemos amar uns aos outros, sem nenhuma condição, porque a felicidade reside na doação de nossa alma à existência que nos ofereceu o Criador.”*

Depois de escrever rapidamente por mais de uma hora e meia, Plínio assinou como *João Evangelista*, terminando a tarefa agradecido pela deferência da visita em hora e dia totalmente fora do contexto a que se habituara.

Se tivesse prestado atenção ao que ocorria entre os demais, saberia que havia bem cinco minutos que se fazia silêncio, no aguardo de que o recém-chegado terminasse a sua participação.

João foi quem tomou a iniciativa de encerrar, solicitando a todos que informassem caso não estivessem conscientes, insistindo com cada um em particular, para sentir-lhe a reação. O único que se esfalfara e que se encontrava ainda meio confuso era o que acolhera o guia. Mas recuperava-se, dando mostras de estar recebendo etéreas vibrações para restabelecimento fluídico.

Por isso, João fez questão de orar um pai-nosso, antes de efetuar a prece de encerramento; a mesma de Kardec.

Era chegada a hora das apresentações, estando todos voltados para quem escrevera com tanto desembaraço, tão velozmente e por tanto tempo. Era fato inédito naquela mesa.

João presidiu as apresentações e, em seguida, ofereceu-se para ler as mensagens:

— Além de mim e de Plínio, também Ovídio escreveu.

Este logo foi informando:

— Escrevi, sim, mas apenas tomei notas das ideias que julguei que poderiam ser discutidas ou pesquisadas. Nenhuma psicografia, se é esse o interesse dos médiuns.

Relutou Plínio quanto a entregar as várias folhas que preencheria com sua letra de escriturário:

— Não sei se os meus garranchos serão decifrados com facilidade. Não será preferível que leve para casa, transcreva e envie uma ou duas cópias para vocês?

— De jeito nenhum. Você não sai daqui sem nos dar conhecimento dessas preciosidades. Se não quer que eu leia, leia você.

Não havia como escapar, não obstante, Plínio ainda tentou um derradeiro argumento:

— As sessões do centro que frequento são secretas, quando as mensagens trazem assinaturas de personalidades de renome. O espírito que assinou a minha página foi o de *João Evangelista*. Sendo assim, não gostaria de correr o risco de ser chamado disto ou daquilo, porque o meu trabalho foi febril e nem pude compreender direito tudo o que foi ditado.

— Isto todos nós vimos. A sua maneira de escrever foi febricitante, como você lembrou, mas nem por isso deve ter sido sem importância. De qualquer modo, leia para nós e, se julgarmos que o espírito veio para nos enganar, no que não acredito, pela paz e pela tranquilidade em que decorreram os trabalhos, aí nós faremos rigoroso exame dos dizeres, quer quanto à forma, quer quanto ao conteúdo doutrinário. Antes de mais nada, quero dizer que o meu pedido foi satisfeito, porque desejei muito que o meu xará viesse manifestar-se neste humilde recinto. Vamos lá! Coragem!

Plínio não teve saída. Foi assim que, após ter lido o trecho da apresentação, comentou:

— Disseram-me que, no final da vida, o apóstolo, bem velhinho, tratava a todos como filhos muito queridos, iniciando as pregações sempre pela sua mais célebre frase, ou seja, *Deus é amor*. Estou dizendo isso para que não fiquem impressionados, quando descobrirem esse hábito que ficou registrado na história. Prossegue o texto: *“Fiquei de falar a respeito de Jesus, quanto ao desempenho físico, porque afirmei alhures que não perecera na cruz. É assertiva que encontra respaldo em vários escritores modernos, porque muitos não compreendem como é que, em tão pouco tempo dependurado no lenho, alguém pudesse sofrer mortal síncope cardíaca. Ainda que um soldado lhe tenha perfurado um dos lados do peito, só o fez movido pela necessidade de comprovar a morte. Ora, Jesus havia vencido a morte, tendo feito ressuscitar não apenas uma pessoa. Jesus burlava a vigilância das multidões, saindo do meio delas, sem que ninguém notasse. Jesus curava, de perto e a distância, as pessoas atacadas de males tremendos, como a lepra, a hemorragia, a cegueira, inclusive, de nascença, e quantas enfermidades se desenvolviam junto à população. Como não haveria de superar o cansaço que lhe fora infligido pelos açoites, ainda que estivesse jejuando há vários dias? Não conseguiu carregar a trave da cruz, tendo sido ajudado pelo cireneu Simão, obrigado pelo soldado da guarda romana encarregada das execuções. Mas esse era um procedimento habitual, porque os algozes se frustravam*

*quando o condenado parecia mercê dos castigos preliminares. Devo aqui levantar sério problema: o da natureza do corpo do Mestre, porque, desde aquela época, se desconfiava de que o seu domínio da matéria era tão extraordinário que seria capaz de materializar um símile de sua mesma estatura e forma, que Kardec chamou de agêneres, para pôr em seu lugar, a fim de receber o suplício. Tal era a concepção de muitos, tanto que, ao aparecer aos discípulos, alguns dias após a crucificação, quiseram testemunhar-lhe as feridas, obrigando-o a demonstrar que estava ali presente, através do consumo de alimentos. Desejam os amigos conhecer a verdade? Nem eu mesmo estou absolutamente ciente dela. Tudo o que levanto são hipóteses plausíveis, segundo os recursos desse ser de escol, o exemplo mais digno de humanidade e perfeição que qualquer espírito pode apontar. Não se transfigurou no monte? Houve testemunhas. Não andou sobre as ondas? Não transformou água em vinho? Não fez tantos prodígios cuja compreensão natural nos fugia por completo e aos quais chamávamos de milagres? Hoje, sabemos que os espíritos evoluídos, e Jesus é o mais evoluído de todos, conhecem as leis que regem o Universo e sabem aplicá-las com desenvoltura a favor de seus propósitos de benignidade. A verdade é que desapareceu da sepultura. Estaria no seu projeto de vida tornar-se o mártir salvador do seu povo? Pela referência histórica, os judeus admitem o filho de José e de Maria, o descendente da linhagem de Davi, apenas como mais um dos profetas; entretanto, não aceitam o Nazareno como o filho prometido por Deus para a libertação de Israel. Sendo assim, podemos considerar que os apóstolos não alcançaram sucesso em suas pregações junto aos de sua raça. Quem brilhou foi Saulo, que mereceu de Jesus a honra de um chamamento especialíssimo, porque se zangara o Cristo com as perseguições que culminaram com a morte de Estêvão. Jesus sentiu a necessidade de espraçar a sua doutrina, sabendo que o povo hebreu não lhe herdaria as concepções, fechando todas as portas da religião, principalmente porque se haviam manchado com o sangue inocente do divino cordeiro. Da mesma forma que fizera muitos cegos enxergar, ofuscou o campo de visão do inimigo originário de Tarso, na estrada de Damasco, fazendo-o, simbolicamente, recuperar a luz, quando as lições ministradas por Ananias tiveram efeito moral. Quer dizer que Jesus possuía dois corpos, utilizando-se de um ou outro, segundo as necessidades? Não é o que estou afirmando. Como todos nós, Jesus nasceu de mulher, tendo por pai um homem de carne e osso. Desenvolveu-se segundo a sua natureza animal, adquirindo, paulatinamente, completo domínio sobre a matéria, conforme a grandiosidade de seu espírito. Quando se machucava, escorria-lhe o sangue e o sistema nervoso comunicava ao cérebro as sensações de dor. Mas, diferentemente de quase todas as criaturas, desenvolveu o poder de bloquear as reações físicas desagradáveis, conseguindo reconstituir os tecidos lacerados quase instantaneamente. Podemos afirmar que o seu aparato carnal se eivasse de fluidos etéreos, segundo uma organização espiritual própria? Seguramente, não. Quando chegou sua época de deixar a carcassa material, o chamado invólucro terreno, ele o fez como qualquer mortal, e seu corpo foi devorado pelos vermes. Resta saber se foi um agêneres que se fixou no madeiro infamante. Reitero que Jesus estava ali de corpo e alma, sofrendo os horrores da mais atroz injustiça. No entanto, se me interrogarem a respeito de que tenha sido esse o sacrifício extremo que se atribui ao Salvador, devo dizer que não foi. Muito mais extenuante e dramático foi o enlace de seu divino espírito ao perispírito desta esfera, exigindo dele tremendo esforço de adaptação, acrescido de muitas outras dores morais (digamos assim,*

*por falta de melhor expressão), quando da concepção física e do ingresso no mundo de expiação e provações, para o exercício da augusta missão. Não sei se vim muito longe nestas explicações e se consegui esclarecer um ponto polêmico que tem dividido em duas facções o próprio movimento espírita. Neste aspecto, se as convicções estiverem por demais arraigadas, se foram fixadas nas mentes por acendrado amor-próprio, se estiverem fundamentadas em pontos de vista interessados na manutenção do statu quo que vem rendendo posições de destaque, em ambos os lados, se se possui o sentimento da disputa como natural nos encarnados, então, qualquer informação que se preste, no sentido de conciliar os desafetos, será tomada como simples pusilanimidade ou excesso de ingenuidade do espírito que assina, com pompa e circunstância, um nome assaz glorioso. Todavia, se houver interesse em decifrar o mistério, sob as luzes magníficas que esplendem dos escritos da codificação, ver-se-á que este mensageiro, além de cumprir antigo compromisso com a verdade, que ajudei a desvirtuar, conforme descrevi em comunicação anterior, também aqui se apresenta com o intento de pacificar os ânimos e orientar os filiados do Espiritismo para as metas cristãs do amor universal, através do lema da caridade sem limites, dentro dos padrões excelsos da moralidade evangélica. Não me preocupa o fato de que as mensagens venham a ser menosprezadas ou anuladas pela sapiência técnica dos sábios. Penso que sempre haverá quem reflita sobre as verdadeiras diretrizes doutrinárias, endereçando os pensamentos e sentimentos para a compenetração de que a evolução é prisma inalterável de todas as concepções espíritas. Será, pois, através desse projeto de vida propenso à descoberta da verdade que os homens irão realizar o ideal fraterno da unidade universal, para facilitar o reingresso nas esferas superiores de todos os seres em condições de colher os lucros de vidas de benemerência e de trabalho solidário, em nome do Cristo, por amor ao Pai. Meus filhinhos, a paz do Senhor esteja com todos, não importando se a sua opção seja por esta ou aquela seita, por este ou aquele culto, por esta ou aquela religião. Cumpram os preceitos do bem e da virtude. O mais vocês auferirão em acréscimos de bênçãos. Graças a Deus!”*

Assim que terminou a leitura, Plínio teve a atenção despertada pelo filho para o adiantado da hora. Contudo, não pôde furtar-se a ouvir muitos elogios e algumas ponderações admirativas quanto ao teor do texto.

João estava embaraçado, querendo e não querendo mostrar o texto que redigiu. Finalmente, não havendo quem lhe solicitasse a leitura, advertiu para o fato de que Plínio poderia querer levar embora a mensagem do *evangelista* e lhe pediu para realizar uma cópia ali em casa mesmo, porque tinha como fazê-lo.

Enquanto João levava as folhas para dentro, Plínio e Ovídio despediram-se efusivamente dos colegas espíritas, todos muitíssimo satisfeitos com o fato de terem sido honrados por texto e personalidade tão insignes.

Não foi difícil convencer João a conduzir os dois até o templo de Honorato, onde encontraram Cleto e Margarida aflitos, porque ninguém soube informar aonde é que a dupla fujona tinha ido. Foi a esposa quem reclamou:

— Eu deixei um para descansar e outro tomando conta e não encontro nenhum dos dois. Que é que eu podia pensar? Que tinham ido a algum hospital, no mínimo. Mas bem que nós vimos quem foi que trouxe vocês dois. Só podem ter ido àquela sessão espírita...

Só aí percebeu que tinha batido com a língua nos dentes, porque mantivera em segredo tal possibilidade, tendo deixado Cleto ainda mais preocupado do que estaria, se soubesse do convite. Mas o filho esteve à altura da tranquilidade que se pode esperar de um verdadeiro pastor de almas e não fez qualquer recriminação nem ao pai nem ao irmão. Queria, sim, que a mãe descrevesse o sucesso da reunião religiosa que ele presidira.

— Mãe, diga para eles como é que você se divertiu, conforme me afirmou.

Foi o bastante para Margarida esquecer as manhas e observar com profunda alegria:

— Foi maravilhoso. Após o Pastor Honorato ter dito algumas palavras e apresentado Cleto, este fez um belíssimo sermão, convidando o povo a agir segundo o modelo do Cristo, fazendo o bem a todos e dando à Igreja condições de prosseguir auxiliando os irmãos carentes que pululam pela cidade. Falou das excursões noturnas e mostrou como é que a polícia vem maltratando os pobres, considerando todos verdadeiros marginais. Falou do desemprego e da falta de comisseração do poder público, considerando que, sem que os particulares abram as bolsas, muitas crianças irão morrer à míngua.

Nessa altura, Cleto brincou:

— Mãe, pedi para que descrevesse as suas emoções e não que reproduzisse palavra por palavra tudo o que eu disse. Até parece que você tem um gravador embutido no cérebro! Parabéns! Eu não conhecia esse seu pendor.

Margarida encarou esse aspecto:

— Na verdade, foi como se bebesse da fonte fresquinha que jorrava de seu sermão. Gostei muito de tudo mas o que mais me deixou sensibilizada foram os cantos. Eu acho que você desafinou um pouco. Não seria bom que tivesse aulas de canto?

— E quem lhe falou que Cleto não está com professor particular?!... — foi logo informando Ovídio. — Enquanto eu estudo as matérias da oitava série, ele se dedica às artes: canto, música, oratória...

Cleto incomodou-se com o destaque que o irmão estava dando-lhe:

— O ofício de pastor exige que a pessoa não seja amadora, mas que se profissionalize, impostando a voz, sabendo captar a recepção emocional do público. Para insistir mais num aspecto do que noutro, tem de perceber a hora propícia para passar as informações bíblicas importantes e daí para a frente. E tem de conduzir o rebanho através do canto, porque os hinos litúrgicos estão cedendo a vez à música de ritmos populares, que é disso que o povo gosta e é o que traz mais gente para o culto. Bem que eu reparei na mãe sacudindo os braços ao comando do regente...

Margarida, porém, desejava demonstrar que havia observado outros fatos:

— É claro que tudo isso colabora para que o efeito no espírito dos crentes seja o mais eficiente possível. Mas a gente não pode esquecer de que o rapaz está destroçando os corações das mulheres. Eu mesma senti que as mais velhas, quando souberam que a mãe do orador estava presente, me invejaram, medindo-me de alto a baixo, como a perguntar como é que de dentro de mim tinha saído alguém com tantas qualidades.

Para Plínio, estava ótimo que a esposa se deixara envolver com tamanho entusiasmo ao evento religioso. Parecia vê-la rejuvenescer e acreditar de novo na vida. Até um dia atrás, ela não dizia três palavras sem que uma recordasse o filho morto. Agora, estava rindo plenamente satisfeita, como se Cleto lhe tivesse aberto as portas do paraíso.

“Nunca” — refletia o marido — “nunca, dentro do centro espírita, nem quando recebeu as informações de que Arizinho estava bem, ela reagiu com o coração tão aliviado. Ou muito me engano ou vou ter de receber o impacto de um pedido cabal para engrassar, com a nossa presença, as fileiras da crença protestante.”

Foi Ovídio quem provocou o desenlace fatal:

— Só falta vocês se mudarem para cá e frequentarem a sede em que o meu querido mano está aprendendo a pastorear as ovelhas, os cordeiros, algumas cabras...

Mas Cleto não lhe permitiu ir mais longe:

— Eu ficaria deslumbrado com tal possibilidade. Mas ainda não tenho como arcar com as despesas decorrentes dessa profunda alteração de vida. Vamos esperar um pouco mais. Quem sabe, dentro de um ano ou dois, após meu matrimônio com Aurélia...

Plínio não perdeu a oportunidade de explorar o assunto:

— Você tem certeza dos sentimentos dela e dos seus? Vocês são muito jovens e o seu passado deve ter atemorizado bastante a simpática família da linda juvenzinha, apesar de toda a solicitude para conosco, hoje cedo. Não se esqueça de que existe muito dinheiro envolvido, ainda porque ela é filha única e os pais são riquíssimos. Se não cismarem de passar tudo para a Igreja, a filha vai levar para o casamento um dote dos mais *sádios*.

Não era o objetivo do pai, mas Cleto demonstrou que era sensível às considerações pouco elogiosas ao seu caráter:

— *Seu Plínio*, meu caríssimo e preclaríssimo progenitor, vejo que desconfia de minhas intenções. Não adianta fazer esse gesto fingido de desagrado. Sei que deseja desmistificar o amor que faço transparecer pela Relinha. E você tem razão, ou melhor, teria razão, se tivesse *levantado a lebre* há um ano atrás, quando a conheci. Mas o convívio e a ternura do coraçãozinho da menina me fizeram compreender que preciso de uma alma gêmea para poder desenvolver-me como pessoa humana. Quando era traficante, não pensava nos outros. Vocês podem imaginar o que não fiz com certas moças... Mas essas águas já passaram por debaixo da ponte. Hoje, o que tenho feito mais, no campo de meus pensamentos íntimos, é tentar livrar-me da culpa de haver proporcionado ao maninho Ari aquela dose letal. Vejam bem que estou abrindo completamente o meu coração, porque me sinto abençoado pelo perdão do Cristo, tanto que sou bem capaz de conceber que tenho imensas responsabilidades em relação ao Vidinho, assumindo, como viram, as funções de irmão mais velho e de preceptor, defendendo-o quanto posso dele mesmo e dos pastores, que não estão satisfeitos com a sua atuação, que está deixando a desejar.

Ovídio, arguto e cordato, observou:

— Meu *maníssimo* Cleto, você estava indo muito bem, desnudando a sua alma e demonstrando as suas falhas. Não queira desviar a atenção dos nossos pais para a minha apagada figura. Continue, por favor, a falar de você mesmo.

Este narrador não teve meios de saber se Margarida se viu apta a decifrar todos os enigmas das falas dos filhos. A verdade, porém, insofismável, é que ampliou suas vibrações de enorme contentamento, maravilhando-se com o desempenho verbal dos rapazes que nunca vira tão sutis e tão enérgicos intelectualmente.

Quanto a Plínio, deliberou que deveria deslindar alguns mistérios que permaneciam inatingíveis para sua perspicácia, num momento de surpresa e de nostálgica presença do espírito que lhe transmitira a esplêndida mensagem.

Após alguns minutos de silêncio, cada qual respeitando os eflúvios emocionais que percebiam uns nos outros, foi a vez de Cleto volver à realidade:

— Vocês pretendiam voltar hoje mesmo. Não querem passar a noite num hotel, para assistirem às funções religiosas de amanhã cedo?

Antes que Margarida optasse pela aceitação da oferta, Plínio foi incisivo:

— O plano original foi organizado...

Ovídio brincou:

— Pai, você não está falando com os empregados da empresa...

A mãe apoiou:

— É verdade, Plínio! Deixe de bobagem e diga logo que vamos passar a noite aqui!

Mas o homem não quis ceder:

— Vamos fazer o seguinte: eu vou embora, porque tenho compromissos a cumprir no centro logo cedinho. Sua mãe fica e, depois de *babar* mais um pouco com os filhos, volta para casa, para lamentar estar tão longe. Não será exatamente isso o que terei de enfrentar daqui por diante?

Certo tom de mágoa na voz dissuadiu a esposa do intento de se deixar seduzir pela magnífica interpretação do mais velho no palco da igreja. Percebeu que estava entronizando-o muito cedo num nicho de santo e sentiu que precisava desempenhar o seu papel de esposa, tantos favores estava devendo à lhanura do marido. Por conseguinte, encerrou a discussão:

— O pai de vocês tem toda razão. Se eu ficar, serei apenas mais uma pálida estrelinha na constelação que acompanha...

Não soube como terminar a figura, porque as caretas dos outros três indicavam para uma admiração apenas jocosa. Foi assim que decidiram voltar de ônibus, antes mesmo de efetuarem a refeição da noite.

Durante todo o trajeto da volta, cada um se deixou embalar pelas doces recordações daquele dia pleno de sucessos inesperados e prazenteiros.

## 38. AS DECEPÇÕES DE PLÍNIO

Seja porque haja presenciado os horrores de um desastre que envolveu diversos veículos, tendo o ônibus passado rente aos corpos carbonizados de várias pessoas, seja porque tivesse mantido a impressão de que o filho mais velho estava concretizando algo no campo da religião, a verdade é que Plínio deliberou tomar a iniciativa da divulgação de suas páginas psicografadas.

Expôs a ideia à esposa, que lhe obtemperou:

— Eu não sei quase nada a respeito do que você tem escrito. Se não me mostrou as mensagens até agora, como é que vai imprimir e dar ao povo? Eu acho que você precisa esperar muito tempo mais. A sua mediunidade tem um ano. Quando você me falou a respeito de que o Chico Xavier está precisando de substituto, não pensei que fosse a sério. Em todo caso, a minha palavra não vale nada. Você precisa conversar com o Doutor Ariovaldo.

— Quer dizer que eu devo ficar marcando passo, aos cinquenta anos de idade?

— Quer dizer que alguém com mais experiência deve dizer se você deve ou não colocar nas mãos das pessoas aquilo que você mesmo não tem condições de criticar.

— Como é que não tenho?

— Se fossem as contas dos livros de contabilidade...

Plínio não quis continuar, porque reparou que Margarida estava bem firme na sua opinião. Imaginou que ela estivesse com medo da projeção no meio espírita, de sorte a prejudicar o filho pastor.

*“Ela até que pode ter razão. Vamos que o povo se agrada do livrinho que eu montar com as mensagens que recebi de tantos espíritos, principalmente daquelas do benfeitor maior, o meu caro João Evangelista, e aí o meu nome vai aparecer e o Moisés vai colocar sérios embaraços ao desenvolvimento do menino. Em todo caso, não posso fugir do compromisso que assinei com a espiritualidade, porque tudo o que me trazem do etéreo não deve servir apenas para mim e para as pessoas do centro. Por que razão João Evangelista iria falar sobre acontecimentos tão graves de seu tempo de vida, a ponto de mudar muitos dos conceitos históricos, se não fosse para que os estudiosos e os demais espíritas pudessem refletir sobre o assunto?”*

Perpassou-lhe pela mente a suspeita de que pudesse estar sendo testado, que estivessem dando-lhe corda para verem até onde ele iria no desejo de se fazer o substituto do maior médium conhecido. Se tivesse aberto a inteligência para as intuições de caráter mediúnico, talvez viesse a conversar com o protetor, que estava aflito com a deliberação que se delineava extremamente perigosa.

*“Vamos ver” — refletia Saldanha — “se o meu amigo aceita a hipótese de que os reais benefícios que pode prestar se circunscrevem ao âmbito da casa espírita, sem reflexos nas teses doutrinárias ou nas concepções religiosas.”*

Mas as vibrações não alcançaram mais o protegido, que voava alto, águia a pairar sobre florestas e montanhas, ampliando os horizontes em busca do infinito.

Passou a noite sonhando com ditados e com edições de obras espíritas, vendo-se lido e apreciado pelas multidões, ampliando o movimento através das federações, enchendo os templos, enquanto os novos adeptos agitavam os braços, cantando e agradecendo as bênçãos de Deus, porque ninguém havia que não superasse todos os problemas. Houve um momento de delírio, quando se deparou com os mortos carbonizados, mas logo entendeu que as criaturas eram recebidas pelos missionários do Senhor, para serem conduzidas a esferas de maior felicidade, porque haviam purgado no fogo os pecados.

No dia seguinte, passou a limpo a recente mensagem, decidido a mostrá-la aos parceiros, especialmente a Ariovaldo, Moacir e Silvinho. Imprimiu várias cópias e seguiu impávido rumo à consagração.

Logo que chegou ao centro, porém, observou desusado movimento de pessoas, um entra e sai afobado, como se algo muito sério estivesse ocorrendo. Parou o primeiro que reconheceu:

— Que está acontecendo?

— Um princípio de incêndio na secretaria. Parece que deu um curto-circuito e os aparelhos todos se estragaram.

Plínio correu a ver se ajudava a salvar o que fosse possível. Tudo se perdera. O que o fogo não consumiu a água desfez. Plínio correu em busca dos disquetes em que gravara todos os escritos. Todos queimados.

Lembrou-se de que levava para o computador do escritório apenas os textos do *Evangelista*. As participações dos familiares e amigos dos consulentes tinham desaparecido. Uma ou outra ele conseguiria recuperar, porque fornecera cópia aos interessados. Mas a maior parte se fora.

Não quis o frustrado médium demonstrar a ninguém o seu aborrecimento particular. Deu um dedinho de prosa com Ariovaldo e se retirou, porque nada havia que pudesse fazer ali.

Voltou ao escritório e, com tristeza, observou que, no máximo, havia material para umas cinco páginas, com os tipos bem grandes.

Ao contar para Margarida o que havia acontecido, ouviu dela um conselho bastante ponderado:

— Essas coisas acontecem. Por que você não resguardou o seu tesouro menor, como fez com as peças de ouro? Você vai ter de escrever muitas comunicações, até obter material suficiente para a pretendida publicação. Pense no Chico Xavier, quase oitenta anos de mediunidade, a trabalhar ainda, doente mas lúcido, produzindo pouco, mas contente com tudo quanto fez. Para você chegar à idade dele, vai ter pela frente mais trinta e tantos anos de mediunidade. Vai poder escrever bem uns quinze ou vinte livros, se tiver juízo, porque vai precisar selecionar muito bem as mensagens, para aprender a reconhecer aquelas que podem interessar às pessoas. Você não vai falar nada?

Plínio, na verdade, acompanhou os raciocínios da esposa como se ele mesmo estivesse a compor a falação. Nem lhe passou pela mente que ela estivesse sendo inspirada e que seu sistema de defesa tivesse sofrido uma ruptura, juntando à voz da esposa as vibrações do benfeitor espiritual.

Vendo que o marido não conseguia coordenar as ideias, Margarida buscou interessá-lo noutro tema:

— Enquanto você esteve fora, lembrei-me de uma passagem de Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, sobre a qual gostaria que a gente refletisse. Eu havia pensado em deixar o assunto para o dia de leitura do *Evangelho*, mas acho que você vai aproveitar o trecho para meditar a respeito de nossa situação, em relação aos nossos filhos.

Ela estava de posse do volume. A página merecera um marcador de sorte que, ato contínuo, executou a leitura:

— Aqui estão a pergunta de número oitocentos e noventa e dois e a resposta: *“Quando pais possuem filhos que lhes causam desgostos, não merecem eles escusa por não terem para com estes a ternura que haveriam tido no caso contrário? Não, pois isso constitui um encargo que lhes foi confiado, e sua missão consiste em fazer todos os seus esforços para orientá-los para o bem. Mas esses desgostos são amiúde a consequência do mau hábito que eles deixaram que criassem desde o berço; eles estão colhendo, então, o que semearam.”*<sup>2</sup>

Plínio tomou o livro das mãos da esposa e leu de novo o trecho, até concatenar os pensamentos. Margarida o deixou à vontade, porque via que ele se esforçava para compreender o seu objetivo.

Demorou para ele fazer uma tímida observação:

— Vejo que você está muito preocupada com a nossa responsabilidade em relação aos crimes praticados pelos nossos filhos. Mas você não acha que eles já foram conduzidos ao bem?

Plínio apontava para a frase escrita.

— O que eu acho é que nós *não fizemos todos os esforços* para esse efeito.

Margarida também pôs o dedo na linha correspondente. Sem transição, acrescentou:

— Vamos ler agora outro trecho.

Retirou outro marcador e leu:

— Questão de número novecentos e oitenta e dois: *“É necessário professar o espiritismo e crer nas manifestações para assegurar nossa sina na vida futura?”* Resposta: *“Se fosse assim, seguir-se-ia que todos os que não creem ou que não se acharam em condições de se esclarecer estejam deserdados, o que seria um absurdo. É o bem que assegura a sina futura; ora, o bem é sempre o bem, qualquer que seja o caminho que conduza a ele.”*<sup>3</sup> Quero que você observe que os espíritos não insistem na necessidade de a pessoa ser espírita para realizar o bem. Não é o bem que conduz os seres humanos ao reino de Deus?

De novo, Plínio precisou de mais tempo para assimilar os conceitos. Leu e releu o trecho, mas preocupava-se com o visível intento da patroa de justificar a debandada do casal para as hostes do protestantismo. Queria encontrar uma resposta ali mesmo para opor-se, até que atinou com a explicação subsequente do Codificador. Foi um alívio. De imediato, desejou afastar o perigo que rondava as suas atividades mediúnicas:

---

<sup>2</sup> KARDEC, Allan — *O Livro dos Espíritos*. Trad. inédita de Wladimir Olivier.

<sup>3</sup> *Idem, Ibidem.*

— Minha cara, concordo com você. Está certo que os hinduístas, os maometanos, os budistas, os xintoístas, os protestantes, os católicos, os umbandistas e sei lá quantos mais profírentes de religiões existem diferentes do Espiritismo, o qual nem chega a ser uma religião na mais rigorosa acepção do vocábulo, conforme explicou o Ariovaldo outro dia, muitos deles conseguem arremeter-se escada acima até os píncaros da bem-aventurança. Mas, então, para que serve o Espiritismo? Você leu a explicação de Kardec? Pois eu leio para você: *“A crença no Espiritismo ajuda o homem a se melhorar ao lhe fixar as ideias sobre determinados pontos do futuro; ela apressa o adiantamento dos indivíduos e das massas porque permite considerarmos o que seremos um dia: é, pois, um ponto de apoio, uma luz que nos guia. O Espiritismo ensina a suportar as provações com paciência e resignação, desvia o homem da prática dos atos que podem retardar-lhe a felicidade futura, e é assim que contribui para a sua felicidade. Mas nunca se disse que sem ele não se possa atingi-la.”* Você quer deixar o Espiritismo. Tudo bem. Mas vai ter de ascender até Jesus bem mais devagar.

Margarida, porém, esperava pelas observações do marido e, de imediato, contrapôs, encerrando a conversa:

— Eu não disse, em momento algum, que deveríamos abandonar a doutrina dos espíritos. Eu disse e reafirmo que devemos cuidar melhor dos nossos filhos, principalmente do Cleto, porque, se firmarmos a nossa crença nos princípios espíritas, quem irá se atrasar na caminhada é ele e não nós. Um retardamento hoje não representará, dentro de uns cinco ou seis anos, quando ele for completamente dono de seu destino, nenhum tropeço para o nosso avanço espiritual.

— Você preparou esse discurso e me pegou num momento muito triste.

— Eu só lhe pedi para pensar sobre o assunto. Quando estiver disposto, a gente volta a conversar.

Realmente, Plínio não estava bem. Notou que Margarida não havia feito o almoço e suspeitou de que passara a manhã preparando-se para o debate. Na hora certa, porém, apareceu uma salada coberta de maionese, dessas que se compram em vidro, e alguns pedaços de linguiça no meio de uma farofa, com a farinha embotada e os ovos meio crus.

À tarde, o centro dedicava-se às tarefas da mocidade espírita. Era um momento oportuno para jogar conversa fora, porque as pessoas ficavam apenas a pajear os moços, quase sempre curtindo a macarronada domingueira. Os poucos gatos-pingados como que davam vazão à necessidade de descanso, inclusive quanto aos programas de televisão a que as famílias assistiam.

Mesmo sabendo disso, Plínio foi até lá, deixando Margarida às voltas com a louça e, coisa muito estranha, com a bíblia que ganhara de presente do Cleto.

Não estavam Silvinho nem Moacir, mas Ariovaldo encontrava-se pondo ordem ao que restara da secretaria. Com ele, outros diretores, em ferrada investigação para saber a quem se poderia atribuir a responsabilidade do incêndio.

Chamado a opinar, Plínio não pôs em dúvida o procedimento de nenhum companheiro, atribuindo o acidente ao cansaço do material embutido na parede ou ao trabalho destruidor das ratazanas.

O serviço estava no fim, de sorte que, uma hora depois, lamentando muitíssimo a perda do equipamento, mas fazendo um bom projeto para aquisição de nova e mais

moderna aparelhagem, pôde Plínio mostrar aos confrades, todos a par de seus contatos mediúnicos especiais, o novo texto, resumindo a história dele, enfatizando o fato de ter sido obtido em sessão privada, subtraindo a informação de que a sala servia também para trabalhos umbandistas.

Ariovaldo e os outros guardaram as cópias, simplesmente, não demonstrando nenhum interesse pelo teor do texto. Foi o médico quem se manifestou:

— Meu caro Plínio, vamos deixar para expor os nossos pensamentos durante a reunião da próxima quarta-feira. Até lá, pense bastante a respeito deste gênero de comunicação a que você vem dando oportunidade, porque está parecendo à maioria que os temas estão muito acima de nossa capacidade de crítica, mesmo porque os problemas concernentes às mensagens apocalípticas não têm muito que ver com a doutrina espírita.

— Quer dizer que vocês discutiram a respeito, nas minhas costas?

— Não leve as coisas por esse lado. Se você estivesse presente ontem, teria participado da reunião informal em que alguém levantou a tese de que todos temos as tarefas habituais e rotineiras e não podemos ficar na dependência da orientação dos espíritos. Eles é que têm de se adequar ao nosso esquema, porque quem define os objetivos do centro são os encarnados, segundo as necessidades específicas de nossa esfera e de nossas realizações de vida, para vencermos o nosso carma.

Cabisbaixo e magoado, sem prestar atenção às palavras de apaziguamento dos parceiros, tendo mesmo a impressão de ter ouvido alguém dizer para deixarem-no ir refletir em paz sobre o que haviam deliberado, Plínio abandonou o sagrado recinto, caminhando lentamente na direção de casa.

Não sabia se deveria comunicar à esposa o recente acontecimento, contudo, não a encontrou. Foi à cozinha e sentiu que a mulher havia deixado tudo na melhor organização. Buscou algum recado, mas não achou.

*“Terá ido à casa de Hortênsia? Sim, porque a Antonieta me parece carta fora do baralho, à vista dos sucessos igrejeiros do Cleto.”*

Meditou sobre os *sucessos igrejeiros* e atinou com a possibilidade de Margarida ter ido ao culto protestante. Esse pensamento deixou-o ainda mais desolado. Resolveu, então, ir ao escritório, onde poderia desfrutar do máximo de sossego, imaginando que destino daria à sua mediunidade em xeque.

Uma vez diante da tela do computador, onde fazia os textos de João avançar e recuar, teve uma ideia salvadora:

*“Vou enviar uma cópia da última mensagem para os jornais espíritas, a ver quais reações serão favoráveis e quais desfavoráveis. Se tiver sorte, encontro algum que publique, levantando uma polêmica das mais ruidosas, uma vez que jamais encontrei em nenhum periódico qualquer demonstração espiritual de personagem tão importante.”*

A decisão valeu-lhe o resto da tarde de trabalho, não tanto para a redação da missiva, na qual demonstrava como elemento essencial o fato de haver trabalhado sob a vigilância dos amigos do centro, mas principalmente na busca dos nomes dos responsáveis e dos endereços das publicações. Conseguiu postar quinze cartas, que guardou em sua escrivaninha para colocar no correio no dia seguinte.

Ao se reencontrar com Margarida, foi logo dizendo:

— Estive relendo a última mensagem do *Evangelista* e encontrei um trecho de que você vai se agradecer muito.

Tirou do bolso um exemplar e leu:

— Veja como é que o autor termina: *“Meus filhinhos, a paz do Senhor esteja com todos, não importando se a sua opção seja por esta ou aquela seita, por este ou aquele culto, por esta ou aquela religião. Cumpram os preceitos do bem e da virtude. O mais vocês auferirão em acréscimos de bênçãos.”* Não lhe parece estar lendo o trecho de **O Livro dos Espíritos** a que você aludiu?

Margarida ficou desconfiada de que o marido lhe preparara alguma armadilha. Por isso, apenas perguntou:

— O que você quer dizer com isso?

— Estou dizendo que posso dar meu braço a torcer e aceitar a sua tese de que devemos parar um pouco com o Espiritismo, para o bem do Cleto, conquanto eu ache que o Vidinho não irá concordar com essa atitude.

— Você está me escondendo alguma coisa que aconteceu no centro.

— Você é que não me disse aonde foi enquanto estive fora.

— Eu não disse porque resolvi na última hora. Será que você não foi capaz de imaginar que estive no templo, cantando e orando, pedindo que Jesus nos abençoe com o esclarecimento de sua mente, o que, você vai ter de concordar, aconteceu de veras, caso contrário não tinha dito nada do que disse?!

— Eu sabia que você podia ter ido à igreja. Só que a você eu informei que ia ao centro. Por que não me deixou um bilhete?

— Supus que chegaria antes e não lhe disse nada há pouco, porque você chegou falando até pelos cotovelos. Mas você não me respondeu...

— Não respondi ao quê?

— A respeito do que você está me escondendo. Algo muito grave deve estar acontecendo, para você mudar tão depressa de opinião.

— Você não disse que foi Jesus quem nos abençoou?

— Não brinque com as coisas sérias. Vai dizer ou vou ter de perguntar ao Moacir?

— Pergunte também ao Silvinho, porque ambos não se encontravam lá.

— Então ocorreu algum fato bem grave...

— Ariovaldo me informou que o pessoal não quer mais que eu dê passividade às mensagens do meu amigo João. Eles acham que já têm muito o que fazer para darem trela aos estudos organizados a partir dos desencarnados.

— Em outros tempos, eu diria que são uns mal-agraçados. Agora, posso pensar em que tenham recebido inspiração dos benfeitores espirituais.

— Por que não está você afirmando que foi Jesus quem os estimulou? Não se esqueça de que a conversa com os mortos está proibida desde os tempos de Moisés e os protestantes fazem questão cerrada de anunciar que os entretenimentos entre mortos e vivos são conduzidos pelos demônios.

— Que é que você vai fazer agora?

— Já fiz.

— Como “já fiz”?

— Vou mandar uma carta, que já escrevi, para diferentes órgãos de divulgação espírita, para ver se publicam a mensagem que recebi no dia de ontem. Aliás, se você quiser ler, eis a cópia que imprimi especialmente para você. Veja que enchi de coraçõezinhos.

— Mesmo antes de tomar conhecimento do texto, acho que você está se precipitando. Em todo caso, prepare-se para algumas surpresas desagradáveis. É tudo o que eu lhe digo.

— Vejo, querida, que posso contar com você para me animar.

— Para animar, não, querido; para lhe oferecer o ombro, onde você vai curtir a dor dos desapontamentos, das decepções, dos desenganos...

No dia seguinte, quase um autômato, Plínio levou à agência dos Correios os quinze envelopes e despachou-os, sem alegria e sem confiança. Pensava que não deveria ter sido esse o caminho mais fácil para a divulgação das confissões do santo.

Fez os cálculos e concluiu que iria levar, no mínimo, uma semana para obter a primeira resposta.

*“O que vou ficar fazendo, enquanto isso? Não creio que os meus parceiros de mesa vão aceitar com muita facilidade o texto que lhes deverei fornecer ainda hoje. Em todo o caso, como alguns já estão com uma cópia...”*

Trabalhou casmurro o tempo todo, tendo dado preferência a ir à empresa, para não demonstrar seu mau humor aos sócios. Deitou-lhes sobre a mesa um exemplar da mensagem para cada um e se foi, em busca de mergulhar fundo nas contas do ex-patrão.

Na verdade, alcançou seu objetivo, tanto que restabeleceu todos os critérios anteriores de fixação dos elementos contábeis, terminando por recomendar ao Palhares que mantivesse um dos funcionários à testa do departamento, dispondo-se a oferecer retaguarda técnica de alto padrão, para o caso de haver problemas na reimplantação do sistema.

Não contava, porém, com certa resistência de quem lhe propôs, inesperadamente:

— Você, meu bom amigo, conhece melhor do que ninguém os segredos da firma. Se não deseja aceitar o serviço para o seu escritório, tudo bem. Dá para compreender. E se nós restabelecêssemos o seu vínculo empregatício, readmitindo-o no antigo posto, com salário compatível ao cargo de diretor-técnico, caso em que responderia pelo correspondente fluxo dos documentos contábeis e pelo setor de pessoal de toda a empresa, responsabilizando-se pela manutenção ou dispensa dos atuais empregados e pela admissão de quantos forem necessários para dar implemento ao novo sistema?

— Não estou bem para definir uma posição agora. Posso adiar a resposta até amanhã?

— É justo que você queira conversar com os sócios. Veja bem. Estamos dando-lhe um cargo de confiança. Se você quiser reempregar os dois amigos, esteja à vontade.

— Não creio que aceitem, porque ganham dez vezes mais lá do que aqui.

— Você está sugerindo que a nossa proposta não alcança os seus ganhos atuais?

— Absolutamente, não. Tenho a certeza de que com vocês estarei melhor, mesmo porque poderei manter-me na condição de sócio da minha pequena empresa...

— Não há nenhuma restrição quanto a isso, desde que esteja no comando do departamento, dentro do horário comercial. Se você quer a minha opinião de amigo de

tantos anos, aceite, tire umas férias de suas preocupações na condução do escritório e, se não der certo aqui, exponha com lealdade e clareza e retire-se, levando consigo a nossa amizade e respeito.

— Já que entramos no terreno pessoal. Diga-me o porquê de os donos terem admitido a hipótese de verem um espírita no comando de um dos setores da empresa.

— Correu um boato de que você tem um filho pastor. Parece que houve um entendimento entre as autoridades da igreja e da firma. Mais do que isso eu não saberia dizer.

Plínio voltou para o almoço, caminhando nas nuvens. A bem da verdade, pouco pensou sobre a oferta de emprego. Via-se cercado pelos bispos e pastores, como se fossem eles os demônios obsessores que acusavam de possessão dos espíritas. Em certo ponto da meditação, quase perdeu o fôlego:

*“Se eu contar tudo o que se passou para a Margarida, ela vai dizer que Jesus está me convidando para entrar nas fileiras protestantes. Se não contar, por outro lado, como poderei explicar o fato de haver aceitado de volta, e com tantas regalias, o meu velho emprego? Se disser que Moisés está por trás de tudo, vai rir-se de mim ou vai confirmar o interesse dele em nos manter distantes do centro espírita, reforçando a figura do Cleto na qualidade de pastor ou de sei lá que outro cargo possa a vir ocupar na igreja. Acho que vou ter de consultar-me com meu anjo de guarda ou pedir um conselho pessoal ao apóstolo João.”*

Não precisou de prece nenhuma para pôr-se em estado de receber os eflúvios etéreos do Saldanha, que lhe deixou claro, na consciência, a ideia de que a vida é dada aos espíritos para sanar os defeitos e viciações e para resgatar os débitos com os que outrora foram inimigos e que atualmente devem estar no círculo da parentela e das amizades. Mais não quis passar-lhe, a não ser a sombra de um pensamento doutrinário fundamental, ou seja, de que sem livre-arbítrio a humanidade não progrediria.

Não teve a oportunidade, contudo, de comunicar à esposa o que se passara pela manhã, porque ela havia reservado para ele umas surpresas:

— Li o texto do *Evangelista*. Você está disposto a ouvir a opinião de uma pessoa ignorante mas prática?

— Se você guardar as suas ideias só para você, vai me deixar zangado.

— Zangado você vai ficar se eu disser o que penso.

— Zangado por zangado, diga tudo, pelo menos terei um motivo conhecido.

— Vamos deixar as brincadeiras de lado e vamos direto ao ponto. Eu não acho que o santo iria escolher você para trazer notícia tão revolucionária, para usar um termo seguro das consequências do restante que tenho para dizer.

Passou pela mente do marido que Margarida havia confabulado com alguém, porque o vocabulário não era o habitual. E disse-o, interrompendo-a:

— Antes de mais nada, quem mais está a par do conteúdo da mensagem?

Pega no pulo, Margarida não titubeou:

— O meu conselho íntimo, quer dizer, Hortênsia, que representou os católicos, e Antonieta, que trouxe as ideias espíritas.

— Então, pelo menos, foi dada alguma importância ao texto!

— Não diria que ao texto mas à pessoa que o escreveu: você, meu querido.

— Eu não escrevi, porque não trazia na cabeça nenhuma dessas ideias *revolucionárias*. Você sabe que sou um homem de boa paz, que desejo viver sossegado, sem mexer com as pessoas, embora esteja vendo que esbarrei num vespeiro.

— Vamos dizer que não tenha sido você o autor intelectual. Em todo caso, foi quem pôs a mente a funcionar, caso contrário não teria apresentado texto algum. Eu, por exemplo, não tenho escrito nada...

— Porque não se propõe. Basta concentrar-se para que algum espírito amigo...

— Esse é o ponto. Será que esse espírito é amigo? Não me venha dizer que Jesus recomendou ao discípulo que viesse comentar a respeito do fato de ter vivido depois da crucificação. Hortênsia me assegurou que a tese poria abaixo o dogma da salvação da humanidade pelo sangue e pela paixão do Senhor. Toda a Igreja Católica iria cair de pau sobre você e mais ninguém. Antonieta me tranquilizou, por outro lado, que a mensagem não vai encontrar quem a publique, porque os espíritas também não vão aceitar que um conceito novo e, aqui vale, revolucionário, seja colocado na ordem do dia pelo próprio indivíduo que incorporou o sublime espírito do apóstolo.

Plínio não podia esperar tanto. Tímido, desejou um esclarecimento:

— Você escreveu e decorou o que conversaram ou devo concordar com Cleto quanto a você possuir um gravador mental?

— Preste atenção que o que eu tenho para dizer é importante.

— Sou todo ouvidos, querida.

la dizer *orelhas*, mas sofreu a tempo o impulso que desvendaria o seu íntimo repúdio às intenções dos que desejavam expulsá-lo do convívio dos espíritos superiores.

— Nós três concordamos que Kardec apenas codificou as mensagens das entidades de todas as classes espíritas que lhe eram passadas pelos médiuns. Você — preste bastante atenção — deve encontrar o seu Kardec, aquela pessoa que vai reunir os textos seus e de outros médiuns, para comentar e pôr em condições de serem avaliados e incorporados, se for o caso, ao conjunto do pensamento doutrinário do Espiritismo. Você fez o que prometeu?

— O que foi que prometi?

— Você colocou as cartas no correio?

— A sorte foi lançada...

Se Margarida conhecesse a origem da expressão, diria que o nome dele, apesar de latino, não era César. Limitou-se, pois, a prognosticar:

— Sente-se, porque de pé você vai cansar de tanto esperar pelas respostas.

Ressabiado, Plínio não quis apostar no contrário. Apenas aproximou-se da mulher, afagou-lhe os cabelos que se engrinaldavam de branco, deu-lhe um beijo na testa e agradeceu-lhe com algumas ameaças de lágrimas:

— Muito obrigado, meu amor. Jamais vou me esquecer de sua preocupação para comigo.

Almoçou introspectivo, temeroso de que tivesse feito algo muito ruim para a carreira de médium, precipitando-se ao divulgar a mensagem polêmica obtida na casa do delegado.

À tarde, em lugar de tratar dos temas espíritas com os sócios, deu-lhes a conhecer a proposta da empresa e chegaram os três à conclusão de que o melhor seria aceitar o

oferecimento de emprego, mantendo-se o vínculo com a sociedade. Foi Moacir quem levantou um problema:

— O Plínio, saindo, vai abrir uma lacuna, ou seja, vai sobrecarregar-nos com o preenchimento dos formulários e demais prestações de contas ao fisco, conforme ele vem fazendo junto ao computador. Proponho que a gente contrate alguém para substituí-lo quanto ao trabalho mecânico, porque os rascunhos nós teremos de fazer juntos.

Plínio teve uma ideia repentina:

— Se vocês não fizerem nenhuma objeção, trago o meu filho Ovídio, esperto o suficiente para o serviço. Basta que a gente explique tudo direitinho. Aliás, ele está querendo voltar para os pais e vai ser muito bom que encontre algo com que se entreter, como vem fazendo na ajuda que dá ao irmão e aos pastores.

Silvinho apoiou:

— Bem lembrado. Acho mesmo que vai ser melhor assim, porque pai e filho poderão ajudar-se, caso tenham um micro em casa, porque, disquete vai, disquete vem, a nossa firma só tem a ganhar com isso.

Plínio antecipou a decisão. Voltou para conversar com Margarida, que deu inteiro apoio a que o plano tivesse seguimento. Foi, em seguida, à empresa, para conversar sobre as condições do contrato. Palhares e Coelho reuniram-se a ele e tudo se acertou de forma a contentar as partes.

À noite, munido de diversas cópias da famigerada mensagem, foi ao centro, com o intuito de agradecer formalmente aos guias o restabelecimento de sua vida, porque julgava que a vinda do Ovídio, o estabelecimento na igreja do Anacleto e a assistência que se dava ao Ari no etéreo eram definitivos, como estava certo da recuperação mental da esposa.

Encontrou o povo no centro alvoroçadíssimo. Nem entrou e já as moças do grupo, Olívia à frente, pegaram-no pelo braço e o conduziram para a secretaria, onde, porta fechada e vozes abafadas, lhe expuseram o que sucedia:

Ana Beatriz foi quem iniciou:

— Como sou a que está mais calma, fui incumbida de pôr você a par dos acontecimentos. Não se sabe quem, mas todas as nossas mensagens reservadas foram copiadas e distribuídas em diferentes centros.

Plínio não conteve uma exclamação:

— Santo Deus!

E mais não disse, aguardando outras informações.

Ana prosseguiu:

— Os diretores foram chamados para uma reunião urgente na sede da União das Sociedades Espíritas. Não sabemos o que será tratado mas não deve ser nada bom para nós.

Plínio admirou-se:

— Por que vocês estão se incluindo, se fui só eu quem escreveu as mensagens?

Judite respondeu:

— Quando um médium trabalha em conjunto com outros, todos são tidos como cooperadores, como meeiros, como responsáveis. Se tivesse sido apenas um texto, talvez ninguém desse importância. Mas quatro...

Plínio estranhou:

— Como quatro? São apenas três.

Judite, porém, estava certa de suas contas:

— Existe o primeiro texto do substituto do médium Chico Xavier. O segundo é o da pergunta de João a Jesus sobre as palavras com que Deus receberia os espíritos excelsos...

Plínio reconsiderou:

— Com esse, são quatro mesmo. Mas, se bem me lembro, não se pode contar entre os *reservados*, porque foi distribuído e até saiu impresso como separata de jornal.

Mas Judite estava querendo caracterizar os outros dois e continuou:

— Pois o terceiro foi o do *Apocalipse* e dos trechos copiados do *Antigo Testamento*. O quarto foi o do corpo de Jesus...

Novamente, Plínio interveio:

— Este último não pode ser considerado entre os *reservados*, porque nem foi escrito neste centro. Aliás, vai ser bem fácil de descobrir quem foi que desencadeou o escândalo na federação...

Ana corrigiu-o:

— Na U.S.E. e não na federação.

— Pois que seja. O fato é que distribuí...

Plínio contou nos dedos:

— Uma para o Ariovaldo, outra para o Severo, mais três ontem, duas hoje, outra para minha mulher... Ao todo foram oito cópias. Além, é claro, das quinze que postei hoje cedo e aquela que ficou com o Doutor João.

Olívia, que estivera segurando-se, finalmente deslançou:

— Meu caro amigo, não importa que você tenha feito um milhão de cópias. Aliás, você não relacionou as nossas cópias. O que interessa, porém, é a reação das pessoas. Os diretores que foram mantidos fora do nosso círculo se sentiram traídos. Vamos dizer, é apenas uma hipótese, que Margarida, inadvertidamente, tenha mostrado a mensagem a algum deles...

— Ela ou Antonieta...

— Veja que as coisas se complicam. Aí, um dos descontentes resolveu denunciar, com a desculpa de conhecer o parecer da entidade *et cetera* e tal...

Insistiu o abobalhado médium:

— Mas não houve tempo para isso. Afinal, foi anteontem que eu apanhei o texto e ontem é que mostrei para o povo daqui. Como é que chegou tão depressa aos outros centros e teve uma resposta a jato? Existe algo misterioso nessa história.

— O que não é misterioso foi o que ouvi e acho que você deveria saber. Prepare-se para o pior. Estão dizendo que, se você quiser continuar ajudando o centro, vai ter de se contentar com as tarefas manuais e voltar a cursar as aulas de doutrina. A mediunidade está proibida.

— Vou para outro centro.

— Se houver algum que o aceite, porque o fato está tendo ampla repercussão.

Foi só aí que Plínio atinou deveras para a preocupação das amigas. Olhou-as fixamente nos olhos, alternadamente, e agradeceu-lhes o interesse:

— Eu nunca mais vou me esquecer de nenhuma de vocês. Sinto muito que tenham sido envolvidas. Sabem que mais? Vou para casa agora mesmo. Vou conversar com minha

mulher. Juntos, nós vamos decidir sobre o que vai ser melhor para todos. Antes, porém, quero que vocês saibam que isto ia acontecer de um jeito ou de outro, mais tarde, evidentemente, porque enviei quinze cópias, para quinze jornais espíritas. Se algum publicar, o escândalo vai ter repercussão muito maior. E, se não houver crítica mas elogio...

Olívia contestou:

— Se bem conheço essa gente, você vai morrer e o texto vai mofar nas prateleiras. Além do mais, palavras de *elogio*, meu caro, esqueça, porque, se alguém falar alguma coisa, vai ser para derrubar você do seu pedestal. Pode estar certo do que estou falando.

Algumas lágrimas brotaram dos olhos dela, contagiando os outros três. Abraçaram-se como se fora o derradeiro encontro nesta encarnação e Plínio se retirou, tão distraído que quase abalroou Severo que passava no corredor.

— Plínio, meu bom amigo, eu li a mensagem que você nos entregou ontem. Interessantíssima! Acho que o seu amigo da espiritualidade está tentando uma tarefa ingente, qual seja, a de unir os espíritas em torno de um pensamento único que acolhe Kardec e Roustaing ao mesmo tempo. Quarta-feira, vamos ter muito o que conversar com a turma.

Pareceu a Plínio que Severo acabava de chegar e desconhecia a agitação do centro. Sem condições de falar, contudo, tomou a mão do amigo, apertou-a contra o coração e saiu com a vista embaciada, sem perceber que Ariovaldo conversava do lado de fora com outros diretores. Caminhou ao longo de cinco quarteirões, quando se recordou de que fora de carro. Arrepiou caminho, já mais dono de si, pôs a chave na ignição, deu partida e, lentamente, avançou na direção de casa.

### 39. ARI SE HABILITA A AUXILIAR DE SOCORRISTA

Depois de muito lutar para a compreensão das razões por que não tinha domínio sobre a própria vontade, Ari deduziu que estava tendo coibida a liberdade de agir, para resguardo contra si mesmo. Desde que obtivera suficiente força para aparentar a idade de vinte e poucos, conforme estão os leitores a par, buscou os bancos escolares para aprender os rudimentos das leis cósmicas, quais sejam, necessidade de realizar o bem, à medida que estivesse requerendo os mesmos direitos para si, lei de causa e efeito e seus reflexos nas encarnações, segundo os objetivos específicos determinados pelo próprio indivíduo, leis de justiça, de trabalho, de conservação, de destruição etc. Em suma, passou pelo catecismo espírita do etéreo, adquirindo a noção de responsabilidade, despojando-se dos desejos incoerentes de sintonia com a perversidade e com os vícios, recordações que se despertavam das derradeiras romagens terrenas, a forçar visões íntimas dos sentimentos impuros que o haviam levado ao ódio aos inimigos.

Por outro lado, revisou, de maneira fortemente impregnada de culpas, todas as noções morais, éticas e religiosas, que aprendera através do intelecto mas que não aplicara nas situações de vida real. Repassou os *Evangelhos*, na companhia de colegas de mesmo nível vibratório e com as mesmas lacunas espirituais, sendo levado pelos professores a considerar profícuo um estágio junto aos socorristas em atividade na crosta terrestre, próximo passo no sentido da percepção dos desvios da personalidade, para o que teria de fazer-se discípulo de algum protetor da própria família.

Foi assim que teve oportunidade de abraçar o velho Saldanha, cuja figura se apagara na memória do jovem e que renascia com o poder de censura que ia adquirindo e administrando.

— Vejo, meu querido sobrinho e bisneto, que você, com a graça de Deus, se recuperou dos transe provocados pelas drogas. Já estive no Departamento de Recuperação da Memória para deslindar os fatos que o conduziram a um precoce suicídio?

— Caríssimo protetor, tenho consciência do que fiz de errado, inclusive pude observar, na tela do passado, a revivescência dos momentos que antecederam a ingestão da dose letal de cocaína e da impotência do amigo para me chamar ao reto caminho do dever do carma a que me obrigara por compromisso de reencarnação. Vi que você fez o que pôde, inclusive apelando para setores especializados da colônia. Também tenho de agradecer-lhe o desvelo dos primeiros tempos, porque, sem a sua ajuda, eu teria caído diretamente nas trevas mais profundas de minha petulante personalidade. Deus lhe pague, querido irmão!

Mas Saldanha não estava para efusivas manifestações sentimentais, inteiramente imerso nas atividades de acompanhamento dos sucessos que envolviam o pupilo Plínio, agora complicadas ainda mais com a obrigação de orientar o Ari. Por isso, destacou o trabalho, a ver até onde iam os conhecimentos do aluno:

— Está você a par da vida de seus familiares?

— Sim. Primeiro o Doutor Edgar e depois os mestres da *Escolinha de Evangelização* me ofereceram subsídios históricos, sem os retratos morais relativos à sucessão de ações e reações, tendo em vista a formação de suas personalidades.

— Você está me dizendo que não estudou o quadro geral; apenas contemplou alguns episódios recentes?

— Isso mesmo.

— Acho que não vamos ter tempo para digressões. Conte-se com as suas reminiscências e observe tudo o que lhe representar justa expiação ou desafio a vencer. Vou descerrar-lhe o panorama de vida de Plínio, seu pai, mas não me faça nenhuma pergunta, porque estarei atarefado com os choques que vem recebendo da sorte, uma vez que o coitado se sente desprestigiado exatamente pelas pessoas em quem mais confiava dentro do movimento espírita.

Ato contínuo, Ari se encontrou ao lado do pai, dentro do automóvel, retornando cuidadoso para o lar.

Saldanha colocou a mão sobre a cabeça de Plínio e Ari pôde ler-lhe os pensamentos eivados de profundas comoções sentimentais. Penalizou-se com a ênfase que o progenitor dava ao serviço mediúnicos posto em xeque e com a anulação da ideia de substituto de Chico Xavier.

Anotou sua primeira questão:

*“Plínio está demonstrando profundo orgulho ou legítimo interesse em servir à humanidade?”*

Uma palavra chamou-lhe a atenção no texto memorizado:

*“Por que, sem sentir qualquer tendência afetiva positiva ou negativa, não chamei Plínio de meu pai?”*

Não conseguiu desvendar o mistério e, quando percebeu, Plínio chorava nos braços de Margarida.

Ari contemplou as ondas de amor que se fundiam e se evidenciavam para os seus olhos de novato, julgando que os laços que uniam os pais eram bastante fortes para mantê-los juntos até para além da vida. Anotou, então:

*“Se existe a felicidade conjugal, por que os entes mundanos causam tanto distúrbio e desequilíbrio psíquicos? Não há, no fenômeno moral, um quê de egoísmo e de vaidade?”*

Ao mesmo tempo, vinham-lhe à mente os momentos de paz no hospital do etéreo, quando a mãe, em espírito, ia visitá-lo. Algo precisava ficar anotado, para a intuição não se perder:

*“Não teria sido preferível, ao invés de me mostrarem posteriormente os quadros dessas visitas, que me tivessem despertado no justo instante em que minha mãe comparecia?”*

Subsequentemente, incluiu outra observação:

*“Disse minha mãe e não Margarida e pude observar certo frêmito de alegria em designá-la assim. Por quê?”*

Introjetou-se de novo, de sorte que, quando despertou, aliás sem resposta definitiva para a inquirição psíquica, estavam os pais discutindo acaloradamente a respeito de algumas teses espíritas. Foi quando observou que Saldanha acalmava os ânimos,

enviando fluidos de muita paz em ondas de harmonia, entre as quais o rapaz pôde reconhecer a sua própria figura envolta em halo de superior luminosidade. Olhou para si mesmo, vendo que seus reflexos externos não tinham nem um pouco do brilho que a figura idealizada emitia.

Entretanto, não quis perder o andamento da conversa entre os mortais, de sorte que não fez nenhuma anotação.

Dizia Margarida:

— Eu sei que existem espíritos e que as entidades que se manifestam são as almas dos que viveram e morreram. Sei que, se fossem demônios, não dariam conselhos bons e só estimulariam o ódio, o sentimento de desforra, o desejo de vingança. Mas também existem espíritos levianos, zombeteiros, não muito maus, mas perfeitamente enquadrados entre os de baixa categoria. Eu li a escala dos espíritos de Kardec. Mas você não pode negar que o Codificador preveniu quanto aos maliciosos, os rancorosos, os ardilosos, os malfeitores, os gananciosos, os perversos, os malfazejos, os cínicos...

Se Plínio não a interrompesse, elevaria a lista a muitas dezenas de qualificações pejorativas:

— Daí a dizer que o meu amigo *João Evangelista* está mal intencionado vai uma distância incrível. Só porque veio retratar-se...

— Esse é o problema. Você acha certo que uma entidade de tanta luz, de tanta perfeição, discípulo muito amado do Cristo, volte para demonstrar aos mortais seus próprios erros? Você não acha que ele já deve ter superado, em dois mil anos, todos os traumas provocados por seus equívocos terrenos? Nós, que somos tão inferiores, não temos encontrado conforto em simples palavras que nos asseguram que o nosso Arizinho está bem, desenvolvendo-se através da assistência dos protetores e dos benfeitores de luz, ele mesmo adquirindo uma aura de forte brilho, porque sofreu e se depurou dos males que nos causou ao desencarnar tão jovem?

— Se Arizinho pudesse manifestar-se através de mediunidade, o que nos diria ele? Se dissesse que foi o próprio apóstolo quem trouxe as fatídicas mensagens, você se persuadiria?

— E quem está apto a repetir o que ele teria a nos dizer? Não você, meu caro, que está transtornado. O momento mediúnico tem de ser realizado em absoluta tranquilidade...

— Esse é um preconceito. Kardec não disse isso em lugar nenhum. Aliás, estive num teatro junto a um médium vidente, que conversou com um espírito brincalhão e que lhe transmitiu as notícias da entidade, em meio à enorme confusão da peça e dos espectadores. Você estava presente à conferência do Severo; não estava?...

— Agora está dizendo que é capaz de, perturbado como está, entrar em contato com o nosso filho? Só faltava essa. Se fizer isso, vai ter de trazer informações muito sérias e, assim mesmo, vai ser difícil de aceitar como verdadeiras, porque eu acho que você está pronto para inventar histórias.

Ari fez menção de passar algum sentimento íntimo ao Plínio, para demonstrar que estava realmente ali, todavia Saldanha interveio, pondo-o a par de que isso daria motivo para novas discussões entre os encarnados.

Plínio, por seu turno, acrescentou:

— Eu compreendo muito melhor do que você como é que se dá a transmissão entre os planos. Fiz isso várias centenas de vezes, recebendo todo tipo de seres que se expressavam por escrito. Até um analfabeto veio ditar uma cartinha muito afetuosa aos filhos. Pena que tudo se perdeu no incêndio. Agora estão querendo impedir-me de trabalhar para recuperar...

— Você já se perguntou se não houve a intervenção do seu protetor, no intuito de preservá-lo de mais aborrecimentos?

Ari despertou para um sério entrave nas comunicações e registrou:

*“Não estou reconhecendo as expressões de minha mãe como próprias de seu psiquismo ou de sua desenvoltura mental. Será que ela diz as coisas num dialeto diferente daquele que capto? Explicando melhor: será que a minha capacidade de raciocínio interfere de imediato nas imprecisões vocabulares dos falantes, corrigindo as falas, no sentido de traduzi-las com mais veracidade dentro do meu universo de conhecimentos?”*

Ao despertar para a realidade, verificou que amanhecia e que os espíritos dos pais se acomodavam de novo nos corpos.

*“Por onde terão andado e que descobertas terão feito?”*

— A essa questão eu lhe respondo já — informou-lhe Saldanha, ao seu lado. — Eles estão buscando colônias no etéreo em que predominam ex-filiados às crenças protestantes e ao movimento espírita. Se você achar oportuno, resumo as tendências dos dois, porque estão sendo cativados para ambas as realidades.

— Se me permite escolher, caro amigo, vou preferir segui-los numa próxima peregrinação.

## 40. PLÍNIO VAI PARA O OUTRO LADO

Vamos surpreender o nosso herói passando uma temporada nas praias do Nordeste, um ano depois dos últimos acontecimentos.

Já não traz mais aquele ar macambúzio nem as costas descaem culpadas de erros que a consciência não aponta. Está muito feliz, enquanto passeia pela orla, com intenções claras de perpetrar um ato definitivo.

Tira da cintura um recorte de jornal, foge das marolas, mas permanece sobre a areia úmida. Senta-se, acomodando-se para efetuar a leitura do texto. Dentro da alma, algo lhe diz que é a derradeira leitura de uma página relida dezenas de vezes.

Passa a repetir, quase sem olhar para o papel, porque conhece de cor as opiniões do articulista:

*“Se Kardec fosse vivo, teria sobre que falar ao povo, quanto aos cuidados que os médiuns devem observar. O nosso título de Mistificador Emérito se justifica plenamente pela falta de tino, pela ausência de percepção da verdade, pela ingenuidade infantil na captação de uma peça que se desejou autêntica, mas que está pontilhada de más intenções, como se o argumentar não devesse pautar-se pela honestidade e pela racionalidade. O fato de o médium ter enviado a sua página para ser publicada entre as cartas dos leitores não diminui, ao contrário, aumenta a responsabilidade dele junto ao público espírita incapaz de discernir entre o que advém da espiritualidade superior e o que é produzido nos antros mais torpes das regiões trevosas. Falar do Cristo, de sua manifestação corpórea e espiritual, de suas divinas lições de amor e fraternidade, de sua religião filosófica ou de sua filosofia religiosa, sempre haverá de ser muitíssimo perigoso para qualquer um. Acrescentar a essa intenção de ensino universal a respeito da mais alta entidade, da mais perfeita, conforme os espíritos de luz afiançaram a Kardec, que veio ao mundo para salvar os homens e as mulheres, o nome sagrado de João Evangelista, como se fosse um rapazelho de recados, é cair na malha de engodos dos espíritos da mais baixa procedência; é instigar a maledicência contra o movimento espírita; é colocar em ridículo a própria Doutrina.”*

Em lugar de enxugar as lágrimas costumeiras, Plínio sorriu, suspendeu a leitura do texto, que prosseguia por várias colunas, voltou a ordenar as folhas, leu o título do jornal: *Páginas do Amor Espírita*, e caminhou decidido contra a arrebentação. Foi aprofundando-se até que as ondas ameaçaram engoli-lo e soltou o papel inteiramente molhado, como se oferecesse ao oceano o produto de suas esperanças.

Passou as mãos sobre os olhos a afastar o sal que os irritava e gritou, sabendo que seria ouvido:

— Meus bons amigos, a minha vida não valeu. Vim até o ponto máximo que o meu ideal materialista imaginou como a suprema realização corpórea. Tenho dinheiro, tenho carros, tenho mansões, tenho mulheres, tenho iates, a saber: o dinheiro de minha mediunidade; os carros de minhas mensagens; as mansões dos templos que me acolhem, as mulheres de minha família: minha mãe, minha esposa, que me deu filhos, minha nora, que me deu meu querido netinho; os iates de minhas viagens pelas esferas superiores. Mas a mediunidade eu a perdi, porque não prestei atenção ao roteiro de cautela e de sabedoria

que Kardec registrou em sua obra; as mensagens se reduziram a cinzas, enquanto a minha covardia e o meu orgulho me impediram de registrar outras; os templos, que deveriam ser as casas espíritas, são as sedes religiosas em que meu filho e pastor vem pregando, com extraordinária facilidade e eloquência; as mulheres: mamãe vem me visitar em espírito para me aconselhar — graças a Deus! —; Margarida realiza a proeza de viver na corda bamba, entre os arroubos de Ovídio e o arrependimento mórbido do marido; Aurélia vive para a família e me induz a pensar em que a felicidade existe; os iates se perdem no futuro desta minha idade ainda cheia de vida, mas sem as perspectivas de atender ao roteiro que devo ter traçado antes de reencarnar. De qualquer forma, Senhor, meu Deus, e Jesus, meu mestre, e Kardec, meu professor, e João Evangelista, meu amigo, e Saldanha, meu protetor, e Ari, meu mui amado filhinho, devo agradecer ter chegado até este ponto elevado de minha existência, porque não creio que jamais, em qualquer plano ou círculo em que fixei morada, pude compreender a mim mesmo e ao universo com tamanha dignidade e tão poderoso significado.

Enquanto regressava em direção da areia, os olhos feridos pelo sol ainda alto, recordava-se de um episódio que lhe dera motivo para as mais profundas reflexões:

*“Se o Doutor João não tivesse dado a Ovídio uma cópia da célebre página sobre o corpo de Jesus, Cleto não teria o que mostrar a Honorato nem este o que entregar a Moisés. Sendo assim, as cópias não teriam sido encaminhadas, via fax, à sede, nem reproduzidas para a façanha da rápida distribuição, nem me causariam o transtorno de me justificar perante a comunidade espírita. Com certeza, as minhas missivas aos jornais não mereceriam publicação nem comentários e eu estaria de bem com os amigos espíritas. Ariovaldo me daria cobertura; Ana Beatriz, Judite, Olívia e Antonieta o apoiariam; Silvinho e Moacir me abraçariam com mais energia ainda; Severo estabeleceria novo roteiro para o meu trabalho; os demais...”*

De repente, ao vir dando com o solado dos pés na água rasa, borrifando divertido ao derredor, atinou com uma resposta que fazia tempo aguardava:

*“Foi ela, é claro: Liberata. A velha senhora também recebeu uma cópia da mensagem das confissões do Evangelista. Aqueles cabelos brancos não poderiam suportar outras cargas de responsabilidade e ela deve ter esquecido de esconder o texto. Só pode ter sido ela.”*

Abriu a mente para receber o influxo das vibrações dos companheiros do etéreo, porém, não ouviu nenhuma confirmação da suspeita.

Deu as costas para a orla marítima e passou a observar as ondas que se formavam ao longe e vinham, muito serenas, esparramar-se em borbotões de espuma junto à areia. Aquele ir-e-vir enleou-o por muitos minutos. Um diálogo se reproduziu em sua memória:

— *Querida, você está me pedindo algo muito sério. Deixar de me oferecer à mediunidade por quatro ou cinco anos vai ser o mesmo que jogar fora uma habilidade que venho desenvolvendo...*

— *E que vem lhe causando sérios problemas...*

— *Mas isso há de mudar, você vai ver.*

— *Não vou ver, não! Você precisa dar apoio ao Cleto.*

— *E o Ovídio? Nestes dois meses desde que ele está de volta, não passa uma semana sem que vá ao centro duas ou três vezes. Ele acredita em mim e nos meus textos.*

— *Ele também vai entender que o Cleto precisa da gente. Vamos dar uma força ao mais velho. Depois, você cuida do Vidinho. O tempo é a garantia do nosso sucesso.*

— *Essa frase não é sua...*

— *E que importância tem isso? Eu digo que o tempo vai correr ao nosso favor.*

— *E se a gente morrer antes que o Cleto se estabeleça?*

As lembranças se interrompiam aí. Logo se viu diante do mais novo, a conversarem reservadamente:

— *Meu caro, a sua mãe está me forçando a abandonar por uns tempos o Espiritismo. Que você pensa disso?*

— *Kardec e seus amigos da espiritualidade superior afirmam que, em primeiro lugar, vem a família, para dar às pessoas a certeza de estarem agindo em conformidade com as leis cósmicas. É assim que as pessoas adquirem amigos eternos e desfazem as inquietações.*

— *Quer dizer que você está de acordo que eu me inscreva entre os crentes do culto protestante?*

— *Eu acho. Mas o que eu acho não deve ser o que você deve fazer. Eu sei, por exemplo, que você está me consultando pro forma. Na verdade, já tomou sua decisão. Mas fico muito contente que esteja preocupado comigo. Vá em frente! Mais tarde, como o tempo é o mestre da vida...*

— *Essa frase não é sua...*

— *Ela vale para eu dizer que o mundo dá voltas e você vai poder restabelecer o prisma espírita de sua tendência existencial.*

Plínio meditou longamente sobre se o filho tinha dito mesmo a frase *restabelecer o prisma espírita de sua tendência existencial*.

“De qualquer modo”, concluiu, “neste momento, não vejo como não me alegrar por pertencer a uma igreja que apenas me dá satisfações. Dificilmente vou negar que Jesus não tenha abençoado minha vida, com uma profissão rendosa, com uma casa confortável, com filhos, nora e neto saudáveis, com muitos amigos importantes, pastores e bispos, na companhia de quem tenho me recreado e divertido. Se for de meu destino, voltarei para a seara espírita, onde vou prosseguir ajudando os pobres, distribuindo alimentos, agasalhos e remédios, de noite e de dia, como venho fazendo na congregação evangélica. Talvez, numa próxima encarnação, todos nós retornaremos para retomar a doutrina do ponto em que paramos. Isso se Jesus não nos acolher desde logo em seu reino de paz e amor, depositando nossas almas aos pés de Deus.”

Sentiu que lhe aspergiavam de água a cabeça, como se estivesse recebendo o batismo no Jordão. Era Margarida, toda sorrisos, que o abraçou pelas costas, deixando perpassar-lhe pela mente a ideia de que estivesse sendo assediado por um obsessivo. Mas logo se despreendeu, para correr lépida e elegante, em suas formas esbeltas, provocando-o, para que a pegasse.

Plínio hesitou um instante, mas pôs-se a perseguir a esposa, querendo alcançá-la antes que penetrasse nas trevas.

Enquanto isso, o sol expandia-se, em forte luminosidade, refletindo-se na multidão de corpos de ouro e de ébano.

Indaiatuba, de 07.10.97 a 02.01.98.

Existe uma edição impressa em dois volumes (*A Paixão de um Espírita e Plínio: um Espírita Autêntico*) pela EDITORA MNÊMIO TÚLIO, Rua Jaguarão, 175, Cidade Vargas — São Paulo — SP — Cep 04318-040 — (011) 558-83511 (mnemio@zaz.com.br).